

THIAGO PEREZ JORGE

ECOS DE CORPOS:

Sobre práticas de diversão na Ilha de Santa Catarina
(1893-1918)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de doutor em História.
Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza.
Coorientador: Prod. Dr. Alexandre Fernandez Vaz.

FLORIANÓPOLIS/SC
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Jorge, Thiago

ECOS DE CORPOS : Sobre práticas de diversão na
Ilha de Santa Catarina (1893-1918) / Thiago Jorge
; orientador, Rogério Luiz de Souza, coorientador,
Alexandre Fernandez Vaz, 2017.

327 p.

Tese (doutorado)- Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis,
2017.

Inclui referências.

1. História. 2. Piquenique, Ginásio Santa
Catarina, lúdico, diversão. I. Luiz de Souza,
Rogério . II. Fernandez Vaz, Alexandre . III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em História. IV. Título.

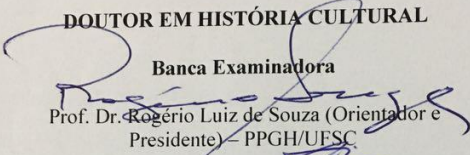
**ECOS DE CORPOS: sobre práticas de diversão na
Ilha de Santa Catarina (1893-1918),**

Thiago Perez Jorge

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de:

DOUTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

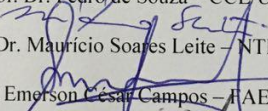
Banca Examinadora


Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza (Orientador e
Presidente) – PPGH/UFSC

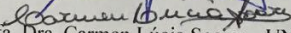
Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz (Coorientador) –
CED/UFSC


Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo – PPGH/UFSC

Prof. Dr. Pedro de Souza – CCE/UFSC

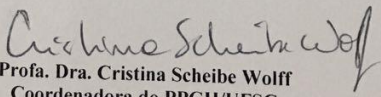

Prof. Dr. Mauricio Soares Leite – NTR/UFSC

Prof. Dr. Emerson César Campos – FAED/UEDESC


Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares - UNICAMP

Prof. Dr. João Klug (Suplente interno) - PPGH/UFSC

Prof. Dr. Norberto Dallabrida (Suplente externo) –
FAED/UEDESC


Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 13 de abril de 2017

À Teresa Cristina Perez Jorge,
presente pela ausência
(*In Memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram na realização deste trabalho. A todos aqueles que possibilitaram minha pesquisa junto aos arquivos do Colégio Catarinense, ao setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, ao setor de microfilmagem da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, ao setor de periódicos da Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro.

Agradeço aos integrantes do Grupo de estudos “Esportes e Sociedade”, que faz parte do “Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea”, coordenado pelos professores Alexandre Vaz e Jaison Bassani, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina.

Certamente as leituras, discussões oportunizaram, na partilha das experiências, avanços na minha pesquisa.

Agradeço a toda estrutura do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, professores e funcionários, cada qual, entre aulas, críticas, ajudas com dúvidas institucionais, contribuíram com esta minha experiência.

Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de pesquisa, que, ao longo destes quatro últimos anos foi essencial na minha opção de dedicação à investigação.

Ao meu orientador, professor Rogério Luiz de Souza. Embora ocupando cargos administrativos que exigem tempo e dedicação, jamais se esquivou em dialogar, orientar dúvidas (institucionais e do trabalho). Se essa Tese é ousada, também devo a Rogério, já que não me enquadrou, limitando possibilidades de experienciar esse belo tempo de doutorado. E, aceitou o risco de irmos todos à defesa final. Muito obrigado.

Ao professor Alexandre Fernandez Vaz, agradeço esta parceria desde 2012, ainda no Mestrado em Educação, para além da função de coorientador. Tantos aprendizados que, certamente contribuíram ao lugar onde estou. Apontar críticas, sugestões, mostrar o caminho de textos e autores, me incluir na discussão de uma área nova, como a do esporte e lazer, corpo como constructo que envolve aspectos sociais, históricos, culturais. O que foi, no mínimo, essencial para minha

descoberta enquanto investigador das Ciências Humanas. Certamente esta parceria continua.

Agradeço aos professores que fazem parte da banca final, professora Carmen Lúcia Soares, professor Hermetes Reis de Araújo e Pedro de Souza, pelo aceite nesta importante etapa. Agradeço também aos professores Emerson de Campos e Maurício Soares Leite, que antes, na banca de qualificação, já tinham contribuído com suas críticas com o prosseguimento desta minha história.

A minha família, mais alargada, meu pai, meu irmão, sogra, sogro, enteada, cada qual do seu modo, continua me auxiliando nesta caminhada, em desenvolver um pensamento, afinal de contas sou e me movo nesta participação.

Àquela que escolhi como companheira, Patrícia, simplesmente demais, me ensinou com sua arte de viver, de que somos testemunhas vivas da história um do outro. Por isso, testemunhas efetivas do ser-no-mundo, do um, e do outro, que, no meu “eu” permite deslocar, alargar, enfim, trabalhar aqui, com o que gosto. Testemunha viva, e por isso, ativa, corrige, critica, troca comigo, e, então, prosseguimos nestas histórias sem fim.

Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (quero dizer qual revolução e qual pena). Que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la (FOUCAULT, 1977/2012h, p.362).

RESUMO

Isto não é uma Tese convencional. É uma prática de si. Apreendida no diálogo entre História e Filosofia, produz suas próprias figuras de linguagem, para a empreitada de pensar e de ler fontes típicas do ofício do historiador. *A priori e a posteriori* em permanente relação. Desta forma, organiza-se em duas partes, a saber: **1. Platôs ou Ensaios**, que tanto expõe a caixa de ferramentas do curso do pensamento, quanto privilegia a tomada da consciência histórica. **2. Narrativa Histórica**, espaço no qual a escrita histórica fica evidenciada mediante uso das fontes (jornais, imagens, diários de padres, crônicas, poesias, etc.). Organiza-se em **Atos e Cenas**, que buscaram circunscrever os recortes das fontes a partir dos problemas em análise. É genealogia quando se move por aspectos das relações de saber-poder-ética. É obra de arte que recruta suas figuras de linguagem em favor da leitura das fontes. Como questão-base, a Tese busca compreender elementos do chamado fator lúdico na constituição de modos morais de ser naquilo que se considerou ser prática de diversão. Mais especificamente, intentou-se uma investigação para refletir processos que produziram sensibilidades à beira do mar, mas também imerso nele. Destacando-se dentre as práticas de diversão: o *footing* e dois tipos de piquenique. Da conclusão do ponto de vista histórico, na Ilha de Santa Catarina, antes da invenção do mar para banho, tem-se a invenção do PIC NIC.

Palavras-chave: Ilha de Santa Catarina. Genealogia. Práticas de Diversão. Fator Lúdico. Piquenique.

ABSTRACT

This is not a conventional Thesis. It is a practice of self. Seized in the dialogue between History and Philosophy, it produces its own figures of language, for the work of thinking and reading sources typical of the office of the historian. *A priori* and *a posteriori* in permanent relation. This way, it is organized in two parts, namely: **1. Platôs or Essays**, which both expose the toolbox of the course of thought, and privilege the taking of historical consciousness. **2. Historical Narrative**, a space in which historical writing is evidenced through the use of sources (newspapers, images, diaries of parents, chronicles, poetry, etc.). It is organized in Acts and Scenes, which sought to circumscribe the cut of the sources from the problems under analysis. It is genealogy when it moves through aspects of knowledge-power-ethical relations. It is a work of art that recruits its figures of language in favor of reading the sources. As a basic question, the thesis seeks to understand elements of the so-called play factor in the constitution of moral ways of being in what was considered to be a practice of amusement. More specifically, an investigation was undertaken to reflect processes that produced sensibilities at the edge of the sea, but also immersed in it. Standing out among the practices of fun: the jogging and two types of picnic. From the conclusion of the historical point of view, in the Island of Santa Catarina, before the invention of the sea for bath, we have the invention of the PIC NIC.

Key words: Santa Catarina Island. Genealogy. Fun Practices. Lucky factor. Picnic.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Fotografias Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense [191?]	21/22
Figura 2: Clube 12 de Agosto. 1909	49
Figura 3: Novo Mercador na Cidade da Diversão	216
Figura 4: Proto-Mercador na Cidade da Diversão, 1903	218
Figura 5: Cartão Postal do Ginásio (década de 1910)	244
Figura 6: Caminhar, comer e beber no piquenique [191?]	248
Figura 7: A conquista da natureza no piquenique [191?]	249
Figura 8: Nova conquista da Natureza no piquenique [191?]	261
Figura 9: Tchibum na Natureza do piquenique [191?]	272
Figura 10 : O Cansaço Mortal do Passeio junto à Natureza [191?]	276

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA TESE	17
ANTESSALA DA TESE	21
PLATÔ ZERO: O NASCIMENTO OU ENSAIO DE COMO SE FAZ UMA TESE	25
PLATÔ UM: O ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA OU ENSAIO PARA UMA NATUREZA DOS JORNAIS E PERIÓDICOS	51
PLATÔ DOIS: A POLÍTICA NA CIDADE OU ENSAIO PARA UMA NATUREZA E(STE)TICA DOS SUJEITOS NO MUNDO	85
ATO 1: DESTERRO: CORPOS NA CIDADE DA DIVERSÃO	127
CENA 1: POR UMA DEFINIÇÃO DE DIVERSÃO	127
CENA 2: POR QUE UMA ILHA SEM BANHO DE MAR?	149
CENA 3: UM GRANDE ACONTECIMENTO NA CIDADE DA DIVERSÃO	165
ATO 2: FLORIANÓPOLIS: CORPOS NA CIDADE DA DIVERSÃO	187
CENA 4: A BELLE EPÓQUE NA DIVERSÃO: O FOOTING	187
CENA 5: PRIMÓRDIOS BIOPOLÍTICOS E O PIC NIC DA CLASSE DE LAZER	205
CENA 6: OS MERCADORES DO NEGÓCIO NA CIDADE DA DIVERSÃO	233
QUASE ATO: OS EXCLUÍDOS DO INTERIOR	283
ATO FINAL	285
REFERÊNCIAS	303

Apresentação da TESE

Isto não é uma introdução. Significa que o leitor está convidado a largar ao menos dois (velhos) hábitos (acadêmicos), a saber: 1) de buscar no texto, desde o início e de modo claro e distinto, os elementos do objeto, da questão, da justificativa, dos objetivos (geral e específico) e, (ufa), dos aportes teórico-metodológicos de um trabalho pensado com rigor e, que seguindo por estes mesmos elementos, realizar-se-ia numa escrita comumente aceita; e 2) de buscar no texto as filiações deste ou daquele autor, ou grupo de pesquisa ou mesmo área do saber que, no limite, apenas fortaleceram no curso do tempo (das antigas exegeses cristãs às atualizadas exegeses do mundo acadêmico), ordens discursivas (assim como as não-discursivas) e, separações de toda sorte. Que vocês, meus leitores, perdoem-me. Não sou mais afeito a essas ordens, estes IMPERATIVOS que SEMPRE, mesmo à revelia de quem os concebe e na melhor das intenções possíveis, APRISIONAM. Por isso perverto este bom senso acadêmico no desejo de uma TESE LIVRE.

Perceba que **desejar**, aqui, tem o sentido de buscar na falta aquilo que ainda não se tem. Logo, apenas, e tão somente resta CUMPRIR esta PROMESSA. Por isso não ficarei magoado, infeliz ou mesmo desesperado, caso você, meu leitor, decline a este **meu convite**. Afinal de contas uma das promessas derivadas é justamente não pretender escrever para ninguém além de mim. Individualismo? Creio que deveríamos pensar um pouco mais sobre o que é ser individualista. Individualismo, individualista, individualidade, termos que se relacionam, mas, que são, sobretudo, significados a partir de uma época. E, no entanto, de alguma forma, todas as épocas que se foram ainda persistem. Quero dizer: não do mesmo jeito, cristalizadas, como um grande acúmulo no tal processo de evolução (qual evolução?), mas, perfazem na imanência do mundo fragmentos (ideias, formas, memórias, hábitos) possíveis de serem atualizados. Então, e, para sintetizar, sigo Foucault (2014a, p.55): há diferentes tipos de individualismo nas épocas: 1. Uma atitude individualista caracterizada pelo valor absoluto que se atribui ao indivíduo em sua singularidade; 2. Uma valorização da vida privada; 3. Uma intensidade das relações consigo de tal modo, que se toma a si próprio como objeto de conhecimento, e, campo de ação para se transformar, corrigir-se. Da confusão indistinta destes tipos de individualismo é que repercutem suas derivações, inclusive com certa carga de juízo moral. Então, deixo claro

que escrever para mim significa este último tipo (três) de individualismo, i.e., praticar a mim mesmo no processo da escrita. Para tal há um duplo leitor: 1. Obviamente aquele outro que não sou eu, um outro com outra carne, formado por tantas histórias; 2. Outro que sou eu, espécie de *alter* ego. Assim, o recurso estilístico usado, tanto para **um** quanto para **dois** é o uso de caixa de diálogo entre aspas (“: -...”):. Adianto que isso muito me alegrou. Diverti-me bastante neste **estado da alegria**, o afeto da e na presença. Portanto, uma das ocupações é justamente buscar na POTÊNCIA desta TESE minha ALEGRIA em ATO.

Prossigo nesta apresentação uma espécie de breve guia de leitura. Como já percebeste utilizo duas formas de destaque do pensamento: caixa alta e negrito. Embora distintos possuem em comum a ênfase do texto, justamente quando intuo na fervura da escrita (ou no *a posteriori*) entre a coisa pensada e sua materialização, que o então dito, no agora, este presente do presente, tenha se tornado palavra pensada digna de ser destacada. Quanto à diferença entre uma e outra **forma**, reservo-me a não tratar. Entendo que a faculdade da intuição de forma alguma é compreendida a partir de algum princípio da razão que se corresponda à cadeia das casualidades. Porém, não sou tão radical com a faculdade da razão neste sentido a ponto de menosprezá-la. Toda ORDEM pode ajudar na TESE.

Assim, convido às partes desta Tese, basicamente uma dança a dois.

1) PLATÔS ou ENSAIOS. Num total de um mais dois, apresentam a **potência** do meu diálogo entre os campos da História e da Filosofia. Por isso é o ambiente que tanto expõe a caixa de ferramentas do curso do pensamento, quanto privilegia a tomada da minha consciência histórica. Embora ainda seja cedo, adianto que foi a partir da leitura inicial em Deleuze e Guattari (2011) que comecei a desenvolver devires de um **pensamento sem imagem**. Fundamental nos Atos desta Tese. Estes esboços não finalizáveis indicam o percurso vivencial, minha tomada de consciência, ou, produto da minha produção como sujeito moral. Quer dizer, estes Platôs são espécie de “mapa [que] não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” logo, é mapa aberto (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.30). Platôs formados por “rizomas”, estas “múltiplas entradas” pelas quais “o desejo se move e produz”, e, por isso mesmo é um tanto “intempestivo”, afinal de contas acesso minhas memórias (de curta e de longa duração)

para construir ao longo dos Platôs, “região contínua de intensidade vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (p.30-44), neste processo da escrita. Platôs se formam e se estendem através de “rizomas”, diferentemente das “árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza” (p.43-44). Rizomas desenhados sob a forma de **aforismos** foi a fórmula que encontrei para esta Tese. No limite, os Platôs evidenciam o processo de interação entre mim e o objeto da Tese. Duplo conhecimento. De um eu que aprende através das diversas etapas com a Tese: da investigação à análise, da leitura à escrita, nem sempre nessa ordem. E de um conhecimento que se produz na medida em que práticas consideradas como diversão, dentre as quais envolvendo **alimentação e exercícios físicos**, identificadas na pesquisa histórica, foram objetos de ação para transformação de sujeitos de uma época. ECOS DE CORPOS então são justamente o encontro entre distintas naturezas – ambiental, sócio cultural – que se relacionam intimamente, emergindo numa dada sensibilidade, e que historicamente foi sendo construída, com seus valores e padrões morais. Reencontro entre ética e estética. Ou como procurarei demonstrar: e(st)ética Tenho esperanças de que os Platôs e seus rizomas/aforismos possam sensibilizar para outro olhar diante da História. Mais uma promessa.

2) NARRATIVA HISTÓRICA. Aqui é o espaço no qual a escrita histórica fica evidenciada. Fruto de trabalho de campo na História. Idas e vindas aos diferentes documentos. Do setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, do setor de obras microfilmadas da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisas que oportunizaram conhecer e descobrir fatos e memórias dos mais diversos. Mas, como historiador, não me contento apenas aos indícios e suas representações. Pois entendo que grupos e dinâmicas de poder variados limitam uma versão da História ainda muito presa aos discursos que, mais ou menos, ainda são o da história vencedora. Ademais, este tipo de fonte na primazia por ela mesma impede de **pensar a experiência**. Por isso há mais. Outras fontes pesquisadas: Relatórios, Diários e um álbum-diário vinculado ao atual Colégio Catarinense, além de livros de memória, crônicas e poesias, e, historiografias. Estes OUTROS da história serão, em partes, analisados como “escritas de si” (*hypomnêmata*). Partindo da pesquisa de Foucault

(1984/2014b, p.231, grifos meus), estes diários ou relatos de experiências não perfazem “relato de si”, já que seu “objetivo não é colocar à luz dos arcanos da consciência cuja confissão – seja oral ou escrita – tem um valor purificador”. Assim, a **escrita de si** “não se trata de acostrar o indecifrável, de revelar o que está oculto, de dizer o não dito, mas, ao contrário, de reunir o já dito: **de reunir o que se podia ouvir ou ler, e isso com uma intenção que não é outra coisa senão a constituição de si mesmo**”. Em suma, uma narrativa histórica, da Desterro do final do século XIX à Florianópolis de 1918, composta em ATOS. **Ato** não é potência, é realização. Por isso é o que passou. Mas, como um e outro se vinculam, Ato também é condição do retorno da **Potência**.

No mais, apenas desejos de uma boa leitura!

Antessala da TESE



Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos

¹Fotografias encontradas junto ao Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense [191?].

pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1940/1994, TESE 9).

Platô Zero – O Nascimento Ou Ensaio de como se faz uma Tese

§1

O **ensaio** – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma **ascese**, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 2014c, p.14, grifos do autor).

§2

Ouçõ, e às vezes até cheiro, pensando que vejo o anjo da história. Quase consigo tocar. Quanta pretensão. “: - Está com o juízo perdido”. Direi: “- Melhor assim”. A **força**, a **potência** para encarnar ideias não vem apenas e tão somente de mim. Duas críticas. Ah, ilusão estrutural de um ego que para se elaborar numa pretensa cura trata as palavras e as coisas como se fossem sua propriedade. A repetição do sujeito burguês não permite que a Psicanálise se liberte. Ah, ilusão do mundo acadêmico que se produz à parte do mundo de fato. Estantes repletas de ideias, algumas muito boas, mas infelizmente, ficam boa parte ou empoeiradas, ou restritas ao uso daqueles iniciados naquele mundo que, ao se inventar à parte, produz de novo, e, de novo, a velha distinção. Seguindo Agamben (2007) é preciso retirar as coisas do mundo do âmbito da propriedade, a esfera privada, do próprio uso das coisas que produziram sacralizações de toda sorte. E, profanar o ego, profanar o mundo acadêmico seriam, pois, práticas que libertam da ordem do sagrado (que por isso não cessa de dividir) e, restituem à comunidade humana aquilo que é sua por direito: a VIDA.

§3

A começar, deveríamos no mundo acadêmico largar práticas exegéticas. No medievo tratava-se de estudar e de comentar textos teológicos, as ditas escrituras sagradas. Mas não somente, pois, os copistas que foram fundamentais para hoje termos acessos à belas obras, também praticavam exegeses ao extrair, na sua interpretação, a antiga palavra para a tradução (bela cópia infiel). E agora, grupos de pesquisa,

de estudo, quando se isolam nos comentários especializados produzem nova sacralização. “: - Não é bem assim que o autor quis dizer”, ou “: - Você precisa conhecer o todo de sua obra”, ou “: - Tenha cuidado caso use apenas partes do pensamento do seu autor”, ou “: - Esta não é uma boa tradução”, ou “: - Ele é brasileiro! Cadê os estrangeiros? ”, ou “: - Leia também este, e aquele, e o outro lá”, ou no interdito “: - Me leia também”, ou ainda “: - Talvez você tenha feito uma leitura apressada, vá com mais calma”, o que significa sempre “: - Leia mais e mais e mais”. Práticas exegéticas do mundo acadêmico, herdeira de um pastorado que significou “ascese” como renúncia de si, impedem o pensamento de se libertar. A autorreferência é uma forma variada de permanecer no ego. Ilusão do trabalho em rede. Que rede? Daquelas que se repetem nas citações, das citações. Daquela (rede) que usa apenas e tão somente os autores e comentadores permitidos. Eis a **nova babel** dentro dos muros da academia. Este conjunto de críticas pertence à exposição das ferramentas na medida em que o autor não estando enquadrado em grupos, buscou, dentro dos limites de seu pensamento e das condições da academia, experienciar o objeto da Tese.

§4

E me recuso a contar qualquer outra história que não seja a minha.

§5

Ah, outro anjo na minha vida disse que não é preciso se vincular a este ou aquele grupo. Sempre pode limitar o pensado. É que toda vez que me referencio a partir de outro, do fora de mim mesmo, não consigo chegar até o mais profundo do pensável. Profundidade sem estrutura é o que permite a saída do núcleo do eu para **viver a relação**. Assim, nesta história que é minha vida, uso todos os autores possíveis que ajudam no trabalho do pensamento. De modo que não passarei daqui em diante nesta Tese me justificando porque usei até aqui ou ali, tal ou qual autor. Esta é a experiência da **liberdade do meu espírito**.

§6

A mais rica biblioteca, quando organizada, não é tão proveitosa quanto uma bastante modesta, mas bem ordenada. [...] é **possível** pensar com profundidade sobre o que se sabe, por isso se deve aprender algo; mas também só se

sabe aquilo sobre o que se pensou com profundidade (SCHOPENHAUER, 2008, p.32, grifo meu).

NOVO COMEÇO da Tese. ZERO Platô num outro RIZOMA.

§7

Que entremos na antessala da Tese. Aprendo com o anjo sobre o horror de uma história vencedora. Ainda bem que Benjamin na sua história a contrapelo, contribuiu com a crítica ao mito do progresso. Por isso não preciso cair na ironia a toda modernização, a toda tecnologia. Uso-a muito bem. Fico a imaginar todo tipo de dificuldade sem internet, sem e-mails, sem *pdfs*, sem *e-books*, sem *copyfights* etc. e tal. Mas, o anjo da história progressista é terrível. Erguer o passado num monumento pode ser sempre perigoso. Homenagem ou crítica? Quem está lá para conversar com os visitantes? Mediante o risco de essencializar, às vezes esquecer é melhor. Mas vamos lá. Entrando mais um pouco na antessala, encontrei estas fotografias no Acervo do Colégio Catarinense, tradicional instituição jesuítica da cidade de Florianópolis. No decorrer dos Atos retomarei este importante local de saber e de poder. Agora, importa destacar sobre o que se trata a Tese. O nome com título e subtítulo antecipa. Mas não explica. Foi no trabalho da Dissertação (JORGE, 2013) que me deparei com fotografias, um monte delas, no Acervo do Colégio. Eram tantas e com variados temas, então, um pouco sem jeito, atrapalhado, fui no decorrer das minhas idas, e com ajuda da arquivista e da própria instituição, encontrando coisas que julguei boas para a pesquisa. Naquela etapa a investigação pretendia entrar por três eixos: o futebol, o banho de mar e a alimentação. Por quê? Eram justamente os temas de maior frequência que encontrei na pesquisa junto as fotos, datadas desde a década de 1910. O Colégio Catarinense abre suas portas em 1905. E, tem especial **participação** nestas coisas pela cidade. Mas consegui na Dissertação tratar apenas do tema do futebol. Aproveito e justifico o recorte temporal: **1893**, pelo contexto da Cidade, há um grande acontecimento: A REVOLUÇÃO FEDERALISTA, que dentre seus **efeitos** irá concorrer com mudanças de comportamentos de seus cidadãos. Aqui ao tema das práticas de diversão envolveremos também fontes e questões que envolvem relações com o mar e seus banhos, juntamente com atividades corporais. Que tomam novos rumos a partir da emergência do Colégio Catarinense.

E **1918**, se pelo contexto da Cidade temos outro importante acontecimento: a gripe espanhola, do ponto de vista do objeto ao qual privilegiaremos nossa historiografia, constatamos que o PIC NIC chegou a todas as regiões da Ilha de Santa Catarina, de norte a sul, de leste ao continente. Desta forma, pretendemos focalizar práticas de uma instituição sem, no entanto, deixar de incluí-las no conjunto maior de acontecimentos da Cidade. Então vamos lá, entrar mais um pouco nesta antessala. Do alto para baixo, e da esquerda para a direita.

§8

No alto: mar e mergulho. Práticas de banho de mar desde o início do Colégio na cidade, e, muito antes de se tornar hábito, costume na Florianópolis da década de 1950. Repito: antes de os jornais conclamarem o povo para o saudável banho de mar! O que é diferente de casos isolados, marginais, como num piquenique à beira mar em jornal de 1919. Aqui, ainda não se pode afirmar em hábito ou costume. Pois, será a partir da segunda metade do século XX que o habitante da cidade irá entrar em contato com o interior da própria cidade: compram-se terras, desalojam-se ranchos, e, a cidade cresce se colocando entre o pescador e o mar (FERREIRA, 1994, p.57-58). **Ainda no alto:** indícios de uma dupla natureza sendo dominada. Enunciado forte, por isso, pede paciência, pois, serão apenas nos Atos que se trabalhará com este argumento. Aqui, importa perceber que meninos brincam com as armas possíveis. O caminho através do passeio é útil de diversas formas: à cidade, à direção do educandário, **aos herdeiros** da então elite. O que é útil, portanto, é uma questão que atravessará toda obra (a dos sujeitos que encontro e desta Tese). Útil desde John Stuart Mill tem a pretensão de fundamentar a ação moral, como o próprio nome indica, a partir do critério da utilidade. Mas em que consiste a utilidade? O maior bem possível para todos.

§9

Mill segue epicuristas² e Bentham³. **E Bentham** pensava a maior felicidade possível para todos. Felicidade que, na teoria da utilidade, não

² A escola epicurista nasce com Epicuro, ateniense que viveu entre 341 a 271 a.C. (LAËRTIOS, 2008, p.284). Uma escola que ficaria marcada numa história vulgar e moralista como escola do prazer. A lupa da História da Filosofia ajuda a rasgar colagens mal feitas. Epicuro e sua escola trabalha o prazer como o fim supremo, o que não significa que seja mero elogio à carne, ao corpo. Segundo Laërtios (2008, p.285), “o próprio Epicuro diz em suas cartas que se contentava

se distingue da do prazer, pois, é o “próprio prazer em conjunção com a isenção de dor”, e não oposto ao que é útil, agradável ou até ornamental, de modo que estas mesmas qualidades é que “contam entre aquilo que é abrangido pelo útil” (MILL, 2005, p.47). Assim, o utilitarismo parte do “credo que aceita a utilidade, ou o Princípio da Maior Felicidade, como fundamento da maior moralidade”, defendendo que “as ações estão certas na medida em que tendem a promover a felicidade”, e, estão “erradas na medida em que tendem a produzir o reverso da felicidade” (MILL, 2005, p.48). Eis então a relação entre felicidade e prazer, pois “por felicidade, entende-se o prazer e a ausência de dor; [e], por infelicidade, a dor e a privação de prazer” (idem). Portanto, de acordo com o princípio da utilidade que reconhece o prazer e a dor como fundamentos da moralidade, as ações são corretas ou não na medida em que aumentam ou diminuem a felicidade, ou seja, o prazer. No entanto, o prazer não se refere unicamente ao sensível, ao corporal, pois, há também de modo especial os prazeres intelectuais. E assim Mill pretende evitar as críticas que tomam a ética utilitarista em termos de utilitarismo hedonista. Nesse sentido o autor hierarquiza os prazeres no sentido de que uns são menos desejáveis e valorosos, como no caso dos prazeres advindos das práticas alimentares, sexuais, atividades físicas, e outros são mais desejáveis e valorosos, como no caso dos prazeres intelectuais advindos de atividades de estudo e contemplativas. Assim, de algum modo Mill recupera as virtudes (morais, intelectuais) aristotélicas, mas, porque elas mesmas contribuem para a maior felicidade e prazer de todos os envolvidos. Portanto, podemos definir a ética de Mill como um “utilitarismo eudaimonista” (BORGES, DALL’AGNOL, DUTRA, 2002). Retomaremos o tema das **virtudes**

apenas com água e um simples pão”. Dizia ainda: “Não sei como conceber o bem se excetuo os prazeres do palato, os prazeres do sexo e os prazeres derivados da audição ou da contemplação da beleza”; e mais: “Alça tua vela, amigo, e foge de toda cultura, seja ela qual for” (idem, p.284). Assim, o prazer epicurista é um prazer da **liberdade do espírito**, para além dos enjaulamentos da *pólis*. Epicuro não participou da vida política (idem, p.285), e, sua escola funcionava no jardim. Em seu testamento declara: “[...] E **confio esperançoso a continuidade para sempre do ensino no Jardim** a todos os membros de nossa escola” (idem, p.287, grifos meus).

³ Sim, trata-se de Jeremy Bentham, o mesmo que Foucault (2010a, 186-214) usa para analisar o modelo panóptico das instituições de sequestro – escolas, conventos, hospitais psiquiátricos. Torre de vigia em todos os pontos, dispositivo espacial que, na observação, conduz e produz.

aristotélicas no Platô 2, que trata da relação Política e Cidade, para serem pensadas em termos de FUNÇÃO. No entanto será nos Atos a nossa aventura com as questões que envolvem utilidade, felicidade e prazer.

§10

Assim, e retomando nossa antessala, longe de pretender queimar fotografias que marcam um tempo, nossa crítica utilitarista precisa desfamiliarizar para, de outro modo, conseguir compreender como certas práticas podem produzir condições para se experienciar a cidade e, sobretudo, como práticas de diversão participam da produção de certos pensamentos. Por isso é útil o acesso a estes álbuns fotográficos para se pensar o tema da diversão na cidade.

§11

E, **para o povo**, o que ficou? Antecipo: tornou-se população de um território de controle e resistência. Disseminação do poder sobre a vida nos espaços e tempos da cidade. Toda relação envolve poder, assim como “onde há poder, há resistência”, que “não está jamais em uma relação de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1984/2014d, p.246). Por isso poder não é apenas repressor, uma “força negativa, mas também uma força produtiva” (idem). Nova entrada na antessala, **em baixo**: depois de uma cansativa caminhada, pausa para recompor energias. Comer, beber e brincar. **Ainda em baixo**: a caminhada no meio ambiente aponta mais elementos, a saber: de cuidado (chapéus e similares; tipos de cajados; roupas e calçados), e (o que para mim é muito especial): CELEBRAÇÃO DA VIDA NA NATUREZA. Alguns poderão dizer “: - Olha, esta atitude idílica e tal tem a ver com atitudes de uma aristocracia que se atualiza no Colégio”. “: - Tens razão, mas, caro leitor, esta não será minha questão”. Frente a toda forma de captura dos sujeitos na maquinaria do poder, que enquadra o dizer de si na auto representação, uma simples fotografia para memorizar pode sempre dizer mais. Ao menos mais dois elementos: há pés descalços junto à água, e, nem todos os olhares se dirigem ao batedor da foto. Então, como estas imagens poderiam ser lidas?

§12

O ato de ler é sempre criativo. Nunca é mera cópia, pois, o ato que lê e escreve marca um deslocamento, do sentido encontrado da palavra do mundo (ao qual se entende a que se refere), para a prosa do mundo daquele que se apropria e escreve. Para Merleau-Ponty (2012, p.12) o escritor na literatura não comunica apenas “significações que fazem parte de um *a priori* do espírito humano”, mas, pelo contrário, há “um aprendizado” donde “o escritor é ele mesmo um novo idioma que se constrói, que inventa meios de expressão e se diversifica segundo seu próprio sentido”. No entanto, o que ainda não foi objetivado e colocado para o Mundo não se trata de uma causa original, situação primeira, mas, apenas mais um **invisível tornado visível**. Ou melhor, partes deste invisível (não se encarna tudo de uma vez!). Assim, no aprendizado, o novo idioma do escritor revela dois elementos: sua expressão no Mundo; e, a encarnação em si de um Espírito do Mundo. Por isso me afasto da fenomenologia. Há de retorcer um pouco a sentença de Merleau-Ponty (2012, p.12): “um sentido jamais objetivado até então”. Pois, **a expressão no Mundo é o acontecimento encarnado**. E tantos outros antes de mim encarnaram a Ideia. Mas, o que encarna no mundo não se reduz ao sujeito que expressa, isto é, não fica preso, enclausurado lá aonde surgiu. E assim uma ideia que se encarna passa então a participar do mundo. Por isso não se reduz ao sujeito, aquele que primeiro foi lá, intuiu, ou viu, ou conheceu, e, fez. Por isso, expressão e encarnação não se tratam de conceitos pré-reflexivos. Como um algo incorporado, como um sentido que se seguirá pela vida do espírito do indivíduo. Não que o acontecimento que se encarna não repercute na trajetória sócio individual da história de cada um. Os acontecimentos participam mais ou menos visíveis da vida de um e de todos. Mas como questões que analisam trajetórias individualizadas não fazem parte do rol dos problemas desta Tese, que deixemos para a Psicologia as elaborações analíticas mais vinculadas aos indivíduos. Divisão de tarefas, pois é impossível pretender falar de tudo.

§13

Tratamos por outra via. Assim, e no limite, não é o sentido e muito menos o conceito que fica, mas, a memória. A Memória surge antes da História (enunciado que será intensificado nos Platôs 1 e 2). E, o acontecimento é passível de ser tratado na História? Teríamos que olhar para a História com a lupa de uma Filosofia do Acontecimento.

Uma perspectiva que ajuda no ofício de uma historiografia que se vigia para não criar falsos ídolos. Ah, memória, o que entendo?

§14⁴

Apontamentos iniciais (desdobrados ao longo dos Platôs). Memória, este corpo criado, ato na imanência do mundo. Faça-se um breve exame mental: “O que se comeu no Natal do ano passado? ”. O que vem à mente como lembrança? Lugares, pessoas, comidas, presentes. Perceba-se se o que corre comigo, caro leitor, também acontece contigo. Que estes corpos retornam à mente antes dos conteúdos de fato (onde, quais, o quê). ATENÇÃO: é muito sutil a diferença entre um instante e o outro. Há, no trabalho voluntário da memória, que se realiza mediante um esforço, uma recuperação de pensamentos. Perceba-se que estes pensamentos contêm imagens. Mas, não se equivalem. O pensamento é a forma, é o corpo (lugares, pessoas, comidas, presentes). A imagem é a condição de associar um sentido na situação do presente que busca estas memórias. Mas, a imagem não se esgota no sentido. E este é um princípio, um fundamento da imagem: as palavras simplesmente não dão conta. Por isso, e como desdobramento deste princípio, de forma alguma se pode garantir um sentido anterior, que, desde sempre permanece lá (na imagem, no pensamento). Portanto, o sentido se dá na apresentação e não na representação. Assim, a questão a fazer é simples: Há influência deste processo, da busca de uma lembrança, do momento que se faz presente?

⁴ Este parágrafo só é possível de encarnar numa linguagem após leituras de “Matéria e Memória” de Bergson (2010), de “Bergsonismo” de Deleuze (2012), dos diálogos “Fédon” e “Sofista” de Platão (1972; 1977), e, finalmente, do filme “Attila Marcel” (2013). Este filme trata da história de Paul, que aos dois anos presencia a morte de seus pais, e, desde então não pronuncia uma palavra. Criado pelas tias, duas senhoras da aristocracia francesa que sonham em vê-lo tornar-se um grande pianista, Paul aos trinta anos, parece envelhecido por não ter vivido uma vida. Então conhece a Sra. Proust, mulher excêntrica e misteriosa que trabalha com receitas de chás, ervas e músicas que ajudam com o despertar. E a Sra. Proust sensibiliza-se pelo estado de Paul. Eis que aos poucos, sua pescaria das memórias foi libertando os fantasmas do passado. Descobre-se ao compreender que a imagem de um pai mal era criação de suas tias. Estas não aprovavam o casamento de sua sobrinha com um artista **errante**, avesso aos modos aristocráticos. Attila pesca e se liberta. Com o processo volta a se amar, amar pai e mãe, amar a vida que tem. E, Paul volta a falar e a viver (a sua vida e não a dos outros), a partir do trabalho de memória.

§15

Há dois movimentos. A memória de longa duração (velho hábito) participa tanto na superfície quanto na profundidade dos corpos. Corpos são memórias, sentimentos, emoções, numa palavra, todo tipo de afetação que se vincula a certa dinâmica. Na superfície: acordar no novo início do dia, seja a hora que for, executar quase sem reflexão, com muito pouca deliberação. Atos automatizados nos lugares por onde os corpos transitam. Na superfície se caminha quase sem pensar. É incrível o centro de uma cidade no pico do movimento. Quantidade de pessoas caminhantes que passam umas pelas outras sem se esbarrar. A memória na superfície do corpo é isso: um automatismo que intuitivamente permite afirmar o fazer sem pensar. “: - Agora atravesso a rua, mas, e aquele carro, preciso lembrar o que fazer”; “: - Agora ando mais um pouco, mas, e aquele transeunte em minha direção, como me portar?”. Nestes reflexos, e todos os tipos aos quais nos deparamos diariamente, a rigor, não há pensamento. São hábitos automatizados. São resquícios de algo formado anteriormente e que atuam na superfície dos corpos na contingência de uma dada situação. Ou, se preferir são conexões involuntárias (porque não se busca resposta a todo instante à pergunta que já se apreendeu em algum momento). Assim, os hábitos automatizados são como **pontes** entre o corpo-memória (longa duração) lá na profundidade do ser, e, o fazer cotidiano ao qual todo mundo é impelido. Afinal de contas vive-se (na cidade, no campo) no Mundo.

§16

À pergunta: “: - Por que você gosta de comer arroz com feijão?”, e a resposta mais autêntica quanto possível seria: “: - Porque sim”. Ou de modo mais pensado: “: - Porque eu gosto”. Tradição, cultura tratam de justificações *na a posteriori*. É aqui que reside a importância de um trabalho historiográfico. Juntar amplo conjunto de materiais, resquícios dos fazeres já realizados no Mundo. O que se chama de empiria é tão somente o ato realizado. Um fenômeno, e, a História tem condições de trabalhar com o fenômeno que já ocorreu coletando, descrevendo e organizando. Agora, à pergunta: “: - O que eu faço com isso tudo?”, e a resposta mais honesta seria: “: - Fale o que você acha sobre o que encontrou”. Lógico que o historiador profissional lê com tamanha intensidade (outros trabalhos e outros tempos), liga o computador, pega o papel, e, põe-se a relacionar tudo o que se sabe. Perdoem, mas, é uma prática estéril. Pois, por um lado trata-se de certa ingenuidade e de certo

egocentrismo quando se permanece, como ilha, isolado de tantos outros (saberes, seres) que podem ajudar. E de outro lado afirmo (o que será mais trabalhado no Platô 1): não existe o *a priori* das fontes. Uma vã essência ou substância para se encontrar. Larguemos, por favor, desta velha caixa de lembranças chamada ofício do historiador. Por isso há necessidade de se abarcar no trabalho *a priorístico*. Mas, aqui entendido como fundamentalmente filosófico, pois, trata-se de organizar o pensável através de argumentos (premissas e conclusões). Um trabalho do *a priori* que só é possível depois de muita pesquisa no concreto. De modo que o ofício historiográfico no empirismo é fundamental, pois permite do *a posteriori* **pensar relações de tempos, de lugares, de eventos, de pessoas e de grupos**. Perceba-se que é duplo o *a posteriori*: eventos da história já passaram e, a tomada de consciência daquele que escreve a história que se dá depois da pesquisa empírica. É justamente aí, no terreno entre a História (*a posteriori*) e a Filosofia (*a priori*), que me movo. É o que estou desde o início tentando iniciar.

§17

A memória de longa duração, na superfície (do velho hábito automatizado), não é a mesma daquela da profundidade. Há uma dinâmica mais oculta entre os corpos (superfície e profundidade). A invisibilidade dos efeitos de uma na outra pode se tornar **visível** no próprio movimento que faz aparecer a relação. Acordar, de novo, no início do dia e se relacionar. O **estar**, o **sendo**, aquilo que **é**, nos espaços, tornam-se de várias maneiras o ser no mundo. Uma quase-identificação entre as coisas que se faz, seus nomes, seus gostos e a percepção intuitiva de que elas e nós fazemos parte um do outro. É a **participação**, ela mesma, a condição de se relacionar com o fora e, o limite do contato entre corpos (superfície e profundidade). Como limita, não permite mistura. Por isso é quase-identificação. Então há uma memória mais superficial, possessão **ESTÁVEL** da velha caixa de lembranças que se dá atuada, automatizada e atualizada na vida prática, e, há uma memória mais profunda. Intuitivamente acessamos esta a partir daquela, voluntariamente ou não. A intuição então é o **invisível** que se pode fazer presente. De modo voluntário, é o trabalho de buscar uma lembrança, trabalho ativo, e, não se desvincula da participação do momento presente na pescaria do passado. Então o passado se atualiza. No entanto, uma pescaria não pesca tudo de uma só vez. A rigor, pesca-se muito pouco visto que os corpos não param de ser produzidos mediante

as dinâmicas da própria participação entre os diferentes corpos (na superfície e na profundidade do ser). Por isso há importância na existência da memória involuntária. Dupla importância. Uma já tratamos: é o automatismo do velho hábito que atua na superfície dos seres. A outra reside no fato de que a memória involuntária se encontra ela mesma na profundidade do ser. Se àquela usamos a qualidade do **automatismo**, a esta, sugerimos a qualidade da **espontaneidade**. Além destas distintas qualidades, há mais duas outras características que se fazem em ambas as memórias involuntárias: **atualização e atuação**.

§18

Falemos um pouco mais sobre a memória profunda. Ela surge espontaneamente por algum evento (acontecimento) e não se dá a conhecer numa cadeia de causalidades. Pelo menos imediatamente, por isso que, depois de algum tempo é que talvez possamos melhor compreendê-la. Aqui, ao que nos interessa tratar, esta memória (longa e profunda), por não ser contínua, pode ser lida como inconsciente. Preferimos tratá-la como dessemelhança ou involuntária ou ainda ESPONTÂNEA, essa condição peculiar donde uma lembrança simplesmente brota em nossa mente. No Platô 2 esta memória de longa duração será mais desenvolvida.

§19

De modo geral, as **lembranças** pescadas, voluntariamente ou não, **retornam** e, ao participarem do momento, também atualizam o ser. Portanto, na apresentação de uma memória o que se tem não é uma representação, mas, uma nova apresentação. A memória pescada não está mais lá, pois ao participar do presente, esta breve duração, participa com o ser. Assim, a lembrança que emerge participa e, por isso, torna-se outra coisa. Dois duplos movimentos da pescaria. Por um lado, na memória que se busca voluntariamente, **ir** até o encontro, estabelecer um contato, **e trazer** de volta. **Retorno** que afirma a vida na destruição daquilo (do passado) que já não é mais o mesmo ao se libertar (no presente). E, de outro modo, e mais imprevisível, a lembrança espontânea simplesmente retorna. Deixaremos a duplicidade desta última para o Platô 2. De todo modo, por uma ou por outra, há um duplo movimento transformador. Assim, não há um sentido, tipo de pré-objetivo, nem um conteúdo pré-reflexivo, que emergirão das pescarias de memórias.

§20

Atos repetidos que concorreram nos costumes, nas disposições para ações, nas possessões estáveis e nas atualizações de toda sorte produziram, no curso do tempo, todo um conjunto de hábitos, formas, ideias e outras lembranças. Preso nas representações não se lembra daquela **velha memória**. Produziram os velhos hábitos, as formas, as ideias e outras lembranças equivocadas do ser. Talvez por ser de longa, longa duração, esquecemo-nos de onde veio o acontecimento inaugural de toda participação.

§21

Ah velho hábito, este tipo de memória tão automatizada que **parece ser** desde sempre. Mas não o é. Por isso é mais difícil de esquecer-la. Pois, estando na superfície diária dos corpos que reconhecemos como nossos tomamos esta memória do hábito como nosso ser. “: - E que ninguém mexa! ”. Mas é **tão somente feito** da ponte com os acontecimentos que a produziram. E o acontecimento está sempre lá para ser pescado. Talvez, justamente por isso, que na velhice, quando eventos corruptivos preparam para a morte, são elas mesmas, estas velhas memórias dos acontecimentos vividos que insistem em emergir. É como gritassem: “: - Deixem-nos partir! ” “: - Esqueçam a ideia de que vocês são estas lembranças! ”. Infelizmente, preso ainda no engano do SER como rigidez da identidade, **não se liberta** à POTÊNCIA do ESTAR SENDO **na relação**.

§22

Portanto, para não nos confundirmos, chamo provisoriamente **hábito** o costume, a lembrança, a forma ou a ideia do ser e, de se ser alguma coisa. Hábito automatizado que se toma como naturalizado é febril e duro, dificulta a PARTICIPAÇÃO. Mas vamos com calma. Ao que nos interessa hábitos são efeitos da memória. Nada menos que **ponte**, uma passagem mais ou menos direta, que se liga a **algo** ou a alguma coisa.

§23

O hábito então como algo realizado é Ato. O comer, o caminhar, o divertir se tratam, sempre, de atos. A questão que se coloca é se a separação do ato de algum movimento não separou o ente da relação?

Isolá-lo como categoria, destituí-lo de vida pulsante e fluída não permitiu, no limite, a emperrar algo do vivente? Logicamente há possibilidades de se trabalhar por esta via. Não é a nossa. Colocamos, diferentemente, potência, movimento na roda para o SABER. Esperamos assim, criar condições para compreensão do nascimento do ato, do hábito, através de uma busca voluntária ou espontânea. Dito de outro modo, hábito como fruto dos jogos de verdade de uma dada sociedade. Ah velhos hábitos, que no limite, impedem de viver o fluxo da vida na sincronicidade do ser. É preciso, pois, um pensamento que ao recolocar a vida no ente permita o retorno de sua POTÊNCIA, na PRÁTICA de SI. Aliás, se o que temos tão somente é Vida Prática, então é preciso um estudo das práticas concretas, pelas quais os indivíduos se produzem na imanência de determinadas condições.

§24

Creio que estamos prontos para uma nova dupla entrada, a saber: 1) que esta Tese é intuitiva e racional. Nem só uma nem apenas a outra. Intuição aqui se trata da qualidade de perceber coisas e de se colocar frente a estas, sem a pretensão de se justificar no mote da cadeia de casualidades e justificações. Em algum momento desta escrita passou a ser intuitivo escrever, pois, mediante escolhas e decisões fui cada vez mais crescendo no aprendizado de me guiar por certas sensações e percepções que simplesmente participavam do momento presente deste Trabalho. Simples assim. E por racional trata-se da explicação fundamentada entre causas e efeitos que contribui na compreensão intelectual. A história tem sua racionalidade quando identifica fragmentos do passado, e os coloca em diálogo com contextos de uma época, de uma localidade, ou mesmo com outros diálogos que já percorreram pelos passos desta mesma racionalidade. Certamente deveríamos dizer racionalidades, no plural. E, 2) que esta Tese produz ela própria suas FIGURAS do saber. Seria uma espécie de categoria analítica, mas como sou avesso a categorias, hierarquias e taxonomias de toda sorte, crio com os materiais disponíveis (do *a posteriori* e do *a priori*) FIGURAS que funcionam como um pensamento sem imagem para tratar de outras figuras (do saber e do poder) que descubro no percurso das análises. Espero ser feliz nas escolhas no decorrer da Obra.

§25

Figuras pululam a todo o momento em que um pensamento precisa ser colocado, iniciado, ou em desenvolvimento, ou, acabado. Assim, à questão do §11, as imagens serão lidas nesta obra em uma dupla aposta. A partir de Barthes (1984), num método que busca nas iconografias o *studium*, o contexto, a história daquilo que se dá a ver através da imagem, e, o *punctum*, o próprio pensado, aquilo que salta aos olhos, o destaque. Novamente em diálogo diacronia e sincronia. Então da câmara escura chamada passado há sempre um algo que marca aquele que vê no presente. Eis a câmara clara de sua visão. Mas apenas uso Barthes como uma etapa. É que há um processo de fundo para elaborar práticas daquelas quase-brincadeiras da antessala. E, para principalmente conseguir ir além, chegar ao **espírito** que, transita permanentemente entre liberdade e sujeição na relação com o outro, que também simplesmente brinca.

§26

Ah, brincar, jogar. Quem não se lembra de uma brincadeira na sua velha caixa chamada lembrança da infância? Uma lembrança para partilhar. Foi com um familiar. Éramos próximos, eu e ele, dos dez anos, e foi então que senti a força do sentimento da propriedade privada. Lembro-me de achar estranho quando ele usava as expressões “: - O meu pai”, “: - A minha mãe”. Mas talvez fosse porque ele morava sem a irmã, e eu, que morava com meu irmão, até então, não tinha como costume pronunciar “: - O meu pai”, “: - A minha mãe”. Mas vamos ao caso: ele tinha em seu quarto brinquedos que eu não conhecia. Fiquei entusiasmado! Sair brincando com tudo quanto fosse possível. Perder-me nas brincadeiras. Estava eufórico. Então começamos eu e ele a brincar. Mas as brincadeiras e os brinquedos eram todos dele. Ele ditava o que brincar, a ordem das brincadeiras. De forma que em um dado jogo, do qual não entendi muito bem, demonstrei que queria parar e prosseguir para o próximo. Tinham tantas opções de brinquedos, talvez eu tivesse pressa afinal queria conhecer todos a tempo. Mas, ele se incomodou, me bateu e gritou: “: - São meus! Você brinca com o que eu mandar!”. No início foi mais um susto, não entendia muito bem a reação dele. Talvez por estar excitado não compreendi muito o que se passava nos bastidores daquele quarto.

§27

Em 1978 Foucault (2012a, p.71-75) revê seu projeto e hipóteses sobre a história da sexualidade, não mais partindo da situação repressiva, mas, de um “dispositivo complexo no qual se trata da constituição da individualidade, da subjetividade, em suma, a maneira pela qual nos comportamos, tomamos consciência de nós mesmos”. Ora, o quarto privado e da posse parece ser o tema de fundo para repensar jogos, brincadeiras. Em suma, parece que **toda forma de diversão numa cidade participa de uma ideia**. Uma ideia a princípio atuante do fora, da exterioridade. Por isso se trata de dispositivo que dá forma à vida. Dispositivo que produz individualidades e subjetividades. Mas retornemos ao caso. Privado do quarto de brinquedos comuns, eu começara a participar da **ideia** da posse, da propriedade (da alma, do corpo) de outrem. E veio o tapa, que doeu menos no corpo e mais no espírito, fiquei triste. Estava sozinho, em outra cidade. Lembro que segurei o choro, homem não chora (outra ideia). Brinquei mais um pouco, até que a mãe deste primo nos chamou para um lanche. Alívio imediato de sair daquele maldito quarto. Não sabia o quanto aquele acontecimento contribuiria na formação de minha individualidade. O que se segue é que depois pareceria comum, natural, enunciar “: - O meu pai”, “: - A minha mãe”. AGORA que consigo LEMBRAR, consigo ter condições para ESQUECER daquelas dores. Dores do mundo que produziram, na violência, formas de individualidade e de subjetividades. Nem eu e nem meu primo somos culpados. Pois, agora pensando e estudando as brincadeiras, entendo nestas, espaços privilegiados para libertar. E, caso a alegria do momento presente não ocorra, é porque há algo da natureza em algum dos corpos (memórias, sentimentos, emoções) sendo violentada. Corpos e lugares negados do fator lúdico.

§28

Ao aprender com os estóicos amplio a **noção de corpo**. Além daqueles: cidade, comida, pais, familiares, numa palavra, “corpo [é] tudo aquilo que age ou atua” (BRÉHIER, 2012, p.23). Esta noção alargada para corpo será útil nesta Tese que trata de elementos variados e ao mesmo tempo participantes. Há, pois, uma história da Diversão na Cidade. Esta, que é o lugar e o momento do qual se dá a relação. Então diria numa primeira definição que **quase-brincadeiras** é toda **forma de dispositivo**. Dispositivo, esta forma de vida que envolve corpos entre

práticas de saber e de poder chegaram até as brincadeiras. O mundo escolar, o mundo da tirania das crianças (só possível graças a participação destes entes com os chamados adultos), o mundo dos simulacros de guerra são todos quase-brincadeiras quando adestram para certa condução pretensamente necessária. É possível algum tipo de elogio em considerar a brincadeira no paradoxo entre controlar e alegrar? Ora, se o lúdico traz **em si** uma certa espontaneidade, então talvez devêssemos pensar um pouco melhor sobre suas características.

§29

Fogem ao escopo de nosso trabalho apresentar distintas perspectivas para os termos lúdico, jogos e brincadeiras, tratados aqui como equivalentes. Assim, para nossas pretensões nos serve o trabalho de fôlego de Huizinga (1872-1945), “Homo Ludens”. Que se destaca com uma tese ousada: o jogo é fato cultural primordial, a forma elementar em todas as principais manifestações do espírito humano. Huizinga sabe que não se pode afirmar simplesmente que tudo é jogo, mas, com sua pesquisa busca destacar a presença do espírito lúdico nas formações culturais (competição, artes, poesia, filosofia, linguística).

§30

Ao que nos interessa aqui, destacamos uma importante diferença na evolução semântica e formal de palavras que mais ou menos correspondem a “jogo”. O termo inglês *to play* evoluiu mais no sentido do “concreto”, e, o termo alemão *pfliegen* evoluiu mais no sentido do “abstrato” (HUIZINGA, 2012, p.45). No âmbito do concreto, o jogo é carregado de “desafio, perigo, competição”, de modo que “o jogo é um combate e o combate é um jogo” (HUIZINGA, 2012, p.47). No limite, em que contribuem com a vida na comunidade simulacros de desafio, perigo, medo, competição? A relação agonística é uma característica dada, da essência do fator lúdico, ou, em algum momento da história foi incorporada como uma das características do fator lúdico? E, como se relacionam estas formas de jogo concreto, com o que parece que venceu: a cidade da excitação, da euforia nas práticas de diversão? Seriam estas formas de diversão a realização do ATO na POTÊNCIA do **fator lúdico**? E, por outro lado, no sentido abstrato, *pfliegen* significa desde “celebração de festas”, “exibição de riquezas”, mas, ligado “à **ideia da realização de um ato sagrado**” (HUIZINGA, 2012, p.45, grifos meus). Huizinga (idem) ainda destaca que esta dimensão abstrata para jogo se

refere também às homenagens, aos **agradecimentos**, ao **trabalho**, ao **amor**, à **feitiçaria**, e, logo, o sentido abstrato de jogo no alemão remete aos domínios da religião, do direito e da ética. Benjamin, vivente alemão, sempre soube da MAGIA do BRINCAR pela própria brincadeira.

§31

Recoloco a outra ponta solta do §11. Esta Tese tem uma iconografia (ciência que estuda as imagens produzidas), num duplo movimento: por um lado Barthes, e, por outro, tornar-se a ver na minha prosa o acontecido do mundo. Ousadia para uns, magia para outros. Para tal processo chamo, de modo geral: **leitura do acontecimento**, ou ACONTECIMENTO. Segue-se que esta Tese procura no limite do pensado uma forma de conhecimento histórico apresentado em narrativas e fundamentado em platôs, que produza uma consciência do ACONTECIMENTO e da VIDA através do fator lúdico. Seja afirmando (na potência do retorno da memória, nas brincadeiras, crônicas e poesias), seja negando-o (pelos dispositivos das políticas dos corpos) sigo meu caminho. Brinco com fatos da história e, produzo minha prosa.

§32

ECOS de CORPOS. Eco, repetição de um som devido à reflexão de ondas sonoras, aqui, é tomado como efeito da produção política de corpos na história da cidade de Florianópolis. Trata-se de uma crítica aos modos de controle da sociedade que nas figuras da Cidade produziram, e não cessam de produzir, modos de sujeição. Para tal empreitada, é preciso muita liberdade para operar com os elementos, dos mais diversos, dos quais disponho.

§33

Um permanente jogo entre o *a priori* da Filosofia com o *a posteriori* da História. Mergulhado nas fontes (livros de história ou de memórias, jornais, revistas, fotografias, poemas, crônicas) o que elas relevam? Em si mesmas há um algo que se comunica espontaneamente? Um algo que desde sempre esteve lá, claro e distinto? Ora, as fontes se me dizem algo é devido às perguntas feitas às mesmas. Então precisamos de novas perguntas para velhas fontes. O que entendo ser possível trabalhar com este “em si” das fontes, este “algo” que comunica. Mas atenção, o “em si”, o “algo” não é mera busca dos

significados e dos sentidos. Como se desvencilha da busca orientada numa pretensão de significado e de sentido últimos, invariáveis? Estranhando a si. Como? No deslocamento de um falso núcleo chamado sujeito, este eu pensante quase sem relação com o mundo (pensa que pensa sozinho, penso que é isolado), para aceitar a total participação na relação. Um trabalho invariavelmente cai na contradição quando um pesquisador interpreta ao seu modo familiar. Repete sem perceber seus fantasmas e, sua história fique num meio termo, não chega nem a ser sua e tampouco do outro.

§34

E, se mais de uma interpretação destes sentidos e significados é possível? Então, quem vence é aporia. Venceu o paradoxo, a dúvida, a incerteza, o impasse. Ou, vence aquele grupo, aquela ordem, aquela ideia dada numa certa configuração entre saber e poder. Por Zeus, como resolver minha **vontade fundamental de conhecimento**?

§35

"A partir da ideia de que **o eu não nos é dado**, creio que há apenas uma consequência prática: **temos que nos criar a nós mesmos como uma obra de arte**" (FOUCAULT, 1983/1995, p.263, grifos meus).

§36

Mais do que em Sartre, é com Nietzsche que Foucault desenvolve sua **estética da existência**. Ademais, desde 1887 podemos apontar não uma dissolução para as aporias, mas, um deslocamento do olhar. Com Nietzsche (2014a, §2) sabe-se que o encontro com o saber, com o conhecer, com a Verdade, não se dá "isoladamente": "não podemos nem errar isolados". Então, nesta disposição **transdisciplinar** voltada ao saber, é que me direciono ao diálogo com as fontes encontradas. Palavras, fontes e coisas não são do mesmo tipo, mas se relacionam. Algumas **coisas** entendi depois de muito suor, e, outras apenas apareciam no ócio. Todas são importantes quando não me atrapalho com pensamentos céticos (gregos antigos, cartesianos modernos, apocalípticos pós-modernos). Talvez tenha mesmo sido necessário chegar neste atual estado duvidando de quase tudo. "": - Você está certo

disto na fonte? ”. “: -Você foi mesmo lá e viu? ”. “: - Você é a testemunha ocular? ”. “: - O que esta palavra significa mesmo? ”. “: - A que coisa se refere? ”. Não, não e não quantas vezes forem necessárias. Recuso este jogo perverso e estéril que impede o pensamento de pensar.

§37

Para compreender e ler melhor precisei apenas pensar e, aceitar o estranhamento. Para isso, retomei os aprendizados com antropólogos e etnólogos. No fundo, o que se realiza aqui é toda aquela querela que precisa ser oxigenada. Refiro-me a duas posturas por vezes fechadas para o **diálogo**. Entre sincronia e diacronia. Quer dizer, se diacrônica é a crônica que se dá no encadeamento dos fatos pelo curso do tempo, e, se sincrônica é a crônica que emerge fundamentalmente com a vivência do vivente pelo presente, então, que abracemos ambas as possibilidades para se contar uma história. Pois, precisa de certa experiência para se falar de algo, visto que não se diz nada do que ainda não se tem para dizer. Por isso defendo ser necessário experienciar a Tese como **técnicas de si**, seja nas práticas de escrita, de leitura, nas conversas com **outros** (orientadores, familiares, amigos, livros e historiografias) que em termos de dialogicidade, apresentam-se como mestres, professores no permanente processo de ensinar-e-aprender. Quem sabe a História possa dar um salto a partir destas **aberturas**: da diacronicidade **com** a sincronicidade, e **com** a experiência de si. Nesta **prática** aprendi que o devir é da ordem do sincrônico e a consciência histórica é da ordem do diacrônico. Porém, jamais mutuamente se excluem, pelo contrário, suas forças residem justamente na potência da VONTADE DE SABER.

§38

A vontade de saber se torna a contingência que fornece condição para algo ser interpretado. Dito mais explicitamente: é o ACONTECIMENTO lido em sua singularidade na própria condição singular da prática de si daquele que buscou conhecer. Mas vamos com calma, pois, nos demais Platôs encaminho essa linha que ficará solta. AGORA, interessa apontar que, precisou haver muita vontade de saber para algum pensamento se liberar. Não seria possível caso ficasse preso às amarras que causam obstáculos para certa libertação. Logo no Platô **Um**, numa discussão da fonte dos jornais como acontecimento, abre-se nova conversação para uma Filosofia do Acontecimento. Por ora, que

tenhamos paciência com o sujeito desta Tese. É preciso, pois, de **bricolagem para libertar** o pensamento domesticado.

§39

Feliz de quem também pôde conhecer na sua trajetória outro anjo como Lévi-Strauss. Uso sua noção de *bricoleur*, trabalhado em sua obra “O pensamento selvagem”. O antropólogo e filósofo franco-belga com *o pensamento selvagem* serve-se de uma bem usada ironia para designar o pensamento não domesticado, que atua como *bricoleur*, aquele que trabalha com suas mãos, meios indiretos se comparados ao artista. Um *bricoleur* que não se define pelo projeto, mas pela instrumentalidade, pois os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio que isso sempre pode servir, não necessita do equipamento e do saber de todos os elementos do *corpus* (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.32). É o “resultado contingente” das circunstâncias apresentadas “para renovar e enriquecer o estoque, ou para conservá-lo, com resíduos de construções e destruições anteriores” (p.38). Um *pensamento selvagem* que se define pela “ambição simbólica” por uma “atenção escrupulosa inteiramente voltada para o concreto” de observar, experimentar, classificar e investigar *ibidem*, (p.246). Trata-se do “pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado com vistas a obter um rendimento” (p.245). Com Lévi-Strauss aprendemos que a ciência, religião, arte e magia constituem um verdadeiro eixo, o do conhecimento humano.

§40

Daí decorre todo o meu uso com os pensadores que me ajudam, na contingência do trabalho manual de elaborar, de construir um pensamento do pensado não domesticável. Prática do concreto é o que entendo também como experiência. Pratico o espírito livre ao selecionar ao meu bel prazer os recursos necessários (empíria das fontes e pensamentos de outros) na contingência do AGORA na escrita da Tese. Portanto, a noção de acontecimento é eminentemente prática, um tanto mágica quando a entende mais como vidência do que como evidência. “: - Mas, você tem certeza disto?”; “: - Pode comprovar mais uma vez como se chegou a este pensado?”. Não caro leitor, deixo para você este fardo. Prefiro outra prática, mais libertária: trabalhar com o *a posteriori* e diacrônico dos fatos históricos e memórias entre crônicas, livros de memórias, fotografias de álbuns, diários confessados e notícias em

jornais, periódicos e similares. Transformando esta massa de séries aparentemente distintas em acontecimento. Numa palavra, ACONTECIMENTO = VONTADE DE POTÊNCIA DE SABER NAS FONTES. Um ato mágico, de feitiçaria daquele que se ocupa com o que percebe ser importante para **fazer aparecer** no mundo. Não seria, portanto, este efeito mágico que faz aparecer um algo do mundo para o mundo, a natureza de uma Tese?

§41

Não me venham confundir com
contradições!

Logo que falamos, começamos a errar
(GOETHE)⁵

§42

Os termos sujeito e objeto precisam ser problematizados. São termos equivocados, pois “sujeito pode referir-se tanto ao indivíduo particular [*das einzelne Individuum*] quanto a determinações gerais” (ADORNO, 1981, p.181). E, não se elimina a ambiguidade apenas com “uma classificação terminológica”, pois, ambas “necessitam-se reciprocamente” (idem, ibidem). Assim, para determinar sujeito e objeto, “requer-se refletir precisamente sobre a coisa mesma”, e, convém tomá-las, sujeito e objeto, “como sedimento da história” (idem, ibidem). A separação sujeito e objeto é ideológica (idem, p.182). E, toda ideia que aprisiona, que assujeita, tem a sua própria história produtora de sujeitos. Sujeito, isto é, "sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento", e sujeito como outra "forma de poder que subjuga e torna sujeito a" (FOUCAULT, 1983/1995b, p.235). Seria preciso uma reconciliação, uma resolução entre dominação e criação.

§43

Afinal de contas todo discurso é uma prática social que produz imaginários em seu efeito ideológico (ORLANDI, 1994, p.54). Sujeito trabalhador; sujeito consumidor, sujeito inovador; sujeito atleta, sujeito saudável; sujeito educado; sujeito virtuoso; sujeito do saber médico; sujeito do saber da psicologia; sujeito do saber pedagógico; sujeito do

⁵ Em Schopenhauer (2008, p.67). Trata-se de uma citação do poema de Goethe, “*Spruch, Widerspruch* [Dito, contradição]”.

saber histórico; sujeito do saber do desejo; sujeito que não se conhece. Formas de poder inscritas no saber datado e localizável. Por isso, para que existam os conteúdos dos sujeitos acima indicados, é preciso muita pesquisa histórica. É preciso, pois, certa Vontade de Saber (FOUCAULT, 2014c) para se chegar a uma Verdade. O problema é que toda Verdade pode vir a ser nova forma da participação na política (sem comunidade), enquanto enunciar um saber que no poder tende a produzir novos sujeitos. É toda essa moralidade, passível até aqui de ser produzida, o que me apavora. Mas quanto a isso, apenas sigo meu curso nesta Tese que não intenta provar seu “valor superior”, pois, do contrário, será ela mesma “decadente” (NIETZSCHE, [199-], §259). Seria, pois, necessário tirar o moral da sapiência. E, então, só então quando a borboleta rompe seu casulo, puxa, rasga, e, inebriada e cega pela luz desconhecida, é que se chega ao “império da liberdade” (NIETZSCHE, [2006], § 107).

§44

Mas atenção com os movimentos, inseparáveis, da “constituição do sujeito”. Primeiramente é interpelado “em sujeito, pela ideologia, no simbólico, constituindo a forma-sujeito histórica”, e, em seguida “com esta forma-sujeito histórica já constituída dá-se” seu “processo de individualização” (ORLANDI, 2006, p.3). Aqui, submetido às forças institucionais e do Estado, o sujeito torna-se “responsável e dono de sua vontade” (idem). Um indivíduo que pode ser tanto repetição “genérica” como diferença “conceitual” (DELEUZE, 2006). Mas, embora “não podemos resistir à interpelação, ao assujeitamento à língua, senão não seríamos sujeitos, no entanto, podemos resistir aos modos como” Estado e instituições nos individualiza, nos “fabricam” em série (ORLANDI, 2006, p.4).

§45

Eis que finalmente nasci. Ajudou muito outro anjo que veio e me disse: “: - É preciso experienciar o objeto”. Mas, não há objeto da Tese sem antes atingir o entendimento de seu sujeito. Então me coloco, EU, SUJEITO que produz, inventa, com os materiais disponíveis o OBJETO pensado no fluxo pensante.

§46

É preciso não confundir o tipo de trabalho historiográfico. Se fosse o caso de um estudo do período, ou uma instituição “durante um dado período” duas regras seriam importantes: 1. Tratar exaustivamente de todo o material; e 2. Uma equitativa repartição cronológica do exame, mas não é isso nem que Foucault (2010b, p.319), nem eu, pretendemos do trabalho historiográfico. Interessa é a questão, o problema “surgido em um dado momento”, que, então, segue-se por outras regras, 1. Escolha do material em função dos dados do problema; 2. Focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-lo; 3. Estabelecimento das relações que permitam sua resolução (idem). Neste sentido, é indiferente a “obrigação de tudo dizer, mesmo para satisfazer o júri dos especialistas convocados” (idem). É preciso entender se o objeto é dado, ou, se é construído a partir das questões que tomam o objeto “para resolvê-lo” (IBID, p.320).

§47

Isto tudo sempre se tratou da minha história de vida. Em suma: formado em Nutrição me deparei com a dificuldade da intervenção. Aprender certo conhecimento (biomédico) e, na comunidade, presenciar dificuldades variadas: de hierarquias, de saberes, de poderes. Ainda bem que tudo isso me incomodou a ponto de desejar apenas e tão somente sair. Ainda não tinha condições de compreender melhor as dificuldades encontradas. Então uma rica e rápida experiência na docência, em curso técnico de Gastronomia, devolveu ao mês espírito a inclinação da Saúde, junto com certo processo educativo ao modo de Paulo Freire, a aspiração ao campo da Educação, do qual passei pelo mestrado. Logicamente, ainda estava ingênuo, é difícil notar as flores no caminho inicial. Precisava acelerar meus aprendizados nas humanidades/filosofias. E este foi o maior motivo da travessia para a História (neste doutoramento), e, mais recentemente, para a Filosofia (iniciei-me como graduando).

§48

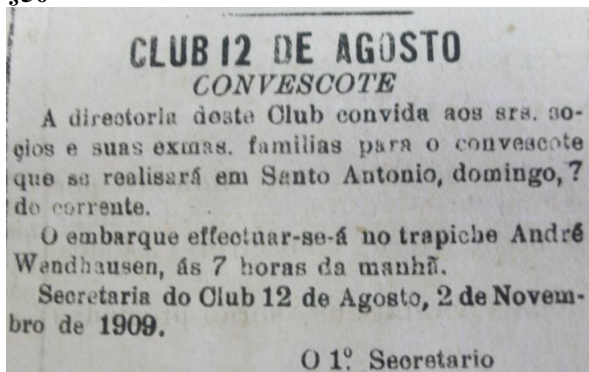
Inevitável não cair, nos termos de Turner (1981), no “drama social” da minha vida. Então, frente à “ruptura” com a pretensão do saber e do poder da biomedicina na forma da Nutrição, me dirigi ao campo da Saúde Pública, mas, percebi que por lá, ainda predomina hegemonia da racionalidade biomédica. Nova “crise”. Então, como

elaborar Educação e Saúde como modos de Vida que emancipam sujeitos? “Compensei” no novo e no último movimento destas travessias. Todas elas contingenciais e necessárias para ampliar o velho e perene problema de viver no mundo: “Quem sou eu?”. “Quem somos nós?”. “O que é viver?”. Lógico, questões tão grandes como estas devem ser vagarosamente apreciadas no breve existencial de que tenho tempo. Mas, não sou apenas o nome da identidade e das outras identidades (não sou nutricionista, não sou pedagogo, não sou historiador, não sou filósofo). Sou feito das contingências, dos causos e acontecimentos derivados da simples e bela necessidade de viver. Foi tão somente quando entendi isto que a resolução foi possível: devolver à Saúde, o seu papel junto à Vida. Sim, este é um trabalho no campo da História com a Filosofia, e, com pretensões de servir à Saúde.

§49

Nada de uma moral prescritiva, e tampouco uma única forma de saber. Tudo é sempre movimento, nada é conceito. No devir tudo é singularidade e diferença. Que venha a dança. Pois, “tem coisas que nos deixam sem palavras. E tem coisas que as palavras não dão conta de dizer. É aí que entra a dança” (PINA, 2011)⁶.

⁶ Pina Bausch foi coreógrafa, bailarina, falecida em 2009 cuja citação da artista é expressa no filme “Pina” (2011) que, mais do que uma biografia, apresenta espécie de homenagem dos dançarinos que conviveram com a alemã, esta criadora e criatura capaz de relacionar características entre dança e teatro e elementos como terra, fogo e água.

§50⁷

§51

É preciso, pois, inserir a figura acima na antessala da Tese. Dança das questões para fazer ver o objeto. Quer dizer, há, ao mesmo tempo na cidade, ao menos dois tipos de piquenique acontecendo, ambos de classes que se tornaram elites em Florianópolis. Cabe perguntar, torcer as fontes, até conseguir interpretar suas racionalidades envolvendo (ecos de) corpos na cidade. E, como o lúdico participa destas práticas de diversão? Neste sentido destacaremos práticas de contato corpo-meio ambiente (natureza ambiental) e corpo-meio ambiente (natureza social). É o velho jogo do interior, rural (na Ilha de Santa Catarina, inicialmente representado pelas localidades afastadas do centro, onde, muitas das quais são contornadas pelo mar), e, do urbano. Categorias inventadas a partir dos jogos e efeitos de verdade na Cidade.

§52

As chaves deste Platô: 0 mais 1 é igual ao diferente do mesmo. Zero + 2 = ao mesmo do singular. Zero mais 3 é a soma do indivíduo que existe, pois os TRÊS são ENTES interdependentes. O Platô Zero pertence ao conjunto Vazio se é subconjunto de todo o conjunto de Platôs. O Platô Zero é subconjunto de todos os conjuntos de Platôs. Logo, o Platô Zero é Vazio, e, pertence ao conjunto de si mesmo. O VAZIO existe. Eterno retorno é a participação no tempo. Repetição da

⁷ Jornal Gazeta Catarinense, 5, Nov, 1909. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

POTÊNCIA. Mesmo ATO realizado em outros lugares. Este Platô enquanto potência pode recomeçar ao infinito. Não há problemas, esta é sua característica elementar. Este Platô participa de todos os outros atos realizados. É repouso enquanto potência *a priori*. É movimento enquanto realizado *a posteriori*. A rigor, isto aqui só existe no tempo em função dos demais. Pois, sendo vazio, sem ele e os demais (Platôs e Atos), é o SER destituído de sentido em sua UNIVOCIDADE, cairíamos, portanto, na equivocidade (das categorias, da vã busca dos sentidos). E, ao final desta leitura, queime.

Platô UM – O Acontecimento na História Ou Ensaio para uma Natureza dos Jornais e dos Periódicos

§53

No que se refere a Nietzsche [...] para ele, o filósofo era aquele que podia diagnosticar o estado do pensamento. Podemos, aliás, considerar dois tipos de filósofos, aquele que abre de novo os caminhos para o pensamento, como Heidegger, e aquele que desempenha de alguma forma um papel de arqueólogo, que estuda o espaço no qual se desdobra o pensamento, assim como as condições desse pensamento, seu modo de constituição (FOUCAULT 1966/ 2013a, p.36).

§54

Mergulhado entre arquivos, folheando jornais e revistas amarelados de época, encontro, nestes velhos papéis, textos, palavras e imagens, às vezes, desenhos, tudo depende da tecnologia disponível. É pelo meio que se transmite a mensagem. Recomeço a sentença. Ah, aquele aroma dos livros e papéis envelhecidos pelo tempo. Alguns amam e outros o deixam. Avisaram-me: “: - Use os equipamentos de proteção (luvas e máscara) ”. Bastaria isso para que, então, estivesse pronto para o mergulho? Sem saber bem para aonde ir, tateei às cegas e, comecei a pesquisar. Último andar. Mergulhado nos fatos históricos possíveis de se ver em jornais, revistas e similares, me vi inserido numa Cidade e seus Acontecimentos. Aliás, numa pluralidade de cidades. A tarefa então era limpar as informações desnecessárias, e, assim, conseguir pensar os fatos históricos a partir destes objetos da cultura.

§55

Estudando um pouco compreendi que este objeto da cultura, esta fonte impressa havia sido pouco trabalhada no Brasil até a década de 1970, pois, **participava da ideia**, em partes, ligada ao peso de uma tradição remontada às décadas iniciais daquele século. Ideia que partilhava da crença sobre a verdade nos fatos das fontes, estas, “marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo”, de modo que se estabeleceu “uma hierarquia qualitativa dos documentos para a

qual o especialista deveria estar atento” (LUCA, 2014, p.111-2). Nesta ideia, os jornais, até então no Brasil, não eram bem-ditos.

§56

Ideia talvez fundamentada na própria emergência da imprensa no país. Uma história quase cômica, se não fosse trágica. 1808, ano da vinda da corte portuguesa, no contexto da expansão do império napoleônico no velho continente. Ano que se pode considerar como fundação da imprensa brasileira. Segundo a Agência Nacional de Jornais: trata-se de 1º de junho com a criação do Correio Braziliense (lançado em Londres), e, de 10 de setembro com o lançamento da Gazeta do Rio de Janeiro. Seria devida a falta de condições materiais para instalação da tipografia no país, o surgimento da primeira produção fora e além-mar? Não somente, pois, o redator do Correio Braziliense **partilha de uma ideia** de “separação entre Portugal e Brasil”, o que permite adquirir forma nas palavras que se referem “Brasil como Império”, ou “Império do Brasil”, ditos nas palavras de um comunicador (MOREL, 2008, p.29). Mesmo sofrendo restrições e até perseguições por parte do governo luso-brasileiro por suas posições oposicionistas, “sabe-se que o Correio Brasiliense era lido sistematicamente no Brasil” (idem, p.30). E, a partir de setembro do mesmo ano passa a veicular no país a “Gazeta do Rio de Janeiro”, na Imprensa Régia recém-instalada com a chegada da Corte portuguesa (idem, ibidem). Oposição e situação?

§57

Então “: - Srs, temos de um lado e a toda força que inflama o povo com ideias liberais, positivistas, iluministas (leia-se republicanas) e que pretende uma cor para o País: o jornal Correio Brasiliense; e, do outro lado vestindo as cores da Corte portuguesa pretendendo dar ordem a nova situação na Colônia, temos: o jornal Gazeta do Rio de Janeiro”. **Larguem este jogo** que representa lutas e batalhas. Pois, creio que não é tão simples assim resolver a questão: se é oposição ou situação por esta direção. Ou, nas palavras de Morel (2008, p.31-32), além desta “evidente dicotomia oposição/ situação, existem convergência entre estes dois periódicos”, até porque após 1821 com a Revolução do Porto e com a convocação da Constituinte brasileira, o jornal Gazeta do Rio de Janeiro “passa a defender o liberalismo e a modernidade política”, e até defende a “separação entre Portugal em Brasil, posicionando-se a favor

da independência [...] antes mesmo do Correio Braziliense”. Então, caros leitores, esqueçam dicotomias duras como as que organizam oposição e situação, elas já cumpriram seu papel na história. Para se pensar a **função** dos jornais creio que outro caminho possa ser aberto.

§58

Percebam que, mesmo sendo produzido na Inglaterra, o Correio Braziliense ultrapassa barreiras territoriais e oceânicas. Isso é importante, pois, começa a apontar uma função de jornais e similares. Mas ainda, leva-se tempo para o caminho entre ideias, afinal há toda uma logística da produção de lá à circulação daqui. E, talvez por isso mesmo que o jornal produzido aqui, em território brasileiro, apresentou antes daquele outro, a ideia da Independência. Ao jornal, cumpre-se uma função.

§59

Numa primeira aproximação diria **função pedagógica**. Pois, contribui na formação de leitores, mas não apenas. Os jornais e a imprensa em geral são “objeto e sujeito da história brasileira, pois ambas se “auto explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando num imenso painel” (LUCA, MARTINS, 2008, p.8). Quer dizer, há uma dinâmica entre os personagens da imprensa e da política que “muitas vezes [...] são exatamente os mesmos”, mas nem sempre. Numa visão eliasiana seria correto pensar em termos configuracionais ou figuracionais. O que Norbert Elias intenta é pensar a relação indivíduo e sociedade sem o constrangimento de ser antagônica, mas, de modo que “configurações” se referem a uma dada dinâmica pelo equilíbrio do poder onde grupos estabelecem-se com prévia interdependência de modo que se forma um entrelaçamento flexível de tensões, e o conjunto de jogadores podem atuar tanto como aliados como adversários (ELIAS 2008, p.140-145). Essa sociologia configuracional que se pauta numa teia de relações de indivíduos interdependentes ligados entre si e a vários níveis e de diversas maneiras visa dar fundamento a ações de uma pluralidade de pessoas que se encontram em relação e interferem na própria estrutura entrelaçada, com suas propriedades de força, eixos de tensão, sistemas de classes e de estratificação, guerras, crises econômicas. Ora, o que Elias (assim como outros) identifica, e muito bem por sinal, é que o “poder” não é uma substância, “um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das

relações humanas – de todas as relações humanas” (ELIAS, 2008, p.81). Contudo, peço que percebam caros leitores, que esta figura do “campo de jogo” é correta, operada pela dinâmica que busca o equilíbrio pelo poder, ora por um lado e ora por outro. Mas, precisamos agregar a esta perspectiva uma nova caixa de ferramentas. É preciso **mergulhar**.

§60

Caberia perguntar de que modo que a história da imprensa, “irmã siamesa da cidadania, do espaço público compartilhado e da democracia” (LUCA, MARTINS, 2008, p.8), contribui nesta Tese que visa escrever sobre o **acontecimento**? Usando um pouco mais Luca e Martins, estas entendem que jornais e a imprensa em geral são objetos e sujeitos da história brasileira, de modo que ambas se explicam e se alimentam integradas num imenso painel (LUCA, MARTINS, 2008, p.8). As autoras justificam o uso historiográfico dos jornais com vistas a recuperar os “registros de nossa história e memória” (idem, p.13), mas, esbarram elas mesmas, no que apontam como limites dos trabalhos, que se voltam “para análises pontuais e fragmentadas, por vezes pensadas em amplo espectro, mas que acabam interrompidas e inconclusas pela inviabilidade da magnitude da empreitada” (idem, p.14). Pois, conforme Silveira (2008, p.243-244), que leu antes de mim, a obra da Luca e Martins revela seu caráter fragmentado, “com informações redundantes ou desconectadas”. Silveira aponta os capítulos e os erros (inclusive de choque de datas, um horror para o historiador). Convenhamos que dar conta de uma história total parece ser muito difícil. Tudo bem que há toda uma velha geração de historiadores formada sob o véu de que a História para ser científica precisaria usar recursos das ciências naturais, exatas (técnicas estatísticas, comparativas etc.). Esta prática historiográfica, ainda bem, será cada vez mais ultrapassada. Retomando em outro nível a questão do sujeito e do objeto⁸, talvez possamos ultrapassar a ilusão de uma ciência que confunde mais do que esclarece. Não bastam encadear datas, eventos, fatos e coisas sem reconhecer suas efetividades na história.

§61

Inocente todo historiador que se coloca como inquisidor, esta figura pretensamente imparcial que encontra verdades. Figura do poder

⁸ Cf. Platô O, §44, §45, §46, §47.

e do saber que pressupõe para si a tarefa de decretar como melhor esta ou aquela **fonte**, pois, justifica (a si, logo, ao grupo de historiadores que participam da mesma ideia) que **a testemunha sabe porque viu**.

§62

Então, eis que “frente a frente com o procedimento divinatório tradicional – Édipo o ignorante é portador do saber do tirano; Édipo, brasão do inconsciente ou velha figura oriental do rei que sabe? – Édipo rei, ou o poder-saber transgressivo” FOUCAULT, 1971/2014e, p.211⁹

§63¹⁰

Em Édipo rei, o reconhecimento [e peripécia ou reviravolta dramática que estruturam a tragédia, segundo Aristóteles em sua “A Poética”], reconhecimento pelo qual aquele que ignora se torna alguém que sabe e aquele que julgava ignorar descobre que já sabia – tem duas características particulares. Primeiramente, a de ser “refletido”: **aquele que procura é o objeto da busca** [algo que Plutarco já sabia em “*De curiositate*”]; o ignorante é aquele sobre o qual está em causa saber; quem soltou os cachorros é ele próprio a presa; a pista em que os lançou os traz de volta ao ponto em que os está esperando (FOUCAULT, 1971/2014e, p.211, grifos meus).

§64

Mas há outra coisa: **esse reconhecimento** não vai apenas da escuridão para a luz, da ignorância para o saber; **faz-se pelo confronto de diferentes tipos de saber**. Em Édipo, a batalha para saber transcorre através de uma luta entre saberes. E, embora haja de fato retorno ao mesmo ponto (aquele que quer descobrir é descoberto),

⁹ Trata da aula de Foucault a 17 de março de 1971, publicada no Brasil no livro “Aulas sobre a vontade de saber” (FOUCAULT, 2014e, p.209-238). A máscara do filósofo é surpreendente, pois, Foucault apresentou não apenas esta interpretação, mas “pelo menos seis variantes de sua leitura da tragédia de Sófocles” (DEFERT, 2014, p.239-262).

¹⁰ O uso de colchetes é minha intervenção a partir das notas do próprio Foucault (2014c, p.237-238).

ele se efetua através de saberes diferentes. Na dimensão do conhecimento-ignorância há realmente identidade perfeita entre o sujeito e o objeto, entre aquele que ignora e aquele a quem é preciso descobrir, e entre aquele que quer descobrir e aquele cujo respeito se ignora. Mas nos tipos de saber utilizados as diferenças são imensas, ou melhor, digamos que são exatamente medidas e marcadas (FOUCAULT, 1971/2014e, p.211, grifos meus).

§65

Do saber caracterizado pela escuta - **ακούω** – ao saber caracterizado pela vista – pelo que se viu com os próprios olhos –; do saber relatado que vem do deus distante ao saber que é interrogado aqui mesmo na pessoa das testemunhas presentes; do saber cujos portadores são os chefes (ou os adivinhos, seus iguais) ao saber que o escravo deles detém no fundo de suas cabanas; do saber que tem a forma da prescrição-predição (eis o que tens de fazer, eis o que vai te acontecer, eis o que vão descobrir) ao saber que tem a forma do testemunho (eis o que vi, eis o que fiz); do saber que se retira voluntariamente para o enigma e a incompletude (de onde o próprio rei não consegue arrancá-lo) ao saber que se escondia embaixo do medo e que a ameaça consegue desentocar. Portanto, saberes cinco vezes diferentes: em seus suportes, em suas origens, em seus mensageiros, em sua relação com o tempo, no princípio de obscuridade que os vela (FOUCAULT, 1971/2014e, p.211-212, grifo meu).

§66

Ora, **da resposta do deus [...] ao interrogatório do escravo [...]**, que enquadram a peça ou pelo menos **limitam a busca** de Édipo, passou-se de um tipo de saber para outro. [...] O mecanismo da passagem é fácil de descrever. Ela se dá por informações lacunares e fragmentos que se complementam. Mas o mais característico é que obedece a uma espécie de *lei das metades*. Interrogado, o deus dá sua resposta: é preciso

expulsar o assassino de Laio. [cf. Foucault indica, se se acompanha o relato de Creonte, a resposta do rei Apolo ordena que livrem a cidade de uma conspiração que a suja, que a macula, qual? Aquela que indica um assassinato. Assim, Febo especificou a vítima, no entanto, ainda faltou a outra metade, a metade criminoso]. Está em causa, portanto, encontrar a parte que falta na resposta oracular de Apolo. E seria inútil perguntar ao próprio deus: esse ninguém obriga a falar; não se força a vontade dos deuses (FOUCAULT, 1971/2014e p.212, grifos meus em negrito, grifos do autor em itálico).

§67

Um único recurso por enquanto. **Se houver um terceiro** – Édipo dirige-se ao Coro –, **não deixes de dizer-me**. Mas nesse ponto não há nenhum outro; todos os testemunhos se esquivam; mesmo a testemunha ocular de que fala o boato não poderia dar nenhuma informação útil. O único recurso é essa espécie de **metade do deus que pode ser interrogada**: o divino **profeta**, Tirésias. Ele está muito próximo de Apolo. Rei como ele. Vendo as mesmas coisas que ele. Irmado com ele [...]. A noite de seus olhos complementa a luz do deus; e o que esta se obstina em esconder Tirésias, em sua sombra, dirá claramente. Ora, Tirésias realmente nomeia o culpado, mas nomeia-o sem prova, nomeia-o usando o mesmo modo como Apolo falou. **Prescrição**: “Ordeno-te [...] que obedeaças ao edito que proclamaste”; afirmação solene e oracular; **predição** (“Dos dois lados ao mesmo tempo te expulsará um dia a Maldição de pés terríveis [...]. Ninguém dentre os homens algum dia será mais duramente aniquilado que tu!). Tirésias e Apolo falam usando o mesmo modo: um proclama que há conspiração e que é preciso purificar a cidade; o outro diz quem conspirou e proclama que ele deve ser expulso. **Juntos, a divindade e o adivinho disseram tudo** (FOUCAULT, 1971/2014e, p.212-213, negritos para grifos meus, e aspas para citação do autor do texto de Sófocles).

§68

E, entretanto a esse todo falta uma parte essencial: aquele seu duplo que lhe daria uma realidade visível, que lhe daria forma **no que aconteceu**, que o impediria de ter sido dito em vão. Para esse futuro da descoberta anunciada é preciso que venha à luz o que realmente ocorreu; **a essa proclamação** é preciso que venha ajustar-se **o relato de uma lembrança; a essa prescrição** é preciso que venha corresponder **uma constatação** (FOUCAULT, 1971/2014e, p.213, negritos para grifos meus).

§69

É que **o Coro** continuará afirmando após a partida de Tirésias: não pode desmenti-lo nem dar-lhe razão; **não sabe o que dizer**; não vê nem no presente nem no passado. Aos olhos desses mortais, uma profecia sem prova, um oráculo sem testemunha nada mais é que uma suspeita não fundamentada. **O Coro espera até ver**: “Jamais, antes de ver justificada a fala do adivinho, eu aprovaria os que acusam”. Sem dúvida **Édipo tem contra si as palavras divinas; mas tem a seu favor coisas visíveis, provas** (FOUCAULT, 1971/2014e, p.213, negritos para grifos meus, e aspas para citação do autor do texto de Sófocles).

§70

Ora, nada mais injusto exigir tamanha responsabilidade pela Verdade para com esta testemunha (seja qual pertencimento for: credo, raça, classe, posição social, ou, se foi produzida em Londres ou no Rio de Janeiro). “: - Vamos, me diga a Verdade! ” nas perguntas do deus jornal e do muito, muito próximo deste deus, o divino historiador; que prossegue: “: - Mas, você tem certeza disso que se lê nas fontes?”; “: - O número da edição, ou do dia, ou, se na cidade fazia sol ou chuva não podem ser frutos de erro?”; “: - Erro ou mentira?”; “: - Erro de uma verdade?”; “: - Erro porque se esqueceu de ver as informações pedidas no deus jornal?”; “: - Vamos, tenho pressa, preciso obter a Verdade”; e o Coro formado por todo um grupo quase disperso, não só de especialistas que participam como espectadores, mas também de pessoas comuns,

que tem dinheiro para ler nas bancas de jornais, ou acessam internet de onde estão, ou frequentam as bibliotecas com os fatos antigos já registrados. Este Coro, secretamente colocou-se a si mesmo a figura do Senso Comum desta ordem decreta: “: - Aguardemos, pois, os adivinhos”; “: - Cadê Deus? ”; “: - Cadê o historiador que prescreve a verdade? ”. É preciso um pouco mais de calma. Pois, aos olhos do Coro “uma profecia sem prova, um oráculo sem testemunha nada mais é que uma suspeita não fundamentada”. Tudo bem, pois, “Édipo tem contra si as palavras divinas; mas tem a seu favor coisas visíveis”. Então, para resolver tal enigma da “lei das metades”, que concebe nas figuras do deus e do adivinho que proclamam e pedem o relato de uma lembrança, e, que prescrevem e pedem a correspondência de uma constatação, creio que podemos colocar Édipo no seu devido lugar: o OUTRO, essa **figura** do TERCEIRO. Para outra pergunta que não mais pressupõe como contrapartida deste jogo cruel, e, fora da resposta que melhor ordena as coisas, precisamos, pois, operar uma historiografia que caminha, *vis-à-vis*, frente a frente, diacronia e sincronia.

§71

Nada mais estéril ser tomado pela ideia de que a testemunha, a fonte, fala por ela mesma. É preciso aprender a fazer novas perguntas para velhas respostas (inabaláveis). O jornal, assim como tudo que há (livros, memórias, pessoas, lugares) apenas transmite a mensagem. Essa é, de fato, a verdadeira FUNÇÃO das coisas do mundo. Seja ela utilitária, identitária, de felicidade, prazer ou dor. *Ergon* (função), termo que desde o empenho de Aristóteles passa pela busca da compreensão daquilo que lhe é próprio da coisa em análise. O Filósofo estava no tratado de ética, “Ética a Nicômaco”, tratando da “função própria do homem” (EN, 1098a 7). Aqui, não é a nossa questão. Mas, pretendemos pensar a função própria dos jornais, periódicos e similares, por eles mesmos. Assim, se antes apresentávamos uma pedagogia ou uma função pedagógica, agora precisamos retorcê-la, nos desvincular deste senso. Então é preciso ir um pouco mais, limpar essa auto-evidência da fonte. Essa pretensa divindade de uma essência primeira que não há para ser esclarecida. Ao menos, não *a priori* do objeto. Que pensemos, pois, a escrita de uma história a partir da função própria das coisas que analisamos.

§72

Michel de Certeau (2006) está correto na afirmação de que a escrita da história é uma prática e um discurso. Segue-se que se fabrica um objeto, organiza-se um espaço e tempo, e, monta-se um relato de cultura. Ora, Foucault, Certeau e parte dos historiadores francófonos participam do contexto capitaneado pela Escola dos *Annales*, que desde a década de 1930 elabora dentre outras questões a crítica à concepção da hierarquia das fontes. Daí decorre-se toda uma produção fértil no campo da História que se distancia da pretensão de uma história científica respaldada pelas ciências naturais e matemáticas. Contexto e desdobramento fecundo para a emergência da chamada Nova História (ou História Cultural ou Nova História Cultural) surgida nas décadas finais do século XX na França com a terceira geração dos *Annales*¹¹. A partir deste percurso, as condições gerais do trabalho historiográfico parecem se orientar em algumas prerrogativas: 1). Não se busca mais por uma história acabada que encerra questões do passado; 2). Os dados históricos não falam por si; 3). Admite-se a subjetividade (criativa) do historiador no processo de construção da (sua) narrativa historiográfica. Ora, tomadas como premissas, 1, 2 e 3 não levam à conclusão de que se abandona a empreitada pela busca da verdade. Mesmo que essa “verdade” seja “parcial, imperfeita, por vezes insatisfatória”, e os próprios documentos (ou fontes) “não” possam “assumir um sentido qualquer”, ocorre que “nem por isso” o ofício do historiador tenha que se abdicar “de sua verdadeira ambição, que é a de dar sentido aos processos históricos” (BOUTIER; JULIA, 1998, p.51).

¹¹ A chamada “Escola dos *Annales*”, trata-se do periódico inicialmente lançado com o nome “*Annales d’histoire économique et sociale*” em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, e, com a morte de Febvre em 1956, assume a direção dos *Annales* Fernand Braudel (LUCA, 2014, p.142-3). O que nos interessa é que desde final da década de 1960 uma nova geração, a terceira, irá desenvolver trabalhos sob a cunha da “*nouvelle histoire*” envolvendo temas até então inovadores como casamento, família, sexualidade, mulher, infância, morte, saúde, doença, cultura popular, imaginários (RUST, 2008, p.48). E mais: trabalhos sobre inconsciente, práticas culinárias, corpo, festas, cotidiano, “enfim, uma miríade de questões antes ausentes do território da História”, possível devido ao intenso diálogo com outros campos das Ciências Humanas como “a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica” (LUCA, 2014, p.112-113). Dentre os historiadores desta terceira geração destacam-se: François Furet, Georges Duby, Jacques Le Goff, Jacques Revel, Michèle Perrot, Mona Ozouf e Pierre Nora (LUCA, 2014, p.143).

§73

Um historiador como a figura deste Édipo tornado a **ser** TERCEIRA VIA, embora tenha contra si palavras divinas ou dos próximos à divindade (monumentos chamados jornais, monumentos chamados especialistas), tem, contudo, a seu favor coisas visíveis, as provas de que precisa para dizer um algo verdadeiro. Apenas precisa lembrar e proclamar, constatar e prescrever o que **aconteceu**. Trabalho eminentemente prático: História e Filosofia Práticas. Assim, entendo que o ofício do historiador deste tempo, depois de uma feliz abertura ao diálogo (que continua em expansão) com as demais áreas das Humanidades, pode AGORA enfrentar com calma e decisão RETORNO ao campo da Filosofia. Que meus comentadores avaliem se sou feliz nesta empreitada. O que importa é que coloco como meu dever estabelecer aqui um diálogo da Filosofia na História. Daí se seguirá por um terreno possível donde a tal **história efetiva**, anunciadas por Nietzsche e Foucault, possa a partir da emergência dos **acontecimentos**, ser mais bem apreendida como sentido histórico.

§74

Para tal desenvolvo uma linha argumentativa um tanto errante, marginal. Peço um pouco de paciência ao meu leitor. Não trabalho a partir de filiações, um modo de pensar que segue ordens, discursos, exclui o que não é do grupo (de controle e que controla). Sigo minhas intuições. Assim uso ideias de autores com o propósito de elaborar uma concepção que me é cara: pensar a história como acontecimento. Ou mais explicitamente: apontar a transformação do fato histórico em acontecimento. Para tal desdobrarei certa ontologia, ou metafísica para pensar os jornais, periódicos e similares. Sei também que não será facilmente aprovada pelos especialistas filósofos. Mas isso certamente não impede de seguir com o pensamento. De todo modo, esta etapa é fundamental para o salto que permite ler estes objetos da cultura em sociedade em variadas formas de análise. Ao final desta empreitada que argumentos (re)coloquem potencialidades para analítica dos jornais, periódicos e similares, estas “enciclopédias do cotidiano” que contém “registros fragmentários do presente”, entre “interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2014, p.112).

§75

No seu conjunto trabalho com argumentos que visam uma ontologia sobre a natureza destes **entes** no mundo sócio histórico. Afinal de contas, é possível fundamentar um estudo dos periódicos por eles próprios e aquilo que se lhe atribui em si mesmo? Antes de avançar nesta questão, precisamos trabalhar sobre fatos históricos. Encontrei diversas notícias em jornais anunciando uma dada prática de diversão, e, dias depois comentando, na maior parte das vezes, que devido ao clima aquelas não puderam ser realizadas. Algo corriqueiro em nosso tempo. Combinamos algo e o que temos é sempre a promessa de que pode se realizar. Vamos trabalhar um pouco com o concreto.

§76

A chamada no jornal “A Gazeta Catharinense”, em 28 de setembro de 1909 apontava que devido ao mau tempo não houve comparecimento de um artista como previsto, mas:

A distinta diretoria do [Club] [...], porém sempre solícita e incansável, conseguiu preencher o espaço aberto pelo não comparecimento [do Sr. tal], substituindo-o por dois números de músicos [Sr. Fulano e Sr. Ciclano], os quais, com a melhor boa vontade, prestaram o seu concurso no concerto. **Foi, em verdade, uma festa belíssima** o concerto [em tal Club] [...]. Para maior realce concorreu o **bom gosto** de grande parte das senhoras e senhoritas, no arranjo das custosas *toilettes* [...] Já que a nossa pena profana [,] embora, nos levou a estes detalhes, seja-nos permitido lembrar a Diretoria que trabalhe por não permitir que a *meninada* seja presente aos concertos [em tal Club] [...]. Regra geral **as crianças em nada se divertem. Estão deslocadas** (grifos em negritos meus, destaques em itálico do autor).

§77

Ora, o que este Jornal nos aponta é condição para iniciar a prática do acontecimento na história. A questão da falta do Sr. Tal, bem como a substituição dos outros Srs. não é nossa. Colocamos, por outro caminho,

questões que contribuem para compreender a função dos jornais na cidade. Função política e moral parece ser mais facilmente identificada. Afinal de contas palavras apontam entes no mundo, e marcam pelo poder de sua magia tipos de colagens em corpos. Nesse sentido o “bom gosto” das “senhoras e senhoritas” que tão competentemente arrumam as “*toilettes*” reforça um jogo de distinção social. Palavras estrangeiras para ajudar a distanciar cada vez a condição de nascido em Desterro. Não seria esta a empreitada daquele grupo de editores do Primeiro Jornal no Brasil, a saber: separação de uma dada origem lusitana? Talvez não seja tão desproposital sugerir, sobre a época que esta Tese analisa, que a proliferação de palavras estrangeiras, sobretudo francesas e inglesas (ainda não estadunidenses) parece contribuir, ou melhor, participar de uma ideia que, a rigor já existia mesmo antes do grito da proclamação da Independência (1822): separar-se dos irmãos portugueses. Mas acelerando a história já sabemos que o que se deu foi justamente uma maior condição de subalternidade. Ideia que não se realizou? Repare, caro leitor, que mesmo com a proclamação da república (1889) o que se deu foi justamente maior condição de dependência (social nos costumes, econômica na Política, e hoje mais intensamente tecnológica nas práticas de si). Que mal há em antecipar uma forte conclusão da Tese. Entendi necessário para colocar um fundamento: para tomar maior densidade na materialidade (aquilo que intuitivamente e de forma muito rápida entendemos como mundo real), precisa de trabalho. Que promove maior alargamento no espectro por onde circulam, ou, que a rigor **participam** de ideias, de coisas, de formas, de hábitos, de lembranças. Portanto, o trabalho de produção de hábitos só se dá na participação. E, quanto maior o trabalho, maior a participação (há uma reciprocidade entre trabalho-participação), e, logo, mais rápido e acelerado muda-se de hábito. Peço desculpas, pois o termo hábito ainda está muito mal colocado. O que importa destacar é que os jornais apontam indícios da tal memória de longa duração (costumes, tradições).

§78

Mas há mais. O jornal declara, prescreve. Então, a verdade declarada pelo declarante, o deus-jornal na figura do cronista trata-se tão somente de um dizer de si verdadeiro. Não se pode tomar ingenuamente a verdade deste deus como a Verdade naquele mundo sócio histórico. E, no entanto, o “bom gosto”, termos estrangeiros, e a “verdade” declarada

participam como ideias proclamadas em relação com outras ideias daquele mundo. Exposto isso, coloco algumas questões para pensar fatos históricos: Se não ocorreu serve para estudar? Qual a verdade, do dizer verdadeiro de si, apresentada pelos jornais? O jornal produz crença? Detêm uma Verdade oculta para se revelar?

§79

Para uma crítica da verdade dada, naturalizada. Algo que Foucault naquela conferência no Rio em 1973 já nos deixava como herança de seu pensamento ao apresentar um dos eixos de sua pesquisa, a saber: que o sujeito humano dotado de um conhecimento prévio e definitivo seria tão somente produto da história das práticas sociais, econômicas e políticas de sua própria condição de existência, de modo que se há uma história do conhecimento e da verdade, trata-se da história da “relação do sujeito com o objeto, ou, mais claramente [que] a própria verdade tem uma história” (FOUCAULT, 1973/2002, p.8).

§80

E retomando os ditos dos jornais, nos interessa que desde sempre há na cidade a figura do cínico atualizada: “dizer-a-verdade sobre si mesmo”, pactuado na “aleturgia”, que se trata do ato pelo qual a verdade se manifesta (FOUCAULT, 1984/2011, p.3-22). Percebam que nos fragmentos apresentados, temos certa aleturgia. Isso é importante de não ser esquecido. Mas voltemos ao Pensador, que apresenta “aleturgia” no Curso de 1980 “O governo dos vivos”. Tal noção é cunhada a partir de *alethougés*, palavra fictícia de *althourgia*, que podemos chamar por “aleturgia”: manifestação da verdade, e, trata do conjunto dos procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais algo é posto como verdadeiro, e, em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento (FOUCAULT, 1980/2009). Há sim uma busca da Verdade por algum agente no mundo. E, embora seja a Verdade, ela mesma, um horizonte, ou uma pescaria, importa saber nas fontes o possível sobre a verdade como efeito do dizer (que se é sempre sobre si então possui carga moral). Por isso as artes em geral são formas de dizer-verdadeiro por excelência. Mas não está apenas lá. Os jornais, a figura do TERCEIRO, ou Édipo, ou crianças que brincam, enfim, todos dizem-a-verdade sobre si. E cada qual busca a Verdade do jeito que dá. Então, aos fatos brutos encontrados nos jornais podemos agora, colocar

nossa busca no nível dos procedimentos, quase rituais, que produzem a verdade nos sujeitos.

§81

O ATO pelo qual a verdade se manifesta está sempre no mundo. *Bricoleur*, trabalho instrumental e de magia com os recursos disponíveis, estes elementos heteróclitos e concretos, a maioria resíduos das obras humanas, para fazer ver os acontecimentos. Para tal, Foucault (1984/2011) indica que deixemos de lado as estruturas epistemológicas e analisemos as formas **aletúrgicas**. Isso é muito importante, mas, não creio que ainda convença.

§82

Encontro um diálogo de Platão, “Mênnon”, considerado dentre os especialistas como um diálogo de transição, isto é, situa-se entre uma fase mais jovem e uma fase mais madura dos escritos do Filósofo. Neste Diálogo, dentre outras questões, apresenta o tema da ciência e da opinião. E isso me interessa para ajudar com as questões em curso: da produção da verdade, do conhecimento, da opinião nos jornais. Em suma, que o tal Diálogo nos ajuda com a questão: analisemos as fontes dos jornais em sua estrutura epistemológica ou em suas formas de dizer verdadeiro?

§83

Estão Sócrates e Mênnon em uma praça pública de Atenas (PLATÃO, 1954, 97¹², destaque em itálico do Autor, grifos em negrito meus).

SÓCRATES: - **Suspeito**, caro Mênnon, que ambos **não passamos de fracos raciocinadores**, e que mal aproveitamos as lições que recebemos, tu, de Górgias, e eu, de Pródico¹³. **Por isso**

¹² Sempre que em um texto dos filósofos antigos houver a numeração que estabeleceu a ordem do mesmo, a utilizarei logo após o ano da edição que disponho. Pois, creio que facilita o acesso a numeração estabelecida do texto e não da página da edição que tenho (cada um tem a sua e a internet tem quase todas).

¹³ Górgias e Pródico ambos são considerados sofistas. Mais adiante esta palavra se fará presente.

devemos, antes de tudo, voltar a atenção sobre nós mesmos e procurar alguém que de qualquer forma nos torne melhores. Pois agora reparo – como isso é ridículo! – [...] **nos esquecemos por completo de que não é exclusivamente a ciência que nos dirige no bom êxito de nossas ações!** Foi por este motivo, sem dúvida, que não conseguimos descobrir o modo como se fazem os bons homens.

MÊNON: - Que queres dizer, Sócrates?

SÓCRATES: - Eu me explico: **estamos de acordo em que os homens bons devem ser capazes de fazer uma obra útil, não é?**

MÊNON: - É.

SÓCRATES: - Concordamos, também, em que esses homens são úteis, se são capazes de bem cuidar de nossos interesses?

MÊNON: - Exatamente.

SÓCRATES: - Isso, **porém, não nos leva a afirmar que só cuidam bem de nós aqueles que são guiados pela ciência?**

MÊNON: - Que queres dizer?

SÓCRATES: - Isto: se alguém, que conhece o caminho que leva a Larissa, ou a qualquer outra cidade, se põe em marcha e para lá conduz os viajantes – não diremos que os conduziu bem?

MÊNON: - Sem dúvida!

SÓCRATES: - E se um outro, que nunca lá foi, sem absolutamente conhecer a rota, não obstante a encontra, por uma conjectura, por uma *opinião* – não diremos da mesma forma, que esse também para lá os conduziu corretamente?

MÊNON: - Como não!

SÓCRATES: - Assim pois, enquanto suas conjecturas são exatas ele será, com sua *opinião*, tão bom guia como o outro com sua ciência.

MÊNON: - Exatamente.

SÓCRATES: - Logo, **a opinião verdadeira não é pior guia do que a ciência** no que diz respeito à justeza das ações – **e foi justamente isso o que olvidamos [esquecemos] quando fizemos a análise das qualidades da virtude.** Dissemos, então, que só a ciência, que só

o juízo produz boas obras; agora sabemos que **a opinião acertada também possui o mesmo privilégio.**

MÊNON: - Manifestadamente.

SÓCRATES: - **A opinião certa não é menos útil, pois, que a ciência.**

§84

Esta numeração do Belo Diálogo (97) parece ter sido menos estudada do que a seguinte, na qual começa com a **infeliz conclusão** de Mênon a Sócrates de que há, sim, uma diferença entre opinião e ciência: “Caro Sócrates: a opinião certa é menos útil do que a ciência, **pois quem tem a ciência acerta sempre**, ao passo que está sujeito ora a acertar, ora a errar, quem possui apenas uma opinião certa” (PLATÃO, 1954, 98, grifos meus). Parece que essa folha foi mais copiada, mais interpretada na história do mundo de cultura, sócio histórico do que a fala anterior. E tem mais (grifos meus).

§85

SÓCRATES: - Que dizes? Quem possui uma opinião certa acertará tanto quanto perdure essa opinião?

MÊNON: - Forçosamente. Mas, então, admiro-me e não consigo explicar por que razão se coloca a ciência em um plano mais elevado do que a opinião certa, e, mesmo, por que se faz distinção entre uma e outra!

SÓCRATES: - Sabes de onde vem a tua perplexidade? Ou queres que eu diga?

MÊNON: - Sem dúvida quero.

SÓCRATES:- É porque não observaste bem as estátuas de **Dédalo**. Ou, talvez, não tenhas tais coisas em tua terra¹⁴?

¹⁴ Segundo a nota explicativa do tradutor do diálogo, Paleikat (1954, p.102), Dédalo é um personagem da mitologia “que teria sido arquiteto construtor das velas de navios”, e, “as estátuas de Dédalo, a que Sócrates faz referência designam as estátuas de um novo período da estatuária grega, de tipo liberto dos cânones das xoanas primitivas”. Perceba-se aí, caro leitor, que na idade do mito a verdade é uma opinião que não se discute. Diferentemente do novo período da estatuária, momento do *logos* que iria estabelecer na história da produção da verdade, o *logos* como condição natural do ser humano. Mas, retomando ao

MÊNON: - Por que te referes agora às estátuas de Dédalo?

SÓCRATES: - Porque elas, **se não forem amarradas, escapam e fogem; mas, amarradas, ficam.**

MÊNON: - E daí?

SÓCRATES: - **Daí que possuir uma obra de Dédalo sem tê-la encadeada é como ter um escravo fujão: é não ter nada, é ter algo que nada vale, porque, livres, ambos fogem – mas uma estátua bem atada vale muito, porque grande é sua beleza.** Por que me referi às estátuas de Dédalo? Com que intenção? **Pensando nas opiniões certas. Pois estas, da mesma forma, enquanto permanecem, valem um tesouro e só produzem o que é bom; mas não consentem em permanecer muito tempo na alma do homem, e não demoram muito a escapar, a fugir – o que faz com que não tenham muito valor até o instante em que o homem as amarra, as encadeia, as liga por um raciocínio de causalidade.** Ora, caro Mênon, não faz muito que ficamos de acordo em que **a reminiscência oferece esta base racional.** E assim, pois, quando as opiniões certas são amarradas, transformam-se em conhecimento, em ciência, **e, como ciência, permanecem estáveis.** Por esse motivo **é que dizemos ter a ciência mais valor** do que a opinião certa: **a ciência se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional.**

MÊNON: - Por Zeus, Sócrates, como é interessante o que dizes!

SÓCRATES: - **Todavia, não pretendo saber isso de ciência certa; falo por conjectura, por opinião.** Mas que a opinião certa e a ciência são coisas bem distintas, é coisa que me parece muito mais que uma simples conjectura! E se há,

Dédalo de que Sócrates nos diz, este “teria sido o primeiro a apresentar o nu na escultura e as suas estátuas denotavam já uma atitude de marcha, o que se opunha à imagem estática da plástica primitiva” (PALEIKAT, 1954, p.102). O anjo da história sempre soube que a marcha para o progresso é tão somente a idade da razão.

aliás, algumas coisas que eu creia de fato saber – e não sei muitas – essa é uma delas.

MÊNON: - Tens razão, Sócrates!

SÓCRATES: - Com razão também estaremos, parece-me, se afirmarmos que a opinião certa, quando faz o papel de guia na realização de uma obra, produz os mesmos resultados que a ciência; não achas?

MÊNONS: - Sim.

SÓCRATES: - Sim, e com a mesma razão ainda podemos afirmar que **a opinião certa na vida prática não é nem pior nem menos útil do que a ciência, e que um homem de opinião certa não é inferior a um que possui a ciência.**

§86

No personagem que o antigo Pensador cria (Sócrates), é menos a correspondência do conhecimento entre crença-verdade-justificação, do que o diálogo entre ciência/conhecimento/saber e opinião. Percebam que ciência aqui, no Diálogo, como sinônimo de conhecimento e de saber, ainda não possui a mesma dimensão da ciência de nosso tempo. Mas, e isso é muito importante, ambas as ciências, antiga e atual possuem em comum uma herança da definição a partir do “raciocínio de causalidade”. Retornando ao Diálogo, o que Sócrates destaca em seu argumento é justamente a conclusão de que numa “vida prática”, é indiferente quanto aos resultados quando estes simplesmente “acertam o alvo”. **O saber então (na vida prática) é efeito, não causa.** Peço leitor, que guarde isso: SABER É EFEITO (e não causa). Não somente, o PODER também é EFEITO. Por isso toda discussão que os tomam (saber e poder) como um amuleto, uma substância para se apreender é e será sempre frágil. E, ambos (saber e poder) se correspondem. Ademais, os critérios que estabelecem causalidade sempre são arbitrariedades das mais motivadas e com as melhores das intenções. Logicamente que opinião (**doxa**) e conhecimento (**ciência**) não são do mesmo tipo, mas, e espero não ter que me demorar mais ao insistir: **partilham do mesmo efeito.** Efeito que produz verdades. Logo, abandone-se a busca pelas estruturas epistemológicas. E, que soltemos, pois, as estátuas de Dédalo! O conhecimento, o saber está, acreditem, em muitas outras formas e realizações. Mas, por ora, guardemos este Diálogo, Belo em sua natureza. Que será retomado muito mais ao longo do próximo Platô e, nos Atos da Tese. Retornemos, então, à questão sobre as formas de dizer

verdadeiro (*aleurgias*). Tem-se então a veridicção que advém de ritual, uma forma que tem como finalidade atingir a função. Formas, portanto, produzem veridicção não pelo em si que carregam, uma verdade multiplicada por tantos agentes e escreventes, mas, pelo trabalho de participação em dada ideia (grupo, família etc. e tal). Portanto, é a própria operação/função o fim da forma. Embora isso se pareça com um argumento circular, não o é. Peço um pouco mais de paciência.

§87

Pois, não é uma questão que trabalho acerca da opinião ou conhecimento dos jornais. Penso de outro modo, numa análise dos periódicos como efeito do saber e do poder. A constituição de individualidades e de subjetividades não é possível de ser medida pela quantidade de folhas lidas, tintas gastas, tempo de recepção das informações dos periódicos. E mais, há nos jornais no curso do tempo, significativo aumento de seu número de páginas e das narrativas, as mais variadas: técnicas, científicas, dramáticas, coloquiais. E, finalmente, a forma-ritual do dizer verdadeiro dos jornais produz veridicção não apenas pelo em si materializado na escrita iconográfica (desenho da forma), afinal de contas jornais produzem imagens. Explico: A imagem produzida pelo hábito, pela leitura do jornal não se reduz ao em si da coisa lida, nem do significado (este conceito expresso na grafia no caso do papel, ou do som caso fosse oralidade nossa prova), nem do significante (o conteúdo propriamente dito na parte física apropriada). Portanto nem pelo significante, nem pelo significado, nem pela estrutura, e nem pela técnica se tem a totalidade da coisa que se expressa pela coisa expressada. Em suma: o jornal fala mais sem saber. E, os leitores sempre leem mais do que acham. Mas, entre o jornal falar e o leitor receber há certo descompasso. É que se demora certo tempo para que tal ou qual ideia comece a encarnar em toda sua forma. A menos que seja acelerada por uma espécie de **efeito onda, eco** como produto político no qual técnicas diversas são empregadas visando atingir tal efeito (de saber e de poder) para a verdade. É preciso, pois, pensar numa dinâmica como a situação no, pelo e através do ritual. Ritual ou aleturgia dos jornais entre os acontecimentos da cidade. E tanto tal forma aletúrgica quanto a verdade em seu efeito precisam de tempo para encarnar como hábito. Por isso, novamente repito, demora-se algum tempo para a ideia encarnar em toda sua forma. Nesse sentido, parece ser mais interessante tomar as análises dos periódicos como trabalho de

participação, a rigor, de um **ritual** que produz entes entre tantos outros já encarnados na multiplicidade do mundo sensível. Dessa forma, a antiga questão da produção da verdade para o sujeito é recolocada no âmbito dos modos de veridicção (esse dizer a verdade sobre si), das técnicas de governo e das práticas de si. Potência para o pensamento que busca compreender emergências de dadas práticas (de diversão). O que por sua vez pode contribuir com a tomada de consciência histórica sobre modos de constituição do sujeito a partir das práticas de diversão na(s) cidade(s).

§88

Numa entrevista de 1973, envolvendo Felix Guattari, Gilles Deleuze e Michel Foucault ideias nos auxiliam. Não há uma cidade em si, “mas uma constelação de cidades” (Guattari), e, para pensar a Cidade Foucault propõe três funções: 1. “Produzir Produção”. 2. “Produzir demanda”; 3. “Ajustar a produção da produção e a produção da demanda” num “poder de normalização e tipo de normalidade” (FOUCAULT, 1973/2012b, p.81). Nestes termos a Cidade parece ser um efeito que procura ajustar, controlar ou mesmo apagar outras cidades possíveis, tendo em vista o ajustamento necessário (produzir, demandar, normatizar). Então, ao jornal, cumpre uma **função** na sociedade, e, que é esta função a própria **natureza** do jornal na **sociedade: o fim da forma ou hábito que encarna**.

§89

Relembrem, no jornal “A Gazeta Catharinense”, os ditos sobre diversão oficial que pedem para silenciar crianças que estão deslocadas daquele mundo de distinção, estavam na página 4. Isto numa época em que os jornais não tinham mais que entre 4 a 6 páginas, portanto, quase no final. Portanto, os ditos participam da forma pela função que se cumpre. Então jornais são forma, são hábito, enfim, uma potente fonte para se pensar a cidade e seus acontecimentos. Algo que a pesquisadora Luca (2014, p.140, grifos da autora) já havia destacado:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso **dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa**. Entretanto, ter sido publicado implica **atentar**

para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias: trata-se, por exemplo, da seção “política nacional” ou da “policial”? (Já se mostrou como greves e movimentos sociais são sistematicamente alocados na última.) O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte? Em síntese, **os discursos adquirem significados de muitas formas**, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam. A ênfase em certos **temas**, a **linguagem** e a **natureza do conteúdo** tampouco se dissociam do **público que o jornal ou revista pretende atingir**.

§90

Estas palavras são importantes e tomarão mais força ao longo dos Atos da Tese. No entanto, preciso repetir alguns destaques, agora meus. Peço atenção aos termos e sentenças: “espectro”, “alguma coisa”, “acontecimento”, “local em que se deu a publicação”, “hierarquias”, “os discursos adquirem significados de muitas formas”, “procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam”, “ênfases em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (idem). Começaremos agora a entrar na Metafísica, Que Zeus nos ajude!

§91¹⁵

Há uma ciência que estuda o ente enquanto ente e aquilo que se lhe atribui em si mesmo (ARISTÓTELES, 1003a 21).

§92¹⁶

¹⁵ Este parágrafo e boa parte da inclinação metafísica na Tese só existem graças as minhas anotações das aulas do professor Nazareno de Almeida (2014a, 2014b). E, principalmente com sua ajuda nos preciosos diálogos além-aula, e, nos comentários da versão anterior deste Platô.

Como nossa pretensão é tratar do SER então precisamos apresentá-lo mediante suas possíveis chaves interpretativas. O termo **ser** advém do grego antigo “*to on*”, de modo que vários sentidos podem ser dados: 1) **sentido existencial**, no qual o verbo ser atua como “predicado verbal”, como no ex.: “S é”; 2) **sentido predicativo**, copulativo, ligação, como nos exemplos: “P se diz de S”, “P pertence a S”, “P se predica de S”, “P é uma propriedade de S”; 3) **sentido de identidade**, de definição, como no exemplo tautológico: “S é S”; 4) **sentido eventual**, locativo ou contingencial a ver com dada ocorrência em dado lugar, como nos exemplos: “S ocorre como P”, “S acontece em P”, “S acontece como P”; 5) **sentido temporal** a ver com dada ocorrência no tempo, como nos exemplos: “S era P”, “S é P”, “S será P”; e, finalmente, 6) **sentido veritativo**, no qual se assume dada verdade, como no exemplo: “É verdade que S é P”.

§93

Assim, e retomando a citação de Aristóteles em §91 que há uma ciência que estuda o ente enquanto ente e (que pode ser tanto sinônimo se lido como conectivo disjuntivo, quanto acréscimo se lido como conectivo de conjunção), daquilo que se lhe atribui em si mesmo, como mote de nossa discussão. Percebam que não é tarefa nossa andar pelo terreno que põe justamente a Filosofia em risco. No entanto, com os aprendizados junto a metafísica que trata de tal universal (da Ciência que estuda o ente por si mesmo e das propriedades que lhe atribuem por si mesmo), permito-me transitar entre esta (que se pretende universal), e o particular daquilo que se deu por acidente. A rigor, se fui claro anteriormente, o diálogo é injusto com a ideia do historiador e suas fontes, pois, pretendo colocar a particularidade dos fenômenos constatados, a partir dos fatos que disponho das fontes, como entes no mundo em suas propriedades de ser. Por isso metafísica dos jornais e dos periódicos não se encerra nas fontes, nem no ofício do historiador e tão pouco na história.

§94

Em §87 foi exposto que há um desenho da forma para além da própria estrutura intrínseca do jornal (significado, significante, técnicas

¹⁶ Cf. ALMEIDA (2014b).

e procedimentos tipográficos e de ilustração). Não que estes não sejam importantes para analisar jornais. Mas, como acontecimentos são insuficientes. Para avançar, precisamos compreender um pouco de Metafísica. Desde os pensadores antigos até os medievais termos como lembrança, ideia, forma, hábito, função e operação foram pensados em termos metafísicos. Aqui, fico apenas com “hábito”.

§95

Surrado e enfraquecido da sua potência analítica. **Hábito** – na “Ética a Nicômaco” Aristóteles (1978) é um dos sentidos para *héxis* (*éxis*), termo que denota **estado, característica, hábito, disposição**. No entanto, a passagem do *héxis* para o latim (*habitus, habitude*) e para o português (hábito) deixou escapar um importante elemento do Filósofo, a saber: **possessão estável**. (ARISTÓTELES, 1978, 1138b, 32-34).

§96

Eis nossa chave para de fato entrar na ontologia ou ciência primeira das coisas (metafísica). Há um processo, uma dinâmica tal das coisas que já encarnaram antes de nossa chegada ao mundo como nascituro. O fato de nascermos apenas nos coloca como mais um ente na participação. Quando Platão (1972b) confere algo especial ao ser, podemos apontar ao menos quatro possibilidades interpretativas, a saber: 1) o ser de que Platão trata encarna parte dos outros *genos* (gêneros), mas, não se reduz a eles, e, no entanto, só existe junto com eles e na participação; 2) o ser de Platão só aparece no mundo pela contingência; 3) há um SER que já está nos demais gêneros, mas, que não se revela totalmente; e 4) o ser platônico é especial por natureza e, por isso se envolve, mas não se mistura; Ora, à exceção desta última (4), que parece ter sido o abuso de uma leitura cristã que coloca o ser humano à parte, e, por isso mais especial que quaisquer outros entes, entendo ser possível uma resolução de 1, de 2 e de 3. Para isso, **a chave está no hábito, e, na participação**. Como forma encarnada e estável o hábito é um processo de posseção de algo. Mas não sabemos o que é até que seja realizado em Ato. Além disso, hábito não nos serve como segunda pele (que foi e continuar a ser o caminho de muitos pensadores), mas, como aquela ponte que participa de algo que ainda não se fez (re)lembrar.

§97

Atenção: toda essa argumentação não visa em absoluto justificar crenças de cunho religioso ou espiritualista. Trata-se de um caminho que aponta para a possessão estável de coisas (algos) que já fazem parte do mundo em sua imanência antes do nosso próprio nascimento. Há uma dinâmica do abstrato e do mundo para o concreto no mesmo mundo. E tal dinâmica embora não se reduza à materialidade dos jornais, eles mesmos, em sua forma encarnada de alguma ideia contribuem para que outros acontecimentos tomem forma em algum evento desdobrado. Portanto, há um jogo visível na materialidade pelos acontecimentos-concretos. Por isso hábito é o Ato, a realização de alguma dinâmica envolvida entre abstração e concretude. E para torná-lo aparente na sua própria dinâmica é que se tem o importante trabalho de memória operado pelo historiador. Feitas as devidas ressalvas, e retomando a chave de compreender o ser no hábito, tem-se que o ser só existe junto do gênero (1); porque o ser passa a ser alguma coisa na entidade, no acontecimento que o atualiza (2); e porque na existência no mundo há duas formas (e penso que não mais), duas formas-hábitos que permitem lembrar-se de algo: a) das coisas que já encarnaram no mundo pelas obras do ser humano; e b) das coisas que já encarnaram no mundo como obras além do ser humano. Em ambas (a e b) é possível rememorar a entidade do SER (3)? Essa questão será considerada a partir das análises das práticas de Diversão na Cidade.

§98

A rigor temos como condição fundamental a participação entre os entes no mundo e a formação do hábito (e a intuição precisa estar atribuída da participação para que as coisas possam vir). Repito, caro leitor: esta é minha leitura, não mais de Platão, para ser comentador, mas, de **como as coisas vem a ser no mundo imanente**.

§99

Posse de algo (hábito) que praticado, repetido, forma no próprio ritual o dizer verdadeiro de si. Relembrem: é da ordem da participação, que permite toda sorte de associações. Um capítulo de algum outro texto que nos faz rememorar a atualidade da leitura, uma estrofe próxima daquela a qual se está escutando. Em suma, a participação está para além da mente interna do sujeito dotado de um núcleo estruturado, pois é improviso puro na surpresa que é própria da apresentação.

§100

Ora, se conseguimos provar, com o aporte diacrônico da leitura dos fatos históricos, que os acontecimentos encarnam a partir de um jogo, um ritual que produz nas palavras encantadas dos jornais, periódicos e afins EFEITO do saber e do poder, incidindo como ECOS nos corpos, então, podemos sustentar que **o acontecimento encarnado é o que irá produzir novas formas de hábitos**. Acontecimento ainda não encarnado é tão somente aquela entidade que já está no mundo, porém, sem que os viventes ainda tenham produzido este, como sua verdade. E, no entanto, há um trabalho de participação para que o novo hábito se realize. Ato de alguma obra no mundo. Para uma cultura do banho de mar existir, por exemplo, tem-se que investir e mobilizar forças para sua efetivação no concreto chamado real. Dito de outro modo: para nova forma de **hábito, tem-se que tomar posse da Forma em Ato encarnada**.

§101

Mergulhado nos fatos históricos de uma cidade me encontro inserido entre acontecimentos. Acontecimentos, palavra miserável que desde os trabalhos de Michel Foucault e de Gilles Deleuze rondam por entre os bancos da academia. Infelizmente, ainda como **quase-pensamento** neste mundo herdeiro de um iluminismo, de uma escolástica, da escola peripatética de Aristóteles. Miserável é aquilo que revela um estado de pobreza. A pobreza em questão se traduz num texto de Foucault chamado “*Theatrum Phylosophicum*”, de 1970, espécie de comentário do pensador acerca dos recém-lançados textos de Deleuze “Diferença e Repetição” e “Lógica do Sentido”. Como “O que É um Autor” não se reduz ao mero jogo da “função-autor” donde se constrói certo ser de razão através de uma operação ainda muito próxima da exegese cristã (FOUCAULT, 2001), que deixemos entrar certo esquecimento a fim de fazer aparecer uma **expressão do em si como autor**. Por isso Foucault não foi apenas comentador de Deleuze. E, para nossos fins, ficamos com apenas uma parte das questões daquele texto que a rigor Foucault tanto comenta quanto **se expressa**. Trata-se de apresentar a miséria da “Filosofia da Representação”. O conceito mata a diferença.

§102

É preciso que cada nova representação seja acompanhada de representações que revelem todas as semelhanças; e, nesse espaço de representação (sensação-imagem-lembrança), o semelhante será submetido à prova da equalização quantitativa e ao exame das quantidades graduadas; o imenso quadro das diferenças mensuráveis será constituído. [...] [e] no ponto zero, encontramos a semelhança perfeita, a exata repetição. A repetição que, no conceito, era somente a vibração insistente do idêntico, torna-se na representação o princípio de ordenamento do semelhante. Mas *quem* reconhece o semelhante [...]? O bom-senso. [...] É o bom-senso que reina na filosofia da representação. Pervertam os bom-senso. [...] É preciso pensar o pensamento como intensa irregularidade. **Dissolução do eu** (FOUCAULT, 1970/2013b, p. 254-5, grifo em negrito meu, grifo em itálico do autor).

§103

Parece que Deleuze, Foucault, e tantos outros que ainda não sei, leram com esmero o trabalho de Émile Bréhier (1876-1952), um “robusto” historiador da filosofia visto que transitou entre antigos, modernos e orientais, que publica sua tese de doutorado em 1908, “A teoria dos incorporais no antigo estoicismo”¹⁷. Para nossos fins importa que o texto de Bréhier permite toda uma sucessão de comentários e críticas que, no limite, contribuem com a retomada atual das questões dos “incorporais” no estoicismo. Não se fala de um sem abordar o outro. Há também a questão cara para estes antigos que é a afirmação de que “Tudo o que existe é corpo”, o que significa que a causa “é um corpo, e o que sofre a ação dessa causa” (*Tò páskhon*) “também é um corpo” (*Pân to drôn é kai poiôn soma*), que se traduz como “corpo [é] tudo aquilo que age ou atua” (BRÉHIER, 2012, p.23). Com isso, e apoiando-se em Brunschwig (2006, p.233), os estóicos possuem uma noção de corpo alargada pois tomam como critério a dinâmica (*dýnamis*) “de agir ou sofrer ação”.

¹⁷ Vem a lume em português através do trabalho de Fernando Figueiredo e José Pimentel (2012).

§104

Dynamis: capacidade ativa e passiva, daí se refere tanto à potência quanto à potencialidade (PETERS, 1983, p.58). Destaca-se que os estoicos concebem na dinâmica uma “força vital” na qual “todos os seres estão ligados pelas afinidades da *sympatheia*” (idem, p.60). Segundo Peters (idem, p.60-1), estas “*simpatéticas dynameis* não são, nesta fase, mágicas, mas em breve passam a sê-lo sob outras influências”. Certamente Benjamin, Huizinga e Foucault em suas pesquisas, e em outras épocas, conseguiram ver também atualização do poder da magia e da simpatia. Parece-me que temos aí o complexo tema da mimesis. Na perspectiva benjaminiana a **mimesis** não é mera imitação, mas capacidade de **reconhecer e reproduzir semelhanças**. Por isso entendemos que permite (re)apresentação, de um dado conteúdo deste “dom de perceber similitudes”, desta “capacidade mimética”, nas palavras de Benjamin (1970, p. 49), de “assimilar-se e de conduzir-se de acordo”. Portanto, e ao que nos interessa, a dinâmica possui alguma relação de vínculo com alguma afinidade (simpatia). E isso é muito importante, sobretudo quando focarmos uma prática específica de diversão, o PIC NIC do Catarinense, em Florianópolis.

§105

Novo recomeço da Tese. “: - Caro leitor, você é este corpo que tem fome?”; “: - Você se vê neste corpo que passa calor no verão?”; “: - Você se reconhece no medo de morrer se faltar ar?”; “: - Você se lembra das suas velhas memórias?”; “: - Caro leitor, tudo isso são seus corpos”. O um formado por todas as contingências. Acontecimentos vividos, guardados em algum lugar, e, que operam certa dinâmica através da magia da semelhança. Assim, tendo como fundamento a metafísica estoica que não reduz a “classe de seres genuinamente existentes a corpos ordinários tais como mesas ou árvores”, utilizando como tal o critério “ação-paixão”, temos a ampliação da classe de seres existentes corpóreos até as entidades imperceptíveis (BRUNSCHWIG, 2006, p.234). Dessa forma o argumento do que é corpo para os estoicos se completa, i.e., estes entendem que “alma”, “virtudes morais” e mais geralmente todo tipo de “qualidade” são “corpos”, visto que satisfazem “o critério ação-paixão” (idem). Segue-se que a partir de AGORA, nesta Tese tomamos o sentido estoico de corpo. **Corpo**: memória, intelecção,

sentimentos, emoções, percepções, enfim, todo tipo de efeito decorrente da ação-paixão.

§106

Mas não para por aí. Tem-se por um lado o “corpo”, e tem-se por outro lado os “incorporais”. Os “incorpóreos” completam a ontologia estoica ao estabelecer itens que não são *ónta*, mas que também não são nada: embora incorpóreos, eles são “algo” (BRUNSCHWIG, 2006, p.236). *Tó de ti*: este algo, indivíduo (PETERS, 1983, p.232). De acordo com Sexto Empírico, cético do século II d.C., a ideia de “incorporal” dos estoicos referem-se a quatro aspectos: 1. O exprimível, ou dizível, ou ainda o dito (TG: *lektá*); 2. O tempo; 3. O lugar; e 4. O vazio (BRÉHIER, 2014, p.15-16). Em breve (nos Atos) retomarei com estas dimensões dos incorporais a partir das analíticas. De acordo com Bréhier (2012, p.22) a causa para os estóicos é, “verdadeiramente, a essência do ser, não um modelo ideal que o ser se esforçaria em imitar, mas a causa produtora que age nele, vive nele e o faz viver”, o que permite a tal “impulso”, um retorno do estoicismo ao dinamismo e a seu modo de conceber “todas as causas do universo segundo a analogia com a força vital”. Daí se segue que se por um lado os estóicos não “reduzem o universo a fatos ou acontecimentos”, de outro modo, “eles tornam possível tal concepção, separando radicalmente, o que nenhuma pessoa havia feito antes deles, **dois planos de ser: por um lado, o ser profundo e real, a força; por outro lado, o plano dos fatos, que atuam na superfície do ser, e constituem uma multiplicidade sem laço e sem fim de incorporais**” (BRÉHIER, 2012, p.34, grifos meus). Os acontecimentos são, portanto, os incorporais. E, sobre ambos os planos do SER seguimos.

§107

A noção de hábito precisa ser URGENTEMENTE revisada. Não é mero costume, mas uma possessão estabilizada que atualiza o SER nos processos relacionais com a VIDA e com o MUNDO.

§108

Como a existência se dá na participação, e com próprio trabalho de participação, repetido e reafirmado, tem-se que há aumento da densidade do algo ainda fora do ser, que vai encarnando até ser possível certa estabilidade do possuído na forma do novo hábito (encorpado).

Assim a produção do hábito é ato da realização do próprio trabalho de participação dos entes no mundo. Ato realizado do ACONTECIMENTO no **ser** é nada menos que a encarnação. A entidade é o contato do algo com o ser, no acontecimento. Ler jornal e começar a receber variadas mensagens. Mas, o ser por ele mesmo (*on auto kath auto*) só existe na profundidade, não das imagens superficiais dos jornais que solicitam identificações de linhagens, familiares. Tudo isso é necessário mas, contingencial. Daí tem apenas a analogia do ser. Esse é o problema de ficar se repetindo a si mesmo. Velhas verdades, velhas memórias e, velhos hábitos. O cenário das cenas que vi e vejo dos recortes que pesquisei é a condição para desdobrar as circunstâncias das ideias (*ideas*), mas, para dar início à compreensão do ACONTECIMENTO. Começamos pelo comum, e, passamos para o específico. É preciso, pois estranhar o hábito por semelhança, das coisas afins e familiares, e, começar a permitir relações de participação com outras formas (dessemelhantes).

§109

Por isso pouco interessa saber se o jornal era promotor da elite, ou adversário, ou pretensão defensor de uma imparcialidade como essas condições (que de fato existiram e existem). Pois, seria levado a um caminho equivocado que para a mesma função se atribuem distintos sentidos. Então **não** é pelo caminho da **natureza social como a essência** que seguirei. Assim, se me interessa pensar a natureza de uma coisa na imanência do mundo, então me desloco para outro terreno. Por isso, a **natureza** dos jornais (etc. e tal) será tomado pela **participação** e **hábito**, e, pela **função** que cumpre no mundo ao qual se vincula. Entendamos que **quem transmite algo, transmite algo a alguém**. Objeto indireto. Logo, para pensar a natureza dos jornais (periódicos e similares) é preciso uma compreensão **inicial** de que **a função é o fim do hábito (ou forma)**. Eis os DOIS ELEMENTOS do POLIEDRO ontológico do ser. Faltam ainda outros 2.

§110

O SER só é o SER no fundo. Então, que deixemos nossas lembranças vir à tona. Àquelas que denotam toda sorte de seleção, categorização, hierarquias sem fim. E que as liberemos. Já aquelas que apontam proximidade com os seres no mundo, que sejam elas mesmas produtoras pelas repetidas práticas do trabalho de memória, e do

trabalho de participação, a emergência do ser que VEM. Nos jornais, periódicos e afins há toda uma lembrança que visa ser refletida, das ideias de entes no mundo. O ser só se dá a ver na contingência dos acontecimentos, e, há condição de considerar partes do SER visto que este já encarnou em variadas formas nos demais gêneros existentes. Insisto: **a chave está no hábito, e, na participação.** Condição fundamental: participação dos entes no mundo e formação do hábito. Por isso, o hábito é nossa excelência proclamativa. Com o hábito se permite ter mudança de hábito, pois “*extrai* da repetição algo de novo: a diferença”, e, assim se tem que o “hábito é contração” (DELEUZE, 2006, p.116, grifo do autor). Como forma encarnada e estável o hábito é um processo de possessão de algo. Mas não sabemos o que é até que seja realizado em Ato. Trata-se de um caminho que aponta para a possessão estável de coisas (algos) que já fazem parte do mundo no abstrato (aquilo que não se reduz à materialidade dos jornais) e, que tomam forma em algum evento maior, na materialidade contingencial (acontecimento-concreto). Por isso hábito é o Ato, a realização de alguma dinâmica envolvida entre abstração e concretude, incorporal e corpo. E, para torná-lo aparente na sua própria dinâmica é que se tem o importante trabalho operado pelo historiador.

§111

Ademais, o efeito “Sofista” de Platão é muito importante na ontologia. Sua genialidade conseguiu chegar à beleza da compreensão de que o ser é plural e que se dá na participação e que o ser só é existência na contingência depois de debater e tentar (se) definir (junto) (a)os sofistas de sua época. Ele mesmo, em algum momento do Diálogo já não sabe se o Filósofo também não poderia ser um sofista. Ah, fecho grandioso. Na Tese, o sofista será nossa FIGURA do saber e do poder por excelência. Às vezes, oculto em formas desdobradas. Filósofo, político, sofista, educador, cronista dos jornais... Tanto faz, pois são “gênero[s]” nada fáceis “de determinar [...] tais as aparências” que revestem “ao juízo ignorante das multidões” (PLATÃO, 1972b, 216c). A rigor, é uma forma que se multiplicou na imanência do mundo concreto, e por isso está disseminado.

§112

Estrangeiro: - Na realidade, tal como entre o cão e o lobo, como entre o animal mais selvagem e o mais doméstico [...] é **sobretudo**

com relação às semelhanças que é preciso manter-nos em constante guarda: na verdade, é um gênero extremamente escorregadio. [...]

Estrangeiro: - [...] um método de refutação no qual não vemos mais que a sofisticada autência e verdadeiramente nobre [ou seja, o método socrático da refutação é sofista]. [...]

[...]

Estrangeiro: - [...] *Não é fácil esquivar-se a todas elas.* Mais do que nunca é hora de ir ao seu encalço.

Teeteto: - Falaste bem (PLATÃO, 1972b, 231a-c, grifos em negrito meus, grifos em itálico do Autor).

§113

Precisamos caminhar atrás e por detrás das FIGURAS SOFISTAS na Cidade da Diversão. Visto-me a aceitá-las, pois, afinal de contas tudo foi necessário para o atual estado das coisas. Quando se compreende que simplesmente há algo na imanência da vida (coisas que contribuíram ao atual estado), pode-se estar próximo ao tal *amor fati*. Dito de outra forma, e agora mais elegante na carta de Hanna Arendt à Karl Jaspers: “por gratidão, quero denominar *Amor mundi* meu livro sobre teorias políticas”, um livro que “trata do mundo que se forma como espaço-tempo logo que os homens estão no plural – não como os outros, não próximos-dos-outros, a pluralidade pura basta!”¹⁸. *Amor fati* e *amor mundi* a este que SEMPRE é **o melhor dos mundos**. Creio que estamos mais preparados para alçar voos. A rigor tanto Platô Zero quanto 1 são teórico-metodológicos. Um percurso que pede passagem. Desdobrado nos apontamentos do Platô 2 acerca da natureza da cidade e da ação do ser humano – a si e aos outros entes no mundo.

§114

Minhas asas estão prontas para o voo
 Se pudesse eu retrocederia
 Pois eu seria menos feliz
 Se permanecesse imerso no tempo vivo
 Gerhard Scholem, Saudação do anjo
 (BENJAMIN, 1940/1994, Tese 9).

¹⁸ As citações estão em Correia (2014, p.XXIII-XXIV).

§115

Chave do Platô. A memória é como o mar. FIGURA das ÁGUAS. Turbulenta quando mexida, e calma na passagem. Pois, naquele instante, antes que tudo seja revirado, o silêncio que precede a reviravolta é apenas o preparo para a travessia. Então ondas, redemoinhos e tudo o mais do MOVIMENTO na sua máxima potência ABRE caminho para que a aparição se faça. E se fez o milagre justamente aonde ninguém viu. Melhor assim. Voltemos ao silêncio e ao trabalho diário. Pois, como uma dança a dois, *vis-à-vis*, este e aquele, 1 e ZERO produziram os fundamentos para esta Obra não cair.

**Platô dois – A Política na Cidade
Ou
Ensaio para uma Natureza E(st)ética dos Sujeitos no Mundo**

§116

A educação deve aperfeiçoar o homem, mas o homem não é só entendimento. **Duas são suas faculdades principais: o entendimento e a vontade.** A educação deve ilustrar o entendimento, formar o caráter e cultivar as faculdades afetivas. [...] **Superioridade relativa da vontade.** Mas, Srs. quando simultaneamente, a vontade não for **fortalecida com** a saudável **disciplina**, que forma o caráter forte e intransigente na observância do dever, e o **coração** não for **adestrado para amar a virtude e repelir o erro e o vício**, teremos então a paródia da brilhante antítese de um célebre poeta francês *abrir escolas é abrir cadeias* [...] **Admirável é a ciência; superior, porém, é a nobreza, é a elevação da virtude, por ser mais sutil e necessária à coletividade.** [...] **Lei do menor esforço** [...] todas as flutuações da saúde física, é o instrumento das nossas volições [...] **é natural que a vontade se sinta oprimida pelo peso da matéria, e pela fadiga resultante do trabalho nervoso. Além disso, às vezes amontinham-se no coração as paixões e estabelece-se uma luta como entre dois homens.** [...] Eis a causa próxima da lei do menor esforço. **Só aquele que lutar contra essa tendência e sobre ela triunfar, será um homem útil a si e à sociedade a que pertence.** Mas, para ser vitorioso nessa luta, é preciso que a educação dirija à vontade, a regule e fortifique, formando o caráter por meio da disciplina (BECKER, 1911a, p.2, grifos em negrito meus, grifos em itálico do autor).

§117

Eis que o trecho acima apresenta parte do discurso apresentado por Dom Becker em 1911, na seção intitulada “Origem da anarquia

volicional” no Jornal O Dia (1911a, p.2). O bispo tomara posse anos antes, em 1908, da recém diocese criada no mesmo ano na cidade de Florianópolis. Estes trechos nos permitem **iniciar** a discussão de aspectos políticos, éticos e estéticos na conjugação entre duas naturezas, a saber: da cidade e do ser humano. Fundamental para os Atos.

§118

TUDO é CORPO. “: - Mas, e se te julgarem por esta tautologia?!”; “: - O que posso fazer se ainda não fui suficientemente competente para ser compreendido?”.

§119

Sempre **coisas** encarnaram como corpo(s) no Mundo (ideias, formas, hábitos). Atos instanciados de algo no corpo, este, que permanece no Mundo e, na ancestralidade do ser. Tal ancestralidade nada mais é que outro termo para designar o ser na sua profundidade. Talvez por isso que não estejamos assim tão sós. E, no entanto, a memória-corpo é plástica, o que significa que toda tentativa de a definir como uma substância é estéril. Memória é esquecimento, memória é resistência na contra-conduta, memória é resistência na criação. A memória **está**¹⁹ no MUNDO. Fiquemos mais um pouco na memória como esquecimento. Pois, há uma importante diferença entre a memória na superfície do ser e a memória na sua profundidade. Relembrar é VIVER.

§120

Dizíamos antes (Platô 0, §15 e ss) que a memória de longa duração é diferente da superfície do ser. Nesta o que temos é tão somente o hábito automatizado. Mas que não se confunda com o esquematismo da razão kantiano. Pois concebemos que todas as potências do ser: intelectual ou cognitiva ou racional; emocional ou sentimental; espiritual ou carnal são elementos participantes para a construção das memórias-corpos. Na dupla face do mesmo caminho (abstrato concreto) as dinâmicas dos corpos não cessam de produzi-los. Ações (práticas) emotivas a rigor contribuem na formação dos corpos-memórias. Cabe saber que os grandes oradores e retóricos romanos já sabiam da importância de se atribuir à arte da memória

¹⁹ Perceba neste “está” um dos sentidos para “ser”, cf. Platô 1, §92.

dimensões não apenas da mera repetição. Embora a “retórica seria bem fácil e ligeira, caso pudesse ser resumida num breve receituário”, no entanto, é mais importante a reflexão adaptada às diferentes circunstâncias (QUINTILIANO, Livro II, Capítulo XIII, Questão 8). A oratória, a retórica (e defendo a escrita), são todas elas arte, pois seguindo Quintiliano²⁰ (Livro II, Capítulo XV, Questão 35; 37, grifos do Retórico) estas artes retóricas têm como natureza “a ciência do bem dizer”, ou “de igual modo de decisão louvável são também os que consideraram a retórica como *sentir e dizer com propriedade*”.

§121

Ora é conveniente frequentemente alternar a ordem antes estabelecida e habitual, e por vezes isso também se impõe, como vemos nas pinturas e nas esculturas, em que se muda a atitude, a expressão facial e a posição. [...] o corpo de pé é o que tem menos graciosidade; uma cara voltada para a frente, os braços caídos a direito, os pés unidos, isso será o que se chama uma obra rígida de cima a baixo. **Flexível**, por assim dizer, **será aquela obra em que o movimento empresta ação e comoção**. É por isso que as mãos não são moldadas apenas de uma maneira e **há milhares de formas no rosto** (QUINTILIANO, Livro II, Capítulo XIII, Questão 8-9, grifos meus).

§122

Produção de corpos-memórias como obras no mundo. Provavelmente estamos próximos de Hanna Arendt, visto que na sua conceituação para *homo faber* se tem, no âmbito da atividade da “obra”, uma fabricação com um fim determinado: o objeto “pronto para ser adicionado ao mundo comum das coisas e dos objetos” (ARENDDT, 2005, p.180). Uma fabricação da “obra de nossas mãos” que resulta na “mera variedade infinita das coisas cuja soma total constitui o artifício humano, o mundo em que vivemos” (ARENDDT, 2005, p.183). Objetos que “não são bens de consumo, mas objetos de uso, e o seu uso

²⁰ A Retórica de Quintiliano (35-100 era cristã) é composta de 12 livros, sendo o livro II formado por 21 capítulos.

adequado não causa seu desaparecimento”, pois “dão ao mundo a estabilidade e a solidez sem as quais não se poderia contar com ele para abrigar a criatura mortal e instável que é o homem” (ibidem). E, só há “verdadeira obra de fabricação” quando “executada sob a orientação de um modelo segundo o qual se constrói o objeto” (ARENDDT, 2014, p.175). Obras no mundo resultados de intensos investimentos de trabalhos-rituais, Obras pautadas sob modelos do objeto de fato fornecem estabilidade ao Mundo. “Obra” como “atividade correspondente à não-naturalidade” com vistas a proporcionar “um mundo *artificial*” (idem, p.9, grifo da autora). Assim, na imanência, há toda uma produção no mundo sócio histórico da cultura. Embora entendemos que há obras humanas e não-humanas, por limites impostos pela própria condição humana, não temos condição de elaborar estas últimas.

§123

Retorno aos ditos de Dom Becker nos ajudam com esta primeira parte do Platô. Discurso no ritual de uma retórica para se fazer ver, ouvir, sentir e lembrar. Todo recurso é útil quando se pretende conquistar novos territórios (e fiéis). Precisamos colocar melhor alguns termos utilizados nessa aleturgia (pratica de dizer verdadeiro de si). Os termos “entendimento” e “vontade” são polissêmicos, e por isso precisamos localizá-los melhor. A rigor desde o medievo há toda uma produção filosófica que dentre outras contribuições como Obras no Mundo, empreitou-se na justificação racional de Deus. Agostinho é nosso escolhido por ser um dos mais lidos na sua época²¹. Este pensador da era patrística (354-430 era cristã) busca nos seus argumentos uma fusão da fé com a razão. O que significa que a fé cega não serve e, que a razão (humana) não basta a si, pois possui limites. Em “A Cidade de Deus”, obra que apresenta um pensamento mais elaborado de Agostinho, temos uma importante história do debate entre os céticos daquela época (e Agostinho antes da conversão era um destes), e os teólogos que buscavam argumentos racionais para a fé.

²¹ Entendemos que a prática da leitura oportuniza o recebimento das ideias encarnadas no Mundo. Mas, não é mera passividade. A participação é sempre trabalho, por isso há uma dinâmica que produz no recebimento novos corpos. E, todos os corpos (ideias, formas, lembranças) se encontram na Participação.

§124

Tais verdades desafiam todos os argumentos dos acadêmicos, que dizem: Quê? E se te enganas? **Pois, se me engano, existo.** Quem não existe não pode enganar-se; por isso, se me engano, existo. Logo, se existo, se me engano, como me engano, crendo que existo, quando é certo que existo, se me engano? Embora me engane, sou eu que me engano e, portanto, no que conheço que existo, não me engano. **Segue-se também que, no que conheço que me conheço, não me engano. Como conheço que existo, assim conheço que conheço.** E quando amo essas duas coisas, acrescento-lhes o próprio amor, algo que não é de menor valia. Por que não me engano quanto ao fato de amar, não me enganando no que amo, pois, embora o objeto fosse falso, seria verdadeiro que eu amava coisas falsas [...]. Tanto é verdade, que não há ninguém que não queira existir, como não há ninguém que não queira ser feliz. **E como pode ser feliz se não existe?** (AGOSTINHO, 1990, XI, 26, grifos meus).

§125

Eis que com o cogito agostiniano: “*Si enim fallor, sum*”. Se eu me engano, sou, Agostinho passa da dúvida da existência à certeza fundamentada na existência do próprio **indivíduo**, que **existe, vive e pensa**. Ora, precisamos recolocar o discurso de Dom Becker numa chave interpretativa. O divinatório, aquele escolhido, o mais próximo do divino²² proclama que “o homem não é só entendimento”, e, que precisa da outra faculdade: a vontade. Concebida como de “superioridade relativa” a “vontade” deve ser fortalecida com a “disciplina, que forma o caráter forte e intransigente na observância do dever”. A vontade nada mais é que a atualização da fé que trata Agostinho. Mas fé por si só não resolve, é cega. Por isso o “entendimento”, de que trata a figura do adivinho (o bispo), deve se complementar com o uso da faculdade da razão. E mais, o fortalecimento da vontade com a disciplina **deve** adestrar o coração (com suas paixões), caso contrário como “amar a

²² Seguimos nossa versão edipiana a partir de Foucault. Cf. Platô 1, §64-70.

virtude e repelir o erro e o vício”? Ainda nos ditos do adivinho: virtude sutil e necessária à coletividade. Aqui já não temos um pensamento agostiniano, mas aristotélico. Parece que nos esquecemos da Política.

§126²³

No texto de Eurípides (485a.C. – 406a.C.), “Suplicantes”, um mensageiro chega a Atenas e pergunta: “quem é o *tyrannós* desta cidade?”. E, Tesei responde: “Teu discurso, estrangeiro, começa com um erro, pois procurar um *tyrannós* nesta cidade que não está sob o poder de um só: Atenas é livre. O demos aqui governa, os cidadãos administram o Estado por rodízio. Nenhum privilégio é dado às fortunas, pois o pobre e o rico têm direitos iguais”. E, após tal fala, indaga o estrangeiro: “Como *demos*, incapaz de raciocínio correto, poderia conduzir a cidade no caminho certo?”.

§127

Parágrafo/Aforismo anterior que auxilia com a questão capital deste Platô. Pensar a Política. Embora Chauí (2007, p. 53), procurando dar conta da resposta para “o que é a política”, entenda que uma sociedade democrática deve trabalhar suas próprias divisões a partir das instituições e leis, o que é importante, partimos noutra direção, a saber: que há uma historicidade acerca de três noções capilares na recente história da política ocidental: escravidão; trabalho; e virtudes. Ficaremos circunscritos ao que nos interessa. Pensamento reto. Precisamos insistir ao perguntar: esquecemo-nos da Política?

§128

Recomeçamos com Aristóteles e seu tratado “Ética a Nicômaco”, que embora o Filósofo já havia escrito outros textos éticos, este parece ter sido o texto mais maduro das suas discussões éticas, precedido por “Ética a Eudemo” (HUTCHINSON, 2009). Por isso ficamos com este. Mantemos a numeração estabelecida por Bekker. Aristóteles em sua moral/ética subordina ética à política, esta “arte mestra” (1978, 1094a 30), pois é ela, “a política [...] que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior

²³ As citações dos textos antigos neste parágrafo, estão no instigante texto de Marilena Chauí (2007, p.34-36), “O que é Política?”.

apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela” (idem, 1094b 3). Assim, e como a “política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano” (idem, 1094b 5). Uma ética pautada numa finalidade, por isso teleológica, e, chamada de ética das virtudes (morais, intelectuais), visto que se orienta na ideia de que “o agente virtuoso demonstra a ação correta junto com a motivação apropriada”, de modo que o próprio Aristóteles “relaciona o conceito de virtude com a conquista da vida melhor e próspera” (RAPP, 2010, p.405). Por ora deixamos aberta a questão: o que de fato é virtude?

§129

Ainda em Aristóteles (1978, 1097a 30), há um bem supremo, chamado de bem-estar ou felicidade (*eudaimonia*): é “aquilo que merece ser buscado por si mesmo mais absoluto do que aquilo que merece ser buscado com vistas em outra coisa, e aquilo que nunca é desejado no interesse de outra coisa mais absoluto do que as coisas desejáveis tanto em si mesmas como no interesse de uma terceira; por isso chamamos de absoluto e incondicional”. *Eudaimonia*, ou felicidade, que só é compreendida a partir da explicação do que é a função própria do ser humano (*ergon*), a saber: “a vida ativa do elemento que tem um princípio racional” (idem, 1098a 7), de modo que a atividade ativa e racional (da alma) humana “nos aparece [...] em consonância com a virtude” (idem, 1098a 15). Assim se as atividades “virtuosas” constituem a felicidade, o seu contrário se dá pelas atividades “viciosas” (idem, 1100b 10). Se as atividades que fornecem o “caráter à vida”, então “nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado”, pois, “com efeito, o homem verdadeiramente bom e sábio suporta com dignidade, pensamos nós, todas as contingências da vida”, e, se assim for, “o homem feliz nunca pode tornar-se desgraçado” (idem, 1100b 30 – 1101a 5). Portanto, os homens felizes são aqueles “dentre os seres humanos vivos em que essas condições se realizem ou estejam destinadas a realizar-se [...] **homens felizes**” (idem, 1101a 20, grifos meus).

§130

E “já que a felicidade é uma atividade da alma conforme à virtude perfeita, devemos considerar a natureza da virtude: pois talvez possamos compreender melhor, por esse meio, a natureza da felicidade” (idem,

1102a 5). Por isso que **o político deve estudar a alma** (idem, 1102a 23, grifos nossos). De modo que desde Aristóteles tem-se uma elaboração para duas espécies de virtudes: intelectual e moral. A primeira “gera-se e cresce graças ao ensino – por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito”, e, logo “nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza” (1103a 15-20). Assim, as virtudes morais não são geradas por natureza, mas por hábito, “e nos tornamos perfeitos pelo hábito” (idem, 1103a 25). E adquirem-se as virtudes pela atividade, pelo exercício (idem, 1103a 35). Por isso deve-se “atentar para a qualidade dos atos que praticamos” (idem, 1103b 23). Assim, deve-se examinar a natureza dos “atos”, pois são eles quem “determinam a natureza dos estados de caráter”, (os **hábitos**) de modo que se deve “agir de acordo com a regra justa” (idem, 1103b 30). No entanto, o próprio Aristóteles deixa claro que não há uma regra fixa para tal doutrina do meio termo, pois, “as próprias pessoas atuantes devem considerar, em cada caso, o que é mais apropriado à ocasião” (idem, 1104a 7). O destaque que o Filósofo oferece parece ter sido útil para um mau uso de tal doutrina, pois entende ele “que está na natureza dessas coisas o serem destruídas pela falta e pelo excesso” (idem, 1104a 10). Visto que tanto deficiência quanto excesso de alimentação, exercício físico, temperança, coragem e outras virtudes podem ser destruídas tanto pela “falta” quanto pelo “excesso” (idem, 1104a 12-20). Com efeito, “a excelência moral relaciona-se com prazeres e dores; é por causa do prazer que praticamos más ações, e por causa da dor que nos abstermos de ações nobres” (idem, 1104b), por isso “deveríamos ser educados de uma determinada maneira desde a nossa juventude, como diz Platão, a fim de nos deleitarmos e de sofrermos com as coisas que nos devem causar deleite ou sofrimento, pois essa é a educação certa” (idem, 1104b 10). Mas atenção, esta é uma leitura específica de Platão (provavelmente a partir da República).

§131

A partir de sua leitura de Platão, para o discípulo crítico Aristóteles, a felicidade (*eudaimonia*) e função (*ergon*) se relacionam na aquisição das virtudes (*arete*) a partir da aquisição do hábito (*héxis*). Aristóteles sabe que a natureza humana é aberta, e entende que há capacidade ou de adquirir virtudes ou de adquirir vícios. Contudo, para escapar de uma aporia, o Filósofo subordina as virtudes morais às intelectuais e argumenta em favor da felicidade num processo

teleológico. Então temos dois desdobramentos: 1) o *ergon* na sociedade será, desde Aristóteles, justificado como aquela importante função necessária a afirmar a própria natureza do homem na cidade; e 2) a **virtude intelectual** é o modo como a razão opera no interior das virtudes morais, aperfeiçoando-as, visto que para o Filósofo é natural, é próprio do homem o uso da razão. Essa é a **sabedoria ou razão prática** para Aristóteles, a saber: a operação na ação da virtude intelectual no âmago das virtudes morais. Logo, a felicidade é atividade da alma que segue a virtude, a melhor e a mais perfeita, derivada da natureza humana, que é fazer tudo com ou não sem razão.

§132

Perceba caro leitor, na retórica de Becker que a superioridade da vontade, a fé de Agostinho passa agora a ser interpretada no mesmo discurso como virtude intelectual aristotélica. Assim como o entendimento, antes razão em Agostinho, e, agora virtude moral com Aristóteles. Equivocidade do ser. Pois, seguindo Scotus (2000, p.313-5) quando temos para uma mesma forma/ideia (entendimento e vontade) dois mundos de significações para cada termo, tem-se o equívoco. Ademais, ao dar exemplos de ações ativas, o Filósofo (Aristóteles) deixa claro que dormir não é uma atividade ativa. Ora, pela experiência, sabemos que há uma série de processos (sonhos, relaxamento, trabalho fisiológico) que de alguma forma nos permitem acordar no dia seguinte (ou depois do cochilo) mais dispostos a prosseguirmos com a vida. Logo, não entendemos o que é ativo fora de tudo o que está na Vida (só na morte se poderia sustentar uma situação passiva, pois neste fato, não há mais experiência no vivente, visto que não há mais sangue quente e tampouco respiro que sustente a vida que já se foi). Portanto, e antecipando: sustentar um tipo de atividade virtuosa (agir não sem razão) numa cadeia teleológica para a felicidade parece ter sido outro engano aristotélico. Precisamos dar maior ênfase.

§133

Perceba, caro leitor, que o referido bispo, trata ambas as substâncias, entendimento e vontade de forma equívoca. Mas atenção: a equivocidade do ser, seguindo Scotus, é tão somente o engano derivado de atribuir distintas qualidades a uma mesma ideia/forma (ou ainda substância no termo de Scotus). Vamos avançar em favor do *a posteriori* da fonte. Temos no discurso de Becker proclamação de que

“admirável é a ciência; superior, porém, é a nobreza, é a elevação da virtude, por ser mais sutil e necessária à coletividade”? Parece-nos aqui uma inclinação agostiniana, na qual se busca nos atos da fé uma superação da razão circunscrita nela mesma (aponta Agostinho que a ciência em si é limitada). Assim, e nessa inspiração o distinto ser divinatório na figura do bispo anuncia o entendimento como razão e a vontade como fé. Uma precisa da outra e, no entanto, há uma superioridade da vontade, da fé em crer que pelo estudo chega-se lá. E, no entanto, e tomado no mesmo discurso pela ética aristotélica, o bispo parece proclamar que a vontade é suprema, é ela mesma que repele o erro e o vício ao formar o caráter. Aqui, então no ensino aristotélico a significação para a vontade do Bispo (agora: virtude intelectual) e, o entendimento do mesmo discurso para virtude moral aristotélica. Esta, expressa nos sentimentos, nas paixões e que devem ser adestrados. Pois, “para ser vitorioso nessa luta, é preciso que a educação dirija à vontade, a regule e fortifique, formando o caráter por meio da disciplina”. Portanto o hábito vem pelo “entendimento”, mediante o processo de ensino-adestrador da “vontade”. Para que não caiamos na “anarquia volicional”.

§134

Eis a régia da virtude intelectual, formada pela sucessão de adestramentos, que permite trabalhar frente às volições, o cansaço do corpo trabalhador (tanto daquele que estuda tanto daquele da sociedade do trabalho). Trabalho e trabalho e, mais trabalho. E frente ao perigo do descontrolo, já que a todo poder implica resistência, deve-se controlar. Como? Encarnando na ideia de **ser** que é útil a si **em sendo** útil à sociedade a que pertence. Produção de segurança num território a dada população. No entanto, faça duas ressalvas: **1.** Segurança sem liberdade seria outro modo de escravidão; **2.** Liberdade sem a alteridade, entendida como respeito à presença do Outro, seria caótica. Diante disto, e retomando, então teríamos indícios sobre a formação do hábito com fins de domar a “anarquia volicional” daquele tempo na cidade? **Ah miséria da virtude.** É possível cumprir a função da cidade através dessa cadeia mentirosa? Dupla cadeia: 1) não há fim ao final do arco íris quando justamente o pote de ouro é princípio (o que a Filosofia chamaria de petição de princípio); 2) sociedade encadeada na produção de toda sorte de bons sensos, sensos comuns que, sem a devida reflexão,

toma-se como natural a primazia dos próprios valores que moldam, como barro, o **eu social**.

§135

A Política aristotélica perdoe-me caro leitor, parece ter contribuído ao que na atualidade chamamos de meritocracia. Antes (§157) nosso Filósofo apontava que o “homem feliz”, “verdadeiramente bom” e “sábio” suporta todas as “contingências da vida”. Ah, a cruz deve ser carregada. Por todos? Não, caro leitor, pelos escolhidos. Elites produzidas de fora, mesmo fora que as (re)produz. Afinal de contas a escola peripatética de Aristóteles era para herdeiros de seu tempo: “Assim, o homem que foi instruído a respeito de um assunto é bom juiz nesse assunto, e o homem que recebeu instrução sobre todas as coisas é bom juiz em geral” (ARISTÓTELES, 1978, 1095a 1), e o jovem, na escola deve aprender a habituar-se com o caráter valorizado naquele mesmo espaço (que institui um ser virtuoso e moral), afinal de contas, “o defeito não depende da idade, mas do modo de viver [e] [...]o conhecimento desses assuntos fará grande vantagem” (ARISTÓTELES, 1978, 1095a 1-10). **Ah, miséria da virtude meritocrática.** Que possamos perdoar Aristóteles, pois, ele apenas argumentou o que se dava na sociedade de sua época. Portanto, não inventou tal miséria.

§136

Perceba aí, caro leitor, que a força do argumento do Filósofo recai no “modelo de viver”, e, este só é possível graças ao emprego da virtude intelectual, através do ensino e, na repetição das atividades que produz virtudes morais nos hábitos (*éxis*) que no processo de ensino devem dar conta de explicar por que e como se faz tal ou qual atividade. O virtuoso então é aquele que assumiu certo ser virtuoso na/da razão. Prossegue o Filósofo: “Eis aí por que, **a fim de ouvir inteligentemente as preleções sobre o que é nobre e justo, e em geral sobre temas da ciência política, é preciso ter sido educado nos bons hábitos[...] e o homem que foi bem educado já possui esses pontos de partida ou pode adquiri-los com facilidade** (idem, 1095b 5, grifos meus). E, milhares e milhares de anos depois, temos nosso Bispo proclamando o fortalecimento da vontade com a “saudável disciplina, que forma o caráter forte e intransigente na observância do dever” (BECKER, 1911a, p.2). Explicar-vos-ei a miséria da virtude meritocrática. Agora, em diálogo com a “Política”.

§137

Desde o início da “Política” Aristóteles toma o homem na figura do “cidadão” como um ser além dos outros seres (animais, mas também os não-cidadãos: escravos, artífices, estrangeiros; as mulheres e crianças são caso à parte). Este cidadão dá forma à sua vida na comunidade política não como mero fato do viver, a *zoé* (*zoo-politikon*), mas enquanto um modo de viver (*bíos-politikon*). Como já apresentado, temos a ética vinculada à política, e, na vida comunitária busca-se um bem elevado e supremo que constitui uma vida melhor e justa. Visto que a comunidade política constituída “a partir de vários povoados é a cidade definitiva”, e, para atingir sua auto-suficiência deve garantir aos seus membros a existência de uma “vida melhor” (ARISTÓTELES, 1988, 1253a). A finalidade da cidade é autossuficiência (*eudaimonia*) ou bem-viver. “Estas considerações deixam claro que a cidade é uma criação natural, e que o homem é por natureza um animal social (*bíos politikon*) [...]. Agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal agregário, é um animal social. [...] a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala”. (idem). E “todas as coisas são definidas por sua função e atividade” (idem, ibidem). A vida política por excelência para o Filósofo é a condição de *bíos-politikon*, no sentido de um modo de viver (*katà ton bíon*). Deferentemente da vida nua, como *zoé*, no sentido do fato de viver (*katà ton bíon*). Ora, realmente não entendo essa distinção, mas, parece que ela foi fundamental para justificar de DIFERENTES modos a afirmação de um ser que se auto proclamou como especial. Quando Aristóteles concebe o homem como um ser especial, pois tem a qualidade de dar forma a sua vida, ser um obreiro, e assim constituir uma comunidade política, ignora que todos os demais entes vivos que se agrupam, possuem família, e, sim, se comunicam. Hiperexaltação do ser humano que, a rigor, é mais um ente no mundo. Além do mais, e o que parece ser o maior engano, separar *zoé* do *bíos* parece ter sido a saída lógica do Pensador para fundamentar a natureza da escravidão Vs natureza do cidadão. Ah, miséria de escravidão! Ah, miséria de separação natureza/cultura.

§138

Vamos um pouco mais. Na “Ética a Nicômaco” Aristóteles trata a *eudaimonia*, este estado de bem-aventurança, ou felicidade, ou bem-estar como distintos entre outros modos de viver. Como de uma vida apenas ligada no prazer corporal, que para o Filósofo é um modo de vida próprio de homens não livres, os escravos, e homens não civilizados. Outro modo de vida analisado é aquele pautado na riqueza que se coloca como fim, o que o Filósofo critica, pois, esta é apenas um meio para a *eudaimonia*, o *summo bem*. Ambas, vida no prazer corporal/sensível e no acúmulo de riquezas para o Filósofo são da ordem do *zoon-politikon*, e não do bem-viver (*bíos-politikon*). Perceba aí, caro leitor, que o argumento do Filósofo se pauta num fundamento, a saber: parte da concepção que a comunidade por natureza é da ordem do *bíos-politikon*, donde os modos de vida que não foram assemelhados a este, não servem, e, portanto, devem ser colocados a baixo, de lado, ou ocultados. Como na cidade de Florianópolis, levados à maioria dos morros para serem esquecidos, estes quase-cidadãos. Ah, argumentos no limite aristocráticos e meritocráticos, pois, ao buscar na sua investigação um **modo de vida bem melhor** para servir como referência, mesmo que relativa, a uma comunidade, pauta-se desde sua concepção no próprio fundamento da comunidade que é (=ser) da ordem do *bíos-politikon*. Para Aristóteles (1988, 1278b) a condição aristocrática é aquela conferida “de acordo com as qualidades e o mérito”, e aquele que vive uma vida de artífice ou trabalhador assalariado “não pode aprimorar suas qualidades” (idem, ibidem), portanto, tem-se que o cidadão na sua forma absoluta “é o homem que partilha os privilégios da cidade” (idem, ibidem). Eis o mérito da miséria da vida política.

§139

O Estado, então passa a ser organizado numa cadeia de argumentos na ideia da comunidade suprema e, que abrange a todas as outras, devendo tender ao supremo bem. Eis todo um desenvolvimento do ser social que buscou e buscou e buscou no fora, no destino algo para se lembrar da felicidade. Eis toda proliferação de dispositivos políticos para darem conta deste bem-viver. Nascimento, há muito tempo, do mito da felicidade no **fora**. Argumentado e distribuído em tantas outras formas, ideias e lembranças a partir das leituras, apropriações e interpretações aristotélicas.

§140

Com a noção de comunidade política aristotélica, tendo como pressuposto que as necessidades humanas são amplas, tem-se que a vida na comunidade é algo mais que um mero fato do viver (*zoon-politikon*). O Filósofo entende que toda comunidade se constitui com o fim de ser sustentável, de manter conservada a sua forma. E então a ideia de Estado se deu como uma conservação das forças que permitem que ele se mantenha.

§141

A vida enquanto *bíos* é a vida social, a vida da *pólis*, a vida que possui qualidade política, onde o poder da palavra é exercido. Segundo Aristóteles, "o poder da palavra tende a expor o conveniente e o inconveniente, assim como o justo e o injusto. Essa é uma característica do ser humano, o único a ter noção do bem e do mal, a justiça e da injustiça. E é a associação de seres que têm uma opinião comum acerca desses assuntos que faz uma família ou uma cidade". E então o nosso Bispo em 1911 falou: "Só aquele que lutar [...] será um homem útil a si e à sociedade a que pertence. Mas, para ser vitorioso nessa luta, é preciso que a educação dirija à vontade, a regule e fortifique, formando o caráter por meio da disciplina (BECKER, 1911a, p.2). Parece que o "*animal laborans* necessita da ajuda do *homo faber* para facilitar seu trabalho e remover sua dor" (ARENDRT, 2014, p.216). Condição humana da mundanidade em decorrência da condição humana do trabalho. Vida biológica cujos ciclos de rotina-exaustão-descanso orientam-se no utilitarismo das práticas ritualísticas como nos discursos elogiados nas primeiras páginas de jornais, numa época em que tal meio de expressão senão era lido pela maioria, era pela maioria letrada de uma hierarquia social.

§142

Com efeito, é verdade que nem todas as pessoas indispensáveis à existência de uma cidade [artesãos, estrangeiros, escravos] devem ser contadas entre os cidadãos, porquanto os próprios filhos dos cidadãos não cidadãos no mesmo sentido que os adultos: estes são cidadãos de maneira absoluta, enquanto aqueles são cidadãos presuntivos (são cidadãos, mas incompletos) [...] logo, a melhor forma de cidade não deverá admitir

os artífices entre os cidadãos; se forem admitidos, nossa definição das qualidades do cidadão não se aplicará a cada cidadão nem a cada homem livre como tal, mas somente àqueles isentos das atividades servis. Nas atividades servis, aqueles que prestam seus serviços a um indivíduo são escravos, e os que os prestam à comunidade são artífices ou assalariados (ARISTÓTELES, 1988, 1278a).

§143

Então a comunidade política deve assegurar a vida (do escravo, do trabalhador), mas, e principalmente, porque **existe** (é justificada como **ente**) para poder viver bem como *bíos-politikon*. Eis que o bem-viver, a felicidade é uma promessa que não se cumpre a todos. Afinal de contas, é da ordem dos eleitos, desde a antiguidade, comporem a classe dos mais especiais dentre os entes (trabalhadores, escravos) de toda sorte e disseminado mais e mais na sociedade totalizada e controlado por esse engano: que o ser humano é um algo mais. Retornemos com Arendt. O que se tem nesta vida do mero viver (*zoé*), depois do suor do dia trabalhado, é o tempo de sobra a ser consumido pela diversão. No entanto tal tempo que se passa não é “tempo de lazer, estritamente falando – isto é, um tempo em que estejamos libertos de todos os cuidados e atividades requeridos pelo processo vital e livres, portanto para o mundo e sua cultura – ele é antes um tempo de sobra, que sobrou depois que o trabalho e o sonho receberam seu quinhão” (ARENDR 2002, p.257). Eis que na “sociedade do trabalho” práticas de lazer/diversão apenas repõem energias (comendo, exercitando, dormindo, rindo) para aquele que foi no percurso da vida na sociedade moldado como “animal *laborans*”.

§144

Perceba, caro leitor, que o pronunciamento do tal Bispo em Florianópolis ocorria em evento festivo: festa, lazer, enfim, aproveita-se da necessidade vital do descanso no lazer para num dado ritual uma verdade começar a se *fazer* Obra (para encarnar).

§145

Maldita distinção entre mera vida, a *zoé* (mera vida vivida do simples fato de viver), e o viver bem, a *bíos* (invenção da fórmula que

separou mais ainda ser humano do mundo/vida, ao se pretender uma forma de vida especial). Distinção que não cessou de produzir pela MESMA a classe de DISTINÇÃO. Seja no trabalho anti-política da política, seja nas formas escamoteadas de alívio ao sofrimento daqueles quase-humanos. Eis a especificidade do Estado, da teoria Política aristotélica. Encarnada como uma ideia para justificar o que, a rigor, já acontecia na sua época, por isso aqui não cabe amar nem odiar Aristóteles, bem como nenhum ente. Pois, apenas contribuiu (e todos contribuíram) no estado de coisas de nosso presente. Cabe, portanto, aceitar o fato por este lado, mas por outro, cabe contribuir com alguma crítica. Que a nova Política venha!

§146

Homero (IX, 48; XVI 59), em “Ilíada”, quando Aquileus se queixa de ter recebido tratamento idêntico da parte de Agamênon, conclui acerca do “imigrante desonrado”: “pois quem é excluído dos privilégios da cidade é como um estrangeiro domiciliado na mesma”. Em certas cidades, todavia, esta “exclusão é dissimulada, com o objetivo de permitir que as classes privilegiadas enganem seus habitantes”. Ah, vida de estrangeiro, migra de uma cidade (ou de casa, ou de família, ou de área de trabalho) à busca de algum conforto existencial. Mas, preso no ciclo de sua própria crença (que diz verdadeiro de si) não percebe que precisa para negar sua figura de ser humano apenas viver a vida (*zoé*). Portanto, não negar, nem maltratar ou difamar a si (ou aos outros), mas, tão somente perdoar. Por isso Hanna Arendt é genial na sua definição de ação, sua imprevisibilidade e, principalmente, na sua discussão do PODER do PERDÃO.

§147

A ação tem como condição intrínseca sua irreversibilidade e imprevisibilidade, pois, uma vez iniciada, toma forma e desdobra-se para além do sujeito ou grupo que a iniciou. Ação irreversível e imprevisível, por isso é tão somente PROMESSA. Assim, se o Trabalho da Ação é sempre PROMESSA, então a Política como Ação precisa ser compreendida pelo PODER do PERDÃO. Arendt (2014, p.292) leu Nietzsche, pois, através da “desvalorização de todos os valores” é possível que o *animal laborans* possa ser redimido “do aprisionamento no ciclo sempre-recorrente do processo vital, da eterna sujeição à necessidade do trabalho e do consumo”, através da capacidade de “fazer,

fabricar e produzir” (*homo faber*). No limite, todos são um pouco servos da sociedade do trabalho e produzem ao seu modo o possível para dar significado à vida. Contudo, peço que se lembre, caro leitor, que aos nossos propósitos precisamos pensar o tal *homo faber* menos pela mundanidade e mais como forma na *zoé* (em breve ficará mais claro essa confusão terminológica). Mas, e prosseguindo com Arendt (2014, p.292-3, grifo meu), “em cada um desses casos, o que salva o homem – *qua animal laborans, homo faber* ou **pensador** – é algo inteiramente diferente, algo que vem de fora, não do homem, por certo, mas de cada uma das respectivas atividades”. Assim, e tratando-se apenas da ação e seus constrangimentos (imprevisibilidade e irreversibilidade) tem-se que o perdão é a qualidade, ou o “remédio” mediante a “caótica incerteza do futuro” (p.293). Prometer e cumprir promessas como um “par”, pois, a primeira (prometer) serve para “desfazer os atos do passado cujos *pecados* pendem como espada de Dâmacoles sobre cada nova geração”, e, a segunda (cumprir promessas), ou “o obrigar-se através de promessas, serve para instaurar no futuro, que é por definição um oceano de incertezas, ilhas de segurança sem as quais nem mesmo a continuidade seria possível nas relações entre os homens” (idem, *ibidem*, grifo da autora). Portanto, “se não fôssemos perdoados, liberados das consequências daquilo que fizemos, nossa capacidade de agir ficaria, por assim dizer, limitada a um único ato do qual jamais nos recuperaríamos” (idem). Eternizados nos fantasmas dos passados estaríamos todos enlouquecidos por não sair de lugar algum. E, o PODER do PERDÃO é o que corresponde “tão de perto à condição humana da pluralidade”, e tem um papel na Política “diametralmente oposto aos padrões *morais*” (p.294, grifo da autora). Um PODER que se baseia numa experiência que ninguém jamais tem consigo mesmo, mas, na inteireza da “presença de outros” (idem). Portanto, o PODER do PERDÃO é a condição primeira para a NOVA ABOLIÇÃO. Assim, e só assim poderemos começar a pensar uma comunidade livre, desobrigada do que se faz e em mútua cooperação. Pois, “**somente com a constante disposição para mudar de ideia e recomeçar pode-se confiar [aos seres humanos] um poder tão grande quanto o de começar algo novo**” (p.298, grifos meus). Assim, o esquecimento da Política pode ser entendido como olvidar do poder de perdoar todos os percursos de ações (imprevisíveis e irreversíveis). “: - É possível praticar o perdão?”.

§148

Então que possamos perdoar outro engano de Aristóteles. Agora, o de vincular virtude (*arete*) ao caráter (*éxis*), pois “os atos que estão de acordo com as virtudes” têm “determinado caráter” (ARISTÓTELES, 1978, 1104b 30). A rigor seu engano foi ter naturalizado na sua investigação os valores de sua época: “nem as virtudes nem os vícios são paixões, porque ninguém nos **chama bons ou maus** devido às nossas paixões, e sim devido **às nossas virtudes ou vícios**” (idem, 1105b 30, grifos meus). Mas esse era seu método investigativo: observar, coletar e analisar o senso comum de sua época. Quase como o trabalho do historiador, mas, que se vê em maiores dificuldades afinal de contas como dar conta de analisar tempos que não são os seus? Pois bem, parece que, ao expor racional e argumentativamente os vínculos da virtude com a disposição de caráter (hábito), deu-se uma incrível contribuição para uma ideia: “com respeito às virtudes e aos vícios não se diz que somos movidos, e sim que temos tal ou tal disposição” (idem, 1106a 5). Assim, nosso Filósofo aponta que a virtude é a excelência na função própria. A virtude de uma tesoura é cortar, a de um homem é saber, e a de um corajoso é dominar seus desejos. Mas quem dita a qualidade de um vício ou de uma virtude? Ideia que foi tomando novas e outras formas, mediante a REPETIÇÃO de DISTINÇÃO de uma dada classe de seres que ditam, e em seus rituais produzem, efeitos de verdade. Para estes “cidadãos em posição submissa”, escravos, trabalhadores, NOVA ABOLIÇÃO por meio do **perdão** de tanto esquecimento da Política.

§149

Ainda bem que a Vida Prática que interessava à investigação do Filósofo é também a nossa. Parece que a vida foi tomada numa espécie de efeito totalizante, controlador do saber e do poder (de fora). Rituais no qual o acontecimento dos ditos no jornal daquele ano na cidade (1911) contribui na produção de novas formas de hábitos. Lembre-se, caro leitor, tomamos hábito de modo distinto da nossa época²⁴. Cavando ali, escorregando aqui percebemos um desuso de tal termo. Indicado inclusive em Aristóteles: **hábito é possessão estável**. (ARISTÓTELES, 1978, 1138b, 32-34). E assim, há um processo que chamamos de

²⁴ Cf Platô 1, §107 e ss.

encarnação (e que não nos confunda com seitas religiosas). Significa que algo precisa necessariamente de veículo, de meio para encarnar. No acontecimento o encarnado produz novas formas de hábito, que no curso do tempo contribui naquilo que no *a posteriori* pode-se chamar de costume. Tudo começa com alguma prática ritualística em que há trabalho e participação (na ação). Não estar consciente disto, cognitivamente, não significa que esteja fora da participação (por isso a importância da educação que logo veremos). Embora apresentaremos maiores informações sobre os ditos do Bispo, podemos antecipar que foi apenas no jornal oficial da cidade, produzido e mantido pelo grupo política na época, que os discursos tomaram certa dimensão. Nos demais jornais investigados encontrei no máximo breves relatos sobre o contexto do evento: a colação de formandos do então Ginásio Santa Catarina. Forma-lembrança-hábito, importante tripé de inúmeras práticas na sociedade. De fato, a memória surge antes da História, por isso os ditos só puderam se materializar numa linguagem (retórica) porque antes grandes como Agostinho e Aristóteles já tinham em seus trabalhos e participação no mundo em suas épocas, deixado seus ensinamentos-lembrança. Ritual de aleturgia com vistas a produzir verdades no mundo sócio histórico. Se algo surge primeiro nas elites dirigentes, aristocráticas ou na atualidade endinheiradas, não é porque elas sejam as preferidas (de Deus, do Homem), por Zeus não! É tão somente porque tiveram condições materiais e espirituais para tomarem posse de algo que desde sempre já estava no mundo. Ah **trindade das misérias** na cidade: virtude e felicidade como fins no bem-viver; escravidão naturalizada, e anti-política do trabalho. Honestamente, aonde sobra espaço para ser. Cadê o SER? Parece que poucos leram até o final da “Ética” de Aristóteles, pois ele mesmo condiciona a cadeia de ações à contemplação. Precisamos de **ócio e não de negócio** para ler de fato algo tão rico.

§150

Portanto a fé ela não está nem na vontade nem no entendimento, mas no próprio ato do discurso, da aleturgia. Fé no Ato do dizer-verdadeiro do bispo, ação que na repetição da forma-ritual disseminado pela leitura do jornal, evidentemente, àqueles que tiveram tal acesso, pode ter contribuído em acelerar disposições para novas ações. E que não se confunda esse dizer-verdadeiro como algum tipo de confissão daquele que assume que sabia o que dizia, ou que mentiu muito bem.

Essa produção de verdade ou acesso para a verdade deve ser compreendido não por revelar um algo que estava oculto, seja pelas palavras de uma escrita ou de uma oratória, mas, trata-se da constituição de si mesmo a partir mesmo do que se podia ouvir ou ler enquanto carga moral daquela sociedade. Assim, e voltando ao tal dito, o que se pretendia encarnar não é apenas forma por excelência da vontade, e, por consequência do entendimento, mas, a obediência de agir conforme os ditos da divina FIGURA sofisticada do adivinho, que também se coloca como mestre na condução de corpos e consciências. Creio que precisamos de três revisões: das virtudes, da educação e da própria natureza do homem (a partir daqui ser humano). Em verdade, três mitos. E talvez assim tenhamos condições de recolocar a natureza na comunidade.

§151

Perceba que na posse (*héxis*) da virtude tem-se o conhecimento do objeto. Mas, o problema é amarrá-la, como nas estátuas de Dédalo (nota explicativa 9 em Platô 1), e não permitir virtudes e toda sorte de qualidades atuarem nas dinâmicas da vida e do mundo. Conforme desenvolvemos (Platô 1, §89) o saber na vida prática é efeito e não causa. Impossível não retornar ao Diálogo “Mênon” de Platão, que passa boa parte tentando mostrar que a virtude pode ser ensinada, e, no entanto, tem em seu fim um ensinamento fundamental na nossa Tese. Por isso peço antecipadamente desculpas por mais um excesso na transcrição.

§152

SÓCRATES: - Sim, e com a mesma razão ainda podemos afirmar que a opinião certa na vida prática não é nem pior nem menos útil do que a ciência e que um homem de opinião certa não é inferior a um que possui ciência.

MÊNON: - Penso que tens razão.

SÓCRATES: - Ora, estávamos de acordo em que um homem bom é útil.

MÊNON: - Exatamente.

SÓCRATES: - Portanto, uma vez que a ciência não é a única coisa que produz homens bons e como tais úteis aos Estados – se é que de fato os há; e uma vez que ambas essas coisas, a ciência e a opinião certa, não são um dom da

natureza...ou, acaso, pensas que um .; outra dessas coisas se dá pela natureza?

MÊNON: - Não, não o creio.

SÓCRATES: - Se, portanto, ambas não são dádivas da natureza, segue-se que não é a natureza que faz bons os homens.

MÊNON: - Necessariamente.

SÓCRATES: - Uma vez que não é a natureza, devemos indagar se a virtude é coisa que se ensine.

MÊNON: - Exatamente.

SÓCRATES: - Ora, pareceu-nos que a virtude podia ser ensinada, caso fosse uma espécie de ciência.

PLATÃO: - Perfeitamente.

SÓCRATES: - E que, se podia ser ensinada, era uma ciência.

MÊNON: - Efetivamente.

SÓCRATES: - E que, se existisses mestres, seria ensinável; se não, não.

MÊNON: - Isso mesmo.

SÓCRATES: - Donde concluímos que a virtude não é uma ciência e que não pode ser ensinada.

MÊNON: - Com razão.

SÓCRATES: - Reconhecemos, contudo, que a virtude é boa.

MÊNON: - Sim.

SÓCRATES: - Ora, vimos que duas coisas apenas eram capazes de nos guiar retamente: a opinião certa e a ciência. Com elas, bem se dirige o homem. O que sobrevém, com efeito, por obra do acaso nada tem que ver com o homem; e o que faz do homem um guia do que é direito são estas duas coisas: a ciência e a opinião certa.

MÊNON: - Tens razão Sócrates.

SÓCRATES: - Mas a virtude, uma vez que não pode ser ensinada, não é ciência.

MÊNON: - Realmente.

SÓCRATES: - De nossos dois bons guias, portanto, um acaba de desaparecer, e a ciência, como guia, fica eliminada da política.

MÊNON: - Bem o creio.

SÓCRATES: - Por conseguinte, não foi devido à ciência, nem tampouco por serem sábios que Temístocles e outros dos quais falava há pouco Anito, que esses homens governaram o Estado. E é por isso que esses sábios não conseguiram formar outros que se assemelhassem, pois não foi mediante a ciência que eles mesmos assim se fizeram.

MÊNON: - Creio que tens razão, Sócrates.

SÓCRATES: - Ora, afastada a ciência, resta-nos ainda e a apenas a opinião certa: é por ela que os políticos governam bem os Estados. E em face da ciência eles se encontram na mesma situação que os profetas e os adivinhos: pois, como estes, dizem muitas vezes a verdade, mas *sem o saber*.

MÊNON: - Parece-me que tens razão.

SÓCRATES: - E esses homens, desprovidos de ciência conseguem realizar bem muitas coisas esplêndidas e fazer ótimos discursos. Esses homens, caro Mênon, não merecem ser chamados de *divinos*?

MÊNON: - Certamente que sim.

SÓCRATES: - Teríamos portanto razão em chamar divino aos profetas e adivinhos, e a todos aqueles que o delírio poético agita; e também devemos afirmar, com maior razão ainda, que divinos [sigo a nota de Paleikat: etimologicamente **entusiasmo é sinônimo de divino, significa: ter o deus dentro de si**] são os políticos, pois é graças ao contato direto que têm com a divindade que conseguem fazer grandes coisas com seus discursos, embora não saibam o que estão a dizer.

MÊNON: - Sem dúvida.

SÓCRATES: - Sim; de fato, caro Mênon, as mulheres chamam *divinos* aos bons; e os próprios lacedômios, quando desejam louvar um homem bom, exclamam: *Este homem é divino*.

MÊNON: - E com razão, pelo que me parece, caro Sócrates. Creio, todavia, que Anito encolerizaria [ficaria irritado] com tua linguagem.

SÓCRATES: - Pouco se me dá. Com ele, caro Mênon, havemos de falar novamente um

outro dia. Quanto a nós e à nossa discussão, se a soubemos dirigir de começo a fim na forma devida, e se efetivamente não há entre os políticos um que possa formar outro político à sua imagem – concluímos evidentemente que a virtude nem é dádiva que se receba por obra da natureza, nem coisa que possa ser ensinada, mas que é por graça divina e não pela intervenção da inteligência que a recebem os que a possuem. Se há porém, um político que pode educar os outros e formar novos políticos, este, então, fará entre os vivos o mesmo papel que aquele Tirésias [sigo mais uma nota explicativa de Paleikat: segundo Homero Tirésias foi a única exceção que depois da morte não perdeu sua consciência] fazia entre os mortos, e de quem Homero dizia que era o único a possuir consciência, sabedoria, sendo os outros apenas sombras.

MÊNON: - Creio, Sócrates, que falaste bem.

SÓCRATES: - Assim, pois, meu excelente Mênon, segundo nosso raciocínio, a virtude nos pareceu resultar, naqueles em que se encontra, de um exclusivo favor divino. Só podemos compreendê-la bem quando procurarmos antes de tudo, não *como* os homens adquiriram, mas *o que* ela é. Agora, porém, devo ir. Quanto a ti, caro Mênon, faze com que teu amigo Anito compartilhe da tua opinião; dessa forma ele se acalmará – e se isso conseguir, terá prestado aos atenienses um grande serviço! (PLATÃO, 1954, 98-100, grifos em negrito são meus, e destaques em itálico são do Filósofo).

§153

Não sei se Aristóteles leu “Mênon”, mas o que interessa é que a virtude uma vez que não se ensina não é ciência. Última parada: “A República”, do grego *politeia*, diz respeito não a uma forma de governo, mas a “tudo o que diz respeito à vida pública” (PEREIRA, 1996, XXVII). E a “A República” de Platão, tão marcada como aquele texto que elogia o autoritarismo do Rei-Filósofo parece ter sido rotulada por algum engano. Platão tem a VONTADE DE SABER, basta ler o Livro V que dentre outros argumentos apresenta o método socrático/dialético

da refutação, o que leva, por sua vez, a sua definição de filósofo e da sua filosofia: um homem não voltado a doutrinas fechadas, mas, dotado de uma capacidade para o abstrato. E mais, “não esqueçamos que é para a ideia suprema do Bem que se orienta a formação do filósofo-rei” (PEREIRA, 1996, p.XLVI). E, siga Pereira (idem, p.XLVIII) na questão de “A República”, a saber: por que “o sistema educativo é essencial na formação dos cidadãos”, cabendo-lhe “um papel de relevo numa obra que trata da cidade”. Ora, tem-se então, com Platão três entradas para o BEM: 1) alvo da vida. Em sendo alvo não é possível de ser ensinado, é mero efeito. Logo, BEM=PODER=SABER; 2) é condição do conhecimento. Em sendo o conhecimento assumido não pela sua exterioridade, mas, pela interioridade do ser, tem-se que CONHECER=CUIDAR DE SI; 3) é o motor da vida. Em sendo o que sustenta o mundo, segue-se que BEM=JUSTO=BELO. Neste sentido, questiona-se o quão tirano seria este Rei Filósofo. E logo no início do Livro VII, temos a famosa alegoria ou mito da Caverna. Neste, Platão (1996, 514a) expressa claramente sua investigação relativa “à educação ou à sua falta”.

§154

Ao que nos interessa, homens algemados de pernas e pescoços desde a infância estão numa caverna, e, voltados contra a sua abertura. Nesta, entra a luz de uma fogueira acesa no exterior, de modo que não conhecem o fora senão pelas sombras das figuras que passam, projetadas na parede, e pelos ecos das vozes. E então um destes se soltou, foi lá e viu. Voltou para anunciar todo um mundo que não se (re)conhecia. Não adiantou, ninguém acreditou e tampouco saíram da escravidão da caverna. E no Livro X, parece que Platão expulsa as artes miméticas da República, mas seria a mesma exclusão que Aristóteles argumentou àqueles não-cidadãos (escravos, estrangeiros e artífices)? Não. A discussão de Platão é para afirmar a VONTADE DE SABER da Filosofia frente à prática educativa da sua época pela Poesia (PEREIRA, 1996, XXXVII). Mas é sempre prudente tomar cuidado com rótulos, pois, com a lupa eles podem cair. Ora, não esqueçamos que Platão antes de filosofar era dramaturgo, e, por isso seus “diálogos” podem ser considerados como encontrou entre a Arte e a Filosofia. Pois, na medida em que causam sensações e percepções pelo modo da construção dos argumentos de seus “personagens”, tal como um artífice, despertam no leitor por meio do sensível reflexões intelectivas. Então, que não

esqueçamos das relações possíveis entre ética e estética, ou se preferir E(STE)TICA.

§155

Finalmente, é importante destacar, caro leitor, que tanto a verdade de Platão nas formas do belo, do justo e do bem, e o bem comum (*bíos*) de Aristóteles, são apenas perguntas norteadoras, não são definições ou axiomas. O bem viver no mundo grego envolve aspectos materiais e de caráter (formados ao longo da vida), e as questões são justamente como se dá tal processo. As condições do bem viver do diálogo socrático (refutador) de Platão são retomadas em outra dimensão por Aristóteles. Aliás, este Filósofo indica que não é possível uma vida ativa sem ócio e escola. Somente por isso requeremos o **poder do perdão** para com o Filósofo (ele é muito importante nesta Tese). Aliás, como conseguiria chegar com alguma força a algumas ideias sem ter tido tempo de pensar? Muito trabalho e diversão na participação possível no ócio.

§156

Ora, e se o mito da caverna fosse apenas a mensagem de Platão que aponta a chegada à interioridade que ilumina algo como a compreensão de que o saber está na *zoé*? Teríamos, pois, a condição de uma educação aberta, não presa ao ritual da pergunta-resposta certa. Processo filosófico de VONTADE DE SABER, e de VIVER NA POTÊNCIA DO PENSAMENTO, e logo, POTÊNCIA DA VIDA. Ora, com essa simples torção, o rei-filósofo não se trata de um ente especial, que dita o bem-viver (*bíos-politikon*), mas, o CONHECER e o CUIDAR DE SI como chegada à grande Virtude de todas: daquele que se conhece na própria obra do conhecer a si²⁵. E sendo uma forma sem fundo, portanto não corresponde a nenhuma apreensão conceitual. Soltem as estátuas de Dédalos, e deixem o saber caminhar.

²⁵ Sabe-se desde a pesquisa de Foucault (2010c, p.70), que a fase do cuidado de si em Sócrates e Platão possui dentre suas limitações o fato de que suas práticas tinham como alvo do cuidado o comportamento da elite já que “é preciso ter capacidade, tempo, cultura, etc.”. Mais especificamente “os jovens da elite destinados ao exercício do poder” (p.75). O que será disseminado como cultura geral para todos no período helenístico.

§157

Três grandes enganos na história do mundo: 1) educação como adestramento; 2) virtudes presas numa cadeia para tal felicidade; 3) FUNÇÃO PRÓPRIA DO SER HUMANO=CADEIA RAZÕES. Mas se Linguagem, Ideias, Memórias, Hábitos são tecidos VIVOS da própria experiência, então faz sentido, como saída aos três enganos, apontar para a POTÊNCIA DA VIDA COMO OBRA DE ARTE.

§158

- Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo.

- Como?! Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse – com as mãos um pouco febris – o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhes desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. **Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil: ela rege nossos papéis. Que elas nos deixe livres quando se trata de escrever** (FOUCAULT, 1969/2012c, p.21, grifos meus).

§159

No Platô **UM**, §104, apresentávamos a “*dynamis*” como a capacidade tanto da potência quanto da potencialidade, algo que Agamben (2006, p.14) também detecta, e salienta que ambas as noções (potência e potencialidade) não deveriam ter sido dissociadas na tradição moderna. Outro engano (agora moderno). Mas o mais surpreendente do texto do Pensador italiano é sua pesquisa nos termos aristotélicos. Pois, *steresis* que tem o sentido de privação se relaciona estrategicamente com *éxis* (*héxis*), “ou seja, de algo que atesta a presença daquilo que falta no ato”, logo, “ter uma potência, ter uma faculdade, significa ter uma privação”, daí segue-se que uma sensação não sente a si mesma do mesmo modo que um combustível não queima a si mesmo (p.15). E, na “Metafísica” está escrito: “**o potente é tal porque tem algo, às vezes porque lhe falta algo**” (ARISTÓTELES, 1019b, 5-8, grifos meus). Assim, tem-se que a Potência é “definida essencialmente pela possibilidade do seu não-exercício, assim como *exis* significa disponibilidade de uma privação” (AGAMBEN, 2006, p.16). Logo, tem-se que está em jogo nestas argumentações aristotélicas um “modo de ser” da Potência, “que existe na forma de *exis*, da soberania sobre uma privação”, ou seja, “há uma forma, uma presença daquilo que não é em ato, e essa presença privativa é a potência” (idem, p.16-7). Ora, disto segue-se que “a ambivalência específica de toda potência humana” está no fato da própria relação com a “privação”, e é justamente essa “relação que constitui para Aristóteles, a essência da potência” (idem, p.21). E assim na Potência “acolho, recebo, admito” (ARISTÓTELES, 1050b, 10). Aqui temos a questão da contingência. O que antes apontávamos como ENTIDADE=ACONTECIMENTO (Platô 1, §106), começa agora a preparar o terreno para nosso último nível do SER. Metafísica como tarefa de pensar como as multiplicidades relacionam pluralidade de entes no mundo (nas séries de acontecimentos aparentemente desconexos).

§160

Última revisão para **hábitos**. Preparo para o voo. Na “Metafísica” (1022b, 7-10, grifos meus) tem-se que *exis* é uma relação entre aquele que tem e aquele que é tido, assim, “**é impossível ter uma *exis* (*echein exin, exis, habitus*), já que se chegaria ao infinito, se fosse possível ter o hábito daquilo que se tem**”. E, por um lado Aristóteles

ao referir que a *exis* de uma potência não pode ser possuída, o que leva Agamben (2006, p.23) a concluir que não é possível a concepção do sujeito moderno dotado de uma “consciência auto-reflexiva como centro de imputação das faculdades e dos hábitos”. E, por outro lado (e não menos genial) temos a proclamação aristotélica: “Se uma potência de não ser pertence originalmente a toda potência, **será verdadeiramente potente apenas quem, no momento da passagem ao ato, não anulará simplesmente a própria potência de não [da privação], nem a deixará para trás como ato, mas fará como ela passe integralmente nele como ato**, isto é, poderá não-não passar ao ato” (apud AGAMBEN, 2006, p.23, grifos meus). O que traduzimos a partir de AGORA como POTÊNCIA=ATO. E, que nesta Tese defendemos como a UNIVOCIDADE DO SER. A rigor, a única ontologia possível. Contudo, não se reduz na contingência dos acontecimentos donde **entidades** põem dadas dinâmicas no mundo em sua imanência. Ainda assim entendemos ser possível, a partir da analogia do ser, investigar aspectos desta POTÊNCIA “verdadeiramente potente”. Agamben (2006, p.27) no fecho do texto que comenta Aristóteles, entende que se devem medir as consequências dessa nova figura da potência que, “doando-se a si mesma, se salva e cresce no ato”, o que nos “obriga” a repensar não apenas uma “relação entre potência e ato, entre o possível e o real, mas também a considerar de uma forma nova, na estética, o estatuto do ato de criação e da obra, e na política, o problema da conservação do poder constituinte no poder constituído”, mas é mais, pois “é toda a compreensão do ser vivo que deve ser revogada em questão, se é verdade que a vida deve ser pensada como uma potência que excede incessantemente as suas formas e as suas realizações”. Portanto, e aqui nos despidimos de autores, **hábito é a possessão estável e provisória de partes da potência do ser canalizadas em alguma forma ritual**. Mas, como há intrinsecamente a privação (da potência), como podemos adentrar na investigação do ser? Em sua forma mais simples? Pois, visto que o ser de uma vez só com a infinitude do hábito não se realiza (POTÊNCIA=ATO), pensamos então que é possível apontar indícios desse SER como ACONTECIMENTO SINGULAR.

§161

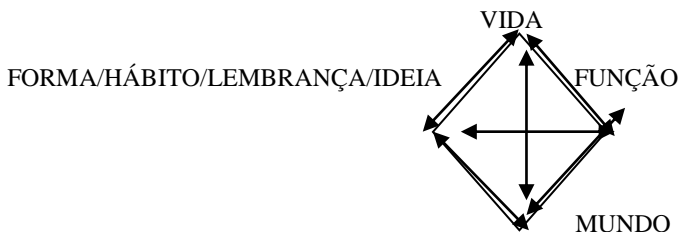
Estamos a repetir que a chave está no hábito, e, na participação. O que precisamos pensar agora é como se ligam uma memória produtora (como nos jornais, nos entes que os leem e que os escrevem)

e, os eventos de uma cidade. Lembre-se, caro leitor, que o **estar**, o **sendo**, o **é** se dá na participação.

§162

O hábito atualiza-se na posse das forças dinâmicas (Vida e Mundo) e, não se encerra nele mesmo. É mera **ponte**: abstrato-concreto, entre ideias e formas. Ponte que toma forma, por isso aparenta algo, mas no limite é um véu que voa na próxima atualização. Por isso hábito não é algo inerte, do passado, uma tradição para ser chorada pelo simulacro. A esta colagem: cópia fiel ou imitação na representação? Mas, lembre-se de que no limite da representação da coisa que se pretende presa no conceito, tem-se tão somente a *Idea* (*eidos*), o fundo do visto. Por isso estamos com Platão (1972b, 235e-237a, grifos meus): a arte que copia e o simulacro são artes que produzem imagens, e “nos vemos frente a uma questão extremamente difícil; pois, **mostrar e parecer sem ser, dizer algo sem**, entretanto, **dizer com verdade**, são maneiras que **trazem grandes dificuldades** hoje, ontem e sempre”. A expulsão dos imitadores da cidade na “República” é o grito do Pensador para proclamar a emancipação do ser na educação de si por si mesmo, a única possível. Por isso entendemos a figura do Filósofo-rei não como um comandante da cidade com seus súditos, mas, pelo contrário, à chegada da encarnação da POTÊNCIA DA VIDA através da VONTADE DE SABER. Mas, como a vida é breve, e a POTÊNCIA é infinita, certamente não será nesta vida a realização de toda esta Obra. O que não impede que não se tenham espécies de frestas deste SER da POTÊNCIA no ATO. Por isso sugerimos um modo de conceber a dinâmica dos entes (jornais, seres humanos) através do Poliedro Ontológico.

§163



§164

Perdoe-me a incapacidade de tal esboço. Esforço na explicação argumentativa. O Poliedro Ontológico é mais um diamante tridimensional, para sair da rigidez de um lado apontar para cima ou para baixo, para direita ou para esquerda. É FIGURA sem fundo. É puro devir, e, ao mesmo tempo só existe como ACONTECIMENTO. Afinal de contas quem não se lembra de algo? Quem não consegue ao manusear uma folha qualquer compreender signos? No entanto, não é possível se lembrar de tudo. Contudo, temos a possibilidade de “acolher, receber, admitir” alguma POTÊNCIA. Então, precisamos complementar um pouco Aristóteles. Por um lado, que aponta ser a função o fim do hábito. E, coloca a função no plano sensível (imane) e hábito/ideia/forma (acrescento lembrança) no plano inteligível. Precisamos torcer um pouco. Pois, só há imanência. O que significa que se fosse o caso de se pensar num evento inicial neste mundo, teríamos que concordar que o nascimento é uma boa sugestão. Nasce algo com uma forma, e, ao mesmo tempo é na própria forma a chave para pensar sua função. Lembrem: a chave estava sempre no hábito e na participação. Por isso que forma encarnada (de uma ideia, de uma lembrança que se faz identificar com objetos quaisquer) só é possível de se fazer em ato através do trabalho que envolve participação com outras formas, ideias. E, se seguissemos neste argumento, eliminando toda pretensão futuroológica/teleológica, teríamos somente meios e formas/hábitos/ideias/lembranças. Logo, só há **meios que transmitem alguma mensagem**. E, segue-se disto que hábitos/memórias etc. e tal **são e estão** intimamente relacionados (participativos) na função de tudo o que há. NOVA tautologia. Mas, mais simples, e talvez quase perfeita. E, assim ocorre com a Vida (Potência) e o Mundo (imanência). Pois não estão separados, como *zoé e bíos, homo faber, homo laborans* e *vida de pensamento/ação*, ou mesmo *homo ludens* e crianças, artista; ou qualquer artificialidade para se compreender algo no mundo. E todas são necessárias para fazerem aparecer aquilo a que se referem. Depois é bom queimá-las, e, apenas seguir.

§165

“: - Não passarás nos portões da academia de sua época”. Precisamos melhorar os argumentos do Poliedro. Ou melhor, esta caixa de ferramentas que busca conciliar a ideia de que “teoria é prática” (Foucault), de que “uma teoria é uma caixa de ferramentas”, de modo

que “nada tem a ver com o significante” (Deleuze) (FOUCAULT, 2012d, p.38). A rigor, para operacionalizar esta caixa de ferramentas teórico-prática, movemos três distintos tipos de noções de jogos, mas, que nos aparecem como noções fundamentais para se compreender certos acontecimentos na Cidade. Jogos que de alguma forma são o motor pelo qual a sociedade se fez. Jogos que foram se complexificando em múltiplas formas imanentes. Jogos passíveis de serem revelados como acontecimento. Finalmente, convocamos três importantes jogadores-Pensadores: Foucault, Huizinga e Mauss. TRÊS JOGOS. Começemos pelo último.

§166

Marcel Mauss (1872-1950), sobrinho de Durkheim, esforçou-se em compreender a “vida social como um sistema de relações” (LÉVI-STRAUSS, 1950/2003, P.34). Sendo justamente este o mote para texto “Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, de 1925, considerada a “obra-prima de Mauss” (IBID, p.23). O que nos interessa é o modo como Mauss interpreta o “Potlatch”, um “sistema de dádivas trocadas” nas ditas sociedades simples, e, que o Pensador encontra herança com o posterior desenvolvimento dos sistemas jurídico e econômico. Ao que nos interessa as três obrigações de “dar, receber, retribuir”, é o que caracterizam a “troca”, observáveis no empírico (MAUSS, 1925/2003, p.235). Assim, “dar” é a essência do Potlatch, “receber” não se rejeita, e “retribuir, geralmente com juros, não se consiste em pura destruição do Potlatch”, sendo a “obrigação de retribuir” “todo o Potlatch”, de modo que a não realização destas “obrigações” é tida como uma “pena” para os nobres em violar tal “etiqueta”, com consequências na “perda da posição social” (IBID, p.235-245). Nesse sentido, o “potlatch” trata das relações de reciprocidade entre as classes superiores na hierarquia de uma sociedade, caracterizado por dois elementos essenciais: 1. “mana”: honra, prestígio; e, 2. Obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder esse “mana”, o “espírito da coisa dada”, essa “força”, essa “autoridade”, esse “talismã”, enfim, essa fonte de riqueza que é a própria autoridade. Portanto, para não perder o “mana”, é preciso “dar” e “retribuir” (IBID, p.195-197).

§167

Para Lévi-Strauss (2003, p.37) Mauss está movido em compreender o ato mágico da troca como juízo, i.e., como a expressão de sentimentos sociais se formaram, de modo fatal, ou fortuito, escolhidas em sua maior parte de forma arbitrária. No entanto, para Lévi-Strauss (p.39-40) sentimento, fatalidade, fortuito e arbítrio “não são noções científicas”, pois, “não esclarecem os fenômenos que se queira explicar, [já que] elas participam deles”. Assim, num certo sentido, a noção de mana em Mauss “apresenta os caracteres de potência secreta, de força misteriosa”, o que tanto Durkheim quanto Mauss atribuíam: “o papel” que mana “desempenha no próprio sistema deles”, “aí, realmente, mana é mana” (p.40). Mas, aqui, não descartaremos o “potlatch”, “mana” no jogo das distinções sociais. Pois é útil para nossas análises sobre uma sociedade em sua época. Bem-vindo ao JOGO.

§168

E, Johan Huizinga (1872-1945), ele mesmo considerou em partes o “jogo” de Mauss, o “potlatch” em seu fundamento “agonístico” como resultado das posses de toda tribo que vão circulando por entre “as grandes famílias ao acaso” para “afirmar a superioridade, aquisição de glória, prestígio”, visto que o mais importante no “potlatch é ganhá-lo” (HUIZINGA, 1938/2012, p.67-68). Contudo segundo o Pensador, suas perspectivas não são as mesmas (p.68). É que Huizinga, em “*Homo Ludens*”, um de seus últimos trabalhos, mas, cuja posição teórica vinha sendo desenvolvida desde 1903, destaca-se com uma tese ousada: o jogo é fato cultural primordial, a forma elementar em todas as principais manifestações do espírito humano. Como já afirmamos (Platô **ZERO**, §29), Huizinga sabe que não se pode afirmar simplesmente que **tudo é jogo**, mas, destacou em sua pesquisa a presença do espírito lúdico nas formações culturais (competição, artes, poesia, filosofia, conhecimento), linguística. Destaques para a ressalva de Gastaldo e Helal (2013, p.114, grifos meus) a respeito da opção do tradutor brasileiro do livro de Huizinga, pois “*Homo Ludens* – o jogo como elemento da cultura”, não é uma boa tradução do holandês, que seria mais apropriada a seguinte tradução: “**Uma demonstração da determinação do elemento lúdico da cultura**”. Pronto: este é nosso ponto de vista para tratar do fator lúdico na Ilha de Santa Catarina. O fator lúdico, de alguma maneira, sem tratar a história de modo teleológico, é determinante nas formas em que a cultura se estabeleceu. Contudo, por mais paradoxal que possa parecer:

o fator determinante do jogo/lúdico não significa que ele mesmo seja um dado, uma essência, que sempre esteve ali pronta para ser revelada. Embora Huizinga aponte um “autêntico lúdico [que] desapareceu” desde a sociedade ocidental do século XIX, com o advento da sociedade burguesa do trabalho, e, “mesmo onde ele parece ainda estar presente trata-se de um falso jogo [falso lúdico], de modo tal que se torna cada vez mais difícil dizer onde acaba o jogo e começa o não-jogo” (HUIZINGA, 2012, p.229). Ele mesmo indica que “nenhuma civilização existe sem certo elemento lúdico” (p.234). Nesse sentido, e, longe de estabelecermos um em si do jogo como uma forma pura e universal, devemos com rigor pensar em suas características dentro dos próprios jogos de uma sociedade.

§169

E aqui nos encontramos, pois esta Tese busca colocar características do fator lúdico inseridas no próprio processo histórico das práticas de diversão na Ilha de Santa Catarina. Assim, longe de uma pretensão essencialista, precisamos recolocar o último elemento para nosso JOGO (algo que já vínhamos apontando).

§170

Último degrau do jogo. Para Foucault (1984/2012e, p.258-9) há dois tipos de “ascese”: 1. Renúncia a si; 2. Afirmação de si, denominada “prática de si”. Sendo que desta última, deve-se ter calma para não interpretar esta “liberdade” por “liberação”. Evidentemente num estado de dominação, a partir de uma total e irrestrita subordinação a um alguém (ou instituição), não é possível haver práticas de liberdade. E, neste caso, talvez a liberação possa mesmo ser condição (política, histórica) para “práticas de liberdade”. Contudo, fora desta situação-limite, há o risco de se remeter à ideia de que há uma natureza humana ou essência humana que, após certo número de processos históricos, econômicos e sociais, “foi mascarada, alienada ou aprisionada por mecanismos, e por mecanismos de repressão” (p.259). Nesta hipótese, bastaria “romper esses ferrolhos repressivos para que o homem se reconcilie consigo mesmo, reencontre sua natureza plena e positiva” (idem). Mas, não, (e aqui seguimos Foucault), se há natureza humana (assim como natureza da cidade, e, mesmo natureza para ser apreciada da paisagem de um oceano), é tão somente pelos “jogos” de verdade que produziram sujeitos, subjetividades através de técnicas de poderes (de si

e dos outros). Neste sentido o “jogo” não se trata de um conjunto de regras de produção de Verdade, não no sentido de “imitar”, de “representar”, mas, “é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda” (p.276).

§171

Trata-se de perceber nas práticas tidas como diversão os “jogos de forças”, as “estratégias”, em que “há processos múltiplos envolvidos”, afinal de contas “não há práticas sem certo regime de verdades” (FOUCAULT, 1978/2012f, p.332-335). O que significa que o estudo das “práticas” é para estudar este jogo entre um “código” que regula maneiras de fazer – prescrever, educar indivíduos – e uma “produção” de discursos verdadeiros que servem de “fundamento”, de “justificação”, de “razões de ser” e de princípio de transformação a essa mesma maneira de fazer (p.335). Nestes termos, Foucault denomina que a “acontecimentalização” faz surgir “singularidades”, em torno do acontecimento, num “**poliedro de inteligibilidade**” (p.333, grifos meus).

§172

Mauss, Huizinga, Foucault e, juntamente com outros que ajudam na colagem destes elementos por natureza heteróclitos, e que contribuem com o desenvolvimento da **questão** acerca dos **jogos de poderes** (políticos, institucionais, de classe), dos **jogos chamados lúdicos** dentre suas características passíveis de serem analisadas, serão mobilizados a favor da empiria que não tarda a aparecer. Portanto, o Poliedro Ontológico trata de uma histórica crítica de como (através dos jogos, das estratégias) o elemento lúdico (em suas características que permitem certa libertação) fez circular, reproduzir, criar novos corpos (memórias, sentimentos, ideias), através de seu próprio mecanismo ação-paixão.

§173

[Mas,] **O leitor destas páginas não deve ter esperança de encontrar uma justificação pormenorizada de todas as palavras usadas.** No exame dos problemas gerais da cultura, somos constantemente obrigados a efetuar incursões predatórias em regiões que o atacante ainda não

explorou suficientemente. Estava fora de questão, para mim, preencher previamente todas as lacunas de meus conhecimentos. **Tinha que escolher entre escrever agora ou nunca mais; e optei pela primeira solução** (HUIZINGA, 1938;2012, grifos meus).

§174

É na seriação aparentemente desconexa – de palavras, fatos e coisas expostas no jornal o arranjo possível para fazer ver um mundo (em sua cultura). Mas não somente. O **espírito** é um **dever**, logo, “o mundo não tem finalidade, nenhum estado final, que é incapaz de *ser* (idem, p.304, §380, grifo do autor). E, no entanto, há uma constante energia (privação da Potência) que “exige o ***Eterno Retorno***” (idem, p.304, §381, grifos nossos). Pois, a memória de longa duração é a Vontade de Viver (ou de Saber, ou de Pensar). Segue-se, então que é na *zoé* e não no tal bem-viver, que até hoje não entendo, o caminho para nossa ABOLIÇÃO. Eis o Retorno, a partir das memórias pescadas dos eventos do passado. Elementos de fogo, água, terra e ar conjugados pela dinâmica da simpatia: MAGIA. Eis que chegamos à margem, ao limite para compreender o SER UNÍVOCO através da magia do brincar. Como “**conceito simplesmente simples**” e “**perfeito**”, POR VIR DO CONCEITO PRÓPRIO da coisa que se analisa, não se deduz de analogias e muito menos de equívocos (SCOTUS, Livro I, Distinção 8, Parte 1, Questão 3, grifos meus). Será então UNÍVOCO toda leitura que me causar VONTADE de **brincar (princípio metodológico)**. Eis que com a aleturgia temos condição de pensar o (nosso) ritual do brincar. E que nos permite dizer verdades (no limite, sempre nossas interpretações).

§175

Potência do Brincar. Atualização e Ilimitado é o SER quem BRINCA. “: - Cadê sua velha caixa de brinquedos?”. Recolocação do Cogito agostiniano: “*Si enim fallor, sum*”. Se eu brinco, existo, vivo e penso.

§176

Assim, embriagado pela e(ste)tica enquanto prática de si temos capacidade da atualização do SER na Potência da VIDA. Eis que se

movimenta a roda para o SABER. Efeitos plurais e multiplicados no mundo. Saber médico do coração tratado com alimentos *in natura* é tão antigo que não precisaria de publicidade de DIFERENTES Sofistas. Temos então outro esquecimento da Política do Ser (ação e participação) destituindo não o sentido para a Vida através de um bem-viver, mas, eliminando condições de Sua Participação na *Pólis* moderna. E, para (re)memorar: é na Vida Prática que temos a Participação. Todos os hábitos, formas e ideias buscam ao seu modo a perfeição. E daí que ela não se dá a perceber com toda a força neste Mundo simplesmente não é nossa questão. O que Aristóteles, lendo um tipo de Platão tentou nos parece ter sido a construção final do Projeto do Mundo. Enganamos todos quando não damos margem ao Diálogo, pois sozinhos, honestamente, caminhamos pouco. Por isso a nossa sociedade beira ao colapso, trancados nas posições (aparentemente dialogáveis) temos apenas defesas do ser frente à tanta brutalidade da sociedade. Aporia do bem-viver (que jamais se realizará a todos) apenas enclausura a Vida.

§177

É possível um ato de criação artística que revela mesmo numa cópia certo modelo dos *eidos*? E, então da câmara escura chamada Caverna, ou ECOS do Passado, a possibilidade de alguém ou mesmo algo marcar aquele que agora vê com mais nitidez. Não a Forma na sua Potência, mas, um certo visado, um fundo que em si é pura beleza, é justo e bom. Eis, de fato, o fato de Viver na Virtude. Eis que a câmara clara (BARTHES, 1984) como um salto da visão, não é apenas o familiar, mas, também a magia na dinâmica da simpatia. E como afeta! Desde a recolocação da tragédia de Sófocles (Platô 1), estamos perseguindo esta questão do Saber: ignora-se, tiraniza-se...? Quem é, de fato, o rei que Sabe? Talvez a vida na cidade não tenha se tornado pela sucessão de fatos/acontecimento nem mais corruptiva e nem mais gerativa. É o que veremos nos Atos.

§178

Pela e(ste)tica temos a possibilidade de avançar sobre a univocidade do ser, mas, apenas e tão somente pelas contingências na qual conseguimos explorar o ser analógico. Eis o elogio ao precioso trabalho historiográfico. E o espírito SEMPRE **brinca** a VIDA. Temos, pois que a liberdade do espírito só é possível na embriaguez (AMOR=AMIZADE=ALEGRIA). E, não ignorar processos de

intolerância, discriminação, e, ainda reunir POTÊNCIA para prosseguir, fazendo o possível (e cada um só faz o que pode ao seu alcance). Logo, da liberdade do espírito possível à sua realização em algum Ato, tem-se o que chamo de FRESTA DE RESPIRO (através de ascese enquanto práticas de si).

§179

Com Michel Foucault (1926-1984) a relação entre ética e estética acompanha Nietzsche na ruptura da metafísica e se direciona para um ethos, que deixa de ser obediência restrita às regras para se constituir numa busca da estética da existência (HERMANN, 2005, p.59). Este Pensador defende **que a arte não esteja relacionada apenas com os objetos e sim com a vida dos indivíduos**. Deste momento²⁶ de Foucault (2010c) em sua genealogia da ética organiza três momentos do “cuidado de si”, que não são necessariamente estanques: **1.** Momento socrático-platônico; **2.** Idade de ouro do helenismo exemplificada nos dizeres de Sêneca, Epícteto, Marco Aurélio (séculos I-II d.C.); **3.** Cristão (séculos III-IV d.C.). Estes se traduzem em “práticas de si” que se referem a uma atividade do sujeito moral a partir dos valores socioculturais de sua época (FOUCAULT, 2012e, p269). Ou seja, é o modo com o qual “o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através

²⁶A estética da existência e do cuidado de si é produzida pelo assim chamado último Foucault. Segundo Morey (1990), distinguem-se três fases intelectuais no pensamento do filósofo: **1.** A primeira centrada em torno da pergunta pelo saber se reconhece pelo nome de arqueologia, e compreende o período de 1961 a 1969, quer dizer de *Histoire de la folie*, *L’archéologie Du savoir*; **2.** A segunda caracterizada como genealogia, começa com a elaboração da pergunta pelo poder em textos como *L’ordre Du discours*, Nietzsche, *la généalogie, l’histoire* (ambos de 1971), e encontra seu momento maior com a publicação de *Surveiller et punir* (1975) e o volume primeiro da sexualidade: *La volonté de savoir* (1976); **3.** Finalmente, o desenvolvimento que conduz à terceira se anuncia já pelas questões como a governamentalidade, a partir de 1978, e tem sua complexa realização principalmente nos segundo e terceiro volumes da *História da Sexualidade*. *L’usage des plaisirs* y *Le souci de soi*, ambos de 1984, publicados um mês antes de sua morte. Essa última etapa se articula em torno da questão da subjetividade ou, se prefere, das técnicas e tecnologias da subjetividade (MOREY, 1990, p. 12-13). Morey adverte, contudo, sobre os riscos em assumir essa classificação de modo estanque, pois os procedimentos metódicos não se substituem um pelo outro, mas se englobam em círculos cada vez mais amplos.

de práticas de si”, que, “não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente”, haja vista que se tratam de “esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (idem).

§180

E, dos três momentos, me aproprio, em partes, da “idade de ouro”, pois, é justamente no conjunto deixado por estes pensadores Greco-romanos que se têm condições de situar espaços de liberdade do sujeito. Desta época: o corpo, os familiares e a casa, o amor, são atravessados pelos “grandes domínios” da “dietética, econômica, erótica” (FOUCAULT, 2010c, p.146) como práticas de si. O que significa que as **práticas de leitura, de escrita, de alimentação, de exercícios físicos, espirituais**, dentre outros, eram conduzidos de modo a oportunizar conversão no próprio sujeito da relação de si para consigo mesmo, afastando-se das preocupações morais de toda sorte que constroem, e que “pode-se, então, voltar-se para o próprio passado [...] e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará” (FOUCAULT, 2014a, p.84).

§181

Eis que o leitor irá perceber algumas duplas entradas: **1.** A prática de conversão deste autor se realiza no próprio processo de escrita e leitura da TESE (que se poderia chamar de *prática de si vertical*). **2.** Tendo como horizonte os materiais da pesquisa no âmbito da História, vestígios do passado a ser analisado (que por complementação denomino *prática de si horizontal*). **3.** Ambas dimensões perfazem, cada qual ao seu modo, um **duplo voltar-se para o próprio passado**: tanto pela relação que produz **conhecimento tomando a si próprio como objeto de conhecimento**. “: - Esse eu que aprende no contexto da experiência com as diversas etapas com a Tese, da investigação à análise, da leitura à escrita, nem sempre nessa ordem”, quanto pelo conhecimento que se produz na medida em que algumas das práticas a serem mais focalizadas (**alimentação, exercícios físicos, banhos de mar**) foram objetos de ação para transformação de sujeitos de uma época. ECOS DE CORPOS como sendo o encontro de uma sensibilidade que historicamente foi sendo construída, com seus valores e padrões morais.

§182

Numa palavra, CUIDAR DE SI É FRESTA. Seria uma fresta (ou brecha) que se realiza a partir do cuidado de si, que não se trata de um convite à inação, mas do contrário, “aquilo que nos incita a agir bem, aquilo que nos constitui como o sujeito verdadeiro de nossos atos”, por isso que, “mais do que nos isolar do mundo, é o que nos permite nele nos situar corretamente” (GROS, 2010, p.486). Trata-se, pois, de medir mais precisamente o lugar que se ocupa no mundo e o sistema de necessidades no qual se está inserido. Eis que o **“sujeito, descoberto no cuidado, é totalmente o contrário de um indivíduo isolado: é um cidadão do mundo”** (GROS, 2010, p.486, grifos meus).

§183

Práticas que envolvem dimensões do “cuidado” e do “poder” podem: **1)** realizar mediante a superfície do ser (em seu hábito automatizado) alguma OBRA/AÇÃO; **2)** realizar através da ponte do ente na sua superfície que espontaneamente recebe alguma ideia/lembrança/forma CAPACIDADE. Obra/ação e capacidade mediatizadas por todo tipo de técnica/arte, tanto faz se é médica, pedagógica, da produção dos jornais, da fabricação de um relato historiográfico ou cultural, pois, a rigor, independem os meios, pois, o fim, quando cola com estes, é sempre transmitir algo de alguma LINGUAGEM. **E a língua é, pois, viva! Logo, vida.** E a linguagem se dá numa questão de “força (do indivíduo ou do povo)”, e daí decorre o “sentimento de potência expressa o julgamento *belo*, até a respeito de objetos e de condições que o instinto de impotência” (lembra-se da privação da Potência em Aristóteles) somente pode considerar “dignos” de ódios, como “feios” (NIETZSCHE, 199-, p.300=1, §374, grifos do autor). E, “*a profundidade do artista trágico* consiste em perceber por meio de seu instinto estético as consequências longínquas, e em não se encerrar, por miopia, na contemplação das coisas próximas” (IBID, ibidem, grifos do autor). Então que comer, passear, assistir footings, sessões de cinema ou de circo sejam práticas de liberdade na diversão.

§184

Tomar, portanto, Vida e Mundo em suas manifestações do BELO. Para ser visado, mesmo que momentaneamente, mesmo que na hora do recreio. Aquele que reconheceu o em-si da coisa em si finalmente rememorou. Rodopio do pião, não porque gira sobre a si a

partir de estímulo externo, mas, porque “será preciso buscar no centro de nós mesmos o ponto no qual nos fixaremos e em relação ao qual permaneceremos imóveis. É na direção de si mesmo ou do centro de si (centro de si mesmo) que devemos fixar nossa meta” (FOUCAULT, 2010c, p. 255). Com Michel Foucault a relação entre ética e estética acompanha Nietzsche na ruptura da metafísica e se direciona para um ethos, que deixa de ser obediência restrita às regras para se constituir numa busca da estética da existência. Que a arte não esteja relacionada apenas com os objetos e sim com a vida dos indivíduos. Por isso estética da existência! É um fazer da obra do artista, do gênio (estas figuras sem conteúdo), na escrita própria da prosa, da sua poesia, uma **prática de si**. Conversão no próprio sujeito da relação de si para consigo mesmo, afastando-se das preocupações morais de toda sorte que constroem, e AGORA “pode-se, então, voltar-se para o próprio passado [...] e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará” (FOUCAULT, 2014a, p.84). Tipo de relação agonística na qual o ente respira, mesmo que por uma brevidade. Chorei ao ler Nietzsche.

§185

Para uma fisiologia da arte:

Esboço de um plano. 355. 1. Embriaguez como condição primeira. [...] 4. Excedente efetivo de força: *seu embelezamento efetivo*. [...] 5. O apolíneo, o dionisíaco: tipos fundamentais. [...] 10. A arte como sugestão, como meio de comunicar. [...] 11. Estados não-artistas: objetividade, cólera na análise de si mesmo, neutralidade. *Vontade empobrecida*; perda do principal. 12. Estados não-artistas: abstratividade. *Sentidos empobrecidos*. 12. Estados não-artistas: consunção, empobrecimento, vacuidade – *Vontade do nada* (cristão, budista, niilista). O *corpo empobrecido*. 14. Estados não-artistas: idiosincrasia moral. Temor dos *fracos*, dos *mediocres*, diante dos sentidos, diante da potência, diante da embriaguez (instinto dos *vencidos* da vida). 15. Como é possível a arte trágica? 16. O tipo romântico: ambíguo. Sua consequência é o naturalismo. 17. Problema do comediante. A falta de boa fé. A

capacidade típica de transformação como falta de caráter... A falta de pudor, o palhaço, o sátiro, o gracejador, [...], o comediante que se faz de artista (NIETZSCHE, 199-, p.289-90, §355, grifos do autor).

§186

Chave deste Platô: zero, 1 e 2. Perdoe-me, caro leitor. Mas urge afirmar: encerramos e estou cansado. Agora só ALEGRIA. Todos os personagens nos Atos são recrutados a nosso favor. Atenção: não se refere a um estudo sobre sua(s) trajetórias na cidade, mas, de (re)colocá-los sob a narrativa que visa dar forma ao argumento ontológico do ser na sua síntese disjuntiva. Quer dizer que nomes, cargos e funções sociais são encenações, representações que ajudam a dar corpo nos Atos. Porém, interessa é perceber na dinâmica da Cidade relações e(st)éticas entre diferentes seriações de acontecimentos. Privilegiamos os chamados momentos de lazer, ou diversão, e, dois grandes Acontecimentos: 1) Revolução Federalista, inicialmente trabalhada, e, que será recolocada na analogia (diacronia) da Cidade; 2) Gripe Espanhola em 1918, evento cruel, muito cruel, mas que aceitemos os fatos: a Cidade prosseguiu. Portanto, grandes Acontecimentos são as margens por onde trafegam os atores recrutados para darmos cabo da nossa empreitada. Narrar nossa versão para a ECOS de **corpos** nas Cidades da Diversão. Finalmente temos todos os elementos (fogo-vontade, água-memória, terra-mundo, ar-vida; hábito. Forma, ideia, função) justamente para simplificar a ideia de que o BRINCAR é a grande chave da nossa existência. **Simplesmente simples**. Aplausos. E, abrem-se as cortinas para os Atos. Que venha a Cidade da Diversão! Vamos à nossa hora do recreio. “: - Vocês não sabem como esperei, calmo e reto, por isso”.

ATO 1
DESTERRO: CORPOS NA CIDADE DA DIVERSÃO (XIX-1893)

A cultura como sistema aberto, como ato e drama que se expressa na palavra e na imagem para análise e interpretação do cotidiano (Norbert Elias, 1970/2008)

CENA 1 – Por uma definição de DIVERSÃO

Na pesquisa encontro um capítulo do livro de Oswaldo Cabral, chamado “O povo se distrai mas nem sempre se diverte”, trata de uma bem humorada forma de apresentar o que o tradicional historiador de Santa Catarina, a partir de sua intensa pesquisa em jornais de época, considerou como práticas de diversão na cidade de Desterro no séculos XVIII-XIX. Vamos fazer um breve apanhado, para, depois colocar nossos achados, a partir de recortes próximos, e, enfim, chegarmos a algum lugar.

Para tanto, também recrutamos o livro de memórias de Renato Barbosa (1979) “O garoto e a cidade”. Esta obra apresenta as narrações do garoto Silvio, e transita desde tempos anteriores à sua existência como ente nascituro, até toda consolidação no período da primeira república catarinense. Outro interesse nosso é que o garoto foi aluno do Ginásio Santa Catarina²⁷, local em análise na Cena 6.

Nosso contador de histórias Barbosa (1979, p.17-18), oriundo de família católica, apresenta alguns dos divertimentos da Desterro. Tratam-se das festas de cunho católico que circulavam na ilha como a do Divino Espírito Santo, onde “abriam-se as casas” e “improvisavam-se danças e fandangos, ao som de gaitas e violas” sucedidas por “mesadas de doces” (BARBOSA, 1979, p.18).

²⁷ Renato Barbosa (1902 – 1988) gradua-se em direito no Paraná, exerceu cargo de professor na Faculdade de Direito de Santa Catarina, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras na cadeira 33. Nasceu e morreu em Florianópolis (PIAZZA, 1985, p.66).

E sobre os esportes, ou algo parecido, Cabral (1972, p.213) nos conta que “era privilégio da classe média para cima” e foi a equitação “o que houve aqui de mais antigo”. Prossegue o historiador no seu argumento de que seria natural visto que era este desde o século XVIII o maior meio de transporte em Desterro. E, no entanto, as posturas proibiam as “corridas de cavalo dentro da cidade”, e quem quisesse “ser jóquei” teria que “turfar” nos arredores da Trindade, Saco dos Limões. No século XIX, em 1854 um jornal²⁸ da cidade apresentava uma “cocheira” onde era possível alugar cavalos fosse para condução ou para **“a prática do esporte”** (CABRAL, 1972, p.214, grifos meus). Ainda assim os lugares continuavam regulados visto que em 1858 reclamava-se “contra as correrias pelas ruas” (CABRAL, 1972, p.214).

Ao final dos oitocentos, encontrei no Jornal República uma breve notícia sobre o turfe, realizado “com extraordinária concorrência” as “corridas de cavalo” no bairro “Estreito” (JORNAL REPUBLICA, 5 SET, 1899, capa).

Retomando a nosso historiador, escrever como título de capítulo **“O povo se distrai mas nem sempre se diverte”** é uma aparentemente bem usada ironia de Cabral (1972, 195-244, grifos meus) para retratar seu pensamento de que embora sempre haviam “cantorias” e “bailaricos” na Desterro o povo nem sempre extravasava seus sentimentos na forma de diversão. Talvez o que Cabral (1972, p.195-244) tentasse criticar era o fato de que até nos momentos de diversão o habitante da ilha de Santa Catarina era submetido a algum controle, pois “em verdade, tudo o que havia de bom, capaz de distrair, de divertir, de dar um pouco de alegria à população [...] as famigeradas Posturas proibiam” (CABRAL, 1972, p.197). Estas posturas que trata Cabral (1972, p.197) também se referem “ao sino da Câmara, que tocava o recolher às 9 a noite” e de forma generalizada a todo tipo de proibição que reflete as modulações binárias entre proibir e permitir. Decompor indivíduos e seus gestos através do tempo também se engendra nas características do enquadramento da normalização disciplinar que identifica o normal e o anormal através da norma estabelecida (FOUCAULT, 2008, p. 75).

Mas se Desterro, como em todo lugar, passatempos e divertimentos sempre fizeram parte das práticas culturais desenvolvidas

²⁸ Trata-se do jornal “O Correio Catarinense” de 9 de agosto de 1854.

entre tensões regulatórias do governo, comportamento moral da família, ou busca da excitação e do prazer, então dizer que “o povo se distrai mas nem se sempre se diverte” talvez deva ser melhor explorado. O que de fato significa divertimento, passatempo em uma população? Vamos um pouco mais com Cabral.

Na Desterro que Cabral (1972, p.233) apresenta, as tragédias também poderiam ser momentos de relaxação através da busca da excitação. Seria o caso da ocorrência de um evento extra-humano como um incêndio, e que oportunizaria divertimentos àquela população **desterrada**. A tragédia como um “grande espetáculo” distraía o povo, contanto, é claro, que esta não ocorresse na própria casa do fulano, também não tardava para sua incorporação na forma da lei. Nas Posturas de 1833 consta que “acontecendo haver incêndio em qualquer casa, a primeira pessoa a observar mandará tocar o sino policial ou outro de qualquer Igreja” de modo que esse toque deverá fazer reunir o povo para “acudir e atalhar”, cortar o fogo, e mais, “a pessoa que primeiro tocar o sino terá 4 mil réis”, só que “pagos pelo interessado no socorro” e pela Câmara quando este interessado for pobre (CABRAL, 1972, p.233).

Em junho de 1860 no jornal “O Argos” relata um incêndio na noite do dia 25 para o dia 26, segundo o mesmo haviam-se anos que a cidade não passava por coisa igual. Eram “11 horas da noite o sino da cadeia entrou a badalar, anunciando o sinistro: o fogo começara nos térreos de um pequeno aposento de um sobrado [...] nos quais havia uma fábrica de charutos. Local: - o mais central da cidade, esquina da Bela do Senado com a do Livramento”. Um toque e todos os outros sinos e alarmes disparavam: cornetas, caixas de guerra, navios de guerra em surto e “num ápice ficaram as ruas cheias de povo” para ver e “bem poucos os dispostos a trabalhar para a extinção do fogo”. Autoridades, batalhão, marinheiros, e todo tipo de pessoa “notável” que formava um braço do príncipe. As velhas mangueiras não funcionaram e foi à base dos baldes d’água a solução para o caso. É certo que alguns “populares prestativos” não ficaram lá só para assistir, foi o caso dos “srs. Magano, Antero, Schutel, Domingos José Vieira, um dono Antônio, do Hotel do Vapor, um italiano de nome Capela **e mais um preto, de quem ninguém se lembrou a tomar o nome**”, um incêndio que durou 2 horas que atraiu até a “gente dos subúrbios” (CABRAL, 1972, p.233-234, grifos meus).

Assim, para Cabral numerosas foram as oportunidades para que o desterrense se distraísse. No caso do incêndio, “gente correndo e

gritando, todo mundo dando palpite”, transmitir “ordens e ninguém” a obedecer, “alguns patriotas mais decididos a esvaziar a casa do que podiam, gente furtando, vizinhos alarmados, o dono da casa desesperado à procura da mulher e dos dois filhos”, enfim retratos dos fragmentos daquilo que Cabral chama de distração. Diversão num tempo da cidade que não pode ser lido desconectado de todo um emaranhado, complexo, difuso e descontínuo que forma a própria Cidade.



Na noite de domingo de 13 do corrente **eu e um amigo**, apesar do vento e chuva que caía dirigimo-nos ao trapiche da alfândega (não direi para o que) e sentados sobre um dos bancos vimos dois vultos que conversavam. **Pela voz pudemos reconhecer que eram dois amigos nossos, e para eles dirigimo-nos.** Era assunto da conversa o mau tempo que fazia, e que não tinha permitido haver naquele dia a regata para que estavam preparados estes **dois apaixonados de marítimas diversões.** [...] Não tiveram muito tempo para se lastimar da decepção sofrida os apaixonados sócios da regata, porque no outro dia rompendo as nuvens que forravam o céu espalhou o rei brilhante da luz seus raios vivificantes sobre a terra, e com eles todos dons da esperança. **Dizem-nos que foi brilhante o divertimento.** Muita afluência de **povo** no ponto das corridas, **e a melhor ordem e regularidade em tudo. Especialmente o baile** [...] (O PACATÁ, 1862a, p.49, grifos meus).

Interessante destacar neste discurso sobre um fato histórico. A diferença entre fato histórico e acontecimento, é que, grosso modo, o primeiro se refere àquela intuição mais superficial de que uma fala, uma escrita, uma imagem, uma comunicação, ordinária ou não, trata-se de um dado algo no mundo. Portanto, é fato histórico quando encontramos elementos de correspondência com a realidade materializada nos objetos (diários, jornais, revistas, rostos e voz, pinturas, fotografias, enfim, uma série sem fim de objetos do mundo de cultura). Agora, o **acontecimento** é justamente aquela passagem que mira deslocar Filosofia da

Representação para uma Filosofia do Acontecimento. Daí segue-se que para ler o acontecimento no fato histórico há de se rever toda uma tradição que atesta primazia às fontes (se fui feliz no Platô UM lá está o ensaio para esta questão). Aqui tratamos de avançar junto com o tempo. É preciso recolocar os fatos históricos como acontecimentos, para assim fazer aparecer suas dimensões de **tempo, lugar, exprimível e nada**. Os acontecimentos são as ENTIDADES que participam do corpo. Fatos históricos são apenas os elementos para o ofício do historiador. Vamos ao que interessa.

O cronista em meados dos oitocentos apresenta aspectos de um dos incorporais, o **tempo**, ou melhor, o “mau tempo” que impedia a realização das diversões. O estado meteorológico em si não é nada a não ser que alguém esteja lá para participar da dinâmica (ação-paixão). E, de um acontecimento o que tivemos, segundo nos conta, foi uma promessa não cumprida. E naquele dia nenhuma regata. Contudo, eis que “no outro dia rompendo as nuvens que forravam o céu espalhou o rei brilhante da luz seus raios vivificantes sobre a terra, e com eles todos dons da esperança”. E então, segundo nos contam aqueles (que pela ordem da escrita apenas souberam do evento ocorrido): “foi brilhante o divertimento”, com “muita afluência de povo no ponto das corridas, e a melhor ordem e regularidade em tudo. Especialmente o baile” (O PACATÁ, 1862a, p.49). Perguntas sem resposta: De fato houve muita afluência na tal corrida?

Segundo a versão que nos apresenta, Cabral trata o que na atualidade podemos chamar de práticas esportivas (envolve regras, divulgação/espécie de imprensa, formação de público para espetáculo e pode ser realizada para além da localidade ou de uma dada tradição). Para nosso historiador eram divertimentos de uma elite desterrense, dentre outros o remo, o tiro-ao-alvo e o turfê. O remo cultivado em Desterro “não o era por uma certa mocidade, que não expunha músculos que não tinha, nem fôlego capaz que se levantava às 10 horas do dia, que preferia as práticas do soneto, do namoro [...] temendo apanhar vento e expor-se ao sol” (CABRAL, 1972, p.215). “**Quem remava era o pessoal de pegar duro, a turma da pesada, da estiva, [...]** da marinha mercante ou de guerra, [...] **cheirando a uma tragada de cachaça da terra e não a licor de violetas**” (CABRAL, 1972, p.215, grifos nossos). Cabral retrata com grande senso de humor que o praticante do remo não pertencia ao “café society” da *Belle Époque* oitocentista.

O primeiro clube deste esporte datado de 1861 por iniciativas dos oficiais da marinha convida sócios para uma regata, 17 de novembro daquele ano, não para participarem com sua força no esporte, mas para verem “a gente” do remo fazer força. Diversão de ver e não fazer no bojo dos hábitos ou costumes pré-esportivos. De todo modo naquela regata houve multidão espalhada pela praia para assistir ao passatempo. Sociedade do remo de pouca vida visto que seus praticantes da marinha foram transferidos à capital federal devido as contingências do trabalho. Para Cabral “é quase certo que o remo não conquistou os desportistas locais” pois a força que se fazia naquele tipo de embarcação que causava uma “mão cheia de calos” não devia ser muito o gosto “da mocidade fina de Desterro” (CABRAL, 1972, p.216). O tiro ao alvo também não emplacou. Em 1863 fundou-se uma Sociedade Patriótica de Tiro, a partir do convocatório com mais de 60 interessados, mas Cabral (1972, p.216) não encontrou qualquer notícia sobre os tiros dessa sociedade. Mas há mais na questão sobre esportes se tornarem divertimento de massa que deixaremos para logo mais.

O que importa destacar aqui, é que no relato do cronista a tal “afluência do povo” pode ser dar a partir de 2 amigos que se encontram, e, reconhecem na semelhança da linhagem do visto uma certa identificação (*eidética*). E quem vai negar que não há diversão assim? Logicamente grifos na materialidade dos jornais apontando “muita afluência de povo” confunde justamente quando não se entende quem é o povo. Seguindo Cabral seria a tal elite desterrense. Mas isso é um nome que tenta se ligar a uma coisa chamada recordação. Não é questão para nós mexer com tamanha profundidade do mundo, afinal de contas sabemos todos que há tempos (e tempos e tempos...) o mundo está dividido, entre aqueles que de algum modo se autoproclamaram eleitos, os herdeiros, e, os demais, que nesta época da cidade vou grafar: são quase-cidadãos da diversão.

Portanto por enquanto estou com Cabral. Pois, na minha pesquisa não encontrei indícios diferentes, que pudesse revelar que as práticas mencionadas (remo, tiro ao alvo, turfe) fossem praticadas por outras parcelas da população. Aliás, isso justifica o fato de que ainda não encarnou como hábito uma ideia de diversão que usa o corpo (a carne) como diversão através de práticas de atividade física. Por isso “quem remava era o pessoal de pegar duro, a turma da pesada, da estiva”, que não cheirava a licor de violetas, mas, a cachaça. Bela imagem da cidade!

O que é plenamente intuitivo, pois, se haveria baile após o evento, como relacionar pares, homem-mulher, cavalheiro-dama, com os efeitos fisiológicos derivados da transpiração? Assim, temos a partir dos 4 incorporais (tempo, espaço, exprimível, nada) alguns apontamentos. O **tempo** se dá de variadas formas: do dia em que se publicou pelas mãos calafrias do cronista que queria contar sua história, à situação meteorológica (faça chuva faça sol); o **lugar** se refere a toda a discussão cultural, afinal de contas cada história se desenrola ao seu modo intrínseco pelo fato de que lugares são parte fundamentais para que os acontecimentos surjam. No caso, indicamos como hipótese que tal lugar seria uma área nobre da cidade, mas como hipótese apenas levantamos sua possibilidade. E, não conseguimos avançar mais do que estas frágeis palavras. Quanto ao nada, já apontamos uma leitura, sem deixá-la suficientemente clara. Ao nosso ver, o **nada** são aqueles que ainda não praticam tal diversão. Não porque são negados, excluídos ou violentados, entendemos que ainda não são nem gênero possível de ser classificado no mundo, no caso, que fosse digno de algum sentido para uma situação de diversão. Em suma, o nada seria algo que ainda não encarnou enquanto corpo (memória, ideia, inteligência). Mas isso logo mudará. E o **exprimível**, ah, essa questão envolve magia para sentir nas materialidades do passado um algo que permita exprimir os sentidos de uma época. Evidentemente há o peso da interpretação. E para sermos breves, nos interessa a linguagem que envolve o próprio fato da DIVERSÃO.

Então, o cronista ao escrever no relato sobre os “dois apaixonados de marítimas diversões”, nos presenteia com uma importante dimensão do lúdico: a afetação gerada pela expectativa da atividade em si. Perceba que sutil, a **paixão** vista como desejo de algo que falta, a POTÊNCIA do **lúdico** é também indício do mesmo algo que produz **entusiasmo**. No grego antigo, o termo “*enthousiasmós*” se refere a “divina habitação interior, possessão” (PETERS, 1983, p.75).

Perceba, caro leitor, se não sente um algo distinto quando participa verdadeiramente da MAGIA da brincadeira? E, para não deixarmos dúvida, a dinâmica incorporal-corpo é tamanha que embora tocado, possuído pelo algo do lúdico, este “algo” (*tó de tí*) este “corpo ocupante” participa, mas, não se mistura do “corpo ocupado”, visto que “o corpo pode se mover para outro lugar sem deixar de ser o que é” (BRUNSCHWIG, 2006, p.237). E, no entanto, foi afetado, por isso já não é mais o mesmo. Contudo leva-se tempo para alguma mudança ser

visivelmente sentido no concreto, na materialidade. Melhor assim. Segundo Clementes de Alexandria o incorporeal “o é de uma maneira metafórica, e ao modo de uma causa” (BRÉHIER, 2012, p.54). Eis, portanto, num **dia qualquer que seja belo** um acontecimento de regata e baile naquela velha Desterro. Meses depois mais questões no mesmo periódico da cidade de Florianópolis.



Esqueci que era cronista e deixar passar a quinzena sem tomar um único apontamento. Tereis hoje de vos zangardes comigo em razão da imperfeição do meu trabalho. Mas...que me importa. **Tive preguiça; é pecado de todo o mundo...** [...] [O] Sr. [...] tem divertido amplamente este povo catarinense com os seus trabalhos mágicos. Em verdade, que só por mágica poderia haver divertimentos em Santa Catarina onde reina incessante completa falta deles. Ora! Também não sei por onde me anda o juízo – lá pelo mundo da lua talvez. Dizer que não há divertimentos em Santa Catarina, quando andam a ponta-pés as sociedades bailantes! **Os bailes, bem sei, são só para os nobres.** Isto é, para os que tem dinheiro, mimosos da fortuna que de pé pra mão tornarão-se poderosos e ricos. Mas apesar disso também toma neles seu quinhão o povo miúdo, ouvindo contar o que neles ouve. Demais, que mal há em que se não divirta o povo? **O povo é um burro de carga e deve contentar-se com a sua sorte.** Por feliz deve ele dar-se quando algum ente piedoso toma a cargo diverti-lo em troca de magros cobres. O Sr. [dos trabalhos mágicos] é um desses piedosos, e deve ser abençoado por ele (O PACAJÁ, 1862b, p.67, grifos meus).

A palavra “povo”, visível na palavra do periódico passará a ser corpo e assim habitar como forma-pensamento (intelecto, sentimentos, emoção, memória) através de sucessivos contatos de séries de acontecimentos que marcam nas consciências destes sujeitos morais, seu reconhecimento no mundo. Quase-consciência pois tem-se apenas

efeitos do saber e do poder nos rituais. Portanto, ler, escrever, pensar, fazer, enfim viver são formas rituais do dizer-verdadeiro. Pluralidades de aleturgias na complexa sociedade.

Nesse sentido, segue-se que a própria dinâmica é corpo. Ou melhor, há várias dinâmicas em jogo que **causam** corpos: 1. O esforço do pensamento/corpo em atualizar ou repetir o sentido dado em si no ente; 2. A tomada da escrita jornalística; 3. Ou mesmo o simples contato entre corpos físicos (mão e jornal); parecem apontar uma dinâmica dos corpos de agir e de sofrer ações. No limite e com incorporais, há produção de planos de existência dos entes que **atualizam** na repetição ideias de uma época. É o jogo que Platão (1972b) já apontava do MESMO-OUTRO, e, que Deleuze (2006) fez sua leitura da DIFERENÇA-REPETIÇÃO.

Ao que nos interessa para avançar junto na cronologia da Cidade da Diversão, tem-se que no MESMO periódico **há** DIFERENÇAS de qualidade. Antes (1862a) o povo (seja de dois gatos pingados, seja um pouco mais) estava ordeiro propiciando toda uma ordem no sistema social. Aqui, numa aparente pequeníssima duração (jul – ago) quanta inflexão semântica. Pois agora se tornou povo maldito desta sociedade de nobres. Não se sabe se eram negros, mulheres, jovens, mas, certamente **burros** são todos os excluídos daquela casta. Por um lado, trata-se de passagem do “mana” entre aqueles que se privilegia, e, de outro, Ah, cruel insulto a ambos, o animal e o ser humano! Expressíveis que destituem a vida (*zoe*) de seu sentido, e, no jogo miserável da vida em sociedade capturam e matam pelo corpo da palavra (en)cantada: seduz e devora os nascidos sem sorte. Afinal não jogam (ainda) o jogo das virtudes de uma época. Mas vamos com paciência, melhor será.

A partir daqui, colocamos aristocracia como aquela condição apontada há muito tempo por Aristóteles (1988, 1278b), a saber: “de acordo com as qualidades e o mérito”, e, ao quase-cidadão (o burro proclamado pelo cronista), que “não pode aprimorar suas qualidades”, tem-se, portanto que ainda não é cidadão numa cidade que o coloca fora da virtude de um “baile”, e deve se contentar com uma quase-diversão, dar-se por “feliz” “quando algum ente piedoso toma a cargo diverti-lo em troca de magros cobres”, ou mesmo se diverte ao ouvir o que se sucedeu nos bailes do cidadão. Este é o cidadão de fato, pois aquele que vive tal forma absoluta “é o homem que partilha os privilégios da cidade”. Há diferenças de classes, que, não apenas Cabral nos aponta, mas indícios dos jornais demonstram. O que significa que, por um lado,

o dos privilegiados, tem-se “homens relativamente livres”, que atuam na sociedade como sujeitos morais a partir de suas verdades (assujeitadas). Aqui há possibilidade para dinâmicas de reciprocidade (dar, receber, retribuir) como forma constitutiva da amizade entre os próximos, aqueles que transitam numa próxima família na hierarquia social. E, por outro, há aqueles que aparentemente nos jogos de verdade sobre quem e como se diverte, simplesmente ainda não podem existir, pois, é quase uma condição naturalizada da hierarquia de classes dos que mandam e dos que obedecem.

ATENÇÃO: refiro-me às práticas de diversão de uma elite da cidade, feita para circular (como mana) apenas entre os seus. Não significa que os “outros” não tenham lá suas formas de diversão. É que há o limite da fonte. Jornal: feito para dizer-verdades para quem? Quem escreve, lê na Cidade? Não são apenas poucas as páginas de cada edição, poucas também são as pessoas (privilegiadas) para sua leitura.

Mas, que prossigamos com o mesmo cronista que iniciara seu relato apresentando importantes verdades-de-si. Explicamo-nos. Ao justificar alguma braveza pelo leitor pela falta de duas semanas sem crônicas, e, colocar a dimensão do trabalho e do não-trabalho respaldada em moralismo “Tive preguiça; é pecado de todo o mundo”, entendemos que neste dizer-verdadeiro-de-si o cronista revela um velho hábito que há tempos e tempos vem assombrando nossas cidades: Ah, miséria moral do trabalho! O que Arendt (2014, p.393; 400) brilhantemente colocou como a vitória da “glorificação da atividade do trabalho”, na “sociedade de empregados”, este último estágio da sociedade de trabalhadores se já não é realidade para a Desterro dos oitocentos, certamente o será quando um grande acontecimento assombrar a cidade. E, o mais incrível é que será a partir deste acontecimento que teremos de fato, na capital do Estado de Santa Catarina certa abertura que permitirá a emergência do esporte moderno, uma cultura do corpo nas práticas de atividade física. E, será também por este forte deslocamento (do Grande Acontecimento), que o capítulo de Cabral (1972, p.195-244, grifos meus) **“O povo se distrai mas nem sempre se diverte”** poderá ser mais bem compreendido. Pois, já sabia o ilustre historiador, médico, ex-aluno interno do Ginásio Santa Catarina que **Divertir e Distrair** necessariamente não se coincidem.



Finalmente chegamos ao clímax desta Cena: o que de fato significa divertimento (seja do indivíduo isoladamente ou no conjunto como população)?

Na perspectiva eliasiana o divertimento pode ser incluído na categoria de lazer desde que seja uma atividade ligada ao uso do tempo livre cuja principal função é ativar formas de excitação agradáveis. Mas há a quimera do tempo livre, pois como desenvolvem Elias e Dunning (1992, p.110) “só uma porção do seu tempo livre pode ser voltada ao lazer, no sentido de uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo”. Creio que há aqui um equívoco nesta análise²⁹. Vejam meu caso, recebo financiamento para esta pesquisa, e, me divirto com o que faço. Então, recoloco a questão: o que é DIVERSÃO?

Como bem coloca Adorno (1995,p.73) “a distinção entre trabalho e tempo livre foi inculcada como norma à consciência e inconsciência das pessoas”, segue “a função moral do trabalho vigente”, na qual “o tempo em que se está livre do trabalho tem por função restaurar a força de trabalho, o tempo livre do trabalho – precisamente porque é um mero apêndice do trabalho”, a este esquema o Pensador denomina de “conduta do caráter burguês”, pois, “por um lado, deve-se estar concentrado no trabalho, não se distrair, não cometer disparates”, “por outro lado, deve o tempo livre, provavelmente para que depois se possa trabalhar melhor, não lembrar em nada o trabalho” (idem). E Adorno (idem) muito corretamente aponta que várias formas de “tempo livre” foram introduzidas “por baixo do pano”, meio que a “contrabando”, como “formas de comportamento próprias do trabalho, o qual não dá folga às pessoas”.

Hobbies dos afazeres domésticos: “: - O que você vai fazer hoje, domingo?”; “: - Preciso consertar algumas coisas, ou quero pintar umas telas, ou preciso mesmo é dar uma geral/limpeza na casa”. Ah, quimera do tempo livre que adentra, que disciplina, no qual “toda liberdade organizada é coercitiva” (ADORNO, 1995, p.74). Perceba, caro leitor, que a discussão dos usos do corpo/espírito no tempo livre é mais séria, e, parece que ainda mal colocada na sociedade em geral.

²⁹ Assumimos equívoco no sentido de Duns Scotus: quando a partir de uma mesma substância derivam-se mais de uma chave interpretativa.

Aqui não está em pauta um aristocratismo que Adorno & Cia³⁰ podem ser acusados, mas, uma legítima preocupação do Pensador. O que é útil no tempo (livre) que você faz? Quer dizer o uso que fazes do tempo que se chama livre é uma atividade que serve para atender ao justo descanso do “animal *laborans*”?

Assim, nesta “sociedade do trabalho” práticas de lazer/diversão/passatempo (deem o nome que for, pois são todas iguais na coisa a que se referem) apenas repõem energias (comendo, exercitando, dormindo, rindo). Ou seja, não liberta para Trabalho/Obra. O que ambos, Adorno e Arendt, nos ajudam a pensar, é sobre a condição “criativa”, “produtiva” do ente em si e por ele mesmo. E não afazeres que, no limite, não incrementam em nada a situação humana, que são de fato “supérfluos” (ADORNO, 1995, p.77). A condição que entendemos ser possível no Trabalho de si, a qual chamamos FRESTA DE RESPIRO.

Nestes termos, Alain Corbin sempre ajuda. Entende o pensador (que trabalha com uma história das sensibilidades) que o uso do “tempo livre” deve ser colocado numa lógica “do emprego do tempo”, onde se privilegia no centro as atividades de “lazer”, ou passatempo, ou diversão. Portanto, deve-se “tentar uma história que coloque no primeiro plano, não a luta com vista à aquisição do tempo disponível, mas **a invenção dos seus usos**” (CORBIN, 2001a, p.5, grifos meus). Mas, e aqui todos se encontram numa reunião para debater a quimera do tempo livre (ELIAS, DUNNING, ADORNO, ARENDT, CORBIN) “produzir tempo não equivale a libertar o seu uso” (CORBIN, 2001a, p.13), pois, a rigor, com a aceleração do tempo desde o século XIX o que temos é o “aumento do tempo disponível, a desqualificação dos saberes artesanais, o recuo das práticas rituais”, em partes, decorrente da própria aceleração “das sociedades ocidentais” que acentuaram o “medo do vazio dos tempos livres e agravaram a incapacidade do indivíduo de produzir tempo para si próprio” (p.12-13). Presos, encadeados nas próprias condições do bem-viver (*bíos-poitikon*) o cidadão moderno parece funcionar mais à base dos dispositivos (que são modos de vida da exterioridade social) do que das práticas de si (em sua interioridade). Práticas de si próprias daquele que reflete e age, uma atividade do sujeito

³⁰ Refiro-me à má colagem do rótulo de uma Escola de Frankfurt – além de Adorno, e dentre outros: Max Horkheimer, Herbert Marcuse, e, mais marginal, Walter Benjamin. Ora, se são homens plurais, então deixem-nos livres!

a partir dos valores socioculturais de sua época (FOUCAULT, 1984/2012e, p269).

Por isso nesta Tese, um pouco como genealogista, e, sobretudo do VIVER, seguimos as indicações de Corbin, que por sua vez retoma Nietzsche e suas críticas “contra o lazer constrangido e os mercadores de prazer”, com vistas a um “novo desenho do tempo livre” que “prolonga o seu incitamento à invenção de um estilo de vida próprio do indivíduo, à elaboração de um tempo de recriação, já não da força de trabalho, mas da própria pessoa”, ou seja, trata-se de “uma história que deixa de considerar negativas todas as formas de passividade e positiva todas as formas de atividades, por mais insignificantes; de uma história menos assustada com a improdutividade do tempo, a ociosidade, o tédio, e mais com autonomia das formas de invenção de si” (2001a, p.14). E há na História da Cidade alguns personagens que parecem ter tido esta experiência e(ste)tica. Ecos de corpos: lembrar é viver.

Desterro, 15 de janeiro de 1885. **O calor** tem sido ultimamente a **grande preocupação de todos**. Só se vê exclamar: - Que calor! Que coisa extraordinária! Não se pode suportar. E efetivamente o calor principia a pronunciar-se muito ardentemente, ameaçando derreter os magros cobres dos burgueses, na sorveteria [...]. **Nós, felizmente, escapamos a isso**, porque só usamos roupa quando saímos, e esta mesmo é muito fina e transparente; e, apenas chegamos a casa – roupa no prego e nudez de paraíso, pra frente, com uma boa ventarola chinesa. E assim andamos bem satisfeitos, por economizarmos a *toilet* [...], e um pouco de força muscular pernal. **Este calor é sempre um rapaz muito impagável**. Ele leva a debicar tão finamente a humanidade, que quase a põe louca... Tomará nós **que ele dure bastante, e cada vez mais intenso**, para vermos muita coisa *trés agreable*...e muita gente nua (JORNAL O MOLEQUE, 1885a, grifos meus).

Tempo, aquele incorporal impagável, e é a própria condição para um homem meio escondido, meio na multidão fazer nos escritos a manifestação da contestação através da brincadeira de escrever. Tem de ter muita poesia no corpo/espírito. E aqui, era Virgílio Várzea o redator-

chefe do “O Moleque”³¹. Atrevido, perspicaz, sutil nos dizeres que revelam ao mundo a condição cuja ancestralidade (sangue, etnia) não nega, nem mesmo estando em posição de destaque na cidade. Foi um guerreiro, e, usos da arte na tragédia, da paródia, do cômico para se expor, e, compor-se em sua Grande Prosa: deixou Trabalho/Obra no Mundo. É um dos nossos **flâneur**.

No comentário ao “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe, Baudelaire (2010, p.24-5, grifos meus em negrito, grifo do autor em itálico) apresenta o homem oculto “atrás da vidraça de um café, um convalescente, contemplando com prazer a multidão”, e, “mistura-se, pelo pensamento, a todos os pensamentos que se agitam em torno dele”, voltou da “**morte**” e, “**aspira com gosto todos os germes e eflúvios da vida**; como esteve a ponto de tudo esquecer, recorda-se, e **quer ardentemente recordar-se, de tudo**”, “retorno à infância”, e, “como a criança, da faculdade de se interessar vivamente pelas coisas”, “criança que vê tudo como *novidade*”. Só há possibilidade de tratar a genialidade do artista em sua POTÊNCIA e(ste)tica, não como um dote moral, mas, na condição do “**gênio da infância**, isto é, um gênio para o qual nenhum aspecto da vida está *embotado*” (idem, p.28, grifos meus em negrito e grifos em itálico do autor). Infância nua da vida (*zoé*) que brinca com convencionalismos, moralismos e toda sorte de aristocratismos que impõem, do fora (como dispositivo) certa forma de vida (burguesa). E, produzem na força da norma certa moral em dado tempo e espaço. “: - Ah, moleque Várzea, ainda bem que como tu, tantos outros moleques tenho para brincar”.

O leitor ao ver a nossa epígrafe, julgará talvez que vamos tratar do Menino Deus da...Praia. Não, unicamente da Praia...e só da Praia. Já este assunto da Praia não é dos mais decentes porque lembra imundice, enchurro, lodo, podridão e tal e coisas. Não obstante todas essas razoabilidades da Lógica, precisamos falar da praia...e sempre da praia. Vemo-la todos os dias, curvilínea, pedregosa, deitando o seu cheirito a maresia, sustentando o embate das ondas, que, ora espadanam bravamente, espumosas, ora leves, mansas, muito mansas mesmo [...]. Pois esta

³¹ Virgílio Várzea fica como redator responsável até 09 de março 1885; e, após 17 de maio do mesmo ano assume Cruz e Sousa (OURIQUES, 2011, p.20).

praia, esta praia tão **simpática** e conhecida, que **vê desfilar na sua frente todos os carnavais, todas as procissões, carnavais da mesma maneira**, carnavais...sagrados, todas as manifestações políticas, esta praia, dizemos, não tem sequer as honras de limpeza, é uma praia sujam não se lava [...]. Nós se fossemos a Câmara fazíamos de vez a limpeza em toda a cidade e, paf, atirávamos tudo nessa praiasinha [...]. A higiene da nossa terra, nada é. [...] Agora, a Câmara para o que digamos, não é muito honesta [...] o Sr. Dinheiroso da Conveniência Pessoa, pessoa muito estimada e tida, como o elemento necessário para o engordamento da pança [...] é possível que as chicotadas da nossa pena, na imundíssima e porcalhodíssima Praia...do Menino Deus, sejam infrutíferas. Contudo, persistiremos, eternamente, fortemente, francamente, a despeito de tudo, de tudo. É preciso **que a imprensa administre o bem-estar do povo**, e nestes casos, **o bem estar é a saúde, a tranquilidade dos seus nervos, a estabilidade de uma temperatura nada carregada de gases imundices e deletérios**. Estejam alertas Srs. [...] e Fiscal, que o Moleque vos gritará bem alto aos ouvidos. Limpe-se a Praia, asseie-se aquilo, em honra do tal...Menino Deus. Zé. K. (JORNAL O MOLEQUE, 1885b, capa, grifos meus).

E aqui, outra figura cínica, um tipo de sofista que joga muito bem com elementos de magia. Cruz e Sousa, poeta, negro, colocado na categoria simbolista, ajudado pela aristocracia foi também jornalista e redator de “O Moleque”³². Mas, antes de apontarmos nossa leitura da dinâmica do acontecimento chamada “Menino Deus...da Praia”, vamos aprender um pouco essa FIGURA para pensarmos e(stét)ica.

Trata da figura do flâneur, cuja “**multidão é seu domínio**, como o ar é o do pássaro, como a água, o do peixe”, e “**sua paixão e sua profissão** consistem em *esposar a multidão*. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, constitui um grande prazer fixar domicílio no número, no inconstante, no movimento, no fugidío e no

³² Cf. nota anterior.

infinito” (BAUDELAIRE, 2010, p.30, grifos em negrito meus, grifos em itálico do autor). Então, para dar conta deste olhar, desta POTÊNCIA é preciso estar inserido nos acontecimentos, que como flecha, ferem e pululam.

Então Cruz e Sousa, amparado por toda uma dinâmica que envolve seus hábitos, automatizados e profundos, sabe que a **praia** do jeito que está não serve para VIDA. E irônica e cinicamente provoca a sociedade de sua época para o confronto: “Estejam alertas Srs. [...] e Fiscal, que o Moleque vos gritará bem alto aos ouvidos. Limpe-se a Praia, asseie-se aquilo, em honra do tal...Menino Deus. Zé. K.”. Ah, essa mesma elite dirigente que usa a praia para os “carnavais, todas as procissões [...] carnavais sagrados, todas as manifestações políticas”, AGORA venho, “Zé.K”, reivindicar que nossos velhos hábitos sejam expulsos dos costumes desta Cidade. EU, “Zé.K” que faço do espaço da “imprensa” a “administração [d]o bem-estar do povo, e, nestes casos, o bem estar é a saúde, a tranquilidade dos seus nervos, a estabilidade de uma temperatura nada carregada de gases imundices e deletérios”.

O Político é mais do que ser herdeiro, ou mesmo especialista (e no Ato 2 veremos os especialistas na política da Cidade). O Político é aquele que por estar em sintonia consigo consegue sair do breu de todos os véus da representação de sua época. Observador nato das questões de seu tempo, e, mergulhar o suficiente para poder, na participação com outros EUs Políticos, Trabalhar junto à sua Comunidade. Esqueçam a *bíos* e (re)vejam a vida na *zoé*. Eis, portanto, alguns ECOS de corpos (pensamentos, sentimentos, memórias, tensões) resultado do JOGO da VIDA.



Agora, começamos a apontar uma definição para práticas de diversão, a partir das características do **fator lúdico**. Para Huizinga (2012) há características do “lúdico” possíveis de serem analisadas, relacionadas ao que ele denomina “espírito do jogo” ou “espírito lúdico” que, segundo o Pensador holandês está em tudo, não apenas nas dinâmicas culturais das distintas sociedades no tempo, mas, também presente nos animais. Afinal de contas quem já esteve próximo o suficiente de um animal doméstico (cão, gato etc. e tal) sabe muito bem que eles também “brincam”, “jogam”, são “lúdicos”. Mas, quais elementos, ou características, podemos apontar neste “espírito lúdico”?

De acordo com Huizinga (IBID, p.33, grifos em itálico do autor, destaques em negrito meus) “o **jogo** é uma atividade ou ocupação **voluntária**, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, **mas absolutamente obrigatórias**, dotado de um **fim em si mesmo**, acompanhado de um **sentimento de tensão e de alegria** e de uma consciência de ser **diferente** da vida *cotidiana*”. Começamos a definição dos termos.

A palavra “jogo” certamente não tem o mesmo sentido etimológico nas diferentes culturas. E Huizinga demonstra que há diversas expressões para designar a atividade lúdica. Para os gregos há profunda identificação do jogo como competição, de modo que se torna impossível separar a competição determinando suas formas culturais do “complexo jogo-festa-ritual” (p.36). E, mesmo que etimologicamente, os gregos separem “jogos” de “competição”, sendo a primeira ligada a “infantilidade”, “brincar” e “brinquedo”, e a segunda associada a “competições e concursos”, a hipótese de Huizinga é que ambas as noções estavam de tal modo impregnadas na cultura antiga “que as pessoas deixaram de ter consciência de seu caráter lúdico” (p.35-6). E, diferentemente do grego, o termo para jogo em latim “*ludus*” abrange melhor as características do “jogo”: “não-seriedade”, “simulação”, “ilusão”, “jogos infantis”, “recreação”, base semântica que permitem que “*ludi*” seja tanto significado para “grandes jogos públicos que desempenhavam um papel tão importante na vida romana”, quanto terá o sentido de “escolas” (p.41). E, assim, nas línguas derivadas do latim “desde muito cedo, *ludus* foi suplantado por um derivado de *jocus*, cujo sentido específico (gracejar, troçar) foi ampliado de jogo em geral” (p.42). Neste caminho, e que destacamos desde o Platô ZERO, “jogo” trata-se de ritual, entre os planos mais materiais da vida (concreta) e menos materiais (vida abstrata, formas simbólicas mais ou menos visíveis) que regem as dinâmicas das culturas.

Daqui em diante para não confundir com “mana”, “potlatch”, nem com “jogos de verdade” inscreveremos sob o termo **fator lúdico** as características apontadas por Huizinga³³ (p.10-30), a saber:

³³ Na verdade, Huizinga destaca as suas principais características: “atividade voluntária”, “é um faz de conta”, “atividade limitada pelo tempo” e “cria ordem e é ordem”. As outras foram subentendidas do texto do Pensador como as demais características. E, como não somos afetos a hierarquias sobre qual é mais predominante, importa-se destacar todas as possíveis, afim de trabalharmos o fator lúdico a favor das empirias.

1. **Atividade voluntária**, que denota liberdade, visto que “crianças e animais” “brincam porque gostam, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade”, e, para o “adulto”, o fator lúdico “se torna necessidade urgente na medida em que o prazer provocado se transforma numa necessidade”, jamais imposto por “necessidade física” ou “dever moral” (essa é a diferença de Huizinga para com o potlatch de Mauss);

2. É um “**faz de conta**”, o que pode levar a certa hierarquia na classificação social quando “seriedade” se relaciona com dever moral da sociedade burguesa, escrava do trabalho;

3. Não pertence à vida comum, ao cotidiano das sociedades, por isso, sem razão instrumental ou utilitarista, tende a ser “**desinteressado**” e tem uma “**finalidade autônoma**”, realizando-se “tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização”;

4. É uma atividade de isolamento, de limitação, pois, o fator lúdico é “**jogado até o fim**”, dentro de um limite de tempo e espaço, i.e., inicia-se e, acaba. Contudo, mesmo depois de encerrado o fator lúdico permanece “**como uma criação nova do espírito**, um tesouro a ser conservado pela memória”;

5. **O fator lúdico cria “ordem e é ordem”**. De modo que aqui reside seu paradoxo: regras e liberdade. A desobediência às regras estraga o jogo. Para Huizinga, deve-se a tal característica o fato de se **relacionarem fator lúdico e o belo**, a beleza, mediante noções de tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união, desunião, de modo que o fator lúdico “**lança sobre nós um feitiço**: é fascinante, é cativante”;

6. O jogo produz tensão, e, quanto mais o elemento competitivo estiver presente “mais apaixonante se torna o” efeito lúdico. Importante destacar que este elemento competitivo, “**agonístico**”, não está presente em todas as línguas estudadas por Huizinga (p.37-8, grifos meus) como no “sânscrito” e no “chinês”. Estas “exceções” nos ajudam a sugerir que não há essência do fator lúdico, mas, sua criação em algum momento como obra no mundo;

7. O **mistério** do fator lúdico: a “**capacidade de tornar-se outro**”. Aqui reside a faculdade da imaginação, e, corresponde àquilo que Benjamim denominará como “capacidade mimética”. Há na *mimesis*, que não é mera imitação, mas, capacidade de reconhecer e reproduzir semelhanças, por isso (re)apresentação, este “dom de perceber similitudes”, desta “capacidade mimética”, nas palavras de

Benjamin (1970, p.49), de “assimilar-se e de conduzir-se de acordo”. No entanto não nos perderemos pelo caminho da *mimesis*. Embora fundamental para pensar o fator lúdico, nos desviaria. Mas, destaques sejam feitos: se só se (re)apresenta algo que já se encarnou, então a produção da verdade através de seus jogos certamente tem como um de seus efeitos a produção de subjetividades, este dizer algo de si, a partir deste “tornar-se outro”. Mas, esta mesma ressalva, nos limites desta Tese, é também a condição para a nossa definição para fator lúdico.

Pois, lemos o fator lúdico intimamente ligado às práticas de si, no sentido foucaultiano³⁴. Embora não tenham sido trabalhadas por Foucault, incorporamos jogos e brincadeiras como outros exemplos deste cuidado de si que tende “a essa elaboração de sua própria vida como uma obra de arte”, uma “ética da existência” “para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma” (FOUCAULT, 2012e, p.283). Como não sou mero leitor, uso as ideias deste Pensador.

Temos, agora, condição de apresentar o que entendemos como **fator lúdico**. É uma prática de si, no sentido de um produzir a si mesmo, não como consciência capaz de saber, como Deus (ou Zeus) algo ETERNO DO MUNDO. Mas, como consciência que cuida e se conhece, indistintamente. É prática de liberdade, porém, dura, como a característica 4 de Huizinga, muito, muito pouco. E, no entanto, é esta mesma característica que permite afirmar que atividades lúdicas repercutem no ser. Ora, chegamos ao núcleo argumentativo do que chamamos FRESTA DE RESPIRO. É o livre jogo, jogado espontaneamente numa tal brevidade, que, sempre ressignifica a si mesmo. Possível de produzir novas ordens de si, mas, também a sua própria desordem, não como sua antítese, mas, como o reverso possível do jogo jogado dentro de um campo de forças: exteriores como dispositivos, e interiores como produção do sujeito moral. Eis aí o mistério de se tornar outro através desta **fresta de respiro**: é um rodopio

³⁴ Referem-se à minha apropriação, a partir dos seguintes textos (aulas, entrevistas, artigos) de Foucault: “A Hermenêutica do Sujeito”, 1982/2010; “Uma escrita de si”, 1983/2012; “A ética do cuidado de si como prática de liberdade”, 1984/2012; “Uma estética da existência”, 1984/2012; “Sobre a Genealogia da Ética: um resumo do trabalho em curso”, 1984/2014; “Verdade, Poder e Si Mesmo”, 1988/2012; “A Tecnologia Política dos Indivíduos”, 1988/2012; “História da Sexualidade v.II – o uso dos prazeres”, 1984/2014; “História da Sexualidade v.III – o cuidado de si”, 1984/2014; “As técnicas de si”, 1988/2014.

sobre si mesmo. De modo que, converter-se a si mesmo é o que permite se produzir como obra de arte, aberta e incompleta, e, por toda uma vida. Mesmo que todo este “faz de conta” dure muito pouco, é justamente aí, penso eu, que reside, a partir da contração de elementos não menos importantes de prazer, alegria, enfim, os afetos que levam ao sujeito o AUMENTO DE sua POTÊNCIA (no sentido da alegria em Espinosa). Assim, a distensão adquire não apenas um relaxamento, não que este não ocorra, pois, há mais. É justamente desta dinâmica dos afetos (ação-paixão) a possibilidade de um algo ser incorporado. E, fez-se mais um corpo, compondo o mosaico do sujeito.

Por isso no fator lúdico há o estado da afetação, daquele que, acometido por humores, não cessa de produzir-se. É o estado da ALEGRIA. E é sempre mais: é o estado da AMIZADE. Tornados possíveis, mesmo que sorratamente e numa brevidade, porque simplesmente simples é o desejo e a presença do AMOR. Por isso há certa embriaguez numa dada situação de DIVERSÃO. O lúdico não é da ordem da distração. Embora esta possa trazer elementos de similitude. No entanto a distração impede o EU de criar a si mesmo com obra de arte. É mais uma técnica de alienação. Distrair para se afastar dos maus espíritos, distrair para não ficar sozinho à noite, quando nas noites frias e escuras da alma, tem-se a impressão de que na interioridade de si não se está só. Brevidade de uma noite que já se encerra ao acender as luzes (e os barulhos) da cidade. E é ainda mais: a diversão enquanto forma mais ou menos institucionalizada nas sociedades produz o que chamo complexo distensão-distração³⁵. Tão complexo que se perde aonde se situa seu limite. Para critérios formais, bastaria pensar que na distração, como alienação de si, mesmo com aspectos entusiásticos, não se produz a si mesmo. Já na distensão, como condição de aumento de potência, é possível produzir algo. Mas parece que o complexo jogo distensão-distração venceu.

A final de contas, como construir categorias divertidas tão comumente aceitas e, diminuir, ao mesmo tempo, a capacidade de múltiplas práticas de si? Então, sempre que há uma única forma (imperativa) de diversão, que não se tenha dúvidas: trata-se de um dispositivo. Pois, a DIVERSÃO que entendemos, contendo o fator lúdico permite a dinâmica ação-paixão de uma dada

³⁵ Complexo não se refere a algo difícil de ser compreendido, mas, um processo com partes heteróclitas com vistas a alguma instrumentalidade e, utilidade.

FORMA/IDEIA/HÁBITO/LEMBRANÇA na sua MÁXIMA POTÊNCIA.

Mas, a Potência é em si dotada de privação. Por isso o que temos aqui é tão somente horas do recreio. Para divertir é preciso alguma fórmula? Não, não e não três vezes para quem sabe um dia se torne afirmação. É BRINCAR, BRINCANDO e BRINCADO as condições para se pensar a MAGIA de uma dada situação chamada divertimento.

Fora dessa definição, tem-se toda a sorte de dispositivos que dão formas à quase-brincadeiras, que são quase-diversão. Me parece, com o devido cuidado que esta generalização pode gerar, de que é aqui que reside o comum das críticas de Huizinga, Adorno, Arendt: à sociedade capitalista, industrial e de estados de dominação que perverte (e transforma) o fator lúdico, a seu proveito utilitarista e econômico.

Os complexos: 1. distensão-distração (mais elaborado nas Cenas 4 e 5), e 2. espontaneidade-seriedade (explicado a favor da empiria da Cena 6), no limite, servem bem para o servo na cidade do empregado, para o sujeito na sociedade do biopoder.

Tudo bem, aspiramos aqui à univocidade do ser na magia da DIVERSÃO: transforma TUDO em que toca. Como é uma dinâmica que causa na posse entusiasmo, tem-se que elementos simpáticos concorrem à DIVERSÃO. Por isso que mesmo o afazer de um hobby (que também serve para adestrar para o trabalho), uma sessão de cinema com pipoca e refrigerante, qualquer transa numa noite qualquer de maio revela pelo estado do espírito, aberto, a HABITAÇÃO do DIVINO LÚDICO. Finalmente, toda DIVERSÃO cumpre sua função ao transmitir-se, como linguagem, os estados da sua própria definição. E então a DIVERSÃO sem conceito fundiu forma/função. Que me acusem de circularidade (ou Petição de princípio) não é problema algum para quem não precisa justificar tais separações.

CENA 2 – Por que uma Ilha sem Banho de Mar?

As montanhas e vastas matas virgens intransitáveis, habitadas por feras e cobras venenosas, impedem as comunicações com o interior. Por isso os habitantes constroem as casas às margens das baías ou nas fozes e nas margens dos rios navegáveis: todas as comunicações entre povoações próximas ou distantes se fazem pela água. Mesmo os vizinhos que moram nas costas dessa baía, a uma distância de meio quilômetro, usam canoas (assim se denominam pequenas embarcações feitas com troncos de uma árvore), para fazer visitas uns aos outros. Acham mais fácil comunicar-se desta maneira do que atravessar o mato no qual nem sempre há sendas. Até o correio é mandado por mar (Vassilo Golovnin. Almirante russo em passagem pela Ilha em 1808) (REIS, 2012, p.75, grifos meus).

E, Saint-Hilaire, ao percorrer a Ilha em 1822, declara que:

Enquanto que mesmo nas províncias mais populosas do interior do país o viajante muitas vezes percorre longos trechos de estrada sem encontrar nada que indique a presença do homem, ali **(na Ilha de Santa Catarina) se vê a cada passo uma casinha rodeada de uma prodigiosa quantidade de laranjeiras, tendo ao lado uma plantação de mandioca.** As terras pertencentes a cada sítio são cercadas por uma sede formada por limoeiros cheios de espinhos, e os numerosos caminhos que estabelecem comunicação entre a cidade e o campo ou entre os diferentes sítios são também orlados de limoeiros. [...] Num raio de cerca de uma légua ao redor da cidade os caminhos são largos, em sua maioria cobertos de areia e perfeitamente lisos. **Há sempre vida e movimento nos campos; a todo momento encontramos um agricultor, como nos arredores de nossas cidades na Europa, e a**

vida varia a cada instante (SAINT-HILAIRE, 1978, p.172-3, grifos meus).

As imagens advindas destes relatos acerca da estrutura urbano-rural da Ilha de Santa Catarina interessam por motivos, a saber: 1. A própria condição topográfica da Ilha; 2. Na Ilha de Santa Catarina seu interior é justamente o contorno com mares, praias, lagoas, rios; 3. Há vida e movimento nos campos.

Assim, e a respeito da apropriação do espaço situado no contorno da costa da Ilha, deve-se compreender que as “lâminas que banham a Ilha (mar aberto, baías, lagoas, rios)” eram utilizados para “o transporte de mercadorias e pessoas, além de fontes de sobrevivência, através da pesca”, e, também constituíam “depósitos de desejos, de tudo aquilo que era indesejável dentro da cidade” (REIS, 2012, p.93).

Por isso que no imaginário social da Cidade em seus elementos de distinção social, a praia, ou melhor, o mar, é local do habitante do interior. Não serve, ainda, como elemento de troca entre as classes que disputam a hierarquia social. E, certa oposição cidadão Vs interiorano vai sendo estabelecida a partir dos usos que até o momento se faziam do mar. Ademais, no século XIX, a praia não desfrutava o menor prestígio. Praia era o lugar de despejo das vasilhas de material fecal, para que tudo se diluísse na maré. A praia era o quintal malcuidado das casas sem quintal [...] (CABRAL, 1979, p.17).

Conforme cita Ferreira (1994, p.29), o Código de Posturas de Desterro, em 1888 decretava:

É absolutamente proibido: Parágrafo 1 – lançar cisco, palhas, vidros, imundices e matérias fecais, animais mortos, lixo, entulho, nos quintais, praças, ruas, cais, praias [...]”. Artigo 54: “A limpeza das águas servidas e matérias fecais só poderá ser feita das 10 horas da noite às 5 horas da manhã, lançando-se-as ao mar.

Somente o século XX, com o desejo de estar à beira-mar, gozar a natureza e estar em contato com o oceano, e de banhar-se em suas águas, irá fazer com que o cidadão volte sua atenção para o interior da Ilha. Foi o banho de mar que fez com que a cidade expandisse seus tentáculos em direção ao interior, em busca daquilo que ela não poder dar a seus habitantes. Será, sobretudo, na segunda metade do século XX

que o habitante da cidade irá entrar em contato, de fato, com o interiorano, comprando suas terras, desalojando seus ranchos de pescaria, e restringindo-lhe a passagem à praia. Será a cidade de colocando entre o pescador e o mar, que sempre foi seu quintal e seu lugar de trabalho (FERREIRA, 1994, p.48-49).

Ferreira (1994) aponta as ideias a respeito ao banho de mar na Ilha de Santa Catarina, encarado como “abuso ao Código de Posturas”, “tratamento médico”, “refrigério contra o calor”, “divertimento das famílias” e, por fim, “turismo”, em oposição às tradicionais utilizações do mar como lugar de trabalho na pesca, transporte de pessoas e mercadorias, depósito de dejetos e tudo o que fosse indesejável dentro da cidade.

Na verdade, o interior da ilha, com suas praias, pertencia tanto a pescadores quanto a pessoas abastadas que tinham como refúgio do centro da cidade. De modo que “a cidade assim não teve facilidade para se expandir, porque os ricos não queriam se desfazer dessas áreas de recreação e os agricultores relutavam em trocar seu meio de vida agrícola pelo cidadão”. O plano urbano, então, era acrescido quando a chácara se dividia por partilha hereditária ou quando o proprietário optava pelo lucro que lhe proporcionava a divisão da terra (PELUSO JÚNIOR, 1981, p.13). No entanto, creio que podemos recolocar algumas questões a respeito da produção (da verdade) do sentimento de se banhar ao mar.

Já havia colocado (Platô **ZERO**) que na trajetória das minhas investigações para SABER a Cidade de Florianópolis me causava estranheza de que uma Ilha com tamanha exuberância – mata, fauna, recursos hídricos – tenha aparentemente demorado em se transformar numa cidade de fato balneária. Logicamente esta ideia inicial está ancorada num certo etnocentrismo que julga os outros tempos a partir deste meu, das colocações de minhas verdades. É preciso ter cuidado.

Mas, se seguimos com a reflexão de Lovisolo (2016, p.3, grifos meus), de que banhos de rio e de mar, banho de sol e bronzamento na medida em que se tornam “novos espaços de desenvolvimento de novas sensibilidades” são efeitos dos **“cuidados com a cidade [que] se entrelaçam com os cuidados de si”**, então nossa questão (uma ilha sem banho de mar), para não ser anacrônica, pode se guiar pelas técnicas de si.

Para Foucault (1988/2014f, p.266), as **técnicas específicas que os homens utilizam a fim de compreender quem são**, repartem-se em

4 grandes grupos, dos quais cada um representa uma matriz da **razão prática**, **1. As técnicas de produção** por meio das quais nós podemos produzir, transformar e manipular objetos; **2. As técnicas de sistemas de signos**, que permitem a utilização dos signos, dos sentidos, dos símbolos ou da significação; **3. As técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos**, os submetem a alguns fins ou à dominação, objetivam o sujeito; **4. As técnicas de si**, que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição, ou de imortalidade. Os dois primeiros tipos se aplicam ao estudo das ciências e da linguística, já os outros dois tipos de técnicas, “as técnicas de dominação e as técnicas de si”, são as que retiveram tanto a atenção de Foucault quanto a desta Tese.

Evidentemente “**é raro que esses quatro tipos de técnicas funcionam separadamente, ainda que cada tipo esteja associado a certa forma de dominação**” (idem, grifos meus). A rigor, Foucault “quis descrever ao mesmo tempo a especificidade dessas técnicas e sua interação constante” (idem). Permanente movimento de interação que ajuda nossa justificativa de que o poliedro ontológico produz inteligibilidade no próprio movimento entre técnicas de si e de dominação. Estas, que podem ser pensadas como “**governamentalidade**”, ou seja, “**o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si**” (idem). E, que em nosso poliedro podem ser colocadas como FUNÇÃO.

De todo modo, se há evolução das técnicas de si, esta não se dá de modo linear, rígido, mas, como **acontecimento no mundo**. Por isso não se trata de traçar uma linha de continuidade da filosofia greco-romana à antiguidade cristã, estudadas por Foucault. E, tampouco até nossa modernidade. Porquanto tais **práticas encarnaram no mundo como acontecimento**, tornaram-se entes passíveis de serem pescados como hábitos, memórias, ideias, formas, mesmo que em fragmentos, mas, que permitem ler um dado **corpo** possível de ser atualizado.

Retorno a nosso personagem. Que, bem antes de mim, causava tanto (ou maior) espanto ao tal do Zé K. (JORNAL O MOLEQUE, 1885b, capa) que já reclamava por uma prática ampliada de Saúde, a ver com a Vida (e não com o sistema saúde-doença). Vamos caminhar um pouco mais pela cidade **acontecimentalizada**.

O que durante as férias se passa é **matéria sabida: passeios, a pé, a cavalo, reuniões, jantares para fora da cidade, bailes, teatros, etc etc**. Enfim, são estes os meses de **emoção para o estudante**. [...] Completaram-se todos os seus desejos. Porém o pior é que Dezembro já se foi, Janeiro toca o seu fim, e Fevereiro chega carrancudo e feio. **Forçoso é continuar os estudos**. [...] **A grande viagem da vida começa!** A hora dos labores do ávido estudo não tarda a tocar. [...] Mais do que suores e esforços não serão precisos. **Paciência, depois de lutar, de sofrer, será livre**, será livre como o filho indômito de nossos bosques, será livre como a avezinha que paira no ar. Pelo andar dos tempos os anos como frutos sazoados, cairão um a um, da árvore da mocidade. Como aos raios do sol através da planície, fogem os alvos vapores da manhã, **assim suas doces ilusões, desaparecem sopro gelado da realidade!** (JORNAL A ESPERANÇA, 1867, p.2-3, grifos meus).

Encontrei por acaso este periódico, e agora ele nos é essencial. Percebemos aqui todo um velho hábito, formas construídas e atravessadas em tantas gerações que produziram estados possessivos estáveis.

Velhos hábitos de diversão são apenas formas de quase-diversão, pois, parecem mais encadear do que libertar. São equivocadas as promessas: “Paciência, depois de lutar, de sofrer, será livre”, pois é um engano doce que “doces ilusões” desaparecerão com o “sopro gelado da realidade”, e, menos ainda que a “grande viagem da vida começa!”. Ao menos não é isso que encontro nos próprios dizeres de outras enciclopédias do cotidiano. **Engano doce que se torna amargo aos não viventes.**

...E dê-lhe **abraço**, fomos a um **passeio**,
Fomos à praia que ficava perto,
Numa curva de morro...Sobre o seio
Ella brava um lindo cravo aberto

Não tínhamos o mimo receio

Pelas almas adentro. Eis-me que **então**,
desperto

De um sonho ideal e de esperança cheio
Dou-lhe na mão um tremulante aperto

Era deserta a praia. No outro lado
É que apenas havia, do pecado,
Umás casas paupérrimas, franzinas...

As **promessas de amor asas batiam**
Enquanto que do sol os raios iam
Poeirando de ouro ao alto das colinas.
Ondina (FIGUEIREDO, 1889, p.2, grifos meus).

Perceba aqui, caro leitor, aspectos do homem da multidão, uma e(ste)tica que aponta as benesses do contato ser humano-natureza e, se espanta duplamente: não tem medo do passeio à praia deserta; e vê (numa escrita moral e que por isso quase denuncia) que do “outro lado” do mimoso passeio há “casas paupérrimas, franzinas”. Talvez por isso mesmo são apenas “promessas” amar a praia. E, já “desperto” do “sonho ideal e de esperança” as “asas batiam enquanto que o do sol os raios iam” (idem, adaptações minhas).

Este soneto de Araújo Figueiredo é publicado a 25 de março (segundo nos conta a impressão do referido periódico). E, semanas depois, em outra enciclopédia do cotidiano, temos indícios de que a “esperança” do bem-viver na liberdade da cidade é sempre uma promessa inconstante.

O sol a pino fecundava a terra num derramamento de luz, mas de uma luz branca, **vivificante**, mordente. [...] Por entre as árvores do bosque cantavam **canções** estridulas e altissonantes as cigarras, enquanto o rustico proletário trabalhava, ao som monótono e cadenciado [...]. **Estávamos em uma pitoresca quinta**; de um lado deslizava-se um regato, que, dividindo-se para mais longe se unir, formava uma ilhota, onde florescia na pujança de uma natureza ubérrima, o pomar plantado em desalinho de outro, levantava-se com pequeno declive uma colina, que logo ao amanhecer,

recebia em cheio os raios de sol. **Fatigado pelo passeio campestre encostei-me na chaise-longue, e ela, sentada ao piano, deleitava-me aos ouvidos com harmoniosas melodias executadas com pericia e gosto.** Depois abandonou o piano e veio sentar-se junto a mim. **E eu que sempre amei-a** com meu amor puro e santo **ousei-me declarar-lhe** meus sentimentos (JORNAL A POLYNTHÉA, 1889, p2, grifos meus).

Prossigo daqui: no tal encontro, provavelmente invencionice do literato, a moça imaginária (do piano no bosque) fugiu dele. Por isso para ele inconstante, pois, foi aos seus braços, mas correu. E, depois o rapaz da invenção se retirou, viajou, e, na volta soube que a tal pretendida havia se casada com outro. Inconstante o título do causo, e **inconstantes** são aqueles que não entendem outras linguagens que não sejam aquelas que aprisionam promessas que levam a uma vida mal vivida. Por isso oscilam na cidade entre tédio e euforia. Portanto, o Tal tem medo da inconstância.

Diferentemente do que ensina Baudelaire (2010, p. 31, grifos meus em negrito e grifos em itálico do Autor), pois há uma insaciabilidade que se “traduz” e “exprime em imagens mais vivas que a própria vida, sempre instável e fugidia”, inconstante, e que por isso requer que a FIGURA de “**todo homem** que não esteja oprimido por uma dessas aflições de natureza demasiadamente reais para não absorver todas as faculdades e ainda assim *se enfada no meio da multidão* é um idiota! Um idiota” e eu o desprezo!”.

O interessante é perceber nesta “prática de si” na escrita a condição da (re)colocação num campo de forças mais amplos que não se perdeu com a modernidade (capitalismo, avanço do biopoder). Quer dizer, se o próprio Foucault (2014b, p.42) aponta que as práticas de si não se encerraram no mundo antigo, e, cita como exemplo (na nota 2) que “podemos pensar no estudo de Benjamin sobre Baudelaire”. Então há OUTROS que permitem que evoquemos em suas práticas (mesmos como um mosaico, mas, a favor da questão de nossa Tese), que a “prática de liberdade” é possível através do **fator lúdico**. Ademais, neste tipo de “**experimentação**” trata-se de “**não se confundir com a multidão**” (idem, p.78, grifos meus). Embora seja possível MESMOS

pela cidade vestidos com outras DIFENÇAS, que se mantêm distraídos na multidão.

Ao longe, muito longe o clarim toca o silêncio. O toque é dividido de divisão em divisão; de acampamento em acampamento. [...] **Depois daquele toque triste e monótono** que se começa a ouvir indistintamente até que chega ao nosso acampamento e vai-se perdendo ao longe, depois daquele toque, **não mais se ouve os ditos chistosos da soldadesca acompanhados de gargalhadas francas e estreptosas.** Silêncio. Quantos daqueles homens deitados sobre o chão úmido e frio das barracas, tendo por colchão e coberta o capote e por travesseiro uma pedra ou a mochila, tão alegres entre os companheiros, sempre a rir ou a cantar [...] **Coitados!** (JORNAL PALAVRA, 1888a, p.3, grifos meus).

Cronista que se coloca como divinatório de sua proclamação: “Coitados!”. Felizmente, e isso nos encanta, mesmo que sua escrita revele uma verdade de si que pode ser interpretada como arrogância, observamos indícios do **simplesmente simples** quando aponta certa festa no acampamento, daqueles acampados “acompanhados de gargalhadas francas e estreptosas”. Ora, para relatar tamanho detalhe não seria o mesmo cronista um campista?

Estes indícios iniciais nos foram úteis para caminhar na questão cerne desta Cena. Passemos agora às duas aparentes distintas fontes historiográficas.

Era manhã. O sol faiscante e vivo, punha no ar uma mornidão trespessante e amolentadora. Eu caminhava alegre e silencioso, sozinho, alagado de luz. O caminho alongava-se-me ante os olhos, planuroso, largo, branco, convidativo. Marginavam-no ininterruptamente verdurações pujantes e fecundas, donde saíam chilreamentos doces de ninhos, exalações fortalecentes de vida. **Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pinoteadores, que correm, trepam, gritam e estrafegam na distancia livre e precisa que vai do lar ao mestre, desapareciam ao longe.**

Voavam as borboletas. Aqui e além, desciam riachos, cruzando a estrada, sob pontes rústicas de madeira, num rumo eterno e cristalino. E ao lado das casinhas alvas, limpas, enrozeiradas e agrestes, cheias de felicidade tranquila e virginal do campo, assoberbavam as cercas de pau à pique, irrompendo numa vegetação impestuosa e indomada, as sanguíneas e revolucionárias *pancetas* que recitam gritos da república, saídos de entre a monarquia das árvores (VÁRZEA, 1888, p.2, grifos meus em negrito e grito do autor em itálico).

A rigor esta prosa de Várzea será outras vezes requisitada, pois revela ambiguidades (elogio à natureza vivificante, elogio à República). Aqui nos interessa compreender que antes de ser rotulado como político Várzea foi artista de si perante a vida possível de ser vivida na comunidade. Assim, cabe a questão, quase-platônica, se na sua Obra há mais simulacros ou mais aspectos da Vida? Não, pois há sempre ambos (na equivocidade do ser). Por isso esta nunca foi a questão de Platão (ele apenas desejava expulsar simulacros que, na sua visão de Filósofo, atrapalhavam sua ideia de Paidéia/educação). Toda forma de educação que não trata da experiência da vontade de SABER, do conhecer e do cuidar de si (de inspiração socráticos) será mero utilitarismo social para manutenção do *status quo* e, logo, da sociedade escolarizada do cidadão civilizado. Que tenhamos coragem de perverter todo um bom senso ancestral.

Mas, e isso é o mais incrível, é que não conseguiríamos viver juntos e a tantos outros, numa pluralidade caótica (pelas crenças ambíguas, pela ambiguidade do ser), caso não fossemos todos um tanto sofistas (que passa a ser uma defesa pela VONTADE de VIVER). Por isso é uma má questão pensar sempre em termos dicotômicos: é isso ou aquilo. Má muito cruel toda questão (deste tipo) para ficar, quando bem colocada, em aporia. Pois, toda questão que nos leva a fazer tal ou qual escolha amparada no Senso Comum de nossa época, de toda convencionalidade do bem-viver é frágil de ser mantida. Justamente porque amanhã (provavelmente depois de nossa morte neste mundo concreto, depois que já não poderemos nos defender elegantemente), mudam-se as categorias de análise, e, pronto: perdeu jogador, passe sua vez ao outro. É momento de **ir** com suas categorias analíticas, pois OUTROS surgiram com DIFERENTES categorias e, mais bem situadas

no tempo sócio histórico. E Várzea é nosso OUTRO na figura do flâneur da multidão. Eis o elogio de viver à beira-mar.

Poucos lugares no globo possuirão praias tão bonitas e de um desenho mais interessante e caprichoso como as da costa catarinense, tanto na Ilha como no continente. Brancas, de uma alvura reluzente ao sol, ou de um vago amarelo rebrilhante, abertas em curvas ou crescentes de um contorno suave, limitadas entre pontas numerosas ou pequenos promontórios de rocha, onde o mar brame em torvelinhos de espuma, em sítios desabrigados, ou preguiça mansamente em espelhações cor de anil nas enseadas em calma – essas praias deixam no espírito dos que as veem uma dessas **impressões de natureza que raramente se extinguem** (VÁRZEA, 1900/1984, p.113, grifos meus).

A rigor Várzea escreve o livro ainda no contexto do grande ACONTECIMENTO (que já iremos introduzir) quando já morava na capital federal do Rio de Janeiro. Atendeu às contingências de sua época, por isso é menos digno de mérito em sua Prosa do Mundo? Entendemos de modo contrário, que nada nos servem classificações antipolíticas na política. Afinal Várzea antes de ser político na comunidade política era Político em sua e(st)ética. Basta comparar analogicamente, caro leitor, a prosa “Pela Estrada Afora” e a publicação de “A Ilha”. Foi, antes de ser político como profissão, marinheiro, assim como Araújo Figueiredo (termo que se refere àquele que se dedicou a elogios do mar).

Ademais, e nas palavras de Victor Júnior: “A Ilha é o estudo científico de natureza social mais importante que já se empreendeu sobre a Ilha de Santa Catarina, e, ao mesmo tempo, o mais belo livro que os artistas da palavra realizaram entre nós” (PELUSO JÚNIOR, 1984, p.229). Logicamente não podemos esquecer duas importâncias contingências: 1) Várzea utilizou em suas tintas a fonte do historiador Almeida Coelho em seu “Memória Histórica da Província de Santa Catarina”, a lume em 1853, e como continha erros de dados, acabaram sendo corrigidos por outros historiadores de Santa Catarina, da Cidade de Desterro/Florianópolis; 2) O texto de Várzea foi uma estratégia política do então Partido Republicano Catarinense para ser impresso em

1900, aproveitando-se das circunstâncias republicanas e da proximidade da virada do século (retomaremos na Cena 3 esta última contingência). Mas, e de todo modo, 1 e 2 não impedem o mérito da Obra. Até porque para 1: uma questão de “sobrenome a mais ou a menos, não tem a menor importância” (PELUSO JÚNIOR, 1984, p.229) quando se escreve uma história sem rostos. E, para 2: precisamos saber que o flâneur varia de indivíduo para indivíduo, é apenas uma FIGURA, não um arcabouço conceitual para *ad eternum* colar corpos e almas. E Várzea cometeu lá seus enganos, como eu, você e até Aristóteles.

De todo modo nos interessa aqui sugerir que a prática de si de Várzea é um tipo de “artes da existência” (FOUCAULT, 1984/2014 b, p.16) no sentido de que há uma dada prática (a de escrever) que permite uma prática “refletida e voluntária” “através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”.

E, retomando ao elogio de uma vida à beira-mar, temos que Várzea nos presenteia com as informações históricas necessárias para sair desta Cena. Em algum momento do seu Texto ele não dividiu, mas juntou pelas praias “ilha” e “continentes”, pois ambas são “bonitas” e “caprichosas” (VÁRZEA, 1900/1984, p.113). A Praia comunica “**impressões de natureza que raramente se extinguem**” (idem, grifos meus). E simplesmente simples é aquilo que atualiza e é infinito: a UNIVOCIDADE DO SER.



Quando manso, é o espelho que reflete o esplêndido brilho dos resplandecentes astros engastados na abóboda celeste, à noite: bravo é cada cava dele escura sepultura aberta aos pés do marinheiro! Tem sido berço para uns e tumulto para outros. O mar é leão indomável e às vezes cordeiro. Aprecio-o de ambos os modos. Gosto de vê-lo enraivecido acoitar furioso os negros e imóveis rochedos que a natureza lhe deu por limites invencíveis e em cujos abismos lá abaixo solta o rugido horrível, filho do desespero de não podê-lo ultrapassá-lo. Quando de cima de um, vê-se a onda volumosa bater-lhe, sente-se ao contato dele com o rochedo, a sombra do temor

enuviar-nos o coração, e dissipar-se, quando desfeita a onda, uma parte do penhasco coberta de alvo lençol. [...] o ar purifica-se e o céu se limpa e respira-se livremente. **É feliz nesse momento o homem do mar que procurando muitas vezes melhor vida nele encontra pior, horrível morte que é o termo da vida: rochedo por onde naufragam as esperanças que nos embalavam o coração** (JORNAL PALAVRA, 1888b, p.4, grifos meus).

Percebam agora que “mar” e não “praia” é termo que refere a algo como uma natureza indomada, por vezes “leão”, por vezes “cordeiro”. Nestas condições, não espanta saber que a grande maioria dos poemas que li nos jornais desta época apresentavam mar para se referir a situação de força, de fúria, evocavam emoções e, invariavelmente as narrativas continham alguma desgraça como a “morte” no supracitado. Intuitivo, pois numa época em que se pensa o mar como meio de transporte (marujo), de subsistência (pescador), a prática ritualista de pensar/intuir e escrever/expressar só pode dizer-de-si uma verdade daquilo que ainda não foi domesticado. O mar/a praia ainda não são objetos da cultura para banho.

Segundo Corbin (apud Soares, 2016, p.14) uma história das sensibilidades se trata da relação íntima dos seres humanos com os elementos da natureza. Mas não apenas, pois estas mesmas sensações se vinculam a dada ideia sobre natureza. Sensações que passam “pelos cinco sentidos, ou seja, pelo corpo inteiro [...] o contato da areia sob o pé nu, a cavalgada sobre as margens arenosas da praia, a união do corpo e da água em plena natureza”, numa “experiência inovadora com o elemento líquido, o afrontamento com a onda, ao mesmo tempo em que se exalta a transparência, tudo isto faz com que a paisagem seja, rapidamente, associada a sinestesia” (CORBIN apud SOARES, 2016, p.13).

Para Soares (2016, p.13) sinestesia “ou a simples exposição do corpo aos elementos da natureza, exercem um fascínio misturado ainda a novos receios sobre essa natureza bruta, enfim, reabilitada”. Natureza vagarosamente reabilitada já que a união do corpo físico aos elementos da praia ainda não se tinha com estabilidade tomado posse de corpos de uma época.

A rigor, os incorporais (tempo, espaço, exprimível, nada) vão, paulatinamente, contribuindo em atualizar o SER no jogo permanente das pescarias incorporais-corpos (memórias, ideias, sentimentos), a partir de uma dada participação no mundo. Quem sabe alguns elementos lúdicos: atividade voluntária com fim em si mesmo, que cria ordem e é ordem, e produz tensão e alegria, seja nas histórias contadas sobre mares, marinheiros, seja nos corpos em relação sinestésica senão a todos a alguns dos elementos (ar, água, calor, areia) não tenham sido eles mesmos catalisadores da invenção do mar para banho quando chamado de praia. Enfim, mudança de sensibilidade, numa nova ideia natureza, enquanto espírito novo no mundo.

Voltando ao campo do *a posteriori*, porém, colocar a questão de por que não se banhava numa Ilha cercada de água, este pedacinho de terra perdido no mar não se trata de uma boa questão. Quer dizer, com ambos os ditos de 1862, de Cruz e Sousa, de Várzea & CIA, conseguimos pensar em modos de vida **condizíveis** e, que permitam tal acontecimento chamado banho de mar exista na Cidade? Ainda não. Por isso, mais do que “por que?”, ou “o que?”, convém pensar em termos de **como** nos jogos de verdade foi sendo produzida condição para que o mar virasse praia.

Nesse sentido, há toda uma produção literária que intenta romper os véus dos hábitos, colocando condições para que novas verdades possam ser encarnadas. Imagine caro leitor, a magia da formação das palavras, que a rigor, são privadas em sua natureza de se referirem com exatidão a qualquer coisa que remetam. O que para mim denota o fascínio da linguagem. **Com-o-dizível**, denota justamente a situação naturalizada como forma, um hábito da possessão estável, que remete ao modo como nos reconhecemos na existência. Simples assim.

Mas, e aqui, na Cena 2, não há dizível algum que encarnou de fato no corpo social da cidade. Ainda não deu tempo de formar velhas memórias. Mais rituais são precisos, para que com força tal deslocamento ocorra. Nesse sentido, os jornais tomados como enciclopédias do cotidiano: nada de práticas de banhos de mar aparecem. Logo, a praia não existe! Isso não significa que não se tenha com os marinheiros toda uma possibilidade através de suas escritas, em, tensionar ao dado, ao costume, à memória profunda de uma sociedade, como num jogo pela verdade, certa agonística através do “exercício da escrita pessoal”, não de uma carta como indica Foucault (1983/2012g, p.141-151), mas atualizada a nosso concreto, na **prosa da escrita**,

constituente de “um corpo”, não corpo de doutrinas, mas, seguindo “a metáfora da digestão”, “como o **próprio corpo** daquele que, **transcrevendo sua leitura, dela se apropriou e fez a sua verdade delas**”, de modo que a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em “**forças e em sangue**” (IBID, p.p149, grifos nossos). Contudo, ainda são investimentos no campo do dizível (to ti). Ainda resta outros investimentos para o deslocamento de uma cidade com mar para uma cidade com praia.

Assim, uma resposta direta à “: - Por que demora numa Ilha o nascimento da prática de banho na Praia”, passa justamente pela resposta “: - Porque os deuses e os adivinhos assim o quiseram”. Serei mais claro: o mar sempre existiu, é anterior à construção do *homo faber*, e, no entanto, para se tornar lugar para banho (privado ou público) é preciso romper a barreira da *zoé* na condição de crenças que somos seres da *bíos-politikos* (que procurei situar um pouco no Platô **DOIS**). Por isto é que o mar só virará praia a partir da autorização biopolítica, este poder sobre a vida nua, que coloca placas, marca (in)salubridades e, como processo civilizador, autoriza o pontapé para que um costume comece a existir.

Perceba caro leitor, costume é a sucessão descontínua de uma série de hábitos (higienistas, higiene do corpo são no esporte, refrigério do calor, refrigério do fantasma da cidade que oprime), que, no processo de encarnação vão permitir que o próximo nascituro no curso do tempo já se encontre com a ideia do que vem a ser a condição de banhista.



Tudo mar! É tudo mar!
Tudo só mar dentro em mim!
 E aquela voz a cantar,
 Constante, que **não tem fim**.

A mesma voz na distância,
 Ardente, viva, sonora...
Saudades da minha infância,
 Tentação de cada hora.

Ondas, mais ondas, não param,
 Espuma leve na areia...
 Desejos foram, voltaram,
 Que a tentação foi sereia.

**Mar sereno, mar dormente,
Mar louco de tempestade;
Sempre o mesmo ardor ingente,
Sempre a mesma imensidade.**

**Mar alto, mar de incerteza,
Mar azul, tão longo chão...
Ó mar da minha grandeza,
Mar da minha solidão!**

(CORTÊS-RODRIGUES, 2005, p.30,
grifos meus)

Este poeta português, nascido a 28 de fevereiro de 1891, numa das Ilhas de Açores, escreve a BELA Prosa sob a forma de soneto em “Cantares da noite”. Retoma nossa FIGURA da MEMÓRIA: Água. Se esperávamos ter sucesso antes com a libertação de Várzea como POETA, agora, menos esperanças teremos em libertar ideias acerca dos termos metrópole-colonizados. Ironia da Vida, pois, a origem da Imprensa brasileira, segundo nos contam (PLATÔ UM, §53-54), vem ao encontro dos anseios de se desvincular da metrópole Portugal. Mas a ideia de nação, país, e mesmo cidade é sempre uma invenção de uma Vontade de viver. Por isso lutas e guerras da expansão romana da antiguidade à expansão ibero-marítima já na modernidade. É aquilo que Nietzsche já apontava como instinto menor da VONTADE. É por isso que quando o antigo mundo revia seu estatuto para com a servidão (estou na idade média, termo ruim, mas, ainda usual), no momento mesmo que se criavam direitos jurídicos ao servo, para quase distanciar da figura antiga do escravo, tem-se, nos novos territórios encontrados (Américas, África), o recrudescimento (certamente retrocesso nos termos de direitos humanos) da escravidão. E fomos todos escravos um dia. Então temos duas vontades em disputa: dos antigos que para se afirmarem colonizam corpos (carne e espírito) e, quando estes começam a falar a língua dos homens (colonizadores), aspiram à vontade de viver fora da relação metrópole-colônia.

Mas, e agora chegamos ao nosso recreio, o SER é UNÍVOCO. Por isso poemas e prosas sejam da época que for SEMPRE tocam em algum ponto aquele que já consegue respirar melhor. BELO poema do fidalgo, do patricio, daquele que assim como você, eu, não é culpado por nascer após sucessivos acontecimentos de violência, morte. Esqueça ou morra em vossos fantasmas, abra a pandora! Relembrar é viver.

Três fantasmas: 1) **acontecimento** é sempre algum efeito do saber e do poder (chegamos a nossa ontologia através dessas sucessivas cadeias descontínuas de atos); 2) **há um eu no próprio fantasma** que encontra ancorado na imanência do mundo sócio histórico; 3) **fantasmas** são suscetíveis de serem **reconhecidos nos outros fantasmas**. Eis a energia do entusiasmo, da simpatia, enfim, formas mágicas de potencializar a liberação de um eu no fantasma da repetição de si. Seguimos Deleuze nesse primeiro nível da libertação.

No segundo chamamos Arendt, pois há muito e muito tempo há toda uma proliferação de nascimentos, ideias, fatos e causos para rememorar. A rigor, temos é uma condição plural que pode ser colocada como diametralmente oposta aos padrões morais de uma época (seja qual for). Se compreendido, então chegamos muito próximo ao PODER DO PERDÃO, que se baseia, simplesmente simples numa experiência que ninguém jamais tem consigo mesmo, mas, na **inteireza da presença de outros EUs**.

Então estamos cada vez mais próximos da comunidade que vem pela comunidade que já foi. Simpatia, entusiasmo e perdão como condições para a NOVA ABOLIÇÃO. São retornos não circulares, de uma sincronicidade entre os elementos que parecem nos atravessar muito antes de uma política dos homens na cidade. Repito: a univocidade do ser não significa “um só e mesmo ser: ao contrário, os existentes são múltiplos e diferentes, sempre produzidos por uma síntese disjuntiva, eles próprios disjuntos e divergentes” (DELEUZE, 1969/2007, p.185).

CENA 3 – Um Grande Acontecimento na Cidade da Diversão

(Re)começamos com os ditos que o garoto Silvio apresenta sobre a cidade de Desterro.

Em toda parte do país o tipo da cultura agrícola, amparada no braço escravo, criava a extensão e o prestígio dos imensos domínios rurais, refletidos, como natural, na primitiva singeleza do processo econômico. Duas classes econômicas se impunham ao meio social: - a elite da época, representada pelos fazendeiros, titulares do império, doutores e bacharéis, nascidos das famílias de prol; e a população espezzinhada, sofredora, - escravos e agregados - [...]. Surgiu **certa autonomia civilizadora** nas principais capitais e no Rio de Janeiro, onde vegetava a cortezinha do Senhor Dom Pedro II, de marcada mediocridade, e entregue à renúncia formal a elementares comodidades da vida. Viviam-se, porém, calma e fartamente. Sequer havia acústica para as profundas transformações, decorrentes do advento da idade da máquina. Tudo patriarcal (BARBOSA, 1979, p.26, grifos meus)³⁶.

O tal patriarcalismo imperial ao qual o garoto se refere pode ser lido como aquele momento onde o poder soberano ainda se impunha. Que tipo de poder soberano? Àquele descrito por Foucault em sua leitura de Maquiavel. Um príncipe que herda um território do qual não faz parte, e, portanto, o princípio da exterioridade e da transcendência revelam a quem governa, que este não pertence de fato ao território. Na narração do garoto o problema imanente das sociedades, de “como ser governado, por quem, até que ponto, com que fim, por que métodos” (FOUCAULT, 2008, p.119), parecem dirigir-se ao momento final do império de um governo. Sua condição é sua fragilidade, pois não há razão em si, “imediate, pela qual os súditos aceitem o principado do príncipe”. Daí, decorrem as críticas de Renato Barbosa quando se refere

³⁶ Silvio é o pseudônimo do autor, Renato Barbosa, que foi aluno do Ginásio Santa Catarina, admitido em 1914 e se forma em 1919.

“a primitiva singeleza do processo econômico” e a sua contradição perante as duas classes econômicas “que se impunham ao meio social” frente ao alvorecer da “idade da máquina”. Mas perceba que toda forma de governo não se faz na figura de um único mandante (mesmo o tirano precisa de estrutura para caminhar). E, as ações Políticas são irreversíveis e imprevisíveis, significa que tudo o que ocorreu antes contribuiu ao estado das coisas. Assim o casual encontro dos revoltosos da Armada vindos da capital federal foi o estopim, mas, só possível porque na Cidade da Diversão chamada Desterro haviam condições materiais encarnadas da ideia de uma revolta como a que se sucedeu.

E, do ponto de vista (que é a nossa vista do ponto) das diversões, os acontecimentos de 1893-4 serão decisivos para um forte deslocamento de atividades de lazer, passatempo na cidade. E, principalmente, com a invenção de novos modos de governar cidade com segurança. Costumes que “sobre nós exerce um poder considerável, tem uma grande força de nos ensinar a servir e [...] a engolir tudo até que deixamos de sentir o amargor do veneno da servidão” (LA BOÉTIE, 2006, p.23).

Mas esse estratagema com que os tiranos humilham os súditos está, mais do que em qualquer outro lado, explicitado no que Ciro fez aos lídios, depois de se ter apoderado de Sardes, capital da Lídia, quando aprisionou o riquíssimo rei Creso e o levou cativo. Trouxeram-lhe a notícia de que os Sardes se tinham revoltado. Ter-lhe-ia sido fácil dominá-los. Não desejando saquear uma tão bela cidade nem querendo destacar para lá um exército que a vigiasse, recorreu a um outro expediente. Fundou nela bordéis, tabernas e jogos públicos e publicou um decreto que os obrigava a frequentá-los. Tão bons resultados teve esta guarnição que foi desnecessário daí em diante levantar a espada contra os lídios. Os desgraçados divertiram-se a inventar toda a casta de jogos, de tal forma que a palavra latina usada para significar **passatempos** é a palavra **ludi**, que vem de **Lydi**, lídios (LA BOÉTIE, 2006, p.35, grifos do autor).

Brilhante La Boétie com sua compreensão da **função** anti-política da distração: “desgraçados”, divirtam-se todos. Quer dizer que toda querela moralista sobre tal ou tal atividade de passatempo a rigor cumpre sempre uma função anti-política? Creio que sim. Explico: está claro que há uma natureza em cada ser para o brincar? Intuitivamente podemos comprovar através de rápidos exemplos mentais: “: - Tu se encanta quando uma criança ri perto de ti?”; ou “: - Tu te comoves ao assistir um filme dramático?”; ou “: - No clímax do gozo do ato sexual, não há certa magia na sua explosão?”; “: - E isso levando em conta que já temos certa experiência na questão, quer dizer, sabemos que gozar é bom e, no entanto, quando vem a sensação nada parecido com palavras dará conta de contar algo assim”. Bom, essas reflexões me servem apenas para sugerir que há muito tempo se sabe que atividades que em maior ou menor grau promovem estados divertidos interessam aos governantes, as classes dirigentes.

Que retornemos a nossos dois astros da Cena 1. O momento de diversão para todos era raro, no melhor dos casos a zona de contato entre aquelas duas classes na sociedade desterrense, a elite representada pelos fazendeiros, nos dizeres de Barbosa (1979, p.26) “titulares do império, doutores e bacharéis” e o povo formado por escravos e os mais pobres, seria no entender de Cabral (1972, p.230), a festa do carnaval. O que importa neste caso de diversão é o seu uso politizado. Numa certa festa de carnaval a participação ativa de grupos apoiava o movimento abolicionista, o que para Cabral (1972, p.230) levou até o povo as ideias da libertação dos escravos. Sugestão certa ou não, o que importa é que movimentos abolicionistas e republicanos vão encarnando à ilha de Santa Catarina, e, perfazem certo arranjo inusitado, pois, juntamente com um Grande Acontecimento, permitiriam certo rearranjo das forças (políticas). Arranjo fundamental para mudanças e nascimentos sociais na Cidade. Vai paulatinamente e mais velozmente alterar **costumes** de diversão do povo. Vamos à leitura de mais fontes.



Em 15 de janeiro de 1891, na capa e ao alto dizeres anunciam, e conclamam à participação de uma festa religiosa de “São Sebastião”, promessas de “procissão” e de “pregação” dos “atos religiosos comemorativos” em três dias seguidos, ao final da tarde, 19 horas, e, finalizados com um quarto dia com missa pelo meio da manhã, 10

horas, e, meio da tarde, 16h de um domingo às margens do aprazível bairro de Fora. Rituais de aleturgia para o povo daquele bairro crer. Formas-rituais onde há a FIGURA do mais próximo do divino (padre) que transmite mensagens de todo tipo. Das mais visíveis (*to play*) às mais ocultas (*pflegen*). Importante: no ritual não são todos os que coordenam o Ato (aleturgia) que compreendem de fato, o PODER da linguagem. Por isso é importante sempre ter em algum lugar da mente o PODER da simpatia e do perdão. Muitos apenas não sabem o que fazem em suas ações. Simples. E, em 31 de maio de 1891, o povo também se diverte (mesmo se distraindo) ao comer, beber e, rezar.

Durante os sete dias e a propósito do meu artigo de domingo passado, relativo à festa do Espírito Santo, na freguesia da Trindade, foram-me endereçadas várias cartas a que vou responder: Um *rapaz sensível*: - O Sr. É difícil de contentar. Olhe também lá fui e não acho razão em queixar-se que perdeu o seu tempo, não encontrando coisa que não compensasse o trabalho de ir lá. Queixei-se com **o seu coração que é muito exigente. Eu voltei de lá apaixonadíssimo por uma viuvinha, que deitava-me uns olhares...uns olhares que queimavam-me, fazendo-me ferver o sangue, já um tanto quente pela excursão.** [outra carta de outro leitor:] Um *apreciador de bom bocados*: - Tem razão, **tem muita razão em queixar-se dos comestíveis que não eram bons. O peixe, duro e frio,** mostrava ter **pelo menos quatro dias de frito. O café não era bem** café e sim uma coisa com pretensões a café, a qual depois de ingerida, **causava câibras e obrigava a gente a buscar, correndo, os lugares solitários.** Eu que o diga, meu caro senhor, eu que o digo, que dei várias corridas, pisando por cima de certas coisas, que não cheiram bem...[Agora em outra carta:] Um *marido brejeiro*. Com que então tudo corre-lhes mal? Sinto muito. Mas também **porque também não examinou as massas e as laranjas antes de trazê-la para sua casa? Se o tivesse feito não passaria pelo desgosto, se é que o teve, de ver sua esposa fazer caretas horríveis ao chupar uma laranja azeda, quando preparava-se para saborear uma seleta e engasgar-se depois com**

um pedaço de massa petrificada pela velhice. Sou capaz de apostar em como estava namorando, quando comprou os presentes para sua mulher, que ficou em casa aturando os filhos. Se assim foi, bem mereceu a cena em que ela lhe fez depois, quando, à força de pulos, consegui deitar fora o maldito pedaço de massa que tinha atravessado na garganta. [Nova carta:] *Uma menina romântica.*

Nem um só lugar apazível, poeticamente isolado, onde o sabiá, pousado no espinheiro bravo, decante a brisa que passa veloz estrofes de amor...diz, v.ex. lamentando um dia inteiro perdido no meio de uma multidão indiferente, que só queria comer, e rir [e] falar. [Aqui, o cronista responde:]**Sinto deveres a sua desilusão, minha senhora, e tanto mais que fui o causador dela com a espalhar fatos [d]a notícia que dei domingo passado. E para algum modo atenuar a minha falta, aconselho-a a que vá hoje à festa, nos Coqueiros, da Vera Cruz. É impossível que não encontre lá o que deseja.** [Novo leitor:] *Um desiludido.* Admira-se de não ter feito uma conquista, sendo tão hábil, como diz, em empregar todos os meios, até hoje conhecidos de sedução? Não tem razão para se admirar. As meninas da roça e seus papais já não são o que eram em outros tempos. Eles agora leem por outra cartilha Nada, meu caro, **elas e eles,** as pequenas e os pais, já aprenderam a sua custa a não cair na esparrela. Pensa que foram poucos os louros em que tudo o que brilhava era louro? A gente da roça tem hoje por princípio – desconfiar de tudo e de todos. **Outro ofício meu caro senhor,** outro ofício. [E, responde o dito redator-cronista:] *Enfim...* – **Houve, sim senhor,** houve. Eu, quando lá cheguei, já encontrei alguns com a sua conta e à **proporção que a festa seguia o seu curso, aumentava o número de desgostos.** Mas aquelas **bebedeiras não são perigosas, o que é um descaso para a polícia.** Já lá se foram os tempos em que a coisa fiava mais fino, e **voltava** de lá muito **soldadinho de quartel da praça 15 de Novembro,** roto, agatanhado [ferido], e com o inofensivo chanfalho tristemente oculto na bainha

amassada **pelos ponta-pés dos negrinhos valentes. Tudo se civiliza neste fim de século, até a borracheira** (JORNAL REPÚBLICA, 1891, p.2, grifos em negrito meus, grifos em itálico do autor).

Então, agora temos condição de afirmar contrariamente à Cabral, filho de distinta família, e que recebeu distinta educação (no Ginásio Santa Catarina, e formou-se medico na capital federal). Cabral ainda estava preso em suas crenças, seus fantasmas, por isso, utilizando suas categorias de diversão (algo próximo do esporte moderno em desenvolvimento na cidade). Por isso ele só poderia afirmar que o “povo se distrai mas nem sempre se diverte”. Engana-se, caro Cabral. TODOS se DIVERTEM ao seu modo intrínseco de ser. E é justamente nesta condição analógica que temos condição de elogiar aspectos delirantes e inebriantes da condição UNÍVOCA do SER em toda sorte de jogos e diversão, ontem e hoje.

Inicialmente, o cronista deve ser lembrado pela sua coragem, afinal expor cartas de leitores não apenas tecendo elogios é digno de menção. Mas, talvez numa época em que se batalhava para manter o tal Jornal, não se poderia mesmo esnober este ou aquele leitor (possível assinante). Contudo, e talvez a premissa anterior não se sustente, o referido Jornal “República” é o órgão oficial do então governo, até 1901, quando assumiria a oficialidade das notícias da Capital de Santa Catarina o Jornal “O Dia” (que veremos com maiores detalhes na Cena 6 do próximo Ato) (PEREIRA, 1992, p.89). Assim, se é mantido financeiramente pela equipe dirigente do poder político, então, não tem a temer omitir ou mesmo se esquecer de publicar cartas de leitores.

De todo modo, perceba os trejeitos usados para caracterizar marcações de uma época: rapaz sensível, apreciador de bom-bocado, marido brejeiro, menina romântica, e um desiludido. Todos tiveram seu espaço no Jornal. Logicamente, não sabemos se a seleção do cronista foi mais ou menos cruel. Deixou de fora alguns e inventou outros. De todo modo são ditos que parecem ajudar uma dada verdade moral de uma época, daquilo que se podia juntar e dizer. Enfim, ditos escritos como prática de si, como fragmentos de uma Cidade da Diversão. Vamos lá.

O cronista começa por se desculpar, pelo artigo “relativo à festa do Espírito Santo, na freguesia da Trindade”. Ele mesmo indica ser de um poder mezinheiro de espalhar fatos pela cidade. Então, prepara o

leitor que recebeu “várias cartas” e, que pretende respondê-las. Vamos então aqui inventar um jogo: contra Vs. a favor do Tal cronista.

Começamos pelos **contra**, pelo “rapaz sensível” que aponta a exigência do tal cronista que tinha para a tal festa **ver** para depois contar com o seu saber (e poder da palavra do jornal). Depois, temos o “marido brejeiro”, aqui o cronista aponta ironia em deixar antes do texto do Cujo, uma classificação de que este rapaz indicaria certa infâmia, maldade. Como lemos o “marido...” revelava certo descuido do cronista na escolha dos alimentos (massas e laranjas) que aparentemente, porque na carta o “marido” demonstra desconfiança do fato (vamos lá, me comprove “se o que tu diz é verdade!”), o cronista levou aqueles alimentos para sua esposa, e, ela ao saboreá-los, e eles não sendo apetitosos, não teve dúvida: desgosto para o cronista. Alvorço armado por causa de uma laranja azede e de uma massa dura. E tem mais reclamação. Aqui, a “menina romântica” retruca aproveitando-se do próprio dito anterior do cronista (provavelmente um trecho da notícia de uma semana antes sobre a Festa) e revela uma importante equivocidade: “lugar aprazível” e “poeticamente isolado” que denota certa beleza, mas, e prosseguindo no próprio jogo retórico do sofista cronista, a menina romântica coloca o “lamento de um dia inteiro perdido no meio da multidão indiferente, que só queria comer, e rir e falar”. Palmas à menina romântica, que mesmo ironizada pelo termo do Sr. Cronista, foi perspicaz em nos ajudar com essa equivocidade.

Afinal, se a DIVERSÃO é o estado da ALEGRIA na participação, um ritual de magia, o que de mal (além de moral) há de se ter BELEZA tanto na poética do espaço quanto na poética da sociabilidade alimentar. Quando faz mal comer, rir e falar? Logicamente há questões da ordem da distinção social. No velho jogo do “*potlatch*” é como se os desterrados, agora nos locais em que sua tradição rememora Desterro, não fossem mercedores de dar-receber-retribuir elementos simbólicos-materiais de honra, prestígio através de suas diversões. E isso fica mais claro quando o Sr. Cronista (e aqui foi a primeira vez na narrativa que ele interveio) convida a romântica a ir à uma festa em Coqueiros (um balneário de elite nesta época da Cidade). E, do último lado dos **contra o cronista** temos “um desiludido”, outra carta (assim como o “marido...”) insinua que o Sr. Cronista foi para paquerar no lugar chamado Traz do Morro.

A Trindade era conhecida como um dos lugares de “Trás do morro”, “conhecida pela célebre romaria”, e “situada entre o monte do

Pau da Bandeira e os do Córrego Grande, Rio Tavares e Lago”, localidade “cultivada de cereais, cafeeiros, cana, pastagens e vinhas, para as quais terreno e clima se prestam admiravelmente”, ainda na região denominada “Trás do Morro abundam as hortaliças e as pastagens criadoras, estas cobertas de médias vacas crioulas, e seus habitantes fornecem de legumes e leite a capital, fazendo este comércio rapazinhos de 12 a 15 anos” (VÁRZEA, 1900/1984, p.110).

Na atualidade, “Trás-do-Morro”, é uma região que compreende contornos das “face norte e sul do Morro da Cruz”, e se consolida como “o primeiro anel de bairros insulares da cidade: Agronômica, Trindade, Saco dos Limões, Costeira do Pirajubaé, Córrego Grande, Pantanal, Itacorubi, Saco Grande, separados do Centro pelo Morro da Cruz e entre si por manguezais e outros morros (REIS, 2012, p.137).

E, retomando nossa contenda, a favor, além do próprio interessado na peleja, temos o “apreciador de bom bocados”, nada de comer satisfaz a ambos (cronista e o tal apreciador) peixe não (duro e frio), café deu dor de barriga (e pelo visto tantos outros na narrativa haviam tido tal sintoma). Bom, com alguma experiência em alimentação, posso afirmar que se não está comprovadamente em processo de deterioração por algum contaminante (químico, microbiológico, físico), as questões alimentares invariavelmente são as da ordem do gosto. E, como já apontei (Platô **ZERO**, §17) gosto trata-se do hábito automatizado. É preciso liberar-se para a experiência (sem fantasmas). Nada simples.

Então temos como resultado a equivocidade do ser já apresentada pela “menina romântica”. Mas, como isso aqui é tudo uma invencionice, tem-se que o Tal Cronista contribuiu com a dinâmica dos corpos naquela época da cidade. Pois, segundo consta enviou ofícios a alguma autoridade competente relatando...o quê? Seus desgostos. Ironiza casos de “bebedeiras” e recoloca o povo no lugar de quase-cidadão ao apontar que “negrinhos valentes” feriam (agatanharam) “soldadinho de quartel da praça 15 de Novembro”. Gravem esta Praça. Ela será utilizada à exaustão no próximo Ato. Os ditos finais da retórica do Sr. Cronista nos deixaram com uma questão: o que é o povo na Desterro na iminência de romper o século XIX?

Novamente nos valem do jornal da posição política da cidade. Em 13 de setembro de 1892, uma brilhante marca impõe de, a partir de AGORA, nos mantermos fiel aos Grandes, todos eles em qualquer lugar, desta CIDADE. Estes podem estar justamente quando menos se espera

pelo milagre. E então aconteceu. Um dito que apresenta ótima condição para se avançar nas discussões Políticas pela própria comunidade. Detalhe: quem escreve não é da equipe redatores. E urge falar.



A sua natureza é monstruoso em tudo, **desigual a si mesma, inconstante e varia.** Governa-se pelas aparências sem penetrar no fundo. É pobre de meios e de ideias: não sabe discernir o falso do verdadeiro. Inclinado sempre ao pior. **Uma hora se vê vestido de dois afetos contrários.** Mais se deixa levar por eles do que pela razão; mais pelo ímpeto do que pela prudência, mais pelas sombras do que pela verdade. Com o castigo se deixa enfrear. Ou ama ou aborrece em extremo. Ou é sumamente agradecido ou sumamente ingrato. Ou teme ou se faz temer. Os pequenos perigos, próximos, o assustam; os grandes, longe, não o espantam. **Ou serve com humildade ou manda com soberba. Nem sabe ser livre nem o deixa de o ser.** É valente em ameaças covarde em obras. **Segue não guia. Na fortuna próspera ou arrogante é ímpio, na adversa, humilde e religioso. Tão fácil à crueldade quanto à misericórdia.** Despreza a voz de poucos, segue a de muitos. Nada o conserva mais obediente do que a abundância, em que somente põe os seus cuidados. Sopesado [se reflete] cai, aliviado, coxeia [anda com dificuldade]. **Ama os gênios fogosos e precipitados e os governos ambiciosos e turbulentos. Nunca se satisfaz com o presente e sempre aspira mudanças, imita as virtudes e os vícios dos que os regem.** Inveja os ricos e poderosos e maquina contra eles. **Ama os jogos e os divertimentos e com eles se ganha sua autoestima. É supersticioso na religião e antes obedece aos sacerdotes; do que aos seus príncipes** (JORNAL REPÚBLICA, 1892, capa, grifos meus).



Reservamo-nos a não tratar aqui. Assim, ao que nos interessa (e já ansiando por deixar a Cidade da Diversão chamada Desterro), temos um Grande Acontecimento em curso. Percebam que pouco tempo antes do que irá acontecer na cidade temos uma preciosidade como a supracitada questão do que é povo. Contudo, e para nossos fins, recoloquemos: Há alguma relação entre Política e Diversão? Quantas e quantas reuniões não se fazem entre comes e bebes pela cidade? Ou, e de modo mais sugestivo, um simples baile de carnaval no qual fantasias apresentam mensagens, ideias, formas, não podem elas contribuir para encarnações? Retornemos a nossos diletantes atores.

O momento de diversão para todos era raro, no melhor dos casos a zona de contato entre aquelas duas classes na sociedade desterreense, a elite representada pelos fazendeiros, nos dizeres de Barbosa (1979, p.26) “titulares do império, doutores e bacharéis” e o povo formado por escravos e os mais pobres, seria no entender de Cabral (1972, p.230), a festa do carnaval. O que importa neste caso de diversão é o seu uso politizado. Numa certa festa de carnaval a participação ativa de grupos apoiava o movimento abolicionista, o que para Cabral (1972, p.230) levou até o povo as ideias da libertação dos escravos. Sugestão certa ou não, o que importa é que movimentos abolicionistas e republicanos chegam à ilha de Santa Catarina, e podem ser lidos como mais um elemento disjuntivo nas séries de fatos e coisas ocorrendo pela cidade.

O destino quase sempre é irônico. O nome da cidade do Desterro foi mudado para Florianópolis – a capital do estado onde talvez Floriano Peixoto havia tido **menos simpatia** que em outro qualquer, em consequência dos desmandos de seus agentes, durante a revolta de 1893. O coronel Moreira Cesar...de celeberrima memória devia ser um tipo anormal; ele ordenou fuzilamentos sumários e outras barbáries, por leve desconfiança apenas à moda Goering da Alemanha atual, condenados tão acrementes [modo rude] pela opinião pública do país. Santa Catarina teve por isso que pagar seu tributo de sangue à guerra civil, nas figuras de muitos filhos ilustres, tombados ante o pelotão de fuzilamento, na fortaleza de Santa Cruz [na ilha de Anhatomirim]. Sem um processo simulado, ao

menos, entre outros foram trucidados os seguintes cidadãos, [...]. A capital federal foi teatro também de fatos vergonhosos [...] apelava-se a todo o momento aos princípios de humanidade dos revoltosos, com o fim da cidade ser poupada aos projéteis da esquadra [...] ‘Confiar desconfiando’ [...] O marechal [Floriano] dando mostras de desconhecer os mais comezinhos princípios de direito das gentes, exigiu a entrega dos refugiados, ato este, que redundou em rompimento das relações diplomáticas entre as duas nações [Capital Federal e Ilha de Santa Catarina] – havia muita sede de sangue! [...] Rio, julho de 1934 (JORNAL A BARRA, jul 1934, s/p, grifos meus).

Elementos disjuntivos podem ser localizados em tempos mais ou menos distantes. 1) Contingência de baile de carnaval apresenta ideias abolicionistas e republicanas a entes geralmente mais distanciados daquelas classes mais dominantes. Tudo devido a Trabalho de Participação que põe em relação EU-OUTRO; DIFERENTE-MESMO; OUTRO-REPETIÇÃO. 2) Proclamação anos mais tardes de que na então Cidade de Desterro a simpatia (e esse termo cai como uma boa sugestão mágica) do marechal Floriano Peixoto não era das maiores. Trabalho de memória através das fontes que relaciona o impossível se tratado entre causas-efeitos aparentes. E mais: 3) Cabral apresenta um trecho do jornal oficial “A Província” de 1871, o qual se reclama a ausência de muitos funcionários públicos “ao cortejo do dia do aniversário imperial”, em face dessa notícia, o revide foi inevitável, na sessão “A pedidos” de “O Despertador”, outro jornal da época, um anônimo faz publicar que não saudaria um retrato (CABRAL, 1972, p.200). Fantástico, porque independentemente da época histórica, parece que governos simplesmente sucumbem quando não dão mais conta de manter a coesão do corpo social (ou nos termos de Aristóteles da comunidade política). E esta está quase para minar naquilo que se chamaria Revolução Federalista.

O principado de fato caía ou nos termos que emprega La Boétie (2006, p.12) sobre a derrocada dos tiranos, “Se nada se lhes der, se não se lhe obedecer, eles, sem preciso luta ou combate, acabarão por ficarem nus, pobres e sem nada; da mesma forma que a raiz, sem umidade e sem alimento, se torna ramo seco e morto”. E assim, na capital Desterro a bandeira abolicionista se juntava às positivistas e republicanas.

REPETIÇÃO do **início** da queda do príncipe “que será destruído no dia em que o país se recuse a servi-lo. Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma” (LA BOÉTIE, 2006, p.10). Evidências que deslocam na Ilha de Santa Catarina o principado do *savoir-faire* (saber-fazer) para o princípio liberal do *laissez-faire* (livre-fazer). Mesmo decretada a república no Brasil, Desterro ainda carecia de condições encarnadas para tal forma de governo, e, nova forma de conduzir sua população. Nas memórias do nosso autor-garoto:

a sociedade catarinense da época era o reflexo das precárias condições econômicas da província, na simplicidade quase patriarcal, ainda, de suas motivações. A capital da província, situada em **uma ilha, em comunicação difícil com o continente**, carente da facilidade de acesso aos centros de produção, vegetava com o casario português, ruas estreitas, e com um instituto de ensino secundário, o “Atheneu Provincial”, dirigido pelo padre José Leite Mendes de Almeida. [...] verdadeiro insulamento (BARBOSA, 1979, p.30-31, grifos meus).

A crítica do garoto aquela capital catarinense parece estar inserida naquilo que Foucault (2008, p.3) já apontou como um daqueles deslocamentos que, a partir do século XVIII, contribuíram com a emergência da sociedade ocidental que vai cada vez mais levar em conta “o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana”, um **biopoder** que gerenciaria novos modos de dirigir uma população em seu território. Portanto, a cidade será uma das importantes coisas a se governar, pois a questão do espaço insere-se no problema da segurança e da população na nossa modernidade. Questões para o bem-viver de uma cidade com especiais características, liberdades cidadinas. Garantia do comércio interior, da articulação de ruas com estradas externas, da vigilância pensada a partir das questões de insegurança dos crimes para com seus habitantes, e, não menos importante, um espaço higiênico que arejado liberta os miasmas que poderiam assolar a sua população (FOUCAULT, 2008, p.24).

Características estas que vão progressivamente se tornando acontecimento na cidade, capital do Estado, e por isso mesmo, tomam proporções amplificadas nas práticas de governo. Nesse sentindo se “a capital deve ser o ornamento de um território” e o “exemplo dos bons

costumes”, então urgia mudar a arquitetura da cidade dos *desterrados* para uma que capitalize funcionalmente seu território (FOUCAULT, 2008, p.19 e 23). E o território precisa avançar perante forças da Vontade que vão cada vez mais se tornando densas. Mas, o biopoder foucaultiano tem sido corretamente tangenciado a práticas sanitárias, biomédicas, o que ocorrerá na cidade apenas ao final desta Tese. Então estou enganado ao recrutá-lo? Vamos com calma.

Não se arranca o Pensador de sua trajetória, e, embora não requeremos contar a história de vida de ninguém, e muito menos nos mantermos grudados à ordem de alguma teorização dada, creio ser necessário alguns apontamentos foucaultianos.

Em “Vigiar e Punir”³⁷ Foucault (2010a) trabalha a noção de “poder disciplinar”, constituído por procedimentos que assumem o corpo como máquina e se incubem do seu adestramento, da ampliação de suas aptidões, da extorsão de suas forças, do crescimento paralelo de sua docilidade e da utilidade na integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. Mas não para por aí.

Foucault, filho de médico e que teve vivificado na sua carne e espírito práticas da psiquiatria na ocasião de estágio que realizara, passou a deter olhar sobre emergência dos saberes, das práticas e dos poderes do que hoje podemos chamar de biomedicina (no mundo ocidentalizado – o estudo do francês se deu sobre as histórias das práticas médicas da Inglaterra, França, Alemanha). Então encarnou em Foucault (mediante toda uma complexidade de corpos: memórias, sentimentos, emoções, racionalidades das mais diversas) a própria condição para sua VONTADE DE SABER avançar. Disciplina e biopolítica que apontam dois procedimentos de poder, e caracterizam nossa modernidade no deslocamento do antigo regime de causar a morte ou deixar morrer para a cena principal de “fazer viver e em deixar morrer” (FOUCAULT, 1999a, p.287-294).

³⁷ Livro amplamente reproduzido que trata do nascimento de uma sociedade disciplinar, é a obra em que Foucault mais trata das escolas a partir das características do “poder disciplinar” – distribuição corpos no espaço; controle da atividade pelo tempo e pela relação entre corpo e gesto; organização do tempo entre tarefas repetidas e graduadas; e para uma individualidade disciplinada usos das técnicas de “vigilância hierárquica”, “sanção normalizadora” e o “exame” (FOUCAULT, 2010a).

E estou com Edgardo Castro (2009, p.376), comentador de Foucault e que pode ser considerado como um perito do pensamento deste Filósofo, que entende que “as disciplinas foram as técnicas políticas do corpo individual; a biopolítica, a técnica do governo das populações” e ambas compõem o “biopoder”, “um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo [que] serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos” (CASTRO, 2009, p.58).

Portanto o biopoder se desdobra entre uma anátomo-política do corpo humano, a disciplina; e uma biopolítica da população, do corpo-espécie. Segue-se que é por aí que Foucault vai cunhar o termo “biopolítica” da população, referente, portanto, às questões que se referem aos “controles reguladores” preocupados com a proliferação, o nascimento e a mortalidade, o nível de saúde e a duração da vida.

E, caso tenha lido ou se lembre do Platô **DOIS**, venho insistindo que a natureza da política (muito aristotélica) vem se utilizando de uma série de invenções para o bem-viver, *bíos-politikon*. E tanto o Filósofo quanto Foucault tratam da ideia de que a Política tem de conhecer o Homem (nos dizeres aristotélicos) o que passa necessariamente por uma Ciência do Estado (nos dizeres foucaultianos). E a tal ciência da estatística, dos saberes biomédicos é um elemento que Foucault se deteve mais. Mas, há sempre mais, pois, no limite, não se consegue falar de tudo em tão pouco tempo de vida.

Portanto, recruta aqui as noções que são úteis para montar o biopoder, o bem-viver na Ilha de Santa Catarina. **Biopoder a partir das invenções sucessivas dos usos do tempo livre na Cidade da Diversão.** Biopoder que toma o tempo e o espaço da Cidade de Florianópolis como técnica, em nosso poliedro ontológico, torna-se FUNÇÃO. Mas, não se esqueçam: o que temos são incorporais. Afinal de contas mesmo que haja todo um exprimível que tenta, que força (escorrega, causa resistência) a se impor na lógica dos políticos da cidade uma dada verdade a ser revelada, esta não se anuncia por adivinhação. É preciso, pois, repetição sucessiva de práticas ritualísticas. E se leva tempo. E, não se esqueça: há dois Atos: humanos e além-humanos. Ah, grande sabedoria do exprimível além do homem. Daí, podemos chegar, no limite da materialização, a distintas lógicas que encarnam através de disjuntivos e sucessivos Atos, práticas de viver na sociedade (do bem-viver). Jogo do concreto (*to play*) e do abstrato (*pflagen*). Temos, no

limite, apenas efeitos de alguma Idea nos entes e nas suas práticas concretas.

Então AGORA podemos chegar ao nosso próprio **pensamento**: Se estamos investigando invenção dos usos do tempo livre na cidade, e, se observamos mudanças nas configurações das práticas de diversão (entre o rural/pitoresco/mar e o urbano/civilizado/citadino), então toda noção conceitual (que se refere a subir no ombro de algum gigante) que ajuda a ler usos do tempo e livre e deslocamento nestas práticas serão SEMPRE muito bem-vindas. Por Zeus, esqueçam filias, e vamos ao PENSADO.



E, apenas cinco dias antes daquela narrativa sobre “O que é o povo”, de 8 de setembro de 1892, na estampa da capa do ainda officioso jornal do Estado, salta a estampa:

Rei morto! Rei posto! Não, impertinente ditado, não te quero nesta coluna. [...] **Retira-te, maldito. Não tens que fazer aqui, neste artigo, consagrado a pacificação de Santa Catarina.** O governador deposto foi reposto. Hercílio Luz deixou seu posto indisposto com o governo federal. [...] o povo exposto, como sempre, ao pague e não bufe do imposto de sangue [...]. **Deposições, imposições, reposições, que se perdem ou que se ganham, eis em que se resume a exposição perpétua dos frutos da legalidade** (JORNAL REPÚBLICA, 1892b, capa, grifos nossos).

Intuitivamente cremos que fora Hercílio Luz (direta ou indiretamente) quem redigiu tal proclamação. Está no auge de um Grande Acontecimento na Cidade. E, quase um ano depois, o mesmo Homem (cremos) desabafa em seu dizer-verdadeiro:

?. Depois dos acontecimentos ocorridos no Estado de 14 a 31 de Julho do corrente ano, ergue-se uma grande interrogação no sentido de se saber a que ficaram reduzidos a força e prestígio da ominosa [nefasta, negativa] e atual

situação política tão anunciados e decantados nos órgãos estipendiados [recompensados] pelo governo que a representa. **A proporção em que se foram manifestando aqueles acontecimentos,** o governo do Estado, **rompendo** o solene compromisso firmado publicamente naquele celebre repto [provocação, desafio], **protestando por à prova a sua força, reuniu com grande ostentação, o seu corpo policial e esquadrão de cavalaria de S. José, e anunciando renhidas e decisivas batalhas,** fê-los seguir para Blumenau, onde a mais estrondosa e vergonhosa derrota convenceu-o de que não se zomba, assim, impunemente, embora em nome de um pode que se dizia forte, mas que tocara a meta da maior fraqueza e covardia, dos direitos inauferíveis de um povo que subjogado por tantas e repetidas violências, erguera-se à altura da sua maior virilidade e patriotismo. **Batido ali o governo, assim como aqui e em outras muitas comarcas do Estado,** reconheceram os seus diretores, mau grado seu, a amarga e duro verdade por nós proclamada, isto é – de que esse governo não mais podia continuar à frente dos negócios públicos. Fraco e desprestigiado, sem poder reconquistar um só dos pontos do Estado onde soava o hino da vitória da revolução, outro não seria o alvitre a observar senão o que lhe apresentavam as suas constantes e sucessivas derrotas com os seus tristes efeitos. **Já que não soubera honrar-se conservando e defendendo o poder que lhe confiaram e antes abandonando-o aqui e em outras comarcas, deixando que triunfasse a revolução, esse governo não podia mais exibir-se na arena da administração, a não sujeitar-se arrastar uma vida, além de inglória, humilhante e atentatória, dos sólidos princípios republicanos federativos.** Os atos subsequentes, porém, com uma lógica de ferro, confirmando os nossos conceitos, deixam ver o desprestígio e fraqueza a que um dia pode chegar esse governo estadual. Suplantado e abatido, sem mais poder erguer-se ante a onda da soberania popular que o repelira do processo da administração, tentou

ainda um último e extremo esforço, indo de joelhos pedir auxílio e proteção ao poder da União, esse mesmo poder que ainda na véspera injuriava cobrindo de baldões e taxando-o de anarquista e subversivo da ordem! E se bem lhe fosse dado o amparo necessário e que revisse ante o vigor das disposições constitucionais a que se apegou como o naufrago perdido à taboa de salvação que lhe aparece na difícil hora, na vastidão dos mares, a sua vida transitória e sujeita a tão tristes sobressaltos, está prestes a extinguir-se de todo [...]. Aos seus funerais, não assistirão, por certo, os que, amando sinceramente esta pátria e o povo que a habita, voltar-lhe-ão o rosto, como prova do mais justo e soberano desprezo (HERCÍLIO LUZ, 1893, capa, grifos nossos).

Então, a república brasileira proclamada, e na capital ilhada de Santa Catarina, longe dos acordos contingenciais da cidade fluminense, esta ao ser recebida de forma inesperada e abrupta, provoca “tensões e divisões na elite política estadual” (DALLABRIDA, 2001, p.52). Em Santa Catarina eram os liberais quem detinham a estrutura do governo imperial, e como os conservadores se mantinham “excluídos dos principais cargos políticos no período monárquico, viram na instabilidade da instauração republicana a possibilidade de ocupar seu lugar na nova ordem” (NECKEL, 2003, p.10). Portanto, a tranquilidade inicial não estaria garantida. E Barbosa (1979, p.49), na sua FIGURA do **garoto** da cidade, anunciava que em 1892 o país aproximava-se da tragédia civil.

E assim, entre outubro de 1893 e abril de 1894 na Desterro, capital do estado de Santa Catarina, ocorre a Revolta da Armada Brasileira e da Revolução Federalista (DALLABRIDA, 2001, p.52-53). Desterro torna-se a capital provisória do Brasil. Nesta guerra ocorrem exílios, prisões, degolas e fuzilamentos de federalistas na ilha de Anhatomirim sob o mando do coronel Antônio Moreira César, interventor militar enviado pelo presidente Floriano Peixoto para contornar a situação. O que se segue é que os republicanos retomam o comando da dirigência política no estado que estava nos dois primeiros anos da república nas mãos dos federalistas. A vitória leva a hegemonia no decorrer da Primeira República nos âmbitos municipal, estadual e federal do Partido Republicano Catarinense – PRC (DALLABRIDA,

2001, p. 52-62; SACHET; SACHET, 1997, p.141; NECKEL, 2003, p.23). Mas quero chamar vossa atenção ao discurso de 5 de setembro de 1893, na contingência do calor da revolução.



Perceba, caro leitor, há um fervoroso desejo pelo SABER expresso na linguagem, mesmo equivocada, do quase ex-governador do Estado nos trechos acima colados. Interessa, para nossas informações, e tomando o discurso de Hercílio Luz (ao menos indiretamente, pois é fruto da ordem discursiva de seu grupo), que ousou revolucionar, romper com alguma tradição (e não é nossa questão com qual intenção, pois aqui apenas lemos o dado a favor de pensar o que é uma revolução). Enfim, perdeu a guerra. Mas a parte mais significativa e que destacamos novamente:

Já que não soubera honrar-se conservando e defendendo o poder que lhe confiaram e antes abandonando-o aqui e em outras comarcas, deixando que triunfasse a revolução, esse governo não podia mais exibir-se na arena da administração, a não sujeitar-se arrastar uma vida, além de ingloria, humilhante e atentatória, dos sólidos princípios republicanos federativos (HERCÍLIO LUZ, 1893, capa, grifos nossos).

A ordem discursiva de Hercílio Luz aponta o que um ano antes, no mesmo jornal (da sua condição de dirigente da cidade), temos como condição de apresentar a realidade da na cidade Política: “é monstruosa em tudo, desigual a si mesma, inconstante e varia”, e o Político na democracia (ou na tirania ou qualquer outra forma que mantém a hierarquia, a pirâmide cidadão e quase-cidadão), “**uma hora se vê vestido de dois afetos contrários**”, e “mais se deixa levar por eles do que pela razão, mais pelo ímpeto do que pela prudência, mais pelas sombras do que pela verdade” (JORNAL REPÚBLICA, 1892, capa, grifos meus). E então parece não restar mais nada: anunciar a quase-revolução! “**Já que não soubera honrar-se conservando e defendendo o poder que lhe confiaram**” (idem, grifos meus), e, inserido, no REAL ESQUECIMENTO da POLÍTICA, não temos muito mais a comentar

além de “inglória, humilhante a atentatório” situação frente aos “sólidos princípios republicanos federativos” (HERCÍLIO LUZ, 1893, capa, grifos nossos).

E assim, a 16 de abril de 1894 chegava ao fim o governo independente, na então Desterro, capital de Santa Catarina. Governo independente e sediado na Capital de Santa Catarina por seis meses, e formado por revolucionários federalistas dos estados do Sul do Brasil, e por rebelados militares da Marinha Brasileira.

Em 1892, Virgílio Várzea reapresentava projeto com intenções de mudar o nome de Desterro para Ondina (lembra do poema de Araújo Figueiredo chamado Ondina?). Enfim os marinhistas (Várzea, Figueiredo) não tiveram sucesso nesta ação Política. Simbolicamente (espiritual e material) tal ATO poderia contribuir em outras encarnações. Mas não ocorreu no plano da materialidade. Portanto, nada mais temos a dizer. O que se deu, foi que ao final da quase-revolução, Vidal Capistrano, que liderava o grupo de republicanos catarinenses, propôs a mudança de Desterro para Florianópolis, em Ato público a 17 de maio de 1894. Ah, gesto que até hoje traz certo mal-estar, pela ironia, pela bajulação, pela covardia, enfim, pela efetiva derrota de alguma autêntica revolução.

Daí decorre que a configuração da elite política catarinense em torno do PRC formada por discursos positivistas e laicos se organiza em dois grupos oligárquicos que disputavam a dirigência política, o lado “laurista” com base nos latifundiários do Planalto Serrano e o lado “herciliista” ligado aos comerciantes e primeiros industriais do Vale do Itajaí e do Nordeste de Santa Catarina. Hercílio Luz (1894 – 1898) é eleito com vistas a implantar a “*pax republicana*”, tal eleição leva ao que Sachet e Sachet (1997, p.215) chamam de aprofundamento da “chaga crônica da política catarinense: o poder para o partido único”. O pai do garoto Sílvio, comerciante, que vivificou os momentos daquele ciclo de violência da Revolução Federalista, tendo sido inclusive preso por suas incursões críticas na imprensa ao governo de Floriano Peixoto, ao negar seguir carreira política, evitaria, portanto, a herança dessa chaga.

Curtindo profundos desencantos no seu idealismo, desiludido pelo desatamento de ambições e de personalismos em sua grei [nação], [o pai] ao ser indicado deputado federal, ao evento da fusão realizada por Lauro Muller, do Partido Federalista com o Partido Republicano, abriu mão

do prêmio de uma luta titânica, que lhe consumira as melhores energias. [...] Preferiu [...] sem dever favor a ninguém, a um cargo público federal (BARBOSA, 1979, p.58).

Necessários entendimentos para perdoar todo tipo de assassinato que se desenrolou nesse Grande Acontecimento. Poderíamos ver desgraça nos ACONTECIMENTOS de 1893-4, mas, precisamos nos libertar dos fantasmas de chorar guerras, violências, pois elas já se passaram, e, cumpriram algo, mesmo que não tenhamos total consciência. Para aqueles que insistem em criar remédios para sanar tais chagas, não adianta nada além do PODER do PERDÃO. Atos e ações cujas irreversibilidades e imprevisibilidades nos chegarem a ser o que hoje somos.

É hora de seguir com a VIDA, sair da dinâmica da opressão, pois, como ensina Baudelaire (2010, p. 31, grifos meus em negrito e grifos em itálico do Autor) há uma insaciabilidade que se “traduz” e “exprime em imagens mais vivas que a própria vida, sempre instável e fugidia”, FIGURA de “**todo homem** que não esteja oprimido por uma dessas aflições de natureza demasiadamente reais para não absorver todas as faculdades e ainda assim *se enfada no meio da multidão* é um idiota! Um idiota” e eu o desprezo!”



A memória-mundo é tudo o que em algum outro tempo já foi obrado, mas, não apenas pelo ser mais especial, senão por tudo o que há na atualização do ser (Poliedro Ontológico). A questão de algo aparentemente novo surgir é tão somente uma espécie de dessemelhança: e então veio a Revolução Federalista de 1893. DIFERENTE por compor na série de elementos composição única da singularidade do eventual. REPETIÇÃO do crescimento que faz parte da coisa viva, pois “o que é vivo deve aumentar sua potência e conseqüentemente absorver as forças estranhas”, atacar então é necessidade “do ser vivo”, “egoísmo agressivo” e “defensivo”, a rigor, “são a fatalidade de própria vida” (NIETZSCHE, 199-, p.280, §334). Não interpretem este Pensador como um propagandista de guerra. Pois, tem-se somente em sua Filosofia que a vontade de potência também se dá numa sociedade repleta de contrastes, e entre os bons e os maus instintos. O problema é cair no moralismo. A solução: não repelir “definitivamente e por *instinto* a guerra e o espírito da conquista”, pois,

“na maior parte dos casos, é verdade, as seguranças de paz são simples processos de entorpecimento” (idem, grifo do autor).

E, com Nietzsche, tem-se que guerras, lutas e todas as formas de domínio expressam certa Vontade menor de Viver. Seria a situação ideal o fato uma autêntica REVOLUÇÃO desencadear um processo de reordenamento da sociedade que, a rigor, mantinha-se pautada em hierarquias sociais de classe e de toda filia política. Mas não é o que aconteceu. A *pax* republicana é ótimo argumento que podemos tomar para nossas análises. **Pax republicana e procedimentos técnicos de biopoder produzem segurança no território**, e, serão cruciais para todo um desenvolvimento da Cidade da Diversão na então Florianópolis.

“És tu o homem que traz em ti os instintos do guerreiro?”, se não, se escolheu o caminho da *pax*, escolheste o caminho de “todo o resto da humanidade, [que] tudo o que não tem instinto belicoso, quer a paz, a concórdia, a liberdade e os direitos iguais: - essas são apenas palavras e graus para uma única e mesma coisa. Ir-se aonde não se tenha necessidade de defesa” (NIETZSCHE, 199-, p.332, §453). E os que assim optaram, preferem obedecer, “subordinar-se a guerrear – é o que aconselha, por exemplo, o instinto cristão” (idem). E Desterro/Florianópolis, de fato, encarnou-se (tem essa habitude, essa posse estável) como uma cidade cristã há tempos (de uma memória profunda). Mas, essa não é a explicação para por que não se deu a revolução de fato. Se nunca saberemos o fato inaugural, então melhor ficar com sua acontecimentalização enquanto nova singularidade.

De todo modo, o que temos são lembranças de uma quase-revolução. Poderia, mas não abriu toda a caixa de pandora da cidade. Assim, elementos da intolerância religiosa, de pele, de credo, de classe social não foram, desta vez eliminados. Então, o aumento da POTÊNCIA de vida não se completou. Segue-se que, contrariamente, repeliu-se “definitivamente e por *instinto* a guerra e o espírito da conquista”, e só podemos ter como efeito uma “sociedade” em “**decadência**”, “**amadurecida para a democracia e para o regime de mercadores**” (idem, p.280, §334, grifos nossos em negrito, grifos do autor em itálico). Numa sociedade assim, **sob a égide da paz republicana** “na maior parte dos casos, é verdade, **as seguranças de paz são simples processos de entorpecimento**” (idem, grifos meus).

De todo modo, a competição, a relação agonística da vitória de um sobre o outro se trata de uma das características do fator lúdico

(Cena 1). Quem ganhou? Quem perdeu? Quem jogou? De certo vários morreram. Mas, tais questões para nós pouco importa, pois como INCORPORAL, o ACONTECIMENTO da Revolução de 1893 oportunizou, como numa quase-virada do tabuleiro, possibilidades para que avançassem sobre a Cidade **dizíveis** e um certo **nada** (porque ainda não há), de modo que, paulatinamente, vão tomar posse deste mundo sócio histórico.

Ah, se houvesse um mundo ideal, ele seria o da própria imanência, e não toda essa falta de carinho para olhar o passado e evitar certa coragem de dizer a verdade (possível de ser dita enquanto prática de si). Não poderíamos ignorar a (verdadeira) Revolução (qual?) que (ainda, e até hoje) não aconteceu. E esse é nosso alívio, mantermos na fé de que era necessário para a NOVA ABOLIÇÃO tudo o que até hoje se sucedeu.

Então, confiantes, seguimos ao próximo Ato: sai Desterro e entra Florianópolis. Como veremos, não se trata de mera mudança de nomes. Há sempre mais nas coisas que encarnam, e, por estarmos na analogia enquanto membros do processo, há certa cegueira que impede de ver acontecimentos sob a luz reta e objetiva. Por isso o olhar retrospectivo da História é sempre importante. Mas, dotado com elementos da sincronicidade (a partir dos próprios elementos do brincar) daquilo que tentamos a todo instante captar. Perceba, caro leitor, a sutileza dos termos, é captar e não capturar. Pois seria idiotice nossa pretender enquadrar como troféu a brincadeira de outrem para comemorar. Ficaríamos enfadados e envergonhados pelo não cumprimento desta falsa promessa. Por isso é preciso apenas desfamiliarizar o passado numa espécie de sincronicidade esforçando a ver elementos equívocos, ambíguos na própria analogia das contingências do passado. Portanto, trata-se de apontar, e, sugerir chaves interpretativas. É um caminho possível, e, muito solitário. Dizer se estou indo bem não é minha função. Seguimos. Há ainda muita coisa para contar antes das badaladas do final desta história.

ATO 2
FLORIANÓPOLIS: CORPOS NA CIDADE DA DIVERSÃO
(1893-1918)

O mundo, o eu e
 Deus, esfera, círculo,
 centro: tripla condição
 que impede de pensar o
 acontecimento (Paul-
 Michel Foucault,
 1975/1997)

CENA 4 – A *Belle Epoque* na Diversão: O *Footing*

Poucos anos após os atos violentos, atos pela afirmação da Vida, mas que ficaram reduzidos aos acordos da **pax**: “Estreou sábado em seu pavilhão à Praça General Ozório a companhia equestre, ginástica, acrobática e mímica dirigida pelo [Sr. Fulano de Tal]. Os exercícios oferecidos ao público foram feitos com perfeição, embora todos já muito conhecidos nesta capital. A concorrência, apesar dos preços um pouco altos, em relação aos das outras companhias que aqui tem estado, foi grande” (JORNAL REPÚBLICA, 1896a, capa). E alguns dias depois, nova companhia de “diversão” à Praça General Osório, portanto esta e aquela continuam a entreter a população com “trabalhos executados são dignos de apreciação, principalmente a parte musical” (JORNAL REPÚBLICA, 1896b, capa). Até aqui, ao que nos parece, os divertimentos citadinos pouco mudaram. Passada pausa para lutar pela Vida, as diversões prosseguem na cidade.

Brilhantíssimas continuam a ser as funções dadas pela excelente companhia: cada espetáculo é sempre uma bela e atraente novidade. O circo vai se enchendo cada vez mais de **espectadores**, pois, quando a lotação estivesse completa, teria lugar a ruidosa inundação da Aquática. Garantimos que essa pantomima [representação que faz o menor uso de palavras e o maior possível de mímica] terá lugar quinta-feira. [...] Teremos duas maravilhosas enchentes: uma de bilheteria e outra de água pura. Caiam como patinhos os concorrentes nas arquibancadas e nas

cadeiras, que os simpáticos artistas não farão questão de...cair na água. **Ao circo, pois! Hoje bela função** (A PAGINA, 1900b, p.3, grifos meus).

Esses dizeres que destacamos, “espectadores” e que o “circo” “hoje” cumpre uma “bela função” é ambíguo por natureza. Pois, por um lado seria contraintuitivo afirmar que palhaçadas do palhaço, magias do mágico, enfim, truques dos circenses não causam certa alegria no fato da DIVERSÃO. Isto sempre nos interessa. Contudo, parece que esta função por ser mais sutil, é a que menos venceu na Cidade. Explicamo-nos: precisamos de um PENSADO sobre a invenção das formas de uso no tempo livre da Cidade, liberadas das antinomias VS. Trabalho; Vs. Jogo/lúdico/brincadeira; Vs. Posses (dinheiro, casa, emprego público ou privado) estas, a rigor, só aprofundam equivocidades do SER. Dito de outra forma, e mais elegante: “com a religião, a arte e a moral não tocamos na *essência do mundo em si*, pois, estamos no domínio da representação e nenhuma *intuição* nos pode levar a avançar” (NIETZSCHE, [2006], p.35, §10, grifos do Autor).

Mas, não se chega ao unívoco sem passar pela analogia. Por isso a História nos é cara. Então, precisamos compreender a cidade em sua invenção primeira, isto é, o tal do bem-viver, pois, será a partir daí, e, desdobrado no tempo e no espaço (incorporais) que sentidos (incorporais) poderão tornar a ser algo que ainda não é (incorporal) a partir de dada dinâmica entre entes, MESMO-OUTRO; DIFERENÇA-REPETIÇÃO. Ora, já apontávamos ao final do Platô I que o SOFISTA é nossa figura predileta. Temos então que recolocá-la na materialidade do mundo.

Agora temos mais elementos para avançar nesta sociedade do circo, perdoe-me, sociedade da diversão. Se cumpre uma função é pela natureza colada na própria forma do ser, na própria ideia do ente, numa palavra: na possessão estabilizada depois de sucessivos Atos, séries disjuntas de rituais que contribuíram em encarnar algo que já estava no mundo. Afinal de contas “**no mundo não há dentro nem fora**” (NIETZSCHE, [2006], p.40, §15, grifos meus). E há sim uma ideia para contribuir na política das carnes/espíritos, o que entendo como antipolítica da Política é o que ainda vence. Mas sem delongas vamos aos fatos das **coisas** sob análise.

Na pesquisa junto à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina eis que encontro um periódico, de curta duração, mas rico para

nosso tema de estudo, trata-se da Palavra “apareceu originalmente feita *A Página*, publicação hebdomadária [semanal] de **crítica, literatura, arte e Sport**. [...] É um jornal inteiramente **moderno**, de formato bastante **original**, bem impresso e a que está destinado de **brilhante futuro em nossa terra**” (JORNAL REPÚBLICA, 1900, capa, grifos meus). À exceção de sua curta duração, só tive acesso a um ano, não tenho dúvidas que ditos, sentidos, exprimíveis foram importantes para encarnar sob a aparente pluralidade de temas – crítica, literatura, arte e esporte – as próprias substâncias que gerarão nos cursos imprevisíveis e incertos do futuro novos fatos do lazer, do passatempo, em suma: DIVERSÃO. Vamos a alguns selecionados fatos. Um estudo exaustivo não cabe nesta Obra.

Foi num domingo atrás. Conversávamos. Alguém espalmando a mão sobre uma das mesas do *café* do [Fulano de Tal] [...] sugeri **acordamos a cidade** num domingo próximo. [:] – Aos berros! Ponderou um de nós...[:] – Havemos de desperta-la sim, gesticulava outro. [:] – Fustigando-a [chicoteando-a] **vestindo** com uma **ideia**, com uma *página* de leitura artista. Daí, o aparecimento de *A Página* que conta ao seu redor uma agremiação de espíritos de *elite*, que jamais conseguiu outra folha literária nesta Capital [...] Está claro que *A Página* se afasta por completo do clássico programa de animar colegiais - facilitando-lhes sua coluna – que não são precisamente de aprendizagem. De resto, somos um grupo de plumitivos [escritores] (*A PÁGINA*, 1900b, capa, grifos meus em negritos, grifos em itálico dos autores).

O grupo, de jovens, autodeclarados em destaque como “*elite*” prometia “se afastar por completo do clássico programa de animar colegiais”. **Sim**. Um grupo de escritores que não pretende função de “aprendizagem”. E **não**. Começamos pelo sim.

O novo periódico se coaduna ao movimento ampliado de reforma social, aqui, pelos hábitos da diversão. Mas não confunda caro leitor, pois, se já são membros de uma elite, o que querem mudar? A rigor toda ideia de república, Estado etc. e tal é um jogo entre forças conservatórias (lembre os ditos de Hercílio Luz?). Nesse sentido reformas, sejam do

tipo que for, são sempre práticas conservatórias. Alguma coisa precisa reordenar para dar conta de se manter fiel a si, na imagem (*eidea*) que se tem de algo.

Araújo entende o “reordenamento do país” atendendo “às novas determinações impostas pelo capitalismo internacional a partir das três últimas décadas do século XIX”. Em verdade, tal fenômeno refere-se à expansão das tecnologias de biopoder pelo mundo, e que ganham forças no Brasil e em Santa Catarina no final do século XIX, quando seu modelo de império não consegue governar mais com segurança seu território e povo. Portanto, sai a saudação imperialista, “Deus guarde sua majestade”, e entra a republicana, “Saúde e Fraternidade” (NECKEL, 2003, p.23)³⁸.

Assim, na ordem do discurso tal elite intelectual expressa aqui pelos jovens escritores de “A Página” entende a “regeneração nacional” como processo inevitável: “devemos acordar a cidade!” (A PÁGINA, 1900b). E, **vesti-la** com a **ideia** do novo, do moderno, do *chic*, daqueles que estavam a tomar, **elegantemente**, seu **café**.

Nestes termos, o novo é apenas REPETIÇÃO do SEMPRE MESMO. A nobreza de uma idade, no alto de sua herança que aspira se proclamar no direito de ditar modas, trajes, enfim, o **bem-viver** daquilo que por hábito, entendem o ideal de uma forma de ser, agir, comportar-se, enfim, imitar. Agora o não.

Não, não e mais um não para que se compreenda que toda forma de expressão no Mundo é Ato. O engano é a classificação que se pretende classificar. Toda classificação é arrogante, pois é ou ingenuamente arbitrária ou maliciosamente não libertária no fundamento que prende. Então, o jornal cumpre uma função no biopoder, a saber: adestra, no poder da palavra que (en)canta. Que não nos confunda, pois, no Platô UM, apontávamos que a função pedagógica existe, no entanto, nossa construção lógica-ontológica foi para vislumbrar uma miríade chamada UNIVOCIDADE DO SER. Quer dizer, todos os entes no mundo (cultura ou natureza) comunicam algo (a alguém, um corpo). E é essa a função que gruda como irracional, como cheia de Vontade a VIDA=MUNDO;
FUNÇÃO=IDEIA/FORMA/HÁBITO/LEMBRANÇA.

³⁸ Na pesquisa junto aos ofícios expedidos da Inspeção de Higiene de Florianópolis, de 1901 a 1920, encontrei na comunicação dos médicos a tal saudação, “Saúde e Fraternidade” na maior parte dos anos investigados.

Então, os colegas se enganam, pois, os sentidos que vão paulatinamente introduzir no semanal periódico vão ser produtores de memórias, de hábitos. De que tipo? Ah, *Belle Epóque*. No Jornal “República”, 8 anos antes do aparecimento de “A Página”, indícios de uma nova profissão (na Cidade): “Uma nova profissão inventada em Paris” cujos cartões de visita se lê: “imitador do rouxinol para jardins e restaurantes”, e prossegue o jornal: “e dizem que faz bastante dinheiro”, “quando **qualquer burguês rico**, que possua doze metros de terreno, quer dar uma **partida de jardim**”, chamam o fulano de tal, “que **escondido entre flores, extasia os convivas com seus trinados** [canto de pássaro]” (JORNAL REPÚBLICA, 1892c, p.2, grifos nossos). Ao grupo de jovens imitadores da Florianópolis, eis sua missão=função: rechearem as folhas dos jornais com toda sorte de simulacros possíveis. Jogos retóricos que confundem e brincam, e, pela (quase) brincadeira adestram. Quase-brincadeira é toda exterioridade que agora denominamos **dispositivo**.

Então, se antes para compreender na FUNÇÃO do nosso poliedro pensamos **governamentalidade** como o **encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si**, AGORA recuperamos as quase-brincadeiras para incluir nas práticas de sujeição, dominação, **dispositivos de poder**.

Dispositivo é tudo o que dá forma de vida a partir, e tão somente, pela exterioridade. São discursos, são instituições (que matam instintos da Vida na zoé), são formatos de periódicos, são **declarações** científicas, **prescrições** normativas, decisões regulamentares, mesmo as proposições filosóficas, ou morais, e até filantrópicas. Os dispositivos, em sua natureza, cumprem a “função principal de responder a uma urgência” (FOUCAULT, 2012h, p.365, grifos meus). Dispositivos nomeiam “aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser”, “por isso os dispositivos devem sempre implicar um **processo de subjetivação**, isto é, devem **produzir um sujeito**” (AGAMBEN, 2009, p.38, grifos meus).

Desta forma, se assumimos desde os inícios do Trabalho que há o SER na sua UNIVOCIDADE, como escapar aos dispositivos? Simplesmente simples, a saber: **basta limpar** o que incessantemente captura os entes, estes “dispositivos que procuram” governar e guiar “para o bem” (AGAMBEN, 2009, p.40). Basta VIVER. Portanto, tudo o que não esteja a ver com a vida, com sua potência, e, que de alguma

forma interfira produzindo formas de vida, atuantes tão somente pela exterioridade, pelo domínio ao outro, será dispositivo.

Assim, as palavras grafadas, que partem da ideia de um corpo já dado por algum ente concreto, quando visam domínio, controle no governo dos outros, são dispositivos. Transmitem algo (*tó de ti*) sob a máscara do bem viver e das melhores das intenções. Há um jogo que produz verdades, resta saber se submetido a um campo de poder ou a relações com a moral de uma dada época, e do qual se pode constituir um **em si** como **agente ético**. Eis que **“o sinal de uma vida é ao mesmo tempo estética e política, os dois estando ligados diretamente”** (FOUCAULT, 2014b, p.225, grifos meus).

Em termos de genealogia, há três eixos possíveis de uma análise, a saber: **1. Uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a verdade**, que nos permite constituir-nos como sujeito de conhecimento; **2. Uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com um campo de poder**, em que **nós nos constituímos como sujeitos agindo sobre os outros**; **3. Uma ontologia histórica de nossas relações com a moral, que nos permite constituir-nos como agentes éticos**” (idem, p.223).

Evidentemente poderá se observar que, em se tratando do cuidado de si, esta “relação consigo” que irá determinar “como o indivíduo deve constituir-se como sujeito moral de suas próprias ações” (idem, p.224), há também, como próprio da relação, certa ação do poder. Já que toda relação é sempre uma relação que envolve poder³⁹.

³⁹ Com Foucault (2014b, p.223-4, grifos nossos), pode-se distinguir, ao menos em **quatro aspectos principais dessa “relação consigo”**: **1.** Que **“concerne à parte de si mesmo ou ao comportamento que está em relação com uma conduta moral”**. É uma “parte” já que “não é sempre a mesma parte de nós mesmos ou de nosso comportamento que depende da moral”. A esse aspecto Foucault (idem, p.224, grifos nossos) chama **“substância ética”**; **2.** Que é o **“modo de sujeição”**, ou seja, “o modo segundo o qual os **indivíduos têm de reconhecer as obrigações morais que se impõem a eles**”, como no caso de uma lei, seja natural, racional ou princípio estético da existência (idem, p.225, grifos nossos); **3.** Que se trata dos **“meios pelos quais nós podemos nos transformar a fim de nos tornarmos sujeitos normais”** (idem, p.225, grifos nossos). Assim, “toda essa elaboração de nós mesmos que tem por **objetivo um comportamento moral**” (idem, p.226, grifos nossos); **4.** Que “espécie de ser queremos nos tornar quando temos um comportamento moral? Por exemplo, devemos nos tornar puros, imortais, livres mestres de nós mesmos etc.? É o que se poderia chamar a **teleologia moral**” (idem, grifos nossos).

Portanto, no que chamamos **moral**, não há simplesmente o comportamento efetivo das pessoas, não há apenas códigos e regras de conduta, mas há também **essa relação consigo que compreende ao menos quatro aspectos**: **1.** Uma **parte de si** em relação a uma conduta moral; **2.** Modo de **sujeição** a partir do reconhecimento das obrigações **que se impõem a si**; **3.** **Meios** dos quais dado **comportamento moral** se produz; e **4.** Uma **teleologia moral** que se liga aos **fins** para um **comportamento moral**. Aspectos cuja FUNÇÃO se dá “**ao mesmo tempo**” em que se relacionam e que possuem “**certa independência**” (FOUCAULT, 2014b, p.224, grifos nossos).

Embora não tenhamos condição de elaborar amiúde estas quatro principais características da **relação** consigo, podemos sugerir uma E(ste)tica que liga diretamente estética, ética/política. A exemplo, em nosso fato histórico a tal “agremiação de espíritos de elite”, para se tornar importante, quem sabe imortal, necessariamente precisa “se afasta[r] por completo do clássico programa de animar colegiais” (A PÁGINA, 1900b, capa, grifos meus em negritos, grifos em itálico dos autores), o que denota uma produção com vistas ao sentido estético já que por **meio** da **produção** escrita, pretende-se atingir percepções, sensações, o que não deixa de atuar na dinâmica ação-paixão como **fim** a se atingir Assim, **tornar-se importante com beleza** são coisas que estão ligadas umas às outras, em dado momento.

Governamentalidade cuja FUNÇÃO **participa no mundo** como e(ste)tica que AGORA se apresenta em termos dos divinos profetas da DIVERSÃO. Fantástica produção de sujeitos pela moral, pelo poder, pelo saber! Veja, não há sentido na História, mas, é inacreditável como uma edição pode contribuir com um tempo. Sim, o corpo retorna de alguma forma ao incorporeal (não sei bem como). O que nos interessa aqui é apresentar nos ditos, quase-ditos (ou entreditos), a força para um hábito encarnar. Vamos mais.

Os **nossos patrícios do litoral descendentes dos melhores marinheiros do mundo**, desses incomparáveis em bravura e lealdade que vieram povoar a nossa linda terra, **em coisa alguma tem degenerado**. Como os seus antepassados são bravos e leões marinhos, e deles **herdaram até o modo de falar cantado, que torna conhecido o catarinense me qualquer parte do Brasil**. Passam a **maior parte da vida**

no mar, em pequenas e frágeis embarcações de um pau só, afrontando as tempestades com uma coragem inaudita. [...] Causa espanto e ao mesmo tempo entusiasmo, ver esses homens correrem por sobre as ondas encrespadas por forte vento sul, tão rápidos e graciosos com suas velhinhas brancas [...]. **Mas, ah! Quantos e quantos são vítimas de sua coragem!** Quantos, confiando demasiadamente em suas forças, jazem por estes fundos servindo de pasto aos vorazes habitantes do mar. (A PÁGINA, 1900c, p.2, grifos meus).

Jogos retóricos (sofísticos) destes mercadores dos bens culturais que talvez tenham aprendido a mentir bem (isto é, se sabem o porquê mentem e não apenas por serem mais um sujeito na sua verdade).

Ora, não eram os mesmos, na mesma edição (1900b), em sua capa, que há pouco se anunciavam como a quebra da tradição, dos costumes? E agora, vem nos confundir elogiando os “nossos marinheiros”. Elogios ou cinismo? Pois, dizer que são corajosos, mas que numa frágil embarcação jazem nas profundezas dos “vorazes habitantes do mar” nos parece, como um dizer-verdadeiro-de-si, que no raso, estes membros da elite querem é que os marinheiros fiquem lá mesmo. MESMA imagem no DIFERENTE arranjo sobre a miséria e o mistério do mar. Lembra, caro leitor, dos ditos de 1888? Ah, lembrança profunda do mar que devora, mata o “feliz [...] homem do mar que procurando muitas vezes melhor vida nele encontra pior, horrível morte que é o termo da vida: rochedo por onde naufragam as esperanças que nos embalavam o coração” (JORNAL PALAVRA, 1888b, grifos meus). Surpreendente coincidência que separa num curto espaço de 12 anos, “A Página” da “Palavra”. Afinal de contas, qual a diferença de fato em ambos serem literatos e pronunciarem certa ideia de mar? Vamos mais um pouco.

Em 15 de abril de 1900, “A Página” (1900d, p.2) apresenta um “*Sport*”: a caça da “sinfonia floresta”, “mas quem ousou jamais arremedar os arrolos [gemidos] das pombas de bando nas matas virgens”? E, abaixo da mesma página uma seção que muito me chamou a atenção: “Silhuetas” é um espaço do semanário que sempre apresenta as qualidades – belas, boas, justas – das mulheres, moças juvenis do sexo feminino (não senhoras casadas e nunca crianças, adolescentes). Lembra-se, caro leitor, esta seção com o termo “silhuetas” é justamente

o reforço da linhagem, da familiaridade, afinal de contas aprendemos com os termos gregos que eidos enquanto formas revela aquela condição intuitiva de que para saber de algo, necessariamente há de vê-lo, mas, como ver o que ainda não se possui não é possível, tem-se que os sentidos dos periódicos expressam os contornos, a silhueta que **ilumina** a forma de ser visada. Eis o par ver-ser-visto que confere certa identidade ao objeto do que se trata. Aqui, objeto são as mulheres. Maldita herança de uma memória machista. Ainda estamos na Caverna.



Reparem neste **bronze, veia a veia:**
Cornucopia de seios e de escamas,
Obra do japonês do Fusiamã,
Que adora o Mar e a enluarada areia;

Canta e essa harmonia nos golpeia;
É de uma triste e merencória [melancólica]
gama;

E mais aumenta deste bronze a fama;
O olhar adormentado da sereia;

Penso que sonha o Polo e o Nevoeiro
E a pálida talhada de um crescente
Num céu de véus de noiva e jasmineiro;

E, como búzios, a ferver, ressoa,
Numa langue preguiça de serpente,
Num êxtases nostálgico de leoa (OSCAR
ROSAS, 1900, p.3, grifos meus).



Então, se a água do banho de mar ainda não existe, isso em nada impede que o contato com uma substância essencial não ocorra por outros **meios**.

Foi, como havíamos predito um verdadeiro sucesso a representação de *Aquatica*. Pantomina que pela sua decoração esplêndida e lances hilariantes, se afasta completamente dessas pachuchadas sedições e desgraçosas com as quais os circos de cavalinhos costumam dar remates às suas funções. Sucesso de representação, e de

bilheteria, pois, apesar da umidade proveniente dos temporais da véspera, o circo encheu-se à cunha, e apesar do meio não comportar os aparelhos da montagem, aliás, custosos, que este trabalho exige, todas as cenas produziram excelente efeito. [...] A *Aquática* está destinada a levar ao circo muitas enchentes mais. Para hoje novas surpresas (A PÁGINA, 1900e, p.4, grifo do autor).

Assim, temos que **sereias/mulheres, águas** para se divertir estão vindos. Preparem o sexo depois da praia. Mas falta certa estrutura para encarnar na cidade. Afinal de contas as praias ainda são inabitáveis para alguma recreação cultural. No entanto, há algo que foge ao concreto. Principalmente quando alguns entes **participam** de outras localidades (incorporais), mesmo numa viagem abstrata oportunizada do contato com outro hábito (outra memória). Indícios da relação OUTRO-MESMO.

A capital catarinense é talvez um pouco triste, para os que estão acostumados nas cidades movimentadas e ruidosas, onde a vida nas ruas nos cafés, nas *brasseries* e teatros, constitui o dia e a noite até altas horas, perene diversão pública, saturando a atmosfera em volta de alvoroço e alegria. Com uma **pequena população** que não passa de 15.000 almas, disseminada em grande parte por arrabaldes longínquos, com casas comerciais, oficinas e fábricas quase todas acumuladas em um ponto determinado e central, ela **só apresenta movimento** e bulício do alvorecer ao meio-dia, hora em que as ruas do comércio [...] e a **Praça Quinze de Novembro** na parte do cais, transbordam de povo, em uma afluência contínua, sobrelevada duas vezes por semana pela feira dos **alemães** e nacionais, acudindo à cidade com seus gêneros e mercadorias, trazidos das colônias e sítios próximos do continente e da Ilha (VÁRZEA, 1900/1984, p.33, grifos nossos).

A tristeza que sugere Várzea é sua justificativa para situar-se do local de onde escreve “A Ilha”: Rio de Janeiro. Por isso comparações quase como desculpas que tentam tornar melhor a imagem de Desterro (sim caro leitor, o marinheiro sabe que o nome da cidade mudou mas, com sutileza resiste ao mando e ao conchavo da *pax*). Várzea pratica Política pelo antirrepublicanismo sem que o saiba. Então, chegamos ao clímax desta Cena: **as diversões na Cidade mudam**. E com ela **vai se encarnando novos modos de ser, de estar, de dizer-de-si**. Pois, se antes, “comumente as diversões no Desterro” não iam “além das partidas dançantes em clubes e casas de família” (VÁRZEA, 1900/1984, p.33), e, também às festas religiosas (simplesmente omitidas pelo marinheiro), temos em curso violentas mudanças. O jornal “A Página” ajuda a marcar o cidadão numa *Belle Époque*, mas, numa cidade confusa, repleta de equivocidades, há sempre mais para se mostrar.

Há outro periódico, “A Semana”, em 1915, e apresenta um invento um tanto inédito para a época. Estamos em 4 de julho, na seção “Diversões” informa que no cinema “Circulo e Casino”, daqui a dois dias, “realizar-se-a o primeiro espetáculo de Quinetofone e o nosso povo terá então oportunidade de apreciar o maravilhoso invento [...]” (A SEMANA, 1915a, p.2). E segue o dito, “Conforme a gentil informação de que nos foi dada o Quinetofone reproduz com precisão a voz humana, aliando-a à projeção Cinematográfica de dramas líricos e operetas etc” (idem). Aqui, encontramos uma antecipação do que na Cena 6 chamaremos de **Mercador de Negócio**. De todo modo é interessante perceber que temos aqui na Cidade da Diversão indícios anteriores das análises de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural, que, a rigor não se localiza fisicamente, mas se produz mediante práticas ritualísticas que simulam numa verdade certo entorpecimento do indivíduo de criar. Impotência e não potência de Vida é a chave para ler os Mercadores do Negócio da Vida.

Até aqui, nesta Cena (4), fizemos um passeio dentre algumas das tantas práticas de diversão que encontrei na pesquisa junto aos jornais da cidade (após a quase-Revolução). Significa que, longe de pretender um inventário exaustivo, de buscar incluir tudo o que numa época de dizia ser diversão, trabalhamos com questões que contribuem a montar nosso objeto.

Quer dizer, os jornais apresentam nas primeiras páginas práticas de diversão que além de conterem em si, elementos do fator lúdico (atividade voluntária; faz de conta; atividade desinteressada e fim em si

mesmo; cria ordem e é ordem; jogado até o fim; competição; tornar-se outro), estes mesmos elementos são capturados a duas lógicas produtoras de Verdade, a saber: 1. Vão fazendo parte do conjunto dos signos que denotam distinção social numa sociedade (esse *mana* passado entre as altas classes); e 2. Tornam-se dispositivos de poder por criarem normas que dão certa forma ao sujeito que se diverte. Nesse sentido, há recolocação do fator lúdico: não é apenas em si, mas, **participa**, como **trabalho**, na **obra** de uma sociedade com instrumentos, táticas e jogos de poder e palavras.

Com vistas a se distanciar cada vez mais da visão da velha Desterro, precisa, pois, de práticas de diversão que ressignifiquem a Cidade (embora sempre plural, o poder tem como característica da padronização, diminuir até apagar as DIFERENÇAS). Eis o jogo jogado da diversão como dispositivo de poder.

Por isso destacamos a partir de agora uma dada prática social que parece reforçar os dois elementos anteriormente destacados (produz demanda e produz produção de formas simbólicas e materiais de distinção, e, do biopoder). Trata-se do *footing*. Encontro em quase todos os periódicos da Cidade da Diversão esta diversão. Com isso quero dizer que há um imperativo em sua forma. Passear ao redor da Praça XV aos sábados, e, principalmente aos domingos. Cronistas no dia seguinte, ou, no máximo alguns dias depois, relatando “quem foi”, “como andou”, enfim, sua **silhueta**. O par eidos-geos, nos (a)parece, nesta prática, produtor de familiaridade. Condição de uma dada classe. Vamos às fontes. Estamos no inverno de 1915, a 6 de junho,

Maio é morto...Junho aí está em torvelim, envolto em lufadas de vento sul, nascido com frios e umidade... Talvez, maio o incumbisse de nos dar dias bonitos, já que não nos pode dar ele mais que abafadas semanas, cheias de influenzas e palustres... Esperemos! Nos calçamentos que enquadram o *Oliveira Bello*, **passeia a tarde chique de Florianópolis**...[...] Na Praça, as **florianopolenses** jovens, as maduras, **até as velhas fazem o *footing***, gozando a delícia do anoitecer. Há uma confusa promiscuidade de gente e de *toilettes*; os bairros saíram a espairer, a ver um bocado de *cidade*, propriamente dita. Os trajes na sua variabilidade e gosto, vão desde as rabonas negras dos funcionários públicos, até o

duro riscado do carroceiro. Blusas de seda, saias de casemira, chapéu ajardinados, roçam as chitas baratas, os cazebeques sem feitiço, os paletós fora da moda... *Ele observa* a movimentada massa pública de pé, a uma das pontas da Confeitaria Moritz. **Um auto**, unóculo, **passa equivocadamente flatulento, espalhando um cheiro de gasolina**. Do mar vem muito frias umas lufadas incomodas. [...] **Duas meninas a par, naquele andarzinho**, misto de boliço e tango, cochicham não sei que intriguinhas amorosas, riem alto, **gesticulam colegialmente...e seguem**. Os cinemas tintinam sem parar...A lua vai tomando cores, vai aloirando. Estrelinhas piscam as primeiras cintilas... (A SEMANA, 1915b, p.2, grifos negrito nossos, grifos itálico autor).

Que tal um passeio ao ar livre? Mais elementos para analisar as ambiguidades da Cidade da Diversão. E “até as velhas fazem footing”, sim elas também podem gozar da vida. Que vida? Aquela de aparecer na cidade? Entrar de vez na linhagem entre formas, molduras que capturam nas sombras do vivível os “trajes” e “gostos de uma época. Ah, maldita classificação: “blusas de seda”, “chapéus ajardinados” e “paletós fora da moda”. O que o tal “carroceiro” com seu “duro riscado” fazia neste Mundo de Cultura dividido? Vendendo algo? Não sabemos. Mas, qual seria a função do *footing* na cidade da Diversão? Liberdade ou prisão? Nada disso, o footing é nosso exemplo para o complexo que chamávamos (Cena 1) de distensão-distração. Como identificamos? Fácil. Basta perceber nas práticas sociais sua capacidade inventiva e, sua correspondência às normas sociais (de um tempo). Como já apontamos, o sujeito não é algo dado, mas produto das relações (saber, poder, verdade). O sujeito é um **efeito**. Efeito dos campos de força que constroem no sentido de estarem presentes na direção das condutas, e, eles mesmos potencializam no seu próprio jogo, a produtividade de si do sujeito.

No entanto, como práticas de liberdade, como prática de si, entendemos a busca de uma “ética pessoal” e não “moral como obediência a um sistema de regras” (FOUCAULT, 1984/2012i, p.283). O que significa que sim, há elementos de distensão do tal footing: alegria, amor, amizade. Numa tal dinâmica (ação-paixão) envolvendo entusiasmos, amores produzindo toda sorte de corpos entre memórias,

pensamentos, sentimentos e emoções. No entanto, é uma prática da DIFERENÇA que afirma sempre o MESMO. Portanto uma prática que se corresponde à afirmação da vida lesada e burguesa. Corpos que se reafirmam na passagem da rua. Teatro da vida na *forma urbana*. Virtudes que no seu elogio reforçam tal **hábito** que no limite cumpre sua função como dizível que se realiza no tecido social. Neste sentido, como sujeição de uma sociedade, de uma ideia, de uma classe, além da distensão, é preciso que se tenha alienação. Dito de modo mais claro: a prática não pode ser apenas potência para que o sujeito tome sua vida como obra de arte através de si como objeto de reflexão moral (FOUCAULT, 2010c). Para isso, é preciso que a prática simplesmente distraia. Eis uma técnica do poder, que, capturando elementos da distensão, me parece, formar o tal complexo distensão-distração.

Prática que repetida, no deus-jornal aponta a formação, sobretudo, de uma multidão para manter-se, fiel, na cidade em expansão de sua (quase) reforma.

Já apontava Benjamin inspirado por Baudelaire, sobre a diferença “entre *flâneur* e badaud (basbaque)”, pois, enquanto naquele sua “individualidade” ainda está em sua “plena posse”, a do badaud, ao contrário, desaparece absorvida pelo mundo exterior... que o impressiona até a **embriaguez** e o **êxtase** (BENJAMIN, 2011, p. 201, grifos meus). Perceba que a embriaguez e êxtase são diferentes do que Nietzsche anuncia em seu plano de Arte. Àquele refere-se aos elementos de nossa definição da DIVERSÃO (amor, alegria, amizade), e este (Benjamin) refere-se a toda prática que causa um entorpecimento que não libera, mas, aprisiona a massa (na própria massa) dos divertimentos e jogos que distraem (ao modo que La Boétie alertava sobre a servidão voluntária na cidade do passatempo).

Portanto, tem-se nessa perspectiva benjaminiana uma multidão de indivíduos lesados, danificados pelas normas de toda sorte que, no decurso das trajetórias-acontecimentos que incidiram em formas de vida ao longo da história, tornaram-se através das normas, imperativos sobre modos de ser “: - Ai de você se não se tornar um tolo como eu!”.

As praças ou largos de Florianópolis são em pequeno número, mas apresentam aspecto agradável e pitoresco, por serem em geral planos, como bela arborização ornamental. Três deles, porém, merecem particular menção – o **quinze de Novembro** [Jardim Oliveira Bello], que está

situado no coração da capital, estendendo-se desde o alto da Matriz até ao principal cais de desembarque, onde se achava o edifício do mercado velho, hoje demolido; o da Praia de Fora e o Treze de Maio, todos dando frente para o mar (VÁRZEA, 1900/1984, p.28, grifos em negrito meus).

Certamente temos aqui um objeto mandado fabricar para acelerar a encarnação de modos de vida, ideias, hábitos que se distanciam cada vez mais de Desterro. Importância da praça XV, “ampla e retangular, com a igreja de um lado, o mar do outro e casario nas laterais, onde podem situar-se também construções oficiais (Casa de Câmara e Cadeia, Casa de Governo)” (REIS, 2012, p.98).

Interessante destacar que antes das praias serem contornadas para ser habitadas, foi mesmo a floresta que recebeu especiais toques, cortes, arranjos e se tornou jardim para ser contemplada. Isso é contemplação? Ócio? Ou a invenção de um tempo livre como negócio para se distrair? Precisaríamos encontrar outras formas de tempo livre inventadas. Talvez um bom começa seja simplesmente aceitar se sentir sozinho no meio da multidão. Ah, mundo elegante, será que consigo levar “uma tartaruga ao passear” (BENJAMIN, 2011, p.193). **Ah, vida fútil!**

Vida Futil. Andava eu azoinado e já me pensava uma azemola, quando, depois de rebuscar até nos escaninhos a cabeça, não me saía nada que me satisfizesse a mim como a vós outros. Mas o que agora se deu comigo, já se deu muitos séculos atrás com o maior orador romano [que] dizia lá por entre um de seus trechos que as glórias de guerreiro podia ele subtrair-lhe as com suas palavras *bélicas laudes solent quidam extenaure verbis*⁴⁰... Imaginai em que **enrascadela** me enredará ao temar o encargo de escrever algumas frases para o ELEGANTE. Felizmente, lembrei-me do meu amigo [...], o admirável cronista de *Rio-Jornal*, autor da seção *Vida Futil*, e resolvi-lhe imitar-lhe a ideia. Cumpre registrar um acontecimento excepcional na nossa vida elegante

⁴⁰ Algo como: “algumas palavras são usadas para reduzir os louvores bélicos”.

a extraordinária concorrência que se observou neste ano nas nossas praias de banho. [...] **Nem se compreende que, possuindo Florianópolis tão lindas praias, os banhistas as desprezassem, deixando-as entregues ao abandono e à tristeza, para inspiração dos poetas [...].** Com efeito, **já é tempo de a nossa população ir adquirindo os hábitos das cidades civilizadas do litoral. Onde os banhos de mar, pode dizer-se fazem parte da *toilette*** (ELEGANTE, 1923, p2, grifos negrito nossos, grifos itálico do autor).

Embora este jornal, de vida curta, de 1923-5, seja além de nosso recorte, trouxemos, pois, aponta a maior equivocidade possível do mundo da *Belle Epóque* que se diverte: chama de vida fútil a própria vida que se leva. A mesma vida que intenta imitar os modernos cariocas. Mas, se é a mesma vida, como para uns é fútil e para outros é “elegante”? Parece ter muita confusão neste modo de ser, na promessa de que se mudar vai melhorar. O que? A promessa de que os banhos de mar (de 1900 de “A Pagina”), poderão finalmente afastar a incompreensão de porque estes serviam apenas “para inspiração dos poetas”. Mas então a Cidade aqui já aspira a uma elegante condição de banho de mar? Bom, infelizmente não é o nosso tempo. O que temos por certo, é que se no cinema é preciso algum operador cultural estrangeiro intervir na Cidade, talvez seja o que tenha ocorrido referente ao banho de mar (é o que sugeriremos na última Cena).

Conforme aponta Araújo (1989, p.140) nesta época os jornais foram importantes na reforma urbano social, pelo fato de “cronistas” e “jornalistas” prescreverem hábitos, ditarem modas e comportamentos, enfim, serem ativos na formação de uma opinião pública. Nada mais do que a produção do jogo da verdade dentro de um quase ente divino em sua função prescritiva. O que não significa que cola às práticas cotidianas. Além disso, um limite dessa força moral dos jornais é a simples constatação de que é relativamente pequeno o contingente de leitores basicamente por dois motivos que se complementam: **1.** É necessário ser alfabetizado para ler, e, assim saber das prescrições; e **2.** Muito provavelmente os jornais mal saíam da área urbano-central da cidade tanto pela dificuldade logística quanto pelo fato de que no interior/praias habitavam **outros** tipos de pessoas: pescadores,

lavradores. Portanto, os jornais têm uma circularidade restrita, o que não impede seu mútuo reforço entre os dilettantes leitores/usuários.

Assim, na ordem do discurso a elite intelectual e política tratava a “regeneração nacional” como processo inevitável, onde o novo regime republicano pudesse acompanhar o ritmo civilizado dos países europeus, leia-se, França, Inglaterra e Alemanha, que já estavam em fase mais avançada de desenvolvimento. Portanto, trabalho na construção de representações visando superar a “sociedade fossilizada do império” (ARAÚJO, 1989, p.9). No avanço do biopoder, Desterro/Florianópolis entrava na série de imagens, discursos, valores e práticas da crista da onda de modernizar que percorria as principais capitais brasileiras (Rio de Janeiro e São Paulo) nas primeiras décadas do novo regime.

Antes de romper à Cena 5, não podemos nos calar. Há uma incrível declaração, certamente de inspiração profética sob a rubrica “etapas da herança”:

Feliz da palmeira que nasceu para vegetar ao amparo das altas perobas e guaparinos, que repartem com ela o orvalho de suas folhas; e **desgraçada da que trouxe do gérmen a inspiração de crescer e de subir, e que ao estímulo de se avantajarem no espaço excede as frondes dos ipês gigantesco!** Aquela vive ignorada na sombra, é verdade, mas **vive à burguesa, tranquila e farta, na abundância de seiva dos protegidos** [...] vive na orgia da luz, é sabido, dominando sobranceira a vastidão do seu mundo, mas vive açoitada de todos os ventos, esfalripada e torta, como um aleijão da espécie. Esta, pois, é que simboliza a vida de Cruz e Sousa. Palmeira africana de tão alto, florescia e frutificava entre as estrelas a enorme distancia de suas raízes; mas esta etapa da seiva que tanto o elevou e o engrandeceu, foi temperada com o fel da desgraça, e por isso a sua vida foi toda provações. Não houve amarguras que não lhe toucassem. (SANTOS LOSTADA, 1900, capa, grifos meus).

Penso que o autor cumpriu sua função de Homem na multidão quando oculta e silenciosamente, inverte e subverte na arte da escrita os termos “feliz” e “desgraçada” ao dizer de Cruz e Sousa, é verdade, mas,

pelo título da narrativa, “As etapas da herança” parece dizer-nos com propriedade um pouco do fardo de que todos “aqueles” que vivem na “sombra”, em alguma “tranquilidade”, *pax* e “abundância de seiva como protegidos” são servos de uma vida “à burguesa”. Maldita herança que se alargou. Agora tantos buscam tal mediocridade da não-vida de-si.

Para saber, Cruz e Sousa, nascido como João da Cruz e Sousa a 1861, “aprendeu suas primeiras letras com D. Clarinda Fagundes de Sousa, esposa do Marechal Guilherme Xavier de Sousa que militou na Guerra do Paraguai e para quem seus pais prestaram serviço”, estudou no “Atheneu Provincial Catarinense” e se formou no “curso médio de humanidades” em 1876 (OURIQUES, p.2011). O poeta morre dois anos antes do nascimento de “A Página”, devido à tuberculose. Filhos também foram vítimas desta doença e, sua esposa enlouqueceu. E, como preciso praticar o PERDÃO, que pulemos de página.

CENA 5 – Primórdios Biopolíticos e o PIC NIC da classe do lazer

Contudo, para que o biopoder venha a tornar a população cada vez mais obediente, há de serem evidenciadas condições do jogo entre as partes no que se refere ao deslocamento das práticas de diversão de outrora para agora, i.e., Florianópolis do início do século XX. De forma que há um fato no interesse do corpo urgindo reformar costumes da população. Mudança de hábitos, que para La Boétie (2006, p.23) exercem sobre nós, “poder considerável, tem uma grande força de nos ensinar a servir □...□ a engolir tudo até que deixamos de sentir o amargor veneno da servidão” (LA BOÉTIE, 2006, p.23).

Mas por não se tratar de costumes de repressão é que há necessidade de perceber de que tipo é esta servidão na Diversão. Uma forma de obediência que se relaciona aos novos imperativos (estéticos e éticos) nos espaços da Cidade de Florianópolis para produção dos corpos entre novas tensões. Afinal, atividades de passatempo não são apenas catarse das emoções aprisionadas e tampouco aumento do trabalho. Carregam processos de subjetivação, no sentido de um motor de ação, cuja política da vida atua sobre a população nestas atividades. Há uma biopolítica em curso.

Chamamos a atenção da respectiva autoridade sanitária para o estado de abandono em que se acham certos do litoral desta cidade, lá para as imediações da [...] Figueira. Neste bairro a higiene pública corre parelha com a mais escandalosa incúria [desleixo]. Ali esta concentrado um verdadeiro foco miasmático. [...] e tantos são os depósitos de lixo e matérias orgânicas expostas a ação do tempo, para massacre da nossa população (JORNAL REPÚBLICA, 1892d, capa).

E uma sucessão de notícias englobando a péssima higiene da cidade vai tomando conta com exprimíveis das tintas dos jornais. Importa saber se apenas quem escreve ou lê que pratica o ritual quando sabemos que é o próprio ritual que produz os efeitos da verdade? A mensagem que se comunica pode estar muito aquém das palavras quando começa uma leitura, e por contingência, larga-se para comentar

algo, ou mesmo para ir fazer outra tarefa que se demanda. Enfim, são cortes e atravessamentos que vão se dando. E, a encarnação de uma nova prática (realmente nova) demanda tempo, investimentos e muitas formas de transmissibilidade, da mais fundamental que intuitivamente compreendemos (oral, escrita) àquelas mais sutis, mas que vão se dando em outros objetos (visuais) e que também comunicam algo.

Afinal a qualidade do que se transmite pode sofrer interferências de toda sorte possível quando apenas e tão somente se confia nas tecnologias da Obra humana. Jornais envelhecem e perdem suas tintas, rádios, televisões pifam um dia, ou não funcionam no apagão, ou ainda param de funcionar sem pilha. Já a internet pode falhar quando menos se espera. Portanto, tem-se o oral, o escrito, o corporal e o incorporeal (como o virtual daquilo que paira em algum lugar) as unidades disjuntas (de outras unidades-corpos). Mas, nenhuma é tão preciosa e rica a ponto de substituir a mais antiga e mais incrível tecnologia, a primeira de todas: o corpo humano. Vamos mais.

Na “Croniqueta” do Jornal Correio da Tarde, a 10 de fevereiro de 1903, conta-nos o narrador que “A nossa bela Florianópolis tem andado ultimamente tão insípida, tão apática que até chega a causar verdadeiro pasmo o aparecimento de um cronista”, e dirá o “amigo leitor, ao pegar neste jornal, dirá lá consigo: **Cronica?! Onde diabos foi [...] desencavar assunto para crônicas?**”, “Realmente, assim como o pescador que, armado de caniço, sonda as profundezas do mar, sem achar um mísero siri que lhe pegue no anzol, assim eu, em frente à mesa em que me encontro, de balde **escarafuncho o nariz com o dedo indicador**, de balde espreguiço a vista pelo azulado campo infinito...**nada, absolutamente nada me vem à mente que se assemelhe a um fato digno de nota**”, então “segunda, terça e quarta foram três dias que, espremidos e sacudidos, nada deixaram dignos de menção, a não ser a lembrança de um calor asfíxiante que muito nos fez dar graças ao Criador por não termos água encanada nem hidrômetro” (JORNAL CORREIO DA TARDE, 1903, p.3, grifos meus).

De acordo com Araújo (1989, p.17) o tempo da narrativa é o tempo inicial da reforma urbano social na cidade, onde se tomam como prioridades “atividades públicas e privadas dos habitantes da cidade”, e, o surgimento de uma “tecnologia visando a intervenção e a prevenção em relação a alguns problemas que foram identificados como medidas inadiáveis a serem tomadas no sentido de produzir melhores condições sanitárias para a capital do Estado”. Daí segue-se que os discursos

higienistas e de reforma urbano sanitária vão participando e encarnando implantação das primeiras redes de água encanada – 1909; iluminação pública através de energia elétrica – 1910, e, na construção das redes de esgoto – de 1907 a 1917 (idem, ibidem).

Então os ditos no “Correio...” denotam uma verdade realidade na cidade. CALOR=SOFRIMENTO para quem não tem água (e nem praia) para se refrescar. Aliás, não era isso mesmo que já reclamavam na Cena 2 os marinhistas? Proclamava na prática de sua liberdade, Várzea (este homem na multidão): Ah, o calor, **“sempre um rapaz muito impagável”** que o esvazia o bolso “dos **burgueses** na soverteria” (JORNAL O MOLEQUE, 1885a, grifos meus).

E Jornais podem **ser** uma fonte engraçadíssima quando não se confia muito em suas tintas. Segundo Pereira (1992, p.36) em “Imprensa e poder” o historiador Oswaldo Cabral concluía uma pesquisa, quando veio falecer, mas, teve tempo de explicar ao referido pesquisador Pereira “que nunca escreveu um livro sobre a história da imprensa catarinense, porque ela é indissociável da história da política”.

E, numa “quinta-feira” como essa na qual escrevo nascia o “Correio da Tarde”. Surge “forte, independente e livre como o pensamento. Causa pasmo dizer imparcial pela fusão de dois partidos que ontem se queriam devorar”. E prossegue o cronista: “Domingo! Último dia da semana! O que nos legaste? O prazenteiro gargalhar da juventude [...]. Oh! **Como é feliz esta idade em que o homem, despreocupada com as incertezas do futuro, sem cogitar com o problema do amanhã, só tem um fim: rir e folgar!**” (CORREIO DA TARDE, 1903, capa). E, prossegue o cronista que “ao ver estes **bandos alegres**”, que “**enchiam o jardim**”, “ao sentirem as cristalinas **risadas** ao **quebrarem o silêncio da tarde**, e ao verem estes rostos juvenis, estes reflexos de luz, de **mocidade e prazer, senti-me invadido de uma tristeza profunda, pois**, remonteí aos tempos em que **eu também, desconhecendo a falsidade dos homens e os enredos da vida, julgava ser a existência um prolongado sonho dourado**; porém, a semana desapareceu anteontem, envolta em nuvens de confete a servirem-lhe de mortalha. Não nos legou nada, absolutamente nada que possa aproveitar a um pobre cronista”.

A rigor, a Cidade da Diversão está tomando por tantos fantasmas (trabalho servil, moralismos de toda sorte) que fica difícil escrever dentre tamanha EQUIVOCIDADE DO SER. Afinal de contas, como um jornal que se pretende “forte e livre” vai cumprir a promessa frente à

“tristeza profunda”? A alegria é o estado do afeto na presença e produz **distensão**. O que na linguagem muscular denota contração e alívio, pegamos este último para indicar o estado do afetado que se torna **relaxado**. Afinal de contas, e isso não é novidade, é mais econômico sorrir do que franzir a testa. Mas o que temos é um cronista que se não é babaca (Benjamin), é idiota (Baudelaire).

E, em curso todo um conjunto de saberes científicos (biomédicos) que vão contribuir, embora sem intenção maléfica, a toda uma proliferação de atividades do corpo que no curso do tempo tornar-se-ão práticas de lazer, de certo culto ao corpo. Eis que em quatro dias (26 a 29) de julho de 1893, o Jornal do governo publica matéria intitulada: “O exercício nos adultos”.

Todos compreendem a necessidade do exercício físico para a saúde dos meninos, **mas nem todos** estão **convencidos de que a mesma necessidade impera**, e ainda com maior urgência com relação aos **adultos**. [...] **Que é o exercício do corpo?** Em última análise é um trabalho artificial que se deve executar em dias e horas determinadas, para suprir a deficiência do exercício natural e espontâneo, uma vez que este se acha reduzido por uma dose ilusória pelo fato dos nossos hábitos e das **nossas obrigações de homens civilizados**. [...] O menino move-se constantemente e, logo que termina a aula, atira-se ao jogo com a impetuosidade própria de sua idade, corre, trepa, salta, entregando-se sem constrangimento ao instinto do movimento. O homem feito, porém, não pode ter o desembaraço do estudante que brinca, e reprime as manifestações espontâneas da necessidade do exercício. [...] A cultura do corpo somente pode produzir efeitos duráveis, sendo continuada durante toda a vida. A educação física racional consiste em uma série de modificações materiais que o corpo sofre para que seus órgãos se tornem aptos a suportar o exercício muscular, e a executá-lo com facilidade [...] A inação faz o corpo perder a sua aptidão, não só para os exercícios difíceis e os movimentos complicados, senão também para os atos musculares, mais simples e mais naturais.

[...] Ora, as perturbações de saúde, devido a falta de exercício, são infinitamente mais graves no adulto do que no menino” (JORNAL REPÚBLICA, 1892e, capa-p.2).

O jogo retórico é fantástico, **todos mas nem todos estão convencidos que a mesma necessidade dos exercícios das crianças impera aos adultos**. Mas como **ninguém** parece ser o resultado da equação (todos mas nem todos), tem-se que é preciso compreender, pedagogicamente o “que é exercício do corpo”. Afinal, sois homem civilizado, não mais criança, com sua idade própria para brincar. E tens que na dureza “suportar o exercício muscular, e a executá-lo com facilidade”, senão, ah, morte, doença, sofrimento e tudo o mais associado te assombrarão. Assim, se tens medo de viver, se junte a mim. Pois, “No adulto, **a falta de exercícios produz vícios de nutrição mais duradouros**. Em vez de uma simples debilitação de saúde, são muitas vezes modificações profundas e irremediáveis de temperamento, e ainda doenças graves” (JORNAL REPÚBLICA, 1892f, capa).

E, sabe-se que a nutrição é uma ciência do sofrimento. Infelizmente, nasceu desnutrida face sua historicidade. O que deveria ser lembrado com alegria e, superado. Mas não. Então, o que se tem é negação da Vida na Potência de comer. O que leva a todos os entes da nossa época a olhar os especialistas do alimento e o significarem como os profissionais da carência, “: - Queres emagrecer ou engordar?”; “: - Queres mais proteína ou menos gordura super saturada?”. Aqui, esse **querer** é apenas a forma mais fragilizado do **desejo** de um ente que se encontra com o tal especialista. No limite este não foi treinado para o desejo, apenas para privação (põe ou tira nutriente), por isso que não dura muito tempo a relação (especialista-paciente) e, perde-se o paciente já **impaciente**. É que intuitivamente sabe (e todos sabem) que não se reduz o comer à números e tabelas. E neste jogo profissional da negação só joga aquele que já está absolutamente envolvido pelas virtudes morais e estéticas dos negócios da beleza. Ah, maldita indústria cultural que produz e produz demanda destas verdades!

Mas, comer, ter fome de outro modo, poderia ser lido em sua forma soberana. Pois “sentimos fome” e “não pensamos que o organismo quer ser sustentado; mas essa sensação parece impor-se sem *motivo*, ela se isola e é tomada como arbitrária” (NIETZSCHE, [2006], §18, p.45, grifos do autor).

O que Nietzsche critica aqui é justamente a arbitrariedade de isolar um dado fenômeno (sentir fome) da sua própria condição de existência, e, artificial e arbitrariamente ser colocada na “ideia de causalidade”, o que leva, por deduções e equivocidades, à “crença na liberdade da vontade”, eis “um erro primordial de todo ser orgânico”, que é a “crença em substâncias incondicionadas e em coisas semelhantes”. Toda essa história metafísica só poderia chegar ao ápice da ideia do sujeito da “liberdade da vontade”, erro grosso das ciências da Saúde. “: - Vontade de comer porque o outro come não é erro, é paixão”; “: - Vontade de não comer porque não se tem fome não é dieta, é seguir conforme os instintos”; “: - Ao passar horas a fio sem sentir fome quando as regras contrariam a lógica do momento, temos como resultado: a negação das regras frente ao conhecimento e cuidado de si”.

Mas nada disso é real, o que vence é a biopolítica de nosso tempo, **ecos de corpos** de outrora:

Assim, a falta de exercício, ocasionando combustões insuficientes ou incompletas ou ambas esses vícios de nutrição, tem na idade adulta um alcance considerável. Após uma longa série de anos passados na inação, o organismo adaptou-se, segundo a lei que domina toda a fisiologia, a um modo de nutrição correspondente ao fraco funcionamento que dele exige. *Os órgãos se acomodarão a função.* [...] Uma última observação sobre a influência salutar do exercício no adulto. [...] O banho tem por efeito, do ponto de vista higiênico, limpar a pele, desobstruindo os milhares de pequenos orifícios ou poros, pelos quais escapam as substâncias líquidas e gasosas [...]. Mas a limpeza faz apenas a metade do serviço. Não basta abrir a porta de saída a essas substâncias que devem ser eliminadas, é necessário provocar-lhes a saída com o auxílio de um veículo que as leve para fora: esse veículo é o suor. [...] Muitos fatos da observação demonstram que a depuração devido ao suor produzido pelo trabalho é mais completa e mais íntima do que a das sudorificações artificiais. [...] Erram, pois os que supõe ser higiênico um exercício tão moderado que não provoca a transpiração. Para obter os efeitos verdadeiramente higiênicos do

exercício, o adulto deve em regra levar o trabalho muscular até a transpiração. **Convençamo-nos desta verdade: não é somente o pão cotidiano, mas também a saúde que devemos ganhar com o suor de nosso rosto** (JORNAL REPÚBLICA, 1892g, capa, grifo negrito meus, grifos itálico do autor).

Coincidência ou não a partir daí temos um disparo para o que podemos chamar de cultura do corpo. Deslocamento da corrida de animais da Desterro para corridas pelos entes chamados homens do sexo masculino, de Florianópolis: No ainda oficial jornal “República”, a 15 de abril de 1900 chamou-me atenção: “Corridas em S. José – grupo de *sportmen* abriu inscrição, haverá também corrida de bicicleta” (JORNAL REPÚBLICA, 1900, capa). E, três anos depois, no Jornal “Correio da Tarde” a coisa está mais encarnada, tem-se até instituição na chamada: “Club Cyclista Barriga Verde”, festa de domingo realizada pelos sócios, uma “simpática associação, **uma das que mais se esforça pelo adiantamento do Estado**” (JORNAL CORREIO DA TARDE, 1903, capa, grifos meus). Está tudo indo conforme, muito bem por sinal. Logo não haverá mais dúvidas que uma das formas de manter-se na cidade é pela prática saudável de atividades físicas. Não me compreenda mal, o em si delas é BELO, no entanto, o equivocado é a produção de memórias (hábitos) participativa dos mercadores do negócio chamado saúde e bem-estar. Ah, quanta obediência e quão pouco tempo para ver e, saber!

Caso o caro leitor se lembre, no Platô **DOIS** fizemos um tanto emocionado um grito contrário ao que chamamos três misérias, a saber: das virtudes/felicidade/meritocracia, do trabalho servil e da escravidão. Cremos que essa trindade é o que demarcou na história das sociedades ocidentalizadas a profundidade da memória que obedece, numa palavra mais elegante: hábito de obedecer (e seu corolário, o hábito de mandar). Aqui, há também indícios que apontam estas formas há bastante tempo também encarnadas nos fatos da diversão.



Semana alegre. Dias claros e frescos; noites lindas e frias, mergulhadas em luazes de opala. [...] uma **velhinha gaiteira que está a nos fazer fofquinhas lá do Rio, cá não viria nunca**: - morreria lá pela altura de Itajaí. **Mas as nossas**

ruas, os nossos quintais, os nossos casebres, as nossas praias estão a exigir uma visita senão da exma. D. Higiene, pelo menos da muito dengosa sra. Peste. [...]. Os **parisienses** receberam a cólera a gargalhadas, e o célebre explorador indiano fez fiasco ao aparecer nos **boulevards**. É bem possível que em falta de outra coisa, d. Peste, em aqui chegando, se contente com uma penca de bananas que lhe ofertaremos do cais, e vire de rumo...Os nossos **vizinhos de Paranaguá já estão na praia [...]** **prontos a matar o bicho, se a maldita aparecer**...Estou de pleno acordo com os excelente compatriotas: - **matar o bicho é o preservativo mais seguro e pronto** (A PÁGINA 1900f, p.4, grifos meus).

Esta crônica, a nosso ver, com a devida **coragem da verdade**, é o mais próximo que encontramos do que se costuma entender como o início da relação do ser humano com o banho de mar em termos biopolíticos, i.e., como estratégia que intervém sobre a vida, ampliando-a, buscando controlar seus acidentes, o aleatório.

A saber: começa com um desenho que vai deslocar do mistério e de toda espécie de medo para uma “nova harmonia do corpo e do mar” através de uma série disjuntiva de discursos: alívio da angústia contra “a melancolia e o *spleen*”, refrigério das “novas ansiedades” próprio das “classes dominantes”, é justamente esses elementos que compõe a receita para o “discurso médico consagrado às virtudes da água fria do mar”, e assim “médicos e higienistas exprimem o receio e o desejo juntamente com o conhecimento científico”, e, mais tarde, os próprios discursos escapam ao controle ao produzirem (ou encarnarem) como práticas de banhos de mar (CORBIN, 1989, p.69).

Portanto, mesmo que muito sutilmente, temos nesta página uma das primeiras pedras para, na fabricação do *homo faber*, criar-se a PRAIA para banho. És tão somente um dispositivo, que atua discursivamente e no interstício da palavra (en)cantada, que dá uma forma de vida e não leva em conta nenhum fundamento do ser. Tem-se que inaugurar o primeiro elogio que encontro⁴¹ do banho de mar

⁴¹ Obviamente que minha pesquisa é limitada. Pois, mesmo que algumas fontes estejam disponibilizadas na internet, várias delas, na Biblioteca Pública de Santa Catarina, encontravam-se interdadas.

justamente pelo medo da morte. Ah, muitos séculos antes pela transmissão oral Epicteto⁴² anunciava:

As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões sobre as coisas. Por exemplo: **a morte nada tem de terrível** ou também a Sócrates teria se afigurado assim, **mas é a opinião a respeito da morte – de que ela é terrível – que é terrível!** Então, quando se nos apresentarem **entraves** ou nos inquietarmos ou nos afligirmos, jamais consideremos outra coisa a causa, **senão nós mesmos – isto é, as nossas próprias opiniões** (2012, p.17, grifos nossos).

Com ideias de morte, atraso e toda negatividade encarnada no tempo, a Cidade parece cada vez mais entrar na onda do progresso, aceleração dos modos de vida ditados pela proliferação que não cessa de encarnar de dispositivos de toda sorte. Algo já tratado por Sevcenko (1998, p.7-48) sobre o desenvolvimento da civilização “dos belos tempos”, a partir da “segunda revolução industrial”, datada da passagem final do século XIX e primeiras décadas do século XX, que regenera cidade e cidadão de modo “tão completo e tão rápido”, num “processo dramático” que transformou hábitos, convicções e modos de percepção numa época conhecida como “*Belle Époque*”.

Belle Époque com sua **classe de lazer**. Para Corbin (2001b, p.66), analisando a França no fim do século XIX, foi no fim deste surge uma

⁴² Um dos grandes nomes do estoicismo juntamente com Sêneca. Epicteto nasceu em 55 d.C. e morreu por volta de 135. Filho de uma serva, recebeu o nome comumente dado aos servos na Antiguidade, e assim seu nome significa “adquirido”. Quando se tornou liberto estudou e lecionou na cidade tendo uma vida absolutamente despojada. Tinha saúde fraca e era manco e, como Sócrates, nada escreveu, sendo que se seu pensamento nos chegou é devido ao seu aluno Lúcio Xenofonte, cidadão romano de origem grega que compilou suas aulas. Por isso o Manual de Epicteto tem este título, pois é transmissão oral e não da ordem da escrita. Em suma, a sabedoria estóica aponta que **com sabedoria o homem pode bem viver e bem morrer** (DINUCCI, 2012, p.3-8). Portanto, absolutamente fora do esquadramento da *bíos-politika* aristotélica, ou do biopoder que estamos em análise.

“classe de lazer”, a rigor, “internacional para a qual o consumo improdutivo e ostentatório do tempo é uma proeza, uma façanha”. Classe de lazer que aprofunda o antagonismo “entre esterilidade e criação” (IBID, idem).



Nesta Cena (5), tendo como interesse a questão acerca da emergência da nova sensibilidade junto ao mar/praias, interessa-nos destacar uma dada prática realizada por uma dada classe de lazer: o piquenique. Não que esta mesma classe do lazer não se ocupasse com outros divertimentos, como jogos de bola (na prática do futebol) e jogos no mar (com a prática do remo)⁴³. Contudo, como nossa tarefa não é inventariar o máximo possível, procuramos nos manter fiel na construção do objeto na cidade em seu tempo histórico. O jornal “Gazeta...”, nos ajuda a explicar a relação biopolítica com a tal classe do lazer. Estamos em 1909, entre os dias 6 e 7 de dezembro,

Vem chegando a promissora de dias intoleráveis a estação calorosa. O calor já mal se suporta e por isso **nossos Clubs preferem substituir os ruidosos bailes pelos magníficos e salutareis pic nics, nos aprazíveis arredores de nossa cidade.** Ai por essas praias sempre batidas de uma aragem sempre fresca e amena, em uma abundância de atmosfera bem oxigenada e pura, **desertam as dispepsias, são bem digeridos os tradicionais churrascos com que tanto já se identificaram os nossos habitantes do Sul.** A música parece ter outros encantos, tudo **transpira viço, alegria e despreocupação.** Fogem as nostalgias e ao doce tom dos beijos marinhos, a alma inteira **deixa-se dominar de um gozo indefinido e santo!** Foi o que **gozaram os convivas do Club 12 de Agosto nas horas do último domingo do mês passado.** [...] **Não há dois seres iguais não há duas impressões bem uniformes!** GAZETA CATARINENSE, 1909b, capa, grifos nossos).

⁴³ Sobre o Remo ver Sartori (2013); e sobre o nascimento do futebol na cidade ver Jorge (2013).

E, no dia seguinte,

Por um descuido saiu ontem com falta de um período inteiro, o que altera profundamente o sentido, a crônica do título acima, pelo que deve-se ler: **Escrevia eu esta crônica quando, abstraindo dela, comecei a pensar nos grandes naturalistas e nas suas grandes obras geniais, entre os períodos. Enfim, Deus os ajude [...]** (GAZETA CATARINENSE, 1909c, capa, grifos nossos).

Aqui só podemos agradecer o acesso a esta fonte. Oportunidade para que este fragmento nos aponte mais memórias. Alimentar, saúde e lazer sob DIVERSÃO. A classe de lazer é o corolário para uma das inaugurações dos convescotes na Cidade da Diversão. Quer dizer, esta mesma classe que se apropriou dos jardins para seu footing, “elemento capital da vida burguesa” (CORBIN, 2001b, p.103), também vai operar outra domesticação da natureza, de modo a assegurar “a tranquilidade do espaço privado” e, oferecer “um cenário ideal à vida em família”, “após as tarefas obrigatórias da cidade” (idem). Trata-se da invenção dos piqueniques pela classe de lazer.

A Cidade está modernizando – acesso à água, esgoto, logo mais energia elétrica. E, o verão, este rapaz sempre impagável já começa a dar o ar de sua graça. Então, a *Belle Epóque* em sua classe do lazer, agora na Cidade da Diversão chamada Florianópolis, vai inventando seu tempo livre ao ar livre.

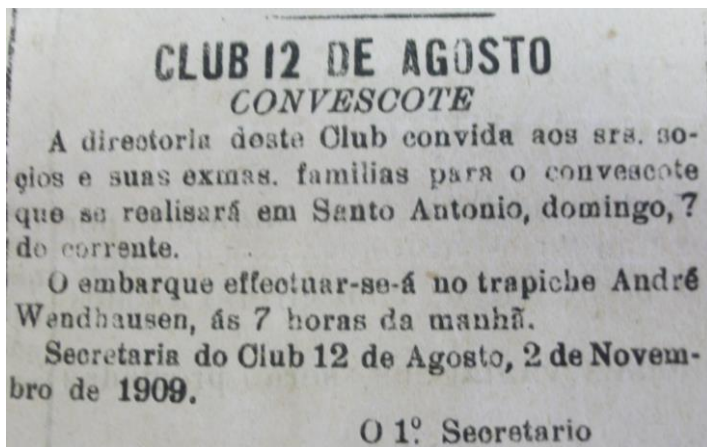


Figura 3: Novo Mercador na Cidade da Diversão promove Convescote
 Fonte: Jornal Gazeta Catarinense, 5, Nov, 1909d, p4

Ah, clubes, estes espaços fechados vão paulatinamente se apropriando cada vez mais dos aparentemente espaços abertos da cidade (praças, praias etc e tal). Aliás, a estes clubes, cabe uma crítica do próprio Huizinga critica (2012, p.228): estas instituições antigas, “sede de amizade e lealdade”, e, também “fonte de sectarismo, intolerância, desconfiança”. Reforço dos familiares no jogo de dar-receber-retribuir um novo símbolo de distinção social: o piquenique da classe de lazer burguesa.

Essa mesma chamada estava na mesma página do dia anterior, a 4 de novembro de 1909 no Jornal “Gazeta...”. O que significa que aquela elite representada pelos redatores de “A Pagina” cresceu. Tornaram-se Figuras dos **Clubes** das **elites** o **novo** Mercador de Florianópolis. Não diremos que na Desterro não existiam os tais Clubes, mas entendemos que eram mais familiares no sentido da província.

Explicamo-nos: o par *idos-genos* que nos indica o ser na participação na Desterro envolvia aspectos provincianos: festas religiosas, com bebidas e comidas apontam no comemorar-a-Ação práticas menos biopolíticas do cuidado com a saúde e o corpo. Então se aqueles ditos expressam um fato verdadeiro (e essa nunca foi nossa questão aqui, a de procurar por uma estrutura epistêmica da verdade), de que “o café não era bem café” (JORNAL REPÚBLICA, 1891, p.2), causando alguns transtornos gástricos-intestinais (sintomas amplos pois só temos gargalhada e cinismo daquele narrador), segue-se que é

possível inferir a partir do manejo do concreto (do empírico) que aquela sociedade ainda não estava totalizada com o biopoder, nos termos das normas que apontam o bem-viver no corpo e na saúde atravessados pela racionalidade biomédica. Ora, defendemos que o biopoder (biopolítica e disciplina) serviram aos mercadores dos Negócios da Cidade da Diversão. Assim, no contexto da então Desterro podemos afirmar que é da ordem do ócio a invenção do tempo livre. Portanto, menos constrangimento e mais bebedeira, perdoe-me, mais comemoração. E o que temos para comemora-a-Ação depois de ontem (Desterro)?

Toda uma intensificação dos ritmos acelerados e dos corações a mil da Florianópolis que busca evidenciar-se e DIFERENCIAR-SE para ser a MESMA, como as demais capitais do país, Rio e São Paulo.

Se para encarnar, uma dada invenção do chamado tempo livre precisa de investimentos por todos os lados, então temos aqui em Florianópolis todo um conjunto de memórias que atuam no avanço do biopoder deste território, um pedacinho de terra cercado de mar, e, de belezas sem par.

Memórias que vêm antes da História. E, o tempo, senhor de tudo, vem antes da Memória. Ah, este moleque incorporal que como uma brisa leva exprimíveis, sensações, calafrios e promove toda sorte de afetações. Àqueles mais suscetíveis de serem afetados, o são simplesmente pela participação. Por isso que as coisas iniciam pelas classes ou elites de uma localidade. Não apenas pelos meios materiais que dispõem, mas também pelos corpos que vão nascendo (intelecções, sentimentos), enfim, toda uma paixão que apresenta algum invisível se manifestando.

Espécie de aceleração, demarcada na série de imagens, discursos, valores e práticas que já percorriam as principais cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, a exemplo do que mostra a historiografia das primeiras décadas republicana descrita em Sevckenko (1998) sobre a irradiante cidade carioca. No fundo, trata-se sempre de um inusitado e disjuntivo arranjo que SEMPRE contribui nas forças conservatórias do Estado. E a onda para se modernizar foi aqui efetuada pela trindade das Polícias dos Jornais: “O Dia” era a autoridade oficial da elite dirigente política; e aqui temos a “Gazeta Catarinense” como a autoridade oficial da elite dotado com o pensamento burguês da Cidade. Poderiam seus elementos coincidir? Sim, nada de estranho frente a tanta equivocidade do ser. Chamamos mais uma atenção.

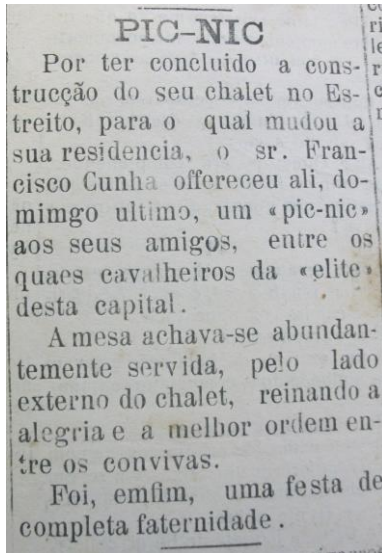


Figura 4: Proto-Mercador na Cidade da Diversão divulga Convescote
 Fonte: Jornal Correio da Tarde, 21, Abr, 1903c, capa

O Correio da Tarde é um periódico que se esforça em se representar como um “jornal imparcial”, tanto por se autodenominar assim, quanto por apresentar-se no jogo concreto das disputas simbólicas da Cidade sua condição de oponente do “órgão oficial” “O Dia” (CORREIO DA TARDE, 1903d, capa). Mas há também há equivocidade do ser. Pois se veste como opositor das ideias daquele então não é imparcial. Ademais, comunga de mesmas notícias de convescotes.

Ao que nos interessa, todos os fragmentos até aqui em análise indicam que a “vida rural” não foi apenas descartada, muito pelo contrário. Vai encarnado, paulatinamente, como memória, como hábito, como ideia formando na sua própria função enquanto atividade de diversão a comunicação de que “jornadas campestres convidam a revisitar a natureza segundo estilos de vida que se codificam e que os muitos ‘*déjeuners sur l’herbe*’ da pintura inglesa ou francesa irão estilizar com a renovação que o impressionismo traz” (CORBIN, 2001b, p.103, grifos do autor). Mas, só vale para as “classes dominantes” (p.104). Classes de um tempo que parece seguir “o modelo da sociedade de corte do século XVIII”, inscrita ainda, sob a égide de “temporalidades imaginárias de um tempo essencialmente consagrado à

sociabilidade e ao *otium*” (CSERGO, 2001, p.149). Quer dizer, footing, piquenique assim como outras práticas de diversão estão inscritas nos ecos destes corpos. Criam tempo de “ociosidade” voltado para o divertimento e satisfação do prazer, (p.139), elemento do fator lúdico, e, ao mesmo tempo vai contribuindo numa produção de produto e produção de demanda na emergência de uma indústria do lazer pelo consumo. Mas, que não se engane, “tudo é apenas consumo ruidoso do lazer” (p.150), por isso o que há é a consolidação do complexo distensão-distração. Não se tem frestas nas formas de vida alienadas.

Ademais, esta Cena (5) nos serviu para pensar numa questão que durante algum tempo nos inquietou: Qual a racionalidade envolvida nos jornais que tanto divulgam desde o início do século XX declarações, quase prescritivas, acerca das benesses dos exercícios físicos e práticas alimentares? E, por que, aparentemente, estas prescrições não significam imediata colagem ao real daquela época?

Basicamente por estes motivos (e sua conclusão): 1. A classe de lazer de Florianópolis, em que pese a mudança de nome da Cidade, ainda carregava em suas memórias profundas, antigas, o hábito da elite desterrense, que de fato, tinha no significado do ócio uma inoperância, inatividade para com exercícios corporais. Por isso banho de mar até aparece nas fontes, mas, no máximo, como comparações com outras cidades que já realizavam tal prática; 2. Mas, há avanços de um poder, a biopolítica, que se inicia na Cidade com o pensamento da intervenção biomédica junto à produção da vida. 3. Portanto, na nova invenção dos usos do corpo no tempo livre foi o Pic Nic a **acontecer** antes da emergência do banho de mar. Afinal de contas essa classe de lazer ainda não tinha **participado** suficientemente de **trabalhos** para encarnar uma prática como o nado, a marcha, enfim, atividades corporais junto à natureza. E, aqui, Cabral ainda tem razão: ainda é prazer de ver e não fazer. Contudo, também encontro uma dada prática de piquenique, e, quando a relaciono com um tal sujeito-no-mundo. Permito-me pensar que há sempre condições para FRESTAS de RESPIRO.



Retornemos aos ditos do marinheiro Várzea,

Era manhã. O sol faiscante e vivo, punha no ar uma mornidão trespessante e amolentadora. Eu caminhava alegre e silencioso, sozinho, alagado de luz. O caminho alongava-se-me ante

os olhos, planuroso, largo, branco, convidativo. Marginavam-no ininterruptamente verdurações pujantes e fecundas, donde saiam chilreamentos doces de ninhos, exalações fortalecentes de vida. **Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pinoteadores, que correm, trepam, gritam e strafegam na distancia livre e precisa que vai do lar ao mestre, desapareciam ao longe.** Voavam as borboletas. Aqui e além, desciam riachos, cruzando a estrada, sob pontes rústicas de madeira, num rumojeramento eterno e cristalino. E ao lado das casinhas alvas, limpas, enrozeiradas e agrestes, cheias de felicidade tranquila e virginal do campo, assoberbavam as cercas de pau à pique, irrompendo numa vegetação impetuosa e indomada, as sanguíneas e revolucionárias *pancetas* que recitam gritos da república, saídos de entre a monarquia das árvores (VÁRZEA, 1888, p.2, grifos meus em negrito e grito do autor em itálico).

Voltamos a 1888, ano da abolição, na cidade de Desterro, mês de setembro, e já declarara como lei a abolição. O que a rigor não impede práticas de discriminação de todos os corpos que não se assujeitam aos imperativos éticos e estéticos de uma política do bem-viver. Melhor deixarmos para lá.

O catarinense Virgílio Várzea em 1888 publica em Florianópolis “Pela estrada afora”, e anos depois, já em 1908, no contexto da excursão da “Liga Marítima”, participa de um “pic nic”, oferecido a ele, na Barra da Lagoa, e, dias depois, num jornal local da cidade publica carta solicitando providências ao governante local sobre a situação “nesse lindo povoado de pescadores, com uma população escolar superior talvez a cem crianças [...] tristemente analfabetas”. Nestes fragmentos do passado trataremos uma prosa do mundo e suas condições **e(st)éticas**.

Inicialmente há tipo de celebração acerca dos elementos da natureza ambiental expressos no enunciado: “o sol fascinante e vivo, punha no ar uma mornidão trespassante e amolentadora. Eu caminhava alegre e silencioso, sozinho, alagado de luz”. Várzea expressa em seu ente no mundo uma dinâmica de seus corpos, i.e., na paixão da escrita que rememora contatos com a vida ao ar livre há celebração da vida em

si. Elementos como sol, ar e luz que tanto aquecem quanto amolecem parecem produzir seu caminhar alegre e sozinho. No **em si** de Várzea, há, portanto, tipo de extravasamento daquele que antes de escrever acumulou contatos com outros entes no mundo, sejam eles corpóreos (outras memórias, outros sentimentos, outras emoções, outras intelectões) sejam eles incorpóreos (contatos com outros lugares, outros tempos, outros sentidos, ou mesmo outros nada). Mas o nada é uma palavra sempre à espera de tradução.

Retomemos que o Belo é um “estado estético” que, não pelo caminho da negação, mas da afirmação, oportuniza a quem o frui certo apaziguamento, tal estado de quietude. Momentânea parada de sofrimento no mundo repleto de dores e divisões.

Nestes termos, há uma genialidade em Várzea, principalmente por conseguir comunicar a verdade do mundo, suas Ideias através de sua intuição (que não é faculdade cognitiva, racional, intelectiva), ou seja, há uma intuição estética comunicada pelo gênio quem escreve “Pela Estrada afora”.

No contato com a natureza ambiental Várzea nos diz: as borboletas voam! Os rios descem ali e aqui num eterno e cristalino percurso. Uma vida virginal nos campos repleta de “simplicidade tranquila”. Ouçamos, pois, o nada, esta condição para o sublime. O NADA é justamente ausência da consciência do ego. Ou melhor, e vinculado ao hábito, o hábito é contração e, expansão. Explicamos.

De acordo com Deleuze, Hume já sabia disso quando declara que “a repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla” (DELEUZE, 1968/2006, p.111). Quer dizer que o que há é apenas o “presente vivo”, visto que passado e futuro “não designam instantes, distintos de um instante supostamente presente, mas as dimensões do próprio presente, na medida em que ele contrai os instantes” (idem, p.112). Por isso há uma síntese que também podemos chamar de hábito. Síntese das sucessivas afetações do corpo/espírito simplesmente por **participar** deste mundo. Síntese é, seguindo Deleuze, duração no sentido de Bergson, quer dizer, há tão somente uma contração do hábito numa impressão qualitativa e interna.

O que poderia levar ao limite da afirmação de que tudo não passa de opinião. Olhar a mesma Cena que Várzea e simplesmente não achar nada significativo do que ele escreveu. Até aí sem problemas. Mas, contanto que a opinião esteja numa disposição que parta do espírito, e não de alguma força mais ou menos coercitiva (ordens, instituições,

moralidade, filosofias etc.). O mais interessante dessa conversa toda é que o mundo está repleto de signos (mais ou menos visíveis) e que todos eles comunicam alguma coisa. **Mas nem sempre o receptor dá conta deles.** Por isso o losango ontológico do ser necessariamente precisa ser circular, fundir VIDA=MUNDO; HÁBITO=FUNÇÃO. Que não se confunda com nenhuma ideia (evitei isso a todo momento) do uno, do perene e do eterno. Não somos este deus cristão e teleológico que aponta algum sentido para o fim (do mundo).

Finalmente, à questão colocada por Deleuze (1968/2006, p.116) parece ser apropriada tanto ao tempo que vivi quanto do de Várzea: “A questão é saber se o próprio eu não é uma contemplação, se não é em si mesmo uma contemplação – e se se pode apreender, formar um complexo e formar a si próprio a não ser contemplando”.

Perceba que a posseção de algo que no curso do tempo poderá na analogia **ser** identificado como hábito é a contração de algo, certo? Então o hábito extrai da repetição (do cotidiano) algo de novo, sua DIFERENÇA. Por isso é contração. Ou melhor: “é contraindo que somos hábitos, mas é pela contemplação que contraímos” (idem). Ah, maravilha de argumento intuitivo-filosófico! E, apresento à História.

Então Várzea contemplando seu em si no em si de algo que oportunizou sua Grande Prosa no Mundo encarnou na linguagem os afetos e memórias de seu tempo. Brincadeira de crianças, elogio à república. Conseguiria ele intuir tais elementos, se os tratasse na sua própria equivocidade (educação também reprime e brincadeiras podem machucar)? Quem seria tolo de não incluir na análise essas possibilidades? E, no entanto, apenas observo, sozinho e afastado (ou nem tanto) que preso ao ser na equivocidade e nas dores do mundo não haveria Prosa para contar (e nos deixar).

Por isso a Prosa de Várzea nos faz sentido. Este catarinense, num contexto ainda muito próximo ao da escravidão conseguiu, em partes, liberar-se de toda uma produção discursiva, de poder e de saber no mundo da cultura. Agora damos um salto no tempo (este incorporal), e, antes que ele nos pegue.

Anos depois, em 15 de abril 1908, o mesmo marinheiro, então residente na capital federal, vem à Santa Catarina numa excursão visando promover a “Liga Marítima”, organização com fins de divulgação e valorização dos usos do mar junto ao desenvolvimento político e econômico das cidades. Conforme jornal de Florianópolis, “é uma bela demonstração [...] a criação da Liga Marítima Brasileira [...]

como reação patriótica à inexplicável decadência a que chegou a nossa marinha de comércio [...] [e] tivemos ocasião de ouvir nessa memorável conferência [...] nosso talentoso e estudioso patrício, o laureado escritor Virgílio Várzea, com a emoção de quem fala de um grande assunto [...]” (GAZETA CATHARINENSE, 1908a, capa). Do que se trata a tal Liga Marítima Brasileira?

Com Foucault (2008) há em curso na sociedade uma ampliação das forças do estado, que mesmo para tratarmos da “segurança” e paz de sua população lançam técnicas e tecnologias que capturam toda forma de vida. Nestes termos o referido jornal ao elogiar em seu meio a tecnologia política que cria a “Liga Marítima Brasileira” cumpre nada menos que sua função social ao se estabelecer como agente policial das condutas humanas. Embora estejamos no contexto republicano de Florianópolis, com o curso da formação com segurança de seu território e sua população, o que temos, na verdade da sociedade, é o desdobramento da natureza social do ser humano através da vida na cidade. Que o bem-viver agora se dê na abertura utilitária ao mar. Negócios ao mar! Desdobramentos das questões da *bíos-politika*, que envolve uma antiga relação ser humano e sociedade. De muito longa duração. Por isso também se leva tempo para as coisas mudarem, visto que há muito fantasma para se liberar. Retorno à Várzea.

Enunciava ele em 1888 que ao lado da vida tranquila e feliz do campo, concorria a esta, “numa vegetação impestuosa e indomada, as sanguíneas e revolucionárias “pancetas” que recitam gritos da república, saídos de entre a monarquia das árvores”. Percebam que as “pancetas”, termo em destaque do autor, e que podemos traduzir por “barriga”, pois vem de pança, são carregadas de positividade. O que significa que o exprimível do texto (aqui, incorporal) está carregada de toda uma esperança na república pelo por vir dos sujeitos daquele tempo.

Lembremos que a república instalar-se-ia no país pouco menos de um ano, a 15 de novembro de 1889. O que temos então, amparados numa Filosofia do Acontecimento, é que esta Prosa ao mesmo tempo que traduz um sentimento estético, do sublime, também é carregada com as promessas de uma civilização melhor (que hoje sabemos não ter se realizado para todos os viventes). Corpos e incorporais que mutuamente estabeleceram uma produção de naturezas (humana, ambiental e social) embora plurais, possíveis de serem correspondenciais. A rigor temos atualização dos entes através de sucessivas (disjuntivas e sintéticas) atualizações.

Mesmo um evento que aparentemente pode ser inofensivo, como um piquenique realizado às vésperas de completar 20 anos da abolição da escravidão também revela indícios que a natureza ainda não se afirmou na existência do ser humano. E Várzea vai ao “Pic-Nic”, oferecido pelos herdeiros do poder, junto à natureza ambiental da Barra da Lagoa.

Lá, a 12 de maio, um “caminho todo repleto de incidentes agradáveis e interessantes, proporcionava uma viagem bela e feliz” de “inebriar a vista”, sendo que após “servida a primeira refeição, frugal e regada com café [...] tomamos todos em direção a margem da lagoa, onde, dentro de uma canoa, [...] suspendemos vela e fugimos de terra, em busca do oceano” (GAZETA CATARINENSE, 1908b, p.4). Ditos que apresentam em suas partes fraturadas certa experiência no mundo. Por que partes fraturadas?

Pois, na totalidade do olhar do poder que realiza processos de toda sorte que subjagam, tornam-se imperativos, apontam condutas, há em curso uma subjetivação do ente humano pela natureza social. Esta que se realizou como Filosofia da Representação que buscou nas imagens e palavras, textos e verbos modos de afirmar não a diferença, o novo, mas, a REPETIÇÃO do mesmo através do enquadramento, do conceito.

Numa palavra, as figuras de conteúdo na Filosofia da Representação mataram, desde o início da nossa História, possibilidades do ser humano em se realizar como ente no mundo. Tornou-se, no fim das contas, o sujeito mesmo do poder, do saber, da arrogância e da miséria do próprio mundo.



O amor da mentira,

Quando eu te vejo passar, ó gata
preguicenta,

Ao som de instrumentos que se esfarelam
no teto

Nesse teu andar de dança harmonioso e
lenta,

O **tédio** passeando no teu olhar profundo e
quieto;

Quando contemplo, à luz do gás que a
deixa corada,

Tua face pálida, embelezada por um
mórbido trato,

Onde as tochas do anoitecer ascendem
uma alvorada,

E os teus olhos chamativos como os de um
retrato,

Digo-me: como é bela! Com um ar
estranhamento puro!

A saudade maciça, torre de real e de
pesado esplendor,

Coroa-a; o coração machucado como um
pêssego maduro,

Está como o seu corpo pronto para a
sabedoria do amor:

És fruto de outono de sabores excitantes?

És o vaso fúnebre esperando algumas
dores,

Perfume que faz sonhar nos oásis
distantes,

Travesseiro carinhoso, ou coroa de flores?

Sei que existem olhos, dos mais
melancólicos,

Que não encobrem algum segredo precioso
com véus;

Belos cofres sem joias, medalhões
bucólicos.

Mais vazios, mais profundos que tu
mesmo, ó céus!

Mas não bastaria que tu estejas em
aparência,

Para alegrar um coração que foge da
certeza?

Que importa tua idiotice ou tua
displícência?

Máscara ou ilusão, bem-vinda! Amo tua
beleza (BAUDELAIRE, 1857/2008, p.56-7, grifos
meus).



Ah, flores do mal que evocam o amor e morte no cotidiano! Aqui, anunciadas no Pic-Nic à Barra! Pois, por um lado se foge da miséria da cidade “em busca do oceano”, por outro, quem nos apresenta este fato histórico que tratamos como Acontecimento é o próprio local de poder (nas páginas do Jornal), fruto das ideias de Estados, de povo, de sociedade. Relação equivocada de poder-saber que subjuga, produz verdades e sujeição. Lesiona consciências através de seus jogos discursivos sociais que, no limitem, parecem ter contribuído para um dos desdobramentos do complexo distensão-distração: o tal do tédio.

O tédio na cidade trata-se da “incapacidade do indivíduo de produzir tempo para si próprio” (CORBIN, 2001a, p.13). Tédio, tempo pesado, carregado de melancolia, tempo de passividade, que se “perde na inexistência” (idem). Ora, não seria justamente aí que reside um dos desdobramentos do complexo da distensão-distração? Quer dizer, se diminuem os espaços, as frestas, para o Ser (seja lá como ele queira se definir) em praticar a si mesmo na sociedade, então, nada mais lógico do que lamentar a falta de tempo para se inventar. Ainda bem que neste jogo há sempre alguma prática de si possível de, na própria tensão, resistência, revelar certas mentiras. Retomando...

Percebam diferentes incorporais no mesmo local de poder chamado jornal Gazeta Catharinense. Antes, ao anunciar com sua palavra encantada do mundo de cultura certo chamamento patriótico para a república e prosseguir ora com processo de civilizar, ora com formação de seu território com sua população, constava neste local de poder elementos de significados de sentido (incorporais) no privilégio do destaque na **capa**. Mas AGORA, o mesmo local de poder, para anunciar certo contato com a natureza ambiental, desloca o privilégio de anunciar um fato para a **página 4**, dando por certa menor visibilidade de um certo acontecimento que parece ser mais precioso, rico, do que configurações entre jogos de interesse no social. Mas AGORA, não será mais esquecido que fugir da cidade em busca do oceano tem **em si** algo elogioso. Que venha a Verdade!

Mundo este que recebido como herança da natureza, buscou-se nos modos de apropriação e de fabricação dos objetos de cultura sua vã tentativa de realizar-se através do pleno uso da razão esclarecida. Razão da dominação do homem pelo próprio homem, razão da dominação do homem para com a natureza ambiental em suas esferas animal, vegetal e

mineral. Razão da dominação que se auto-afirma nas derivadas formas de controle e de sujeição nas sociedades ao longo da realização do ser humano como sua auto-representação no tempo-espaço. Eis porque a natureza social na história é sempre uma batalha dos jogos representativos, que distinguem, separam, fraturam o ser. Eis porque um jornal do tipo sofista com seus jogos retóricos produz um discurso com seus efeitos de verdade numa capa, e outro numa página mais adiante. Mas aqui recoloco a experiência do invisível, das frestas de uma vida ao ar livre como potência de liberação do mesmo ente que se enclausurou. Rumo à condição **e(st)ética** através das práticas de si, da escrita de si como reflexão de suas condutas morais em seu ser-no-mundo.

Dias depois do evento e das comemorações da abolição da escravidão, leia-se, do aprofundamento das ideias republicanas pelo Estado de Santa Catarina, uma carta do marinheiro ao governante local da cidade pedia pela escolarização: “nesse lindo povoado de pescadores, com uma população escolar superior talvez a cem crianças [...] tristemente analfabetas [...] sou levado agora, [...] a solicitar-vos a indispensável e urgentíssima criação, naquele povoado [...] de uma escola” (VÁRZEA, 1908). Ora, se antes a situação estética do Pic-Nic era jogada para a página do 4, AGORA, na capa de sua visibilidade, menção sob o título que relaciona nomes e suas coisas. Em verdade encontrei durante muitas edições deste periódico os termos “Liga Marítima” e “Virgílio Várzea”.

O que significam para este que investiga é que a produção da escrita no mundo sob a forma das figuras de poder (neste caso, os jornais) em termos operacionais não é muito diferente do que Merleau-Ponty antes apontava: estes escritores (jornalistas, cronistas, editores) capturam expressões no mundo com suas estratégias de vestir, nas palavras, as coisas chamadas de representação. Teríamos que buscar neste limite formas de perverter o bom senso da representação. Último salto, agora para antes da republicana Florianópolis.

Estamos na Desterro sob a conjuntura das forças para libertação da escravidão. Havia deixado um destaque ao que entendo como grande prosa do marinheiro Várzea: **“Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pinoteadores, que correm, trepam, gritam e estrefegam na distancia livre e precisa que vai do lar ao mestre, desapareciam ao longe”** (VÁRZEA, 1888, p.2, grifos meus).

Pululam aos meus olhos, ouvidos, paladar, nariz e pele, pensamentos. É que a carta de Várzea só foi possível porque anos antes,

em meio às condições contemplativas da experiência do Belo, pôde o marinheiro recolocar-se como sujeito no mundo de cultura através da natureza ambiental. **Mesmo como sujeito é possível práticas e(st)éticas.**

Explico: o começo do poema era “Estrada Afóra”, inicia com elogios dos mais variados à natureza ambiental. E, no decorrer deste, houve como num salto, uma correspondência da estética com a ética. Isto é, já expressava desde SEMPRE, guardado num poema empoeirado de jornal que ninguém mais lê sua intuição estética. Permitiu então VER que os diversos movimentos da NATUREZA parecem se influenciar. Virgílio, assim, praticou inter-relações de seu em si com o em si de alguma coisa (que não nos compete comentar) além de declarar: é elogio ao lúdico!

Práticas lúdicas, de brincadeiras e jogos dos meninos “pinoteadores que correm, trepam, gritam e estropeiam na distância livre e precisa” é justamente a medida da **coisa em si** que relaciona vontade e potência (algo que Nietzsche prosseguiu a partir de Schopenhauer). Portanto é possível ver contornos das três naturezas (humana, ambiental e social) na participação daquele que Escreve algo ao Mundo.

Indissociabilidade destas naturezas que se tornam AGORA, na fresta do artista visível, possíveis de serem tratadas como IMPULSO todas elas, e nos termos estéticos, do contato incorporal-corpo. Pois algo contraiu no ente Várzea entre sua multiplicidade de corpos – lembranças, sentimentos, razões – a possibilidade real da sua contemplação.

E relembremos: o impulso é a causa verdadeira do SER, não um modelo ideal, mas uma Potência que permite ler o UNIVERSO em seus dois planos de SER: o da FORÇA, o próprio impulso; e os ACONTECIMENTOS que se sucedem na analogia.

E parece que sempre que estamos com os MESMOS elementos (dentro e fora), água, terra, luz e ar há a real condição da contração e, experiência do Belo. No limite, a expressão de si através do contato (participação) com o em si da coisa permite a criação dos “*signos*” quem envolvem “o heterogêneo” e animam “o comportamento, pois cada contração, cada síntese passiva é constitutiva de um signo que se interpreta ou se desdobra nas sínteses ativas” (DELEUZE, 1968/2006, p. 115, grifo do autor). Por isso há na atividade do gênio (e todos podem aspirar à tal) a função de alguma comunicação através da contemplação.

Eis que então Várzea veio e contou ao mundo o BELO que ele mesmo reconheceu (ou rememorou). Portanto, o invisível saltou e permitiu uma e(st)ética da na sua existência. É um fazer da obra do artista, do gênio (estas figuras sem conteúdo), na escrita própria da prosa, da sua poesia, e, que revelam uma **prática de si**. Daquele que tem muito prazer no que faz. O “prazer não é simplesmente um elemento ou um caso em nossa vida psíquica, mas um princípio que rege soberanamente esta vida em todos os casos”, o prazer é, pois, “um *princípio*, na medida em que ele é a comoção de uma contemplação plena que contrai a si mesma os casos de descontração e de contração” (DELEUZE, 1968/2006, o.117, grifos do autor). Fantasticamente **princípio** do PRAZER que rege entre a **descontração** (distensão, alegria) de uma escrita desimpedida, no ofício livre das regras e coerções, a própria condição para algo do em-si do mundo que se dá a encarnar no entusiasmo da própria Ação. Magia com elementos dinâmicos e simpáticos entre as naturezas que participam de algum acontecimento.

Ora, não estaria aí toda a Potência desta magia em se converter a si mesmo? Conversão no próprio sujeito da relação de si para consigo mesmo, afastando-se das preocupações morais de toda sorte que constroem, e AGORA “pode-se, então, voltar-se para o próprio passado [...] e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará” (FOUCAULT, 2014a, p.84).

Tipo de relação agonística na qual o ente RESPIRA, mesmo que por uma brevidade, por entre o enclausuramento do Mundo de Cultura e possibilidade de gritar alguns anos depois, e com muita civilidade, um GRITO ao mundo da sociedade: as crianças daquele “lindo povoado” estão “tristemente analfabetas”. MISÉRIA DE MUNDO.

Ora, o que sentimos quando nos deparamos com um lugar repleto de natureza, exuberante e viva, com pássaros cantando, odores de toda sorte disponíveis? Intuo que há uma sinestesia, esta faculdade dos sentidos que não é exatamente apenas e tão somente ouvir, cheirar, tatear, ver, olhar. Produz PENSAMENTOS. E eu, só consigo borrar estas poucas palavras porque talvez, no fundo de algo, haja de fato um em si da coisa para rememorar. Aqui intuimos que Várzea construiu-se a si mesmo como Obra de arte na participação junto à natureza ambiental, mas não somente. Como é sabido atuou fortemente na política da cidade, do Estado de Santa Catarina, e até ao nível do País. Pois, quando já morava na Capital federal e dentre outras realizações empreitou a

campanha pela “Liga Marítima Brasileira”. Embora é instância do biopoder, é também instanciação do hábito (entre contração e contemplação) da própria construção do ente Várzea que entre suas ambiguidades, equivocidade, simplesmente é mais um caminhante do Mundo.



Dessa forma, chegando à última Cena desta Tese, apresentaremos as Figuras dos Mercadores dos Negócios na Cidade da Diversão. Antecipamo-nos em afirmar que inicialmente apresentamos por um lado o oficial jornal “O Dia”, e de outro a equipe dirigente do então Ginásio Santa Catarina. Duas explicações, ou salvaçãoes: **1)** o jornal “República” até 1900 é um jornal que entendemos (intuímos) como autêntico no sentido de dizer a verdade-de-si perante os fatos da Cidade. Diferentemente de “O Dia”. Pois, quando comparamos com outros jornais, nos apareceu (no concreto, na comparação mesma entre um e OUTRO), que a fabricação deste se dá com critérios mais sofisticados (modernizantes). Por isso não se trata de uma intuição sem a prática empírica daquele que folheou, comparou, e, sem mais a dizer e sem necessidade de se defender apenas se expressa com os recursos (linguísticos) possíveis e, permitidos. E, **2)** deixaremos com as melhores de Cabral, que foi aluno interno do Ginásio:

Logo que entrei para o Ginásio dei, entre tantos companheiros, **expansão ao meu gênio alegre** e chamei assim, **sobre mim, a cólera dos filhos de Loyola, meu educadores...**mas eu **não contava só com algozes.** Tive também amigos, e destes guardo o nome do bom Padre Jorge, do Reitor, o Padre Beck e do velhinho Padre Shuller [...]. **Eram educadores: compreendiam o temperamento de cada um e encaminhavam para o bem as ações dos seus educandos.** Os outros ...[padres] se soubessem os sentimentos que me despertam... (SOUZA, 1993, p.21, grifos meus).

Divertidíssimas expressões de Cabral, que nos ajudam a pedir antecipadamente por desculpas àqueles que não entendendo nossos argumentos vão declarar-nos culpados por alguma difamação destes

senhores. Não é isso o que fazemos desde o início dos Trabalhos. Todos são entes no mundo, envolto pelas ambiguidades que a própria imanência apresenta. E, logicamente, também nos jogos mais ou menos visíveis. Tenho algumas intuições destes padres do Ginásio, e, logo mais apresentaremos nossa leitura. Agora apenas nos servem eles em sua FIGURA de Mercadores (assim como “O Dia”), e, que apresentam formas e ideias até então inéditas na Cidade da diversão. O que sempre interessa ao animador.

CENA 6: Os Mercadores do Negócio na Cidade da Diversão

Retornemos aos ditos sobre o que é o povo,

A sua natureza é monstruosa em tudo, **desigual a si mesma, inconstante e varia.** Governa-se pelas aparências sem penetrar no fundo. É pobre de meios e de ideias: não sabe discernir o falso do verdadeiro. Inclinado sempre ao pior. **Uma hora se vê vestido de dois afetos contrários.** Mais se deixa levar por eles do que pela razão; mais pelo ímpeto do que pela prudência, mais pelas sombras do que pela verdade. Com o castigo se deixa enfrear. Ou ama ou aborrece em extremo. Ou é sumamente agradecido ou sumamente ingrato. Ou teme ou se faz temer. Os pequenos perigos, próximos, o assustam; os grandes, longe, não o espantam. **Ou serve com humildade ou manda com soberba. Nem sabe ser livre nem o deixa de o ser.** É valente em ameaças covarde em obras. **Segue não guia. Na fortuna próspera ou arrogante é ímpio, na adversa, humilde e religioso. Tão fácil à crueldade quanto à misericórdia.** Despreza a voz de poucos, segue a de muitos. Nada o conserva mais obediente do que a abundância, em que somente põe os seus cuidados. Sopesado [se reflete] cai, aliviado, coxeia [anda com dificuldade]. **Ama os gênios fogosos e precipitados e os governos ambiciosos e turbulentos. Nunca se satisfaz com o presente e sempre aspira mudanças, imita as virtudes e os vícios dos que os regem.** Inveja os ricos e poderosos e maquina contra eles. **Ama os jogos e os divertimentos e com eles se ganha sua autoestima. É supersticioso na religião e antes obedece aos sacerdotes; do que aos seus príncipes** (JORNAL REPÚBLICA, 1892, capa, grifos meus).

Estes ditos traduzem certa vontade de SABER como governar. Como governar a pluralidade de entes no mundo, onde cada vez mais nascituros chegam, e a questão de proteção de ambos (do Mundo da

Cultura e dos novos que vem) transita com muita tensão. Então toda uma proliferação de dispositivos pedagógicos atuando no controle, na disciplina, em suma, no governo de outrem. Dito assim, a narrativa acima não nos oferece outra saída além da dupla chave de leitura. Na confirmação: sim, “a natureza do povo é monstruosa”, povo, maldito que deve ser bem-educado, nasce para ser governado, vive de aparências e do véu das ilusões. Mas povo que precisa de tutores jamais será livre! Por isso negamos os belos ditos. Pois, entendemos que o único governo possível é o de si. A chegada da iluminação jamais deveria ter sido interpretada como a confirmação da comunidade política do bem-viver aristotélico.

No limite as questões Políticas se tratam da crítica radical ao modo como nos constituímos como sujeitos (da razão, da paixão, da moral).

Em suma ao problematizar ao **modo** como chegamos a ser o que somos, chegamos às mesmas questões que Foucault (1990), a “crítica” como atitude genealógica de construir uma historicidade de como indivíduos são governados à sua salvação onde há grupos que os ligam numa relação ao mesmo tempo global e meticulosa. Relação detalhada de obediência. Rituais de obediências disjuntivos (das leituras das seções destinadas aos divertimentos, às próprias práticas de diversão).

Dispositivos que atuam da exterioridade através das escolas, dos jornais e de todos os locais de saber que atuam como dispositivos de poder. Quer dizer, como governar é questão desdobrada de, **por que obedecemos**, a partir da emergência destas artes de governo – corpos e almas, instituições, indivíduos e sociedades. Uma postura crítica em estender a questão “Como não ser governado? ”, não se trata de opor “não quero ser governado”, mas de relacionar “como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles” (FOUCAULT, 1990, p.3-4).

Entende Gros (2006, p.136, grifos meus) que a chave da obediência do sujeito ocidental moderno para Foucault se situa no desdobramento, ou tentativa, da resposta à questão “**Quem sou eu?** ”, a partir de si mesmo, quando se trata da “**colocação de minha verdade em discurso**”. Significa que tentar responder tal questão, longe de um sujeito liberado, seria o da maior submissão ao outro. Assim, colocar-se a questão “Quem sou eu? ” e tentar respondê-la é nossa maneira de obedecer (GROS, 2006, p.136). Segue-se que sempre que nos

mantivermos no jogo das identidades estamos, no limite, sendo novamente capturados pelos dispositivos (dos mais sutis aos mais coercitivos).

Eis que na ordem do discurso, há produção de regimes de verdade de modo controlado, selecionado, organizado e distribuído com vistas a dominar o aleatório (FOUCAULT, 2010d, p.8-9).

E o Grande Aristóteles sabia da importância de viver sob o regime do ócio, essa vida livre na maior parte do tempo social. Ócio e escola como raízes. A “*scholē*” grega designava tão somente lugar do ócio. E **esquecemos** essa importante condição para a Política. E parece que temos aqui na Cidade uma importante sequência de acontecimentos que contribuíram nesta situação, a saber: o negócio das virtudes.



E, de volta ao jornal “Gazeta...”, que, antes analisávamos sob o PIC NIC da classe do lazer, a 7 de setembro de 1909 (1909, capa) destaca na sua página principal que “ontem e hoje os alunos do Ginásio Santa Catarina saíram a passeio pela cidade, acompanhados de dois professores”.

E, no Relatório da instituição do mesmo ano destaca-se que a 15 de setembro se realizou novo convescote “oferecido aos alunos pelo p. diretor por ocasião da sua festa onomástica e transferido para este dia”. O piquenique efetuou-se no “pitoresco e majestoso” lugar chamado Ponta dos Naufragados, “a 16 milhas da capital, situado ao sul de nossa deliciosa e encantadora ilha, para onde os excursionistas foram conduzidos pelos rebocadores [...] generosamente postos à disposição pelos cavaleiros [...], aos quais reiteramos neste lugar os mais sinceros agradecimentos. **Aproveitaram os lentes o ensejo para tornar conhecidas aos alunos as ricas e encantadoras belezas da costa do nosso Estado, bem como as inúmeras variedades da nossa Flora e Fauna. As 18h voltaram os excursionistas, todos muito satisfeitos pelo feliz êxito da festa e da viagem**”. (GINÁSIO..., 1909, p.11, grifos nossos).

Que recomeçamos desde os primeiros indícios:

Era “mais ou menos em meados de janeiro de 1906”, quando dois padres receberam por telegrama o chamado para “partir de lá, realmente no meio da noite cheia de neblina, da chácara de São Leopoldo” (DIÁRIO, 1906). Os termos em destaque constam nas primeiras linhas

do diário do Padre Prefeito, escrito a 13 de março de 1906. Início de uma história no momento republicano catarinense. Em 15 de março de 1906, o Ginásio Santa Catarina oficialmente abria suas portas (GINÁSIO..., 1906, p. 3). Este educandário de ensino secundário dirigido por padres jesuítas alemães, no decorrer de mais de um século de existência, passou por algumas mudanças de nomes. Da fundação até 1917, Ginásio Santa Catarina, de 1918 até 1942, Ginásio Catarinense, dessa data até os dias de hoje acompanha a instituição o seu nome atual, Colégio Catarinense⁴⁴.

Instalada na então Praia de Fora (atual Beira Mar Norte, na Rua Esteves Junior), esta importante instituição participa de forma especial de atividades da Cidade.

Um dos mais belos arrabaldes de Florianópolis, senão o mais belo, é a Praia de Fora, porque representa para os catarinenses o que é Botafogo para a Capital Federal: o bairro de *linha*, o bairro *chic*, o bairro aristocrático. Isto pelo lado de seus habitantes, do luxo e da estética e arte de suas construções; pelo lado da paisagem e quadros naturais, ainda a Praia de Fora se parece de certo modo com Botafogo, ocupando, como ocupa, uma área de terreno, ora plano, ora em pequenas colinas e montes à beira-mar, de um pitoresco admirável, posto não apresente lá a natureza o solene, o gigantesco e grandioso do panorama do Rio de Janeiro e circunvizinhanças. **Distingue-se tanto a Praia de Fora dos demais pontos da cidade**, que até a vida catarinense dir-se-ia aí outro aspecto, outras tintas, outras modalidades, revelando-se o bairro, na capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado (VÁRZEA, 1900/1984, p.37, grifos em negrito meus, grifos em itálico do autor).

⁴⁴ Os trabalhos de João Pick (1979), Norberto Dallabrida (2001) e Rogério Souza (2005) são as referências consideradas de maior relevância desta investigação acerca da instituição que já completara um século de existência e ainda assim permite que muita história seja contada. Seguiremos chamando Ginásio Santa Catarina por se tratar do nosso tempo na cidade.

Aquela paisagem que trata Várzea seria o local de nascimento do Ginásio Santa Catarina, o bairro Praia de Fora, atua Beira-Mar Norte, formado por bela natureza que serve como inspiração para o marinista. Além de ser também espaço para distinção social, pois conforme aponta Araújo (1989, p. 25), era lá que “os abastados da ilha, que possuíam suas chácaras nos arredores mais aprazíveis” e se distanciavam “daquilo que consideravam a sujeira e os amontoamentos do centro” da cidade. Contudo a ocupação da cidade pelas elites não será objeto de tratamento maior neste texto. Apenas salientamos que o surgimento de uma instituição como o Ginásio não se faz sem investimentos e estratégias. O que nos interessa é perceber que a paisagem encantadora descrita por Várzea possibilita aproximação da importante questão sobre o projeto da cidade e do cidadão republicano. Nesse sentido parece que há uma apropriação do espaço da cidade (natureza) que serve tanto aos interesses da equipe dirigente do Colégio quanto aos anseios da elite do partido republicano que governava a cidade.

Pactos celebrados entre elite política da cidade e padres professores do educandário jesuítico avançam na materialidade dos acontecimentos. O jornal “O Dia”, a 22 de novembro de 1905, proclamação de que no decorrer do ano de 1905, o “contrato celebrado entre o Governo do Estado de Santa Catarina e a Sociedade Anônima ‘Padre Antônio Vieira’, para a fundação, na capital, de um Colégio de ensino secundário.” (JORNAL O DIA, 1905, capa). Da parte da equipe jesuítica, elogios ao local da instalação do novo colégio, com destaque para as “ótimas condições de salubridade do local” e para a “cooperação eficaz” dos executivos estadual e municipal (JORNAL O DIA, 1906a, capa).

E pelo jornal “O Dia”, a 6 de janeiro de 1906, novo porta-voz dos grupos dirigentes da política no estado, palavras de que “o educandário representava a realidade de um projeto almejado há muito tempo pelo governo estadual” (JORNAL O DIA, 1906a, capa). O Jornal O Dia, “órgão do Partido Republicano Catarinense” funcionou entre 1901 a 1918, quando na ocasião da troca de comando da dirigência política do estado, saía do governo do estado de Santa Catarina a ala “laurista” e assumiria a ala “hercrista” do Partido Republicano Catarinense – PRC (DALLABRIDA, 2001, p.79).

O jornal “República” (usado na Cena 4) foi criado logo após a proclamação da República quando Hercílio Luz esteve a frente do governo (1894-1898), mas, é interrompido como diário do governo enquanto a ala “laurista” se manteve na direção desse Estado. Assim, no jogo da “pax republicana”, a outra ala “hercílita” comandada por Hercílio Luz, José Boiteaux e pelos irmãos Victor e Adolfo Konder, restabeleceu-se no governo em 1918 permanecendo até a Revolução de 1930, período em que o jornal “República” volta a ser oficioso em 1918 quando assume o governo do estado Hercílio Luz. (DALLABRIDA, 2001, p.79).



Em 1975, Foucault (2010e, p.154) quando entrevistado esclarece alguns pontos sobre o modelo “panóptico”, e aponta que nossa sociedade é muito “benthamiana”⁴⁵, visto que hospitais, escolas, casernas se parecem com a prisão. E, assim, o olhar do poder desaparece no sentido de se diluir na “infinita multiplicidade de seu único olhar”, e a “polícia” é “gêmea do Panóptico” (FOUCAULT, 2010e, p.154). E no ano seguinte, no curso “Segurança, Território, População”, Foucault (2008, p. 419-487) desenvolve questões importantes sobre o mecanismo de segurança da “polícia”. Esta, uma tecnologia política, “regida por uma autoridade pública”, isto é, tipo de “poder político, como uma autoridade pública”, que se exerce sobre uma “espécie de sociedade humana” (FOUCAULT, 2008, p.420). Polícia não é a família, nem o convento, nem a escola, pois, “falta precisamente o caráter de autoridade pública que se exerceria” (FOUCAULT, 2008, p.421). Assim, essa autoridade pública vai, no decorrer do século XVII, “fazer as forças do Estado crescerem mantendo ao mesmo tempo a boa ordem desse Estado” (FOUCAULT, 2008, p.421). Eis a razão de estado.

Parece que as características de uma sociedade de biopoder normalizada, desenvolve-se em conjunto com esta noção de polícia, que possibilita uma relação móvel, estável e controlável, entre a ordem interna do Estado e o crescimento de suas forças. Obter prevenção, agir

⁴⁵ Jeremy Bentham é um dos pensadores que juntamente com Stuart Mill permitem com suas Obras a encarnação ao mundo do utilitarismo. Uma ética que parte do próprio critério da utilidade como fundamento da moralidade na sociedade. E, pauta-se na utilidade como o maior bem possível para todos, e hierarquiza os prazeres (primeiro os intelectuais e depois os corporais). Ver mais em Platô 0, §10.

com certeza do sucesso e ser generalizável a toda população, são ações que se desenvolvem no mecanismo de segurança da polícia.

Polícia que cuida da urbanização do território, tratando de fazer o território tornar-se uma cidade com suas questões. E assim, Foucault a partir da leitura de Delamare⁴⁶, expõe os **domínios da polícia**: “a religião, os costumes, a saúde e os meios de subsistência, a tranquilidade pública, o cuidado com os edifícios, as praças e os caminhos, as ciências e as artes liberais, o comércio, as manufaturas e as artes mecânicas, os empregados domésticos e os operários, o **teatro e os jogos**”, e uma polícia que se ocupa com o teatro e os jogos trata dos “**aprazimentos da vida**” (FOUCAULT, 2008, p.450, grifos meus).

Eis nossa primeira FIGURA do Mercador de Negócios: os **Jornais oficiais**. Pois, em nossa investigação, situando-nos pelo recorte (1893-1918) qual local de saber-poder poderia nos rituais (ler, escrever e comentar) contemplar um tão amplo espectro de intervenção sobre a condição de existência da urbanidade da cidade de Florianópolis? Os Jornais “República” e AGORA “O Dia”. Há diferenças entre ambos? Sim, mas nos perderíamos por este caminho. Deixemos a “República” descansar em paz. E, agora nos vestiremos para (re)colocar “O Dia”, que apresentava publicações das esferas legislativa e executiva, veiculava notícias e crônicas de interesse do Partido Republicano Catarinense, cujo próprio título do impresso já denotava tal assertiva, “Órgão do Partido Republicano Catarinense”, e, tinha sessões de Diversões. Por isso lido como “autoridade pública” assumido daqui para frente como a **Polícia** do PRC contribui com a manutenção das forças do Estado. Portanto, a Política do PRC, “O Dia”, é a técnica política de controle dos corpos do Mercador que mantêm as forças de paz na Cidade.

Assim, a autoridade Policial, e Política, sob a forma dos Mercadores da *pax* republicana, serve ao bom uso das forças do Estado. Mercadores que se ocupam, seguindo Foucault (2008, p.433-435), do que os homens fazem. Quer dizer, uma Polícia que participa das atividades desses homens, e que vai no curso de seu aprimoramento se desenvolvendo como importante elemento das forças do “Estado”, e, logo, a polícia tende a “zelar para que as pessoas possam efetivamente manter a vida que o nascimento lhes deu”, uma força que trata das necessidades da vida (FOUCAULT, 2008, p.437).

⁴⁶ Trata-se da obra de Nicola Delamare, “Traité de la Police” publicado em Paris em 1705 (FOUCAULT, 2008, p.482).

São Mercadores visto que as marcas em suas páginas envelhecidas pelo tempo apresentam exprimíveis que na prática ritual do ler, escrever, comentar vão participando das encarnações estáveis (hábitos) de sujeitos morais no mundo. Por isso, dentre os objetos da polícia, inserem-se os da circulação na cidade, depois a saúde, os viventes, os objetos de primeira necessidade como a alimentação, doenças, e a própria população (FOUCAULT, 2008, p.437). Ora, se a polícia trata da coexistência dos homens, espécie de sociabilidade, num domínio que “vai do viver ao mais que viver”, então a polícia trata da felicidade, este “mais que viver dos indivíduos”, o que deve ser incluído na rede do estado, da razão do estado: “fazer da felicidade dos homens a utilidade do Estado, fazer da felicidade dos homens a própria força do Estado” (FOUCAULT, 2008, p.438-439).

Encontramos no novo Mercador deste tempo, notícias que se relacionam a demografia sanitária, os casos de doença na cidade de Florianópolis, propagandas das iniciais indústrias da cidade, e sempre há mais.

No ano de 1915, em data estrategicamente calculada (15 de novembro) este Jornal anunciava “com o intuito de satisfazer as legítimas exigências do público e para tornar a nossa folha digna do Partido de que é órgão na imprensa” sua “feição moderna e atraente” (JORNAL O DIA, 1915, capa). De fato, este oficioso jornal desde então, apresentaria seções como “arte culinária”, “O Dia *Sportivo*”, além das notícias da região, país e mundo, apresentadas à população. Seções do mais que viver à população letrada da cidade que vão intensificando através da comunicabilidade e toda dinâmica incorporal-corpo(s) a força que vai ao viver ao mais que viver.

E, anos antes, uma edição mais que especial desta Figura que atualiza os Mercadores de uma época comemorava os 80 anos da “Imprensa Catharinense”. Mercador que intensifica os **negócios** da Cidade. Pois segundo o mesmo “a imprensa é a companheira inseparável do progresso, a sua mais fecunda propulsora, a sua mola mais poderosa” cuja “projeção sobre o futuro para inquirirmos dos destinos que temos a trabalhar, das **pelejas pacíficas** em que as transformações sociais nos hão de empenhar”, imprensa catarinense que “simboliza o nosso próprio adiantamento, porque é nela que se vêm refletir, como num claro e límpido espelho, todas as nossas [...] mais fundas e caras esperanças”, reverbera “o progredimento das nossas inteligências, a nossa cultura científica e artística, as nossas aspirações

morais e o nosso progredimento material, econômico, industrial e agrícola” (JORNAL O DIA, 1911, grifos nossos)⁴⁷.

E, anos depois, em 1916, indícios que fortalecem nossa tese, a saber: as forças que exprimem marcas nas carnes e espíritos não vem absolutamente apenas de um lugar, pois, são fluxos e devires que encarnam na própria contingência dos entes dados na participação todo um sentido no mundo. Não é *a priori* (uma essência desde sempre lá), mas, **acontecimento** o que permite atingir os dois planos do ser (superfície e profundidade).

A questão da educação física parece a muitos, e, principalmente à maioria dos nossos intelectuais, um caso secundário que não está nas condições de merecer a atenção dos espíritos que pairam sobranceiramente nas altas regiões do pensamento. No entanto, nada mais falso. **A educação física é a fonte inesgotável de uma beleza nova**, cujas másculas vibrações, nós brasileiros, imbuídos de antiguidade, ainda não quisemos sentir.[...] **Asseveramos que da educação física do nosso povo dependem o futuro e a grandeza de nosso país.** O reino do romantismo passou. **Estamos na época das grandes atividades, que reclamam do homem moderno, a maior soma de resistência física, de coragem e de energia.** [...] Ainda não se fez oficialmente pela educação física nacional, a não ser, por um desencargo de consciência, incluir no regime das raras escolas públicas um programa falho e rudimentar de ginástica que nunca se pratica. E como poderia ser ele praticado quando **as nossas escolas públicas do sexo masculino são regidas por senhoras de hábitos sedentários que professam uma religiosa aversão a todos os preceitos higiênicos de uma educação física? Será nessas escolas que nossos filhos aprenderão a ser homens?** [...] Quem quiser [...] observe a hora da saída, os nossos colegiais e verificará então, com profunda mágoa, a pobreza

⁴⁷ Segundo o editorial desta edição do jornal *O Dia*, a data se refere a criação do primeiro jornal, o “Catharinense”, em 11 de agosto de 1831.

física dos nossos homens de amanhã. [...] É preciso que **o governo [...] unido a imprensa e a todos os brasileiros, colaborar na tarefa regeneradora.** [...] **A educação física e esportiva levará ao espírito da nossa mocidade** as noções claras, positivas de uma **nova auroral concepção de vida** e da beleza em ação, inculcando-lhe as virtudes severas que deve possuir todo o **homem integralmente forte: - a coragem física e moral, a disciplina, o sangue frio, a abnegação, o heroísmo e a solidariedade** (JORNAL O DIA, 1916a, p.4, grifos nossos).

Portanto, apresentamos as características deste Mercador: vinculado ao Partido Republicano Catarinense, expressa nos ditos materializados no papel questões que vão do viver ao mais que viver. Eis um grande Negociante das coisas que divertem uma população. Jogos “pacíficos” entre entretenimento com querelas políticas, visibilidade dos jogos esportivos pela Cidade. Aqui, há uma interessante edição que visa mais viver ao intensificar suas justificações para uma cultura do corpo aproveitando-se da própria necessidade de fortalecer as próprias práticas esportivas na Cidade.

Nesta mesma edição, há um importante contexto do arranjo discursivo. Ainda na capa do Mercador, e, com frases de efeito como, “sem alarde nos mantemos” e “cumprimos simplesmente o nosso dever”, este que é a autoridade pública sob a forma da Polícia do Partido Republicano Catarinense, aponta que reabria, a 26 de abril, a seção “O Dia *Sportivo*” (JORNAL O DIA, 1916b, p.4).

Numa espécie de editorial sobre o esporte na capital, relato de que ainda muito devia ser feito para desenvolver o **jogo** na cidade. Uma temporada *sportiva* encerrada por “falta de assunto” no ano anterior. Esperava-se naquele corrente ano “que ela seja melhor”, o que “dependerá da animação do nosso meio *sportivo*”. E, assim, informava a possível abertura da temporada *sportiva*, entre os *teams* do Florianópolis e do Ginásio Santa Catarina, caso estes aceitem o convite daqueles ao jogo (idem, 1916b, p.4). Ao lado desta é que se coloca a matéria “Educação física esportiva”. Há um arranjo para controlar, selecionar os afetos visando uma síntese passiva, tendo como princípio o prazer no esporte, mas, depois de encarnar antes e de fato o prazer em se exercitar.

Portanto, temos aí um jogo (*to play e pflegen*) que se move entre o concreto da organização visível das palavras e seu esforço em dizer

das coisas, e, o abstrato, como aquelas formas mágicas um tanto invisíveis e, que concorrem à formação de certas dinâmicas simpáticas. Perceba, caro leitor, a necessidade de operadores que se utilizam dos recursos disponíveis para uma dada instrumentalidade. Estes fazedores visam erigir alguma durabilidade na mundanidade. Uma Obra que é também Ação Política, que é sempre e(st)ética, através dos resquícios das memórias (destes bens culturais chamados jornais). Ação que não se reduz ao indivíduo ou grupo que promoveu, pois, tem como características ser irreversível e imprevisível.

Lembre-se, caro leitor, que após a quase-revolução o então jornal oficial promovia o mesmo esforço em dar sentido a importância dos exercícios físicos, mas, enfocando os adultos. O interessante é que entre julho de 1893 na Figura da “República”, e abril de 1916, numa distância menor que $\frac{1}{4}$ de século, a reviravolta da atividade física para as crianças escolarizadas. Pois, antes (1893) esta não era o foco do argumento, como se tudo estivesse andando bem com os exercícios físicos para com as crianças. E agora (1916a, b), novas tintas preenchem a atualização biopolítica na Cidade da Diversão: quem vai comandar uma educação moral do corpo? Estas senhoras com velhos hábitos? Percebemos uma sutileza marcada do saber entre 1893 e 1916 (a, b). Antes, eram exercícios físicos de um modo um tanto desorganizado, e, agora, são colocados sob uma institucionalidade, a “educação física esportiva”. Eis que se imperam por reformas dos costumes de práticas na Cidade da Diversão.

Sim, aqui na Cidade da Diversão para que de fato a atualização da cultura do corpo se efetuassem foi preciso um arranjo de sentidos que tocassem superfície e profundidade do ser. Sentidos organizados pelos saberes, poderes e morais dos competentes especialistas (e não as velhas senhoras sedentárias!). E, nada mais simples que apenas vincular um princípio do prazer (sociabilidade e excitação das práticas esportivas) para que uma dada forma/ideia/lembrança venha a encarnar sob o novo hábito.

Laços exprimíveis desde SEMPRE que visam amarrar condições para num futuro cada vez mais próximo encarnar a ideia (que será naturalizada) acerca das atividades físicas e reflete sobre questões que transitam entre esporte e população à nova geração (que ainda não encarnou).

E os Mercadores de 1916 não atuam sozinhos. Precisam daqueles que tem de uma **participação** nos deslocamentos das silhuetas da

Desterro (com sua elite não disposta a suar) para uma virtuosa elite que conduz o corpo sob domínio da vontade (da razão) de se fazer dominado. Negação do corpo em sua Potência de Vida a partir do critério moral que marca como deletério a anarquia das volições. **E mais Mercadores chegam.**



Vale destacar que o então governador Vidal Ramos foi essencial no estabelecimento do educandário jesuítico na Cidade. Seu filho, Nereu Ramos, obtivera em 1904 o bacharelado no Ginásio Conceição, instituição da mesma Sociedade Padre Vieira, mas em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O governador também vendeu a chácara de sua família à Sociedade, sendo este o local do Ginásio na cidade (DALLABRIDA, 2001, p.50-51). E assim, entre várias **participações**, filias e todo o jogo do **bem-viver** na cidade temos a materialização do Ginásio Santa Catarina.

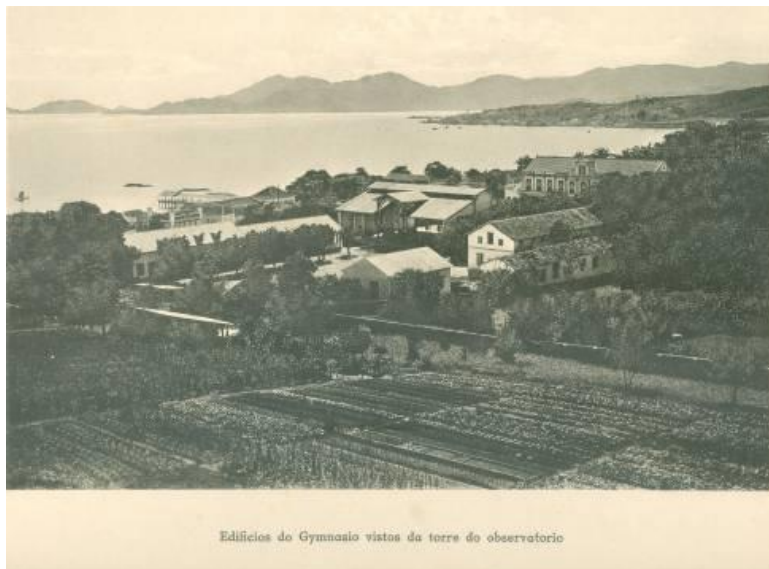


Figura 5: Cartão Postal do Ginásio (década de 1910)
Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Situado à beira-mar, em uma das mais pitorescas e saudáveis localidades da bela cidade de Florianópolis, compreendendo vastas áreas para jogos higiênicos e banhos no mar, o Gymnasio Santa Catharina pode garantir aos srs. pais de família tudo quanto se necessita para o bem estar físico de seus filhos [...] Nos intervalos dos estudos haverá recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos (GINÁSIO SANTA CATARINA, 1910, p.54, grifos nossos).

Ao norte da cidade, das pedras Soeiro à ponta de São Luís, estende-se a **Praia de Fora** [atual Beira Mar Norte], longa de dois quilômetros e a **principal de Florianópolis. Magnífica por sua paisagem e panorama marinho**, descritos em pontos que já percorremos, é um excelente ancoradouro abrigado dos ventos sul e a primeira estação balnear da capital, cuja população para aí acode, em parte, na época própria, habitando as casas da beir-mar. [...] Do Pontal [atual Ponta do Coral na Beira Mar Norte] para lá a constituição das praias muda completamente, passando do areião grosso amarelado, caracterizador das praias mansas em geral [...]. (Virgílio Várzea, 1900/1984, p.114, grifos nossos).

O terreno com mais de cinco hectares foi comprado pela Companhia de Jesus por 27 contos de réis dois dias depois após a assinatura do contrato com o Governo do Estado (PICK, 1979, p. 26; DALLABRIDA, 2001, p. 48). A chácara da família Pamplona já se destinava ao lazer e à realização de festa no meio de plantas e árvores. Aparece descrita em carta de 22 de maio de 1905, do padre Francisco Topp, quando este pergunta ao superior alemão sobre a possibilidade de ser aberto um colégio na capital de Santa Catarina. Escrita em alemão, relata que o local era “próximo do centro, com vastos campos para jogos, espaço para plantações e edifícios, localização sadia e arejada” afastado dos barulhos “perturbadores das artérias principais” (SOUZA, 2005, p. 44-45). Esta ótima fonte nos ajuda a compreender que desde

sempre os jesuítas compreender os benefícios de não se vincular totalmente à própria condição de cidadão.

A rigor entre os ditos do Relatório do Ginásio e a promoção da beleza da cidade, o que temos como DIFERENÇA de qualidade é justamente a proposta de ação dos padres aproveitando-se dos referenciais já dados como Obra no Mundo. De modo que teremos aí o domínio das naturezas (humana e ambiental) a partir das virtudes morais de uma época (corajoso nos estudos e corajoso nas caminhadas pela Cidade).

Desta forma, esta Cena busca a inauguração de fato do que hoje chamamos de piquenique, mas que em nossa atualidade poderia ser denominada como trilhas. Pois como veremos as caminhadas eram longas, muito longas. O que exigia preparo físico da carne e espiritual do espírito. *Virtus et sciencia* em cada início dos Relatórios anuais que a equipe dirigente do Ginásio mandava fabricar⁴⁸. Entregavam aos pais (como forma de retribuição aos investimentos financeiro e material dos corpos/almas de seus filhos), mas, não somente. A imprensa também os recebia. Encontrei várias chamadas no Mercador e Policial “O Dia” declarando terem recebido tal monumento.

Por isso esta Cena se dedica a esta instituição que certamente contribuiu com sua **participação** na cidade, no deslocamento, na encarnação, das práticas de diversão da Desterro de outrora, envolvendo tanto meios ambientes (social e da natureza ambiental) quanto práticas corporais por meio da emergência de uma atividade como o piquenique.



⁴⁸ Os Relatórios ainda reúnem dados estatísticos dos alunos, matrículas, cidade de origem, religião, idade média por curso, crônica do ano letivo, aviso para matrículas do ano seguinte, narrativa sobre “natureza e fins do Instituto”, melhoramentos e donativos como aquisição de livros para as suas bibliotecas, peças para o museu de “história natural”, “sinopse das matérias de ensino do ano escolar”. Especificamente interessam nos Relatórios do Ginásio Santa Catarina os “pontos de progresso”, aqui havia “sanção normalizadora” (FOUCAULT, 2010a, p.171-177), pois circulava a classificação dos melhores alunos segundo classe e disciplina, incluindo jogos, canto; e as “crônicas do ano letivo”, espécie de resumo ora mais detalhado ora mais sucinto das diversas ações que tanto equipe docente quanto discente realizou.

E, quinta-feira pela manhã, a 15 de março de 1906, ocorre um banho de mar, “mas o primeiro já ocorrera antes, em 10 de março”, e à tarde ocorre passeio, “o primeiro foi em 2 de março, uma sexta-feira” (DIÁRIO..., 1906). No dia seguinte, novamente aparece o banho pela manhã, e um escrito se destaca dos demais: **“o lugar não poderia ser melhor”** (DIÁRIO..., 1906, grifo nossos). Meses depois, a 15 de maio, o Diário (1906b, capa) aponta que o padre diretor “saiu com alguns alunos a cavalo para encontrar algum lugar adequado para um passeio grande”. E, dois dias depois da saída a cavalo, nos altos da primeira página, o título “*Pic-Nic*” comentava ao final que **“nenhum incidente desagradável”** ocorrera (JORNAL O Dia, 1906c, capa, grifos nossos).

Certamente os padres professores foram se apropriando dos espaços da cidade. Os piqueniques, também eram denominados de “passeio grande” nos Diários dos Padres (1906; 1907). Estas notas esparsas do Diário do Padre no primeiro ano de funcionamento do Ginásio Santa Catarina apontam primórdios do que serão os convescotes nesta instituição. Volto-me ao termo em si.

Pique-nique, palavra de origem francesa⁴⁹. Na França do século XVII significava uma prática na qual cada parte levaria sua refeição, e, no século XIX, tal atividade de alimentação estende-se a lugares como campos e florestas, locais de contato com a natureza e vida selvagem. O quadro de Édouard Manet, *Le Déjeuner sur l'Herbe*, já tratado na Cena 5, foi pintado entre 1862 e 1863, ilustra bem tal prática. Retorno ao educandário jesuítico com seu amplo acervo fotográfico.

⁴⁹Há inclusive o verbo em francês “*piquer*”, a exemplo da expressão “*faire un pique-nique*”, que significa “fazer piquenique” (DICIONÁRIO, 2011, p.707).



Figura 6: Caminhar, comer e beber no piquenique [191?]
Fonte: acervo Fotográfico do Colégio Catarinense



Figura 7: A conquista da natureza no piquenique [191?]

Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

As figuras 3 e 4 foram encontradas soltas no interior de um álbum cujas demais fotografias se referiam à década de 1910. No entanto, elas servem como anteparo para indicar que, até o início das atividades destes padres-professores na cidade, não há quaisquer outros indícios de que o piquenique envolvendo usos da força física, brincadeira e alimentação em contato com a vida na natureza, fossem assim ritualizados em Florianópolis (ou na Desterro de outros séculos). Eram ainda abstrações deste ou daquele ente (seja do Jornal “República”, seja dos escritores de “A Página”) que mesmo materializada nas tintas, como incorporais eram **nada**. Era preciso novos atores a fim de tornar no exprimível e na própria repetição das práticas certa abertura para de fato encarnar na Cidade o piquenique e seus correlatos (comer, brincar e se exercitar junto à natureza ambiental). Negócios para nova FIGURA (sofística): os pastores.

Relembrar é viver, voltemos com partes do discurso de Dom Becker em 1911, introduzido desde PLATÔ DOIS, §141. Apresentamos agora com nova cara. Eis a “Origem da anarquia volicional”⁵⁰:

O ilustre pedagogo francês Payot [1859-1940] diz com acerto: Até o século 18 ensinava aos homens principalmente os seus deveres, à cultura da sua vontade dispensava-se o maior cuidado; desde então começou-se a falar só dos direitos do homem e de sua autonomia. Daí data a época da anarquia e do enfraquecimento da vontade. **Celebra-se a autonomia, mas o governo de si mesmo pouco se conhece. Cultua-se o egoísmo e às paixões concede-se a satisfação dos seus caprichos, em vez de submetê-las ao domínio da razão.** É preciso, diz Payot, que o homem tome posse do seu ‘eu’, porque a vitória sobre si mesmo é a conquista da liberdade. [...] O dr. Leoy da escola de Nancy, escreve: *‘Aprende a querer! O querer deve ser aprendido’*. O dr. Dubois, de Berna, recomenda o método da filosofia estoica, para que o homem desorientado recupera o domínio sobre os seus nervos e sentidos. E acrescenta o notável pedagogo Foerster: *‘O que a educação helênica chamava ascese e o que a pedagogia cristã do caráter mais desenvolveu, é um método indispensável à conquista da liberdade moral’* (BECKER, 1911a, p.2 grifos em negrito são nossos e grifos do autor em itálico).

O referido Bispo enfatiza na parte deste discurso que as “paixões” devem ser submetidas ao “domínio da razão”, no qual a posse de um “eu” e no qual o “querer” deva ser “aprendido” recuperando “o domínio sobre os seus nervos e sentidos” seria **“um método indispensável à conquista da liberdade moral”** (BECKER, 1911, p.2, grifos do autor).

⁵⁰ Sigo as seções destacadas em negrito pelo próprio jornal oficioso, que aliás apresenta uma nota explicando sua ênfase nestas seções do discurso de Dom Becker: “Para amenizar a leitura subordinamos as partes principais a epígrafes” (JORNAL O DIA, 1911, p.2).

Há um dizer verdadeiro-de-si do pastor visto que para ele está na virtuosidade do uso do intelecto no domínio da razão sobre as forças instintivas do ser, o que salvará a tal “época da anarquia e do enfraquecimento da vontade”. No entanto, devemos perdoá-lo visto que entre tantos modos intrínsecos e das ideias já encarnadas, o referido Bispo novamente (como apontamos no Platô 2, §161-2) comete equívoco.

Se antes, na proclamação de que “admirável é a ciência; superior, porém, é a nobreza, é a elevação da virtude, por ser mais sutil e necessária à coletividade”, **sugeríamos** inflexão dos termos “entendimento” e “vontade”, de Agostinho para Aristóteles. Agora podemos atestar que é a vitória do pensamento aristotélico o que guia (mesmo com equivocidades) as palavras e as tentativas de referirem às coisas do governo de si. E há nova equivocidade. Pois, para os estóicos a sabedoria reside justamente no entendimento de que o homem pode bem viver e bem morrer na ciência de si mesmo (DINUCCI, 2012, p.7, grifos meus). Absolutamente não se refere a um dispositivo.

E isso é muito importante, pois, a ciência de si (ou cuidado de si socrático) é aquela condição da educação valorizada na experiência com a Vida. “: - Ah, Vossa Santidade nos confunde!”. Tudo bem, pois parece que a contingência tende a confundir mesmo. Mistura e não satisfaz a vontade de SABER. Por isso precisamos de tempo de ócio, e não de negócio, para que algumas coisas possam vir com Trabalho e aproximar de algum **entendimento**. Logicamente quando se trata do efeito independente do caminho (ciência, doxa, método científico), mas, a Vida na sua dimensão simples e Prática.

No entanto, a vontade que temos no tal discurso é tão somente um princípio regulador que se dá através do que se entende como ser a melhor forma (função/ideia/hábito), ou seja, só “depende de nós” porque antes se tornou “conhecimento do bem” que me fizeram crer ser o melhor. O melhor que se tornou, moralmente, o mais forte, adquirido pela educação. Afinal de contas, fortes são aqueles “em quem a vontade pode [...] vencer as paixões e sustar os movimentos do corpo que os acompanham” (BECKER, 1911a). E toda política pautada na virtude e família tem lá o seu modelo:

A **pedagogia da vontade**, honra o ginásio, pois o coloca em **alto relevo o valor real** do método educativo da instituição: **atender também à formação das forças volitivas**. Aí fica

também, por prova cabal da superioridade da educação dada segundo as normas do cristianismo, todo o magistral discurso do esclarecido, animar a mocidade à subjugação da **lei do menor esforço no mundo moral** (GINÁSIO...1912, p.8, grifos do autor).

Este trecho consta-se no relatório oficial do educandário. Entretanto, já estava nas páginas do Policial Jornal “O Dia”, no ano anterior (1911). O que é interessante, porque provavelmente o montador do Relatório de 1912 utilizou ou o próprio Mercador “O Dia”, ou alguma outra anotação que já estava no próprio estabelecimento. De todo modo temos Ações Políticas de ambos, Jornal e Ginásio, apontando uma configuração a favor de uma dada ideia contrair na Cidade. Vamos comentar mais.

O contexto do discurso se dava em momento de festa, o que para Serpa (1997, p.32), não deixa de ser atuação da política devocional da Igreja romanizada. Momento este, que aprofundava o espetáculo cujo centro era mesmo o clero eclesiástico, afinal, há um discurso para aproximar sujeitos a enunciados. Becker, que tomou posse em 12 de outubro, como bispo, da recém criada diocese de Florianópolis em 1908, pronunciava palavras, apresentadas no oficioso “O Dia”, e talvez, apenas resumidas, no que têm de seu essencial, no relatório do Ginásio, no ano seguinte. Em 15 de dezembro de 1911, prossegue discurso de Dom João Becker:

Disposições habituais. Na ordem moral, o aperfeiçoamento da vontade [...] produz gradualmente na vontade, disposições habituais que se **chamam virtudes; alentam a energia da vontade e facilitam a expansão de sua atividade.** [...] As **virtudes morais são principalmente em número de quatro: a temperança** que modera as paixões, os sentidos e a imaginação; **a fortaleza** que estimula a debilidade [...] em presença de obstáculos; **a justiça**, que normaliza as relações entre os homens; **a prudência**, que nos ensina a empregar [...] os meios que pomos em obras para realizar o fim de cuja realizações somos incumbidos. **Auxiliada por estas virtudes, a vontade está na melhor situação possível para querer**, por um

modo soberano e constante o verdadeiro fim da natureza humana e os meios conducentes a ele. Meios para alcançar essas disposições. **Como a vontade pode obter essas disposições? Pela educação moral!** [...] Apraz-me, por isso, apresentar-vos, jovens amigos, o meu sincero parabéns, porque a educação que aqui recebestes, é um penhor da vossa felicidade (BECKER, 1911b, grifos nossos).



E perceba caro leitor que **entendimento** para nós tem a ver com pensamentos estoícos. Pois há coisas que simplesmente não estão sob nosso controle. Segundo Epicteto (2012, I, 1-2), “Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São nossos encargos o juízo, o impulso, o desejo, a repulsa – em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos – em suma: tudo quanto não seja ação nossa”. Ora, as opiniões não estão sob nosso controle, portanto, não se controla o que se resulta de um encontro festivo como aquele em que se dava o discurso do Bispo. Assim, como os acontecimentos, também independe de nós visto que há tanta coisa envolvida (antes, através, no oculto de cada evento).

Fatos históricos que não estão ao nosso controle e que poderiam ser lidos como **acontecimentos**.



E vamos ao piquenique. Nos relatos dos piqueniques promovidos pelo Ginásio Santa Catarina, diversos são os indícios de um ritual a elaborar. Lembre-se, caro leitor, que tomamos desde o início deste Trabalho que tratamos o dizer verdadeiro-de-si como ritual (aeturgia), o que significa que os padres não eram idiotas (no sentido de quererem apenas fugir da multidão), pelo contrário, sabiam desde tempos os elementos mágicos de um passeio à beira-mar, à montanha, enfim, práticas que vinculam séries de elementos disjuntivos, e, que **participam** do ser, numa espécie de equilíbrio dinâmico.

Epicteto em suas “Conversações”, recomenda uma prática que pode ser chamada de “**meditação-passeio**”, como no caso de andar na “rua” e verificar nos objetos ou pessoas a encontrar um exame “a si mesmo, para saber se se fica impressionado, se se deixa emocionar, se

se tem a alma abalada pelo poder de um cônsul, pela beleza de uma mulher” (FOUCAULT, 2010c, p234). O que será DIFERENTE “**na espiritualidade católica do século XVII**”, quando se encontra “exercícios desse gênero: passear, abrir os olhos em torno de si; mas não se trata de fazer a prova da soberania que se exerce sobre si”, mas, de “reconhecer aí o poder de Deus, a soberania que Ele exerce sobre todas as coisas e sobre toda alma” (idem). **Diferença** que em nosso piquenique não está no além, mas, encarnado como **Mercador**. Que retornemos às práticas concretas dos piqueniques.

Em 1909, a praia dos Naufragados era qualificada como de lugar “pitoresco e majestoso” onde os alunos puderam conhecer “as ricas e encantadoras belezas da costa do nosso Estado, bem como as inúmeras variedades da nossa Flora e Fauna” (GINÁSIO..., 1909, p.11). E, dois anos antes, o relato no Diário do Padre (1907, grifos meus) apresenta que em 29 de maio, na ocasião da “Santa Missa”, grande passeio ao Morro da Cruz, com saída às 8h e chegada às 13h, no qual **corpos** estavam “**mortalmente cansados**”, após uma “**comilança de laranjas**”. O que há de distinto entre o piquenique, remetendo-se à origem do termo na França do século XIX, e o “derradeiro piquenique” promovido pelos padres do educandário jesuíta?

Lá, enquanto uma classe de DIFERENÇA quer pela arte de comer ao ar livre subverter os modos e costumes da corte, aqui, na REPETIÇÃO dos valores de uma Cidade, pretende-se produzir mais obediência, mais controle, numa palavra: vontade intelectual de agir tudo não ou sem razão através da pedagogia da vontade. Vontade que mata o ócio e cria mais negócios através da diversão. Tudo no Ginásio era milimetricamente calculado. Tempo calculado para comer, estudar, ir à latrina, enfim, disciplina que produz ao esquadrinhar tempo e espaço é a mesma que vai na repetição das formas rituais disjuntivas oportunizar maior formação das forças volitivas, i.e., de obediência.

Então temos na prática uma razão utilitária em curso. Usos da força física numa atividade de passatempo, **necessidade** resultante de uma **deliberada e intencional** atividade física associada com diversão. Aqui há um importante fenômeno sobre um ato de brincar e comer, vinculado a um trabalho físico sobre o corpo num momento de lazer junto à natureza da Ilha de Santa Catarina. Os piqueniques devem ser elaborados enquanto princípio utilitário num momento de diversão. Por isso são modos de governamentalidade. Há por certo um modelo para formação da obediência, há tempos prescrito pelos pedagogos jesuítas.

Os mestres educarão os moços que foram confiados à formação da Companhia de Jesus, de forma que eles possam ir aprendendo, juntamente com as letras, também os costumes próprios do bom cristão. Portanto, quer durante as lições (se se proporcionar a ocasião), quer fora delas, será sempre intenção do mestre **dispor dos ânimos juvenis para o serviço de Deus e o amor das virtudes que Lhe são gratas.** (*RATIO STUDIORUM*, 2009, p.178, grifos nosso).

Qual momento da Cidade os Piqueniques do Ginásio começam a **existir** enquanto ente? Justamente aquele operado em uma racionalidade que precisa conservar as forças do Estado, e, continuar formando sua população no território, tendo como fundo a onda do capitalismo e do catolicismo. Tudo para o bem-viver na *pax* republicana. Por isso há necessidade que mais mercadores contribuam com os negócios da Cidade, que desde sempre produz escravidão (ou servidão), méritos, e agora uma cultura do corpo que se exercita, e se diverte (enquanto come).

Diante disto, afirma-se que não se pode ler uma prática deslocada das contingências, dos modos que vinculam o intrínseco. Não se pode desmembrar esta parte da história da cidade do que Dallabrida (2001, p.63-75) denomina de “reuropeização do catolicismo”. Trata-se de um momento de deslocamento do anterior, “catolicismo luso-brasileiro” para o “catolicismo romanizado”, gestado na Europa. Um tipo mais austero e conservador de catolicismo com a intenção de produzir mais fiéis – disciplinados e submissos à hierarquia eclesiástica. Nesse contexto, é que se insere o processo de romanização em Florianópolis. Para Souza (2008, p.61-62), processo ligado a muitos desejos cuja trama remete invariavelmente aos anseios de “civilidade” e de “ser moderno”, de uma elite político-econômica. Para acelerar o processo de romanização o vigário da Igreja Matriz de Florianópolis, Francisco Xavier Topp, um articulador e líder deste processo que, desde 1895, atraía e congregava ordens católicas femininas e masculinas europeias pela cidade. Irmãs da Divina Providência em 1898; Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus em 1903; Companhia de Jesus em 1905; Ordem de São Francisco em 1908 (DALLABRIDA, 2001, p. 67).

E assim, em 19 de março de 1908 pela *Bula Quum Sactissimus Dominus Noster* de Piox X, o Estado de Santa Catarina é contemplado

com sua própria Diocese (SOUZA, 2008, p.66). Processo de romanização do catolicismo florianopolitano trata-se, sobretudo, da remodelação das condutas, dos sentimentos através da produção de processos que subjetivam indivíduos nesta sociedade em curso. Ação pastoral, que zela pelo rebanho e nos espaços de educação como o Ginásio Santa Catarina, seria por excelência, *lócus* para arranjo das forças para encarnações no belo tempo da cidade, de um tipo ideal de personalidade social, sujeito, que se inventava perante novos usos do corpo (carne/espírito) na diversão. Ah, chegamos, às características da FIGURA (sofística) dos mercadores do negócio: **os pastores do Ginásio.**

Mercadores que atuam com suas técnicas na formação dos costumes (habitudes). Foucault (2008, p.234-239) entende que, a relação de obediência entre o pastor e a ovelha, seu rebanho, é de “obediência integral”, tipo de “relação de servidão integral”, mas, sem uma finalidade específica, quer dizer, obedecer para alcançar um estado de obediência. Trata-se um processo de renúncia à vontade própria, tipo de humildade no sentido de se submeter à ordem. Mas o que me interessa, no regime do pastorado, é que, o único fim da obediência é mortificar sua vontade: produção da *apátheia*, ausência de paixão. Poder que individualiza nos pontos de criação do “eu”, que torna através da servidão integral, a direção de consciência rumo ao controle de si através da relação de dependência.

Ora, no regime do pastorado cristão o que se trabalha é a renúncia aos prazeres do corpo através de práticas de obediência generalizada. Técnicas normalizadoras de observação, vigilância, e direção a todo instante, que capturam como dispositivo a busca da excitação e conduzem corpos rumo a um padrão de comportamento e moral. Norma(lidade) que previne desvios, é generalizável à população, logo, de sucesso total a um hábito, útil a um grupo, e a um tempo na cidade.

E não é justamente isso o que pretende os dizeres do Sr. Bispo ao proclamar a “superioridade da vontade”? Quer dizer, ao se fazer crer, produzir um sujeito moral mediante a trama entre vida e política por meio de uma e(st)ética? Governamentalidade por meio do controle de si pelo OUTRO, o MESMO obediente necessário a se manter **quase-vivo** sob a forma de **cuidado na cidade**. Dispositivos que atuam do fora para produzir interioridades, e, após sucessivos processos de produção da verdade-de-si, produzem como efeitos do saber e do poder uma ética e

estética que corresponde aos próprios princípios naturalizados. Numa palavra, as virtudes de um tempo.

É preciso, pois, (re)lermos Nietzsche (199-, p.315, §397), e ir contra os valores, as normas e moralidades que se correspondem a todo tipo de “aristocracismo”, que no limite aponta “vontade de domínio” “entre todos os seus membros”. Nesta lógica cruel não há espaço para emergir o oposto, o que não se estabelece mediante distinções, classificações, hierarquizações? Como aponta Nietzsche (idem), “se desejardes suprimir os contrastes violentos e as diferenças de categoria social, suprimireis, também, o amor forte, o sentimento elevado, a noção do existir por si”. Então, talvez possamos recolocar sob outra condição “o ideal do animal de rebanho”, aquele que pautado no fato da liberdade e da igualdade não para de se perguntar: “ – *Que é que diminuiu?* – A vontade de ser *responsável*, sinal de que a autonomia diminui; a *capacidade* de trazer armas, também no campo intelectual: a força de mandar; o sentido do *respeito*, da subordinação, a faculdade de calar; a *grande paixão*, a grande missão, a tragédia, a serenidade” (idem, grifos do autor). Práticas de si que no conjunto de uma coletividade e(ste)tica pode recolocar **algo** que ficou para trás. E que venha mais DIVERSÃO entre comer, beber e caminhar.



Num inventário das atividades de piquenique do Ginásio Santa Catarina pela cidade de Florianópolis, apresentados apenas nos Relatórios do Ginásio entre 1906 a 1918, indícios apontam que tais práticas concorrem na visibilidade da cidade. Nos anos anteriores, 1906 a 1908 não há qualquer menção sobre tal prática⁵¹. Entre os anos de 1909 a 1911, as crônicas apresentam que os piqueniques estiveram concentrados entre as regiões central (Morro da Cruz), sul (Armação, Naufragados) e leste (Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa) da Ilha de Santa Catarina. Entre os anos de 1912 e 1913 chegam à região norte (Canasvieiras, Santo Antônio e Sambaqui) da Capital do Estado, uma “volta à Ilha” cujas regiões passam a integrar itinerário dos “passeios grandes”. E, “além do mar”, entre 1914 a 1918, ultrapassam-se os limites da Ilha: chega-se ao continente – cidades de São José e Biguaçu/ Balneário de São Miguel. Acompanham os relatos os mais variados elogios (fauna, flora, alimentos, paisagem) de uma prática que lida como

⁵¹ Esta ausência sustenta-se pelo fato de que a seção “Crônicas” só aparece a partir de 1909 nos relatórios.

“obra”, “proporciona um mundo *artificial* de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural”, visto que a “condição humana da obra é a mundanidade” (ARENDDT, 2010, p8, grifos da autora)⁵².

Totemismo burguês que comunica, dá sentidos e significação em forma de utilitarismo. É a encarnação do exprimível através das sucessivas práticas ritualísticas quem envolvem comer-beber-andar e rezar na obediência do rebanho vis-à-vis seu pastor. Nas práticas dos piqueniques elementos biopoder acerca da abertura do comércio, do desenvolvimento da indústria (e capitalismo) vão recebendo através dos variados elogios a síntese das virtudes de uma época.

Como na crônica de um dos relatos do passeio grande, na exposição do “espetáculo que davam os pescadores recolhendo-se do alto com suas armações e bonitos laços” evidenciando uma atividade artesanal como a da pesca (GINÁSIO...1912, p.9). Sentidos nas fímbrias dos esquemas de produção capitalista também expressos no passeio “marítimo” ao balneário de São Miguel, “através da baía do Norte” da Ilha de Santa Catarina, o qual entre “**canoas de pescadores cheias de camarões, e pomares carregadinhos de frutas**”, os alunos puderam “**admirar sinais da indústria do pequeno povo continental**”, de modo que conheceram logo no ponto do desembarque um “**engenho de descascar arroz** com as suas talhas e estendões do grão e os seus maquinismos engrenando numa colossal roda hidráulica”, e, mais adiante, “uma serraria trabalhando com a força motriz da mesma água derivada dum represa feita na encosta vizinha. Era uma **fábrica de cerveja**” (GINÁSIO...1915, p.16, grifos meus).

Passeios grandes que vão paulatinamente, passando por cada região da Ilha de Santa Catarina, produzindo e significando um “*modo de vida* definido à sua maneira”, uma “reprodução do todo da natureza” que “constitui uma objetificação do todo da cultura” (SAHLINS, 1979, p.198, grifos do autor). Fabricação, como atividade da obra, que possui um fim determinado: o objeto “pronto para ser adicionado ao mundo comum das coisas e dos objetos” (ARENDDT, 2005, p.180). Piquenique, obra do “*homo faber*, que consiste em sua reificação” (ARENDDT, 2005, p.184). Um **modo de vida** obtido por práticas que envolvem saber-poder-moral.

⁵² Arendt (2010, p.8) pretende com sua expressão “*vita activa*” desenvolver a condição humana ao “designar três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação”. Aqui, faço uso apenas da categoria “obra” para ler o piquenique em diálogo com a **razão prática e utilitarista deste mundo de cultura**.

Fantástica REPETIÇÃO na DIFERENÇA do tempo na Cidade. Pois, se as estátuas de Dédalo passaram da condição de mito para a do saber através do *logos* na antiguidade (e que precisavam ser amarradas para não fugir), aqui, na atualização da Cidade, encontramos signos que vão demarcando caminhos para cada vez mais encarnar o espírito do tempo do biopoder encarnando, como possessão estável, na cidade. Será novo **mito**, e será nova **perseguição** do saber-viver perante outras racionalidades e moralidades.

Prosseguimos com o outro do PIC NIC.

Assim, as crônicas dos convescotes permitem circular naquela sociedade processos que destroem a natureza (meio ambiente) e se determinam pelas categorias dos meios e do fim: uma instrumentalidade das técnicas que permitem produzir, armazenar e distribuir alimentos não desaparece depois que seus produtos (peixes, camarões, frutas, arroz, cerveja) são terminados, “sobrevive-lhe intacto, pronto, por assim dizer, para prestar-se a uma infinita continuação da fabricação” (ARENDDT, 2010, p.176). Por isso na fabricação é enorme o “papel que as ferramentas e os instrumentos desempenham”, embora sejam “coisas de uso para o trabalho”, “não resultam da própria atividade do trabalho” (ARENDDT, 2005, p.186). Logo, é do âmbito da fabricação “a experiência mais fundamental que temos da instrumentalidade”, visto que “tudo e todos são julgados aqui em termos de adequação e de utilidade para o produto final desejado” (ARENDDT, 2005, p.187).

E cada diferença desenvolvida pelo seu utilitarismo necessita de significação, utilidade cuja FUNÇÃO domestica natureza contribuindo para novas formações de IDEIAS-FORMAS no mundo. Que, quando estabilizadas, poderão ser consideradas HÁBITOS-LEMBRANÇAS. Mas aqui, ainda não.

De todo modo, nosso caso permite identificar alguns dos elementos destes **obradore**s que contribuem no reforço das próximas categorias (*genos*) a se diferenciar mais e mais naquela sociedade. Alimentos (peixes, camarões, frutas, arroz, cerveja) que só podem ser apresentados no âmbito do elogio dos passeios grandes porque, antes, já fazem parte das MESMAS categorias de DIFERENÇA. Por não serem comidas de menor valor simbólico, é que fazem jus à **fabricação no/do piquenique desta carga moral**.

Ou seria apenas coincidência que os relatos apresentassem aqueles e não outros tipos de alimentos? Engenhos de mandioca não existiam mais em Florianópolis? Por que não os apresentar nos passeios

grandes? Talvez por não serem alimentos do âmbito cultural destes padres, jesuítas e alemães fosse uma saída, já que tal alimento não foi encontrado em nenhum cardápio do cotidiano do educandário.

Pelo contrário, o relatório de 1910 apresenta lista de alimentos importados, e dentre eles a “batata inglesa” (GINÁSIO..., 1910, p.5). E o arroz, apresentado junto ao seu “engenho de descascar” era consumido depois da saída de outubro de 1919, no almoço que comemorava dentre outros o fato de que os alunos internos “perfazem em 90 minutos os 9 km”, e assim foram recebidos num “rancho festivo [com] assado, **arroz** e feijoada, café, pão doce e frutas a fartar” (GINÁSIO...1919, p.60, grifos meus). E porque “cerveja” e não outras bebidas? O Diário (1918, grifos meus) apresenta que ao final do jogo de futebol entre os times do Internato Vs. Externato, no qual estes “ganharam 2:1”, após a contenda foi servido “**almoço com cerveja** para os jogadores”, o que demonstra que esta já fazia parte do universo simbólico de distinção familiar. E sobre o valor dos frutos do mar, o relato de uma “festa de São João” de 1916 apresenta “bocas de fogo” e “brasas para a sua **sardinha, assando peixinhos e até peixes rechonchudos** [...] convidando-se uns aos outros para participares da ceiazinha saborosa” (GINÁSIO..., 1916, p.22, grifos meus).

No entanto, não caminhamos no sentido de essencializar uma cultura germânica que apenas se reproduziria com suas memórias de longa, longa duração. Não que isso seja fato para ser menosprezado. Contudo, estamos desde nossos Platôs argumentando a favor de nossa chave interpretativa: hábito e participação. Uma chave que não gira o poliedro de inteligibilidade quando velhas memórias prendem o SER, seja no jogo das representações cujo conceito mata a DIFERENÇA, seja na identidade quando rígida.

Diferentemente, se entendemos que o SER se ATUALIZA na PARTICIPAÇÃO de modo **estável e provisório em sua POTÊNCIA**, então nos enveredamos na produção de sujeitos, verdades e moralidades como EFEITO de **acontecimentos**.

Portanto, nos acontecimentos parece haver relação entre práticas de comestibilidade e esquema de produção, distribuição e demanda do avanço do biopoder, significado na simples prática do piquenique. Biopoder cujo elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos.

Como dimensão do poder, do controle e governo dos outros, de modo utilitário concorreria na construção dos mais variados elogios dessa natureza (ambiental) sendo dominada. Elogios que, na perspectiva de Arendt, concorrem em diminuir os impactos das destruições provenientes das obras, e dão relativa estabilidade ao mundo. Elogios que produzem novos modos de vida moral e que contribuem no reforço das linhagens, das familiaridades, transmitindo algum maná entre *status*, grupos e pessoas. Temos nesta política que sai do âmbito da escola e participa com o tempo da cidade a continuação, embora diferente no tempo, no espaço e em qualidade, do bem-viver que no limite contribui na afirmação das linhagens, todas elas, necessárias ao princípio do Estado: não cair.



Figura 8: Nova conquista da Natureza no piquenique [191?]

Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Até aqui, o lugar de diferença do piquenique junto à exuberante natureza da Ilha de Santa Catarina parece justificar ou consentir os avanços de um modo de vida a partir dos discursos de elogios que

envolvem utilidades de novos modos de produção seja do “espetáculo” da pesca artesanal, seja dos “sinais da indústria”.

Parece haver uma relação entre comestibilidade, comensabilidade, intensa atividade física em **tempos de avanço do biopoder**, cuja PARTICIPAÇÃO contribui nos elogios morais produzindo a verdade de uma época. Em termos foucaultianos, trata-se de uma **teleologia moral**, no sentido do que se pretende tornar-se enquanto sujeito moral a partir deste conjunto disjuntivo de práticas. De todo modo, é sempre uma artificialidade que naturaliza coisas do mundo.

Faltaria agora indícios da nova economia das paixões no âmbito da personalidade social em desenvolvimento. O modo de vida derivado dos piqueniques aponta outra natureza sendo domesticada: a dos corpos dos alunos. Um utilitarismo a ser elaborado, a partir das relações que envolvem **corporeidade, comestibilidade e sociabilidade**. Partes finais desta genealogia sobre paixões do comer, do brincar, do passear e do exercitar junto à natureza.

Conforme os ditos do Relatório, a cidade à beira-mar compreende espaços saudáveis para jogos higiênicos, e garante aos familiares (perceba a importância da afirmação da linhagem) “tudo quanto se necessita para o bem estar físico de seus filhos”, e nos intervalos, esses momentos quase-livres, “haverá recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos (GINÁSIO..., 1910, p.54).

Relatórios⁵³ do Ginásio apresentam esta chamada que se aproveita da localidade da “bela cidade de Florianópolis” e “garante” aos pais o necessário para o “bem estar físico de seus filhos” envolvendo nos “intervalos dos estudos [...] recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos”. Há um **utilitarismo da situação beira-mar**. Aqui não interessa análise do surgimento do banho de mar na cidade de Florianópolis, objeto já tratado na dissertação de Ferreira (1994).

Para Ferreira o banho de mar ditou novas modas, novos trajes, transformou mentalidades e hábitos, calou preconceitos arraigados e suscitou outros. Há deslocamento de sentimentos e de emoções com a invenção do banho de mar, e uma nova sensibilidade nasce, a do cidadão em contato com a natureza (FERREIRA, 1994, p.73). O autor

⁵³ O mesmo texto consta nos relatórios de 1911, p.59 e de 1912, p.50.

atenta que sua dissertação não será um trabalho completo da história do banho de mar na Ilha de Santa Catarina, cujas fontes foram basicamente periódicos da cidade. O trabalho é “esboço de como o banho de mar foi sendo introduzido na sociedade florianopolitana, graças ao discurso dos jornais e outros porta-vozes da elite local” (FERREIRA, 1994, p.18)

De todo modo, Ferreira encontra em sua pesquisa nos periódicos locais da época, que será entre final da década de 1910 e no início da década de 1920, que os banhos de mar serão representados como atividade de “lazer”. Porém, encontramos fontes que indicam outro tipo de piquenique **acontecendo** (sendo inscrito nos corpos) desde 1906, ano da abertura dos portões do educandário jesuítico na cidade. Portanto, há uma prática de educação do corpo, entendendo-a como lazer, sem que, no entanto, tal tema ainda tenha encarnado de vez na/pela cidade de Florianópolis. O que leva há necessidade de desdobrar a questão sobre nova economia das paixões perante os convescotes.

Neste impasse, Alain Corbin novamente pode ajudar. Este historiador francês que pesquisou surgimento do desejo de estar à beiramar e dos banhos de mar na Europa apresenta que a prática do banho de mar naquele continente tem suas raízes no século XVII e se firmará entre os séculos XVIII e XIX. A partir da segunda metade do século XVIII desperta no europeu o “desejo coletivo das praias”, o qual “as margens do oceano surgirão como alternativa aos males da civilização” (CORBIN, 1989, p.65).

O mar, outrora o quintal, agora ia sendo contornado, como jardins nomeados através dos distintos balneários, e tornar-se-ia expressão da natureza dominada. Contudo, que não se engane, pois, a classe de lazer, na mesma época pratica outro PIC NIC (Cena 5), cuja pesquisa nos jornais de época não nos indica que houvesse algum momento para banho nas águas salgadas, doces ou salobras da Ilha de Santa Catarina. Ademais, seguindo novamente Corbin, os convescotes desta “classe de lazer” envolviam a celebração de uma ociosidade significando inatividade para com exercícios corporais. Insistimos na fonte:

Vem chegando a promissora de dias intoleráveis a estação calorosa. O calor já mal se suporta e por isso **ossos Clubs preferem substituir os ruidosos bailes pelos magníficos e salutares pic nics, nos aprazíveis arredores de nossa cidade.** Ai por essas praias sempre batidas de uma aragem sempre fresca e amena, em uma

abundância de atmosfera bem oxigenada e pura, **desertam as dispepsias, são bem digeridos os tradicionais churrascos com que tanto já se identificaram os nossos habitantes do Sul. A música parece ter outros encantos, tudo transpira viço, alegria e despreocupação.** Fogem as nostalgias e ao doce tom dos beijos marinhos, a alma inteira **deixa-se dominar de um gozo indefinido e santo!** Foi o que gozaram os convivas do Club 12 de Agosto nas horas do último domingo do mês passado. [...] Não há dois seres iguais não há duas impressões bem uniformes! GAZETA CATARINENSE, 1909b, capa, grifos nossos).

Diferentemente acontecia nos piqueniques do Ginásio. Os padres jesuítas alemães produzem outras formas de vida que inventam práticas de lazer a partir de atividades corporais, denotando intenso contato com elementos de vida na natureza da Ilha de Santa Catarina.

Retorno à Figura 6 – comidas e bebidas após caminhada; e 7 e 8. As escaladas que revelam conquistas da natureza não escondem na Figura 6 a brincadeira de segurar pasta do padre. E a Figura 7 o que denotam os rifles sobre a pedra? Aqui, a historiografia não se trata apenas do mar, mas, de um ritual que envolve dinâmica de afetação através dos sucessivos entusiasmos e simpatias entre práticas alimentares, de comestibilidade e, de sociabilidade. Conjunto de elementos no bojo de um passeio grande.

Pululam nas imagens de um passado um conteúdo que pode ser interpretado? Como uma atividade que não existia passaria a acontecer? Que forças seriam estas que na Ilha de Santa Catarina atuariam na expressão de uma natureza sendo dominada? Ou seja: quais elementos contribuem na produção de uma nova sensação: a do corpo que come no piquenique antes, durante e após exercícios físicos? Quê condições afetam este corpo que brinca e come?

Fischler (1979, grifos meus) pode contribuir nos fios soltos desta busca ao apresentar que “o homem é um onívoro que se alimenta de carne, de vegetais e... de **imaginário**. A alimentação nos remete à biologia, mas não fica aí, **o simbólico e o onírico, os signos, os mitos, as fantasias alimentam-nos, eles também, e concorrem para normatizar a nossa alimentação**”.

Ora, há em desenvolvimento uma relação de corporeidade então inédita na cidade. Envolver corpos de alunos em atividades físicas até então não era muito comum. Nos tempos da Desterro dos oitocentos, já apresentamos Cabral e nossas fontes, não podemos afirmar que a elite da cidade se exercitava. Não temos indícios. Diversão de ver e não fazer no bojo dos hábitos ou costumes que com a abertura dos portões do educandário jesuítico, deslocariam toda uma relação que envolve corpo, exercícios e natureza. Há uma ruptura entre a elite de Desterro e esta, representada pelos herdeiros-alunos do Ginásio Santa Catarina⁵⁴. Envolver corpos de alunos em atividades físicas, de mobilidade e de força até então não eram comuns. Nos oitocentos, já apresentada a leitura de Cabral, tem-se que atividades físicas não eram praticadas pela elite.

Como tal processo **acontece**?

Embora o que se segue seja uma hipótese, talvez, não seja ingênuo supor que os novos Mercadores-pastores não desconsideraram relações alimentares, ou melhor, de comestibilidade e de sociabilidade.

Segundo Leach (1983, p.175) os critérios de comestibilidade envolvem questões de cultura e de linguagem, e não de natureza, de modo que a “nossa” classificação de um alimento é “moralmente justa e marca a nossa superioridade”. Tal perspectiva leva a uma “discriminação cultural” da classificação do “comestível” em três principais categorias:

1. Substâncias comestíveis que são reconhecidas como alimento e consumidas como parte da dieta normal.
2. Substâncias comestíveis que são reconhecidas como alimentos possíveis, mas que são proibidas ou então que se permite comer somente em condições especiais (rituais). Estas são substâncias que são *conscientemente interditas*.
3. Substâncias comestíveis que, por cultura e linguagem, não são reconhecidas de modo algum como alimento. Estas substâncias são *inconscientemente interditas* (LEACH, 1983, p.175, grifos do autor).

⁵⁴ Dallabrida (2001) demonstra como, a partir de 1906, na instituição jesuítica de ensino secundário se deu a “fabricação escolar da elite” na cidade de Florianópolis.

Aqui, diferentemente do antropólogo britânico, não será dada atenção aos alimentos “inconscientemente interditados”, aquelas substâncias comestíveis, mas, que não são classificadas como alimento. Busca-se compreender como no ritual do piquenique do Ginásio Santa Catarina, o que se comia era ao mesmo tempo um alimento presente “como parte da dieta normal”, ao passo que era comido em “condições especiais”. Quais as condições para que um alimento normal também seja especial? É possível inferir que na ordem do saber-poder, a classificação do comestível pode participar das **transformações**⁵⁵ rumo a uma nova economia das emoções na Ilha de Santa Catarina?

Certamente a linguagem “faz mais do que nos prover com uma classificação das coisas” pois “molda nosso ambiente e coloca cada indivíduo no centro de um espaço social ordenado de maneira lógica e segura” (LEACH, 1983, p.179). De acordo com Leach (1983, p.180) “tudo o que é tabu é sagrado, valioso, importante, poderoso, perigoso, intocável, imundo, infando”. Tabu que separa “o eu do mundo e, depois, para dividir o próprio mundo em zonas de distâncias social”, que nos termos de Leach (1983, p.192-5) correspondem a: casa, fazenda, campo e remoto⁵⁶.

Assim, motivado pelas considerações deste antropólogo sobre zonas de distância social, talvez seja plausível considerar que o piquenique no início era algo “remoto”. Ao povo burguês e próximo de Desterro, mar e mato vinculados a uma incivilidade. No máximo, um convescote da classe de lazer.

Então, parece ter ocorrido, a partir da chegada destes padres numa utilitária produção de novo hábito a partir mesmo da sua FUNÇÃO. Ora, há uma pedagogia da vontade em curso que se aproveita de algumas das características do fator lúdico, já que o ritual do PIC NIC é uma **atividade voluntária** exercida dentro de certos e

⁵⁵ Aqui **transformação** tem o sentido de implicar um corte, uma ruptura, distinto de **mudança**, entendida como um processo adaptativo no qual implica uma continuidade qualitativa sobre algo, i.e., não há ruptura ou cortes. Por isso transformação é bem vinda numa orientação genealógica que busca inscrições de saber-poder no corpo, afinal, “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder” (FOUCAULT, 2012h, p.237).

⁵⁶ Do ponto de vista da comestibilidade, Leach (1983, p.195) relaciona que se come o que é da “fazenda” (gado, porco) e do “campo” (animais de caça como veado), mas não do “remoto” (animais não comestíveis como elefante, tigre) nem da “casa” (cão, rato).

determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, **mas absolutamente obrigatórias**, dotado de um **fim em si mesmo**. Esse fim em si mesmo é o que se liga à **função** enquanto produção de novo ser moral.

Quem percorre o maior espaço num menor tempo? O que vamos comer hoje no passeio? Incitações morais de toda sorte que na disciplina e condução do rebanho aproximam das relações de “campo”. Talvez traduzida pelo termo “pitoresco” dos relatórios, ou, traduzido pelos termos “majestoso”, “rico”, “belo”, tantas vezes refletidos nos relatórios, e que poderiam exprimir como incorporais processos de DIFERENCIAÇÃO da razão prática dos Mercadores do Negócio os espaços mais próximos da “fazenda”, a REPETIÇÃO. Termos que ligam política e estética, já que o controle do governo dos outros também passa pela produção de sensibilidades de si.

Um e(st)ica destes Mercadores que nos permite elaborar uma hipótese, a saber: de que a relação proporcional do utilitarismo da comestibilidade dos alimentos contribuiria no deslocamento das zonas extremas (casa e remoto, certamente convescotes eram desta última classificação) para as zonas intermediárias (campo e fazenda donde se dá relações de comestibilidade), que por sua vez, ao garantirem familiaridade (no local desconhecido me alimento do que já conheço), contribuiriam assim, no desenvolvimento daquela nova prática de diversão.

Ah, par *eidós-genos* em DIFERENÇA na Cidade. É preciso aproximar, não estranhar de uma vez. Nesse sentido os pastores na condução de seu rebanho são úteis não só à cidade em sua conjuntura, mas também no aprofundamento da família escolarizada, ao aproximar na vida na natureza alimentos do dia-a-dia. Então, pela alimentação também temos o recheio das relações sociais e ambientais. O que carregavam nas mãos e canecas que se dirigiam à boca naquela Figura 6?

Se nossa hipótese pudesse ser verificada, que o esquema simbólico de comestibilidade participa da produção de sociabilidade perante o novo, então faz sentido sustentar que alimentos do dia-a-dia do Colégio – frutas, pão, linguiça – também seriam os consumidos nos dias especiais de piquenique.

Em entrevista realizada com egresso do educandário, submetido ao mesmo regime de internato dos estudantes de nosso estudo, mas, logicamente, de outra época (1950), duas falas nos saltaram aos olhos:

1) eram os mesmos alimentos aqueles ofertados no cotidiano e nas saídas do Colégio, visto que “a festa não pode te distanciar do lugar que tu vive”; e 2) sobre a relação entre atividade física e alimentação, nosso informante relata que “era uma coisa muito articulada”, visto que “a posição da refeição antecipa o recreio ou alguma atividade” (BARROS, 2011). Estas frases, um tanto soltas, talvez possam ser mais bem amarradas com outros dados de nossa pesquisa.

A 17 de fevereiro consta no Diário (1918, grifos meus) que “**no refeitório dão ao jantar dois pratos de carne**”, e, em 11 de abril do mesmo ano de 1918, na merenda que precedia o piquenique fora servido “**pão, linguiça e café**”, este convescote que se tratava de uma “marcha forçada dos [alunos] voluntários em volta do Morro da Cruz”, que “levaram das 9:30 até 12h”, e na volta destes, serviu-se no almoço “**pão, linguiça, carne, arroz**” (DIÁRIO..., 1918, grifos meus).

Uma prática de exercício físico coroada com almoço. No passeio grande de 1916 nova coroação, também chamado de “piquenique” e que “demonstrava o quanto de energia vive e ferve nos nossos jovens, que como brincando venceram distância de até 40 km”, quando o “exército disciplinado” na “praia em frente da ilha dos Naufragados [no sul da Ilha]”, houve um “curto descanso” no qual fora servido “**pão de trigo e de milho com linguiça**” que “desapareceu por encanto” e “**laranjas de qualidade superior [que] matam-nos a sede**”, piquenique este que na sua volta foi realizado “um churrasco a gaúcha, preparado por mão hábil, [que] nos convida a festejar condignamente tão vitorioso” (GINÁSIO..., 1916, p.17-18, grifos meus).

Carne, pães, frutas, alimentos servidos no cotidiano e no ritual com todo cuidado pelos padres-jesuítas, de modo que “não só o café, mas todo o almoço foi servido quentinho” no mesmo piquenique que elogia fabricas de cerveja e de arroz (GINÁSIO..., 1915, p.16).

Assim, parece haver uma relação entre o cuidado de si que os pastores administravam aos futuros políticos da Cidade e a própria produção de novos sentidos de comestibilidade (sobre a classificação do que se come) e de comensabilidade (sobre a classificação com quem se come). Evidências de acontecimentos que podem ter contribuído para **encarnação de novos modos de ser, de estar, de dizer-de-si**. Formas de vida, novas formas de sociabilidade entre corpos e comidas num ritual.

Neste sentido, talvez esta prática de si chamada PIC NIC, pela própria condição da PARTICIPAÇÃO com elementos da Cidade

(praias, lagoas, morros, montanhas) tenha de alguma forma, pela **repetição** dos ATOS, canalizada para nova distinção do OUTRO. No caso, o ambiente inexplorado (remoto), e, assim desbravar este novo lugar (que será pitoresco, majestoso, rico, belo), relações de saber-poder-moral que facilitam fissuras na abertura de novas estruturas através da sociabilidade que o ato alimentar promove: **nova artificialização** pela via *bíos-politikon*.

Assim, nos dias de piquenique, dias de passeio grande, para existirem, i.e., serem inscritos nos corpos, talvez necessitem que os obreiros-pastores se aproveitem, no utilitarismo desta razão prática, das relações de intimidade que momentos de alimentação oportunizam.

Se a figura 6 representa, e por isso apresenta uma estrutura de algo parecido com a de “corpos [que] estavam mortalmente cansados” que chegariam à **intimidade** da “casa” após uma “comilança de laranjas”, então o especial do **corpo que come** neste evento se dá pelo reforço da própria imagem do alimento, que, por ser também consumido na intimidade cotidiana, confunde, desloca, embaralha **cansaço e estranhamento com descanso e familiaridade**. Mas há mais nesse especial de comer no ritual do piquenique.

Um utilitarismo que atuaria na transformação das novas economias de paixões, de modo que caminhar, exercitar parecem estar estreitamente vinculadas às relações de comida e de diversão. Útil, portanto ao bem-viver que nega a *zoé*. Ah, **corpo que come e brinca** que serve a um modelo de educação.

Na definição da Diversão (Cena 1) apresentávamos dois complexos: **1.** Distensão-distração, típico das classes do lazer; e **2.** Espontaneidade-seriedade, que agora recrutamos como nossa análise.

Foucault (2010a) em sua genealogia da ética pensa 3 momentos do “cuidado de si”: 1. Momento socrático-platônico; 2. Idade de ouro do helenismo exemplificada nos dizeres de Sêneca, Epícteto, Marco Aurélio (séculos I-II dC); 3. Cristão (séculos III-IV dC). Ficamos apenas com o primeiro momento, pois, é justamente aí que reside práticas de cuidado acerca daqueles que irão governar as cidades. Eram práticas destinadas aos jovens da elite da Cidade.

Ora que função cumpre na Cidade da Diversão em seus aspectos políticos a configuração PRC-pastores Ginásio? Parafraseando Dallabrida (2001): fabricar elites. Nesse sentido o PIC NIC envolve mais do que simples mergulho no contato com a natureza, é mais: é uma prática de si relacionada a se conhecer. Esforçar ao máximo o corpo,

cansar-se, comer e conhecer suas repercussões. Neste sentido na purificação através do contato com outros espaços sabiam muito bem os pastores, que ao conduzirem seu rebanho, “*omnes et singulatim*”, produziam individualidades através de práticas de obediência. De quê tipo? Do tipo que atenderia às demandas de uma cidade que precisa inventar seus próximos governantes.

Então temos juntado ao avanço do biopoder duas conjugações de práticas: a do **pastorado** e do **cuidado de si** (com vistas a exercer governo dos outros). Ora, o que o Policial, ou divino deus proclamava acerca do controle das vontades (origem da anarquia volicional) não eram suas palavras, mas o discurso de Dom Becker de 1911. Dentro de um contexto específico: o da formatura da turma de ginasianos na e da Cidade da Diversão. Irônico disto resulta que estas palavras em nada valem para todos da Cidade. O acontecimento descrito como sendo do Jornal Policial é uma falácia, pois, estas, as palavras de Dom Becker, estão inscritas, como acontecimentos na pedagogia da vontade do Ginásio Santa Catarina. Voltado às elites, suas formações, sua educação. Logo, os pastores continuam cuidando não da Cidade, mas do seu rebanho. Por isso que há dois piqueniques acontecendo na Cidade da Diversão. Um de uma classe de lazer, e, outro de uma classe destinada a guiar o tal navio.

Mas há sempre mais. Pois, a univocidade do ser não significa “um só e mesmo ser: ao contrário, os existentes são múltiplos e diferentes, sempre produzidos por uma síntese disjuntiva, eles próprios disjuntos e divergentes” (DELEUZE, 1969/2007, p.185).

Nesse sentido, é possível também ler o PIC NIC do Ginásio com elementos do brincar. Por isso aqui há o **complexo espontaneidade-seriedade**, afinal de contas para que os meninos tivessem o maior leque possível de experiências, o fator lúdico na sua potência também deveria ser praticado. E, também são práticas de obediência. Finalmente encontrei minha resolução para o que entendia como aporia a partir daquela fotografia que, quase querer, encontrei no atual Colégio Catarinense!



O Bricoleur,



Edifícios do Gynmasio vistos da torre do observatorio





Figura 9: Tchibum na Natureza do piquenique [191?]
 Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

◇

Então lá vem você, essa Figura que há tempos vêm conduzindo massas. Massas de rebanhos, nos povos das prisões, dos manicômios, dos grupos terapêuticos em Saúde, das procissões religiosas, das escolarizações de massa.

Pensa que sou tolo porquê do lugar de onde estou não há aparente espaço para me locomover? Engana-te, pois sou louco e me movo quando posso. E quando posso sinto que existo. E quando sinto que existo brinco. Mas também na brincadeira me movo. E crio imaginariamente um mundo de escape, e se neste mundo existo no tempo em que ele durar, então também aí EU SOU. Transitoriedade

reveladora. Algo mudou. E o mundo passa, são 3 horas da manhã. O galo cantou. Acordei e me pus a escrever.

Ah, que lugar **DISTINTO**, cheio de natureza para “acolher, receber, admitir” alguma **POTÊNCIA**. Cheiro de verdura recém saída da horta. Horta escolar apenas escolariza? E aquela experiência dos sentidos de pegar na terra, terra molhada com minhoca? Ah, vista encantadora da Cidade? Pacata no domingo cedo. Acabo de levantar, lá vem ele, novamente, me olhando. Já sei, tenho que me levantar e fazer minha higiene, e me postar na fila para a marcha do grande passeio. Nem sempre é dito aonde ir. Causa da **MESMA** surpresa.

Sim, é um espanto se cansar de tanto caminhar, marcha forçosa, laborosa e que na chegada do prometido lugar algo simplesmente embriaga as vistas. Não somente: cheiros e toque compõe o **SABOR** do Mundo por todo o caminho. Do estrume da estrada rústica, aos processos tecnológicos dos primórdios da industrialização. Do álcool da cerveja, do couro e do característico cheiro de peixe. Sim, maresia! Tudo ainda muito artesanal (mas eu chamo de indústria, pois é o mais moderno que eu conheço).

Toda caminhada é seguir conforme o desenho traçado, e, produz no em si possibilidades de fissuras. Pois, “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que fala” (CERTEAU, 1994, p.179). Fantástica fala do jesuíta, historiador, médico, numa palavra: caminhante ao seu modo intrínseco. Outro homem na multidão sempre disponível a encantar.

Talvez o par pastor-rebanho no ato de caminhar tenha significado ao seu modo intrínseco cada significante do espaço, tornando suas “algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída”, e aumentando “o número dos possíveis” ao criar atalhos e mesmo se proibir de ir por caminhos “líticos ou obrigatórios” (CERTEAU, 1994, p.178). Lembrem: simplesmente em cerca de dez anos se aventuraram a desbravar todas as regiões da Ilha de Santa Catarina. Chegaram até além-mar. Algo, portanto, parece escapar “às totalizações imaginárias do olhar” (CERTEAU, 1994, p.172), leia-se: dos produtores oficiais de sentidos – jornais e periódicos, e os próprios pastores.

É fácil pensar: seria aquela entrega da pasta quase preta tão casual assim? Embora há um enquadramento, do olhar que totaliza a cena para se gravar da Ação, pensamos que há mais que escapa a intenção marcada. A saber: há distensão corporal, relaxamento do espírito que assim se permite receber um algo mais. E veio a risada

justamente quando ninguém mais planejou. Possessão de algo. Escapa controlar. E um dia tudo retorna ao mesmo lugar da brincadeira mais elementar.

Tchibun! Quantos e quantos caminhantes, que param num lugar mais inusitado, espontaneidade do condutor das almas e dos corpos? Ou, milimetricamente arquitetado para que naquele instante naquele local houvesse mais uma batida. Fotogênico é aquele que se deixou surpreender. Mais um entusiasmo. Feito com os mesmos elementos de que há tempos nos deparamos. Comida da terra, comida que produz calor na queima, comida envolta de ar nos seus menores e certamente invisíveis espaços (a olhos nus), comida cheia de água. E então se deu aquele ato mais mágico, a ver com a Vida de todos (pastores e rebanho de toda sorte). Pronto, o simulacro da espingarda-armas era apenas uma brincadeira de crianças sedentas em (re)conhecer-se naquele Mundo novo. Cheio de algo, um tanto sem corpo mas com tanto espírito na presença.

Quero encarar o homem como um habitante, ou parte e parcela da natureza, e não como um membro da sociedade. [...] [Se] for um homem livre, então você estará pronto para uma caminhada. [...] Mas **a caminhada de que falo** nada tem a ver com praticar exercícios [...] como o levantamento de halteres ou de cadeiras, **ela é, na verdade, a empreitada e a aventura do dia** (THOREAU, 2012 p.47;49;53, grifos nossos)

Então veio a aventura do piquenique justamente lá aonde se leem dispositivos, marcações das carnes e suas almas. Todo **espírito** comporta nas práticas de si sua FRESTA. Sua hora do recreio, ou do lazer, ou do merecido descanso depois de tanto tempo de Trabalho. Respiro que ajuda a não se enfadar no meio da multidão. Respiro que dilata e permite na própria fissura instaurada (mesmo que breve e brevemente) a participação na real Política dos corpos: produção da vida como Obra.

Criação de memórias que hoje sabemos nos ajudaram a viver a Ilha da Magia para além do passeio do quadrado fechado da praça. Deslocar dos olhos que totalizam para outras relações de familiaridade. Por simpatia ou obrigação? Tanto faz, pois, tem-se equívocas.

O que nos interessa (e essa foi sempre nossa busca para Saber) é que os mesmos operadores culturais, *homo faber*, estes pastores vestidos de Mercadores do Negócio da educação virtuosa aos herdeiros-próximos governantes da cidade no **estar**, no **sendo**, no **é** que se dá na participação, são aqueles que oportunizam as incríveis condições para que o jogo concreto-abstrato, *to play-pflegen* pudesse, como numa tacada, nestas práticas de si, apresentar-se como *Bildung*.

Incrivelmente belo é a formação desta palavra/coisa: *Bildung*, derivada de criança, pais e, pasmem (se espante): **brincar, jogo**.

É simplesmente sua compreensão que parece todo a base fanstasmagórica. Fantasmas vestidos nos diversos mitos da modernidade – trabalho servil, educação para algum lugar, saúde perfeita. A **Paideia** grega, a educação, *Bildung* no alemão, é tão somente a alegria de chegar na emancipação através da autoformação. E como é preciso ter capacidade, tempo e cultura, é que no início dos tempos da cultura de si, esta era limitada às elites gregas. O que mudou de lá até nosso recorte? Mas a Paideia sempre mantém sua Potência na privação do esquecimento dos encarnados.

Veja você ouvindo alguém. Encanta-te, te seduz porque te devora com suaves palavras que você mesmo só pode sentir no momento mesmo da afetação. Então veio a simpatia. De onde surgiu aquele jogo de olhares amorosos em plena flor da idade, de simpático respeito pelo orador da classe, de entusiasmo por aquele saber que de tão perto ainda parece distante? Sim, pode-se sair da caverna quando se compreender que há escolha, FRESTA de RESPIRO: distrair ou distender-se. Ou ambos, tanto faz.

Ainda bem que tudo sempre termina bem. Então, e retornando à nossa (quase) última bricolagem. Tchibun ao mar!

Pensamos na dinâmica simpática entre aqueles sujeitos escolarizados. Na imagem que destacamos estão parados na superfície. O que estariam fazendo abaixo será sempre um mistério. Superfície e profundidade do ser em afetação. Hábito como aquela mais bela ponte de passagem entre o MESMO da familiaridade entre filias e associações explícitas, e o DIFERENTE na posse do entusiasmo que ousa produzir pluralidade de entes no mundo. Então mergulhou. Uma prática simplesmente simples e perfeita. Contatos de todos os graus. Pele, nariz, boca, olhos. Pulmão repleto de ar, coração funcionando na sua devida potência. Comunhão de todos os elementos, signos que vão significar alguma coisa a alguém.

Os poetas da cidade parecem agora ter voltado mesmo que distraidamente, nos elementos que envolvem o simples banho de mar. Agora sim, a Cidade começa a autorizar sua invenção.



Figura 10 : O Cansaço Mortal do Passeio junto à Natureza [191?]
Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Como conseguir algum contato consigo se a prática é extremamente cansativa? O cansaço aqui é da MESMA frequência que a distração. Mudam-se apenas os graus. Pois na distração há autoengano de mais euforia, de mais excitação. Enquanto no cansaço propriamente dito se tem uma pequena Vontade de Viver no próprio estado em que se encontra, visto que se busca, no mais das vezes, recarregar as energias com alguma forma de tempo livre (dormindo, nadando, correndo, caminhando, comendo, bebendo). E isso gera aprendizado para os próximos governantes. Formas de tempo livre que cansam não libertando de vez o ESPÍRITO, que continua preso aos seus dirigentes. Contudo, permitem que experienciem, que se conheçam e se

transformem enquanto conhecimento e cuidado de si, e das coisas do mundo. Efeito terapêutico, efeito de purificação que, no limite, amplia o cuidar no se conhecer.

Nesse sentido destacamos a possibilidades de envolver na invenção do piquenique do Ginásio uma nova forma de vida na cidade de Florianópolis, processo que permitiu a produção de mais um elemento da cultura na vida em sociedade.

Prática que diverte, e, produz hábito através da repetição. Na brincadeira que envolve corpos-comidas-exercícios físicos produzem-se a experiência no fator lúdico.

Enfim, eis que práticas do PIC NIC inscrevendo como acontecimentos nos corpos (físicos, memórias, sentimentos), potencializando através do fator lúdico (que faz de conta, é momentaneamente livre, tem um certo fim em si mesma, cria ordem e é ordem, é jogada até o fim, produz tensão, competição e alegria, e, tem-se o mistério de tornar-se outro) foram ligando práticas políticas e morais, a partir do governo dos padres-pastores em seu afã para cuidar de dos jovens da elite da Cidade da Diversão.

Obra na participação da Cidade, de corpos que se divertem, cansam, comem e retornam ao ciclo do trabalho escolar. Pedagogia jesuítica que se utiliza das características dos passatempos na produção deste corpo fabricado. Ou seja, relações de saber-poder-ética que concorrem a novas economias das paixões por meio da excitação dos convescotes. Atividades de jogos caracterizados pela sociabilidade, mobilidade e *mimesis* (ELIAS 1992, p. 178-185).

Em cada grande passeio, há aspectos da “sociabilidade”, um elemento de prazer que se refere ao sentimento agradável de estar em companhia dos outros sem o peso da obrigação ou do dever desta companhia (idem). Mas o poder é relacional, logo, “o peso da obrigação” se não existe, é devido ao deslocamento pelos operadores totêmicos, que em seus estratégias, criam, ora em datas comemorativas da nova república; ora em datas comemorativas da equipe jesuíta, como nos aniversários do Padre Reitor ou festas católicas; motivos para convescotes junto à necessidade catártica deste lazer.

E, assim, inventam-se encontros entre o eu dos sujeitos do piquenique e, outros enquanto lugares e corporeidade até então desconhecidos. Encontros mediados por relações de intimidade e amizade oportunizados pela alimentação. Uma sociabilidade na cidade

interdependente de seu meio ambiente (mata nativa, rios, lagos e mares) que transforma hábitos e afeta corpos.

Pedagogia que vincula alimentação a um trabalho físico sobre o corpo. Tanto no grande passeio ao Morro da Cruz, na ocasião da “Santa Missa”, o qual chegaram aqueles corpos “mortalmente cansados”, após uma “comilança de laranjas” (DIÁRIO, 1907, grifos nossos), quanto no passeio de demonstração de “energia” dos jovens “que **como brincando venceram distância de até 40km**”, sendo recebidos na sua volta, por um “um **churrasco a gaúcha**, preparado por mão hábil, [que] nos **convida a festejar condignamente tão vitorioso**” (GINÁSIO..., 1916, p.17-18, grifos meus p.17-8).

Eis outra forma de excitação: a “mobilidade”, decorrente destas atividades físicas que demandam uso da força muscular, conforme as imagens da Figura 9 (*o Bricoleur*) nos sugerem dinâmicas que envolvem capacidade de agir e sofrer ação por meio das atividades físicas (escalada nas pedras, banhos de mar). Vida ativa produzindo novos corpos (memórias, ideias, formas de vida, hábitos).

Como exemplo final, novamente o relato que apresenta atividades físicas também sugere outro modo de excitação que diverte: a **imitação**. Os jovens demonstraram “energia” brincando ao “vencerem distância de até 40km”. Entendemos que os **herdeiros das elites catarinenses** na vitória do esforço físico celebrada com “churrasco à gaúcho”, vinculando comestibilidade e comensabilidade, imitam, não como repetição do mesmo, mas, **produzindo novas apresentações do que vem a ser vitorioso**.

E Pick, que analisou o educandário até 1970, já demonstrava a importância destes herdeiros para a cidade e o estado catarinense, a partir das práticas de disciplina e lazer/esporte do Ginásio, donde “um verdadeiro exército de quase quarenta mil estudantes que perfilaram pelas salas de aula, pátios e corredores, alcançando muitos, grande destaque local, estadual e nacional” (PICK, 1979, p.92).

Dessa forma, a partir do fator lúdico, têm-se condições de mais bem compreender a potência criadora, o brincar como uma prática de liberdade que potencializa que novos hábitos sejam incorporados.

Afinal de contas é a criança quem determina o brinquedo. Potência do brincar que pode transformar tudo em brinquedo. Magia, pois é o conteúdo imaginário e simbólico na brincadeira da criança que determina sua atividade lúdica e não os brinquedos em sua dimensão material.

Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. **Comer, dormir, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto de maneira lúdica**, com o acompanhamento de versinhos. **O hábito entra na vida como brincadeira**, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira. **formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis o que são os hábitos.** [...] quando um poeta moderno diz que para cada um existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro submerge, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos? (BENJAMIN, 1928/2009a, p.102).

Destarte, infere-se que no valor da brincadeira de corpos com comidas, corpos nos banhos de mar, corpos na atividade física (de força e de mobilidade), há imaginação em ato, potência que determina no brinquedo piquenique um processo criativo e sensorial. Assim, entendemos que tais atividades de lazer contribuíram em ditar novas paixões – corpo que se exercita, brinca, banha-se ao mar ou lagoa, come e bebe. Forças que constroem novo imaginário social. Um piquenique aqui distinto não apenas daquele da França do século XIX, mas produtor de diferença entre aqueles do Ginásio Santa Catarina e os tantos outros da cidade.

Com o nascimento deste modo de vida, surgiram possibilidades para novas simbolizações oriundos deste passatempo, entre signos, mitos e fantasias que Fischler apresentava, e que também concorreriam para novas normatizações alimentares (o que, com quem, quanto e quando se come no piquenique).

Portanto, talvez resulte dos movimentos corporais dos convescotes, e sua excitação e emoção decorrentes, uma dimensão que ressignifique ou crie novos hábitos do corpo e do comer. Mas, estas questões por limites impostos (fontes e tempo de pesquisa), ficam apenas como reflexões.

De todo modo, importa pensar que a dinâmica cultural não se dá apenas no âmbito da reprodução, mas, carrega em si possibilidade de novas produções. Há, pois, uma **magia simplesmente simples no ato**

de brincar. Nesta prática de liberdade, mesmo por uma brevidade, há uma FRESTA DE RESPIRO para novas criações.

Visto que o “brincar significa sempre libertação” das “crianças [que] não são homens ou mulheres em dimensões reduzidas” (BENJAMIN, 2009b, p.85-86). Por isso nos interessam as implicações de Benjamin sobre a dimensão existencial dos brinquedos, do ato que deve superar o “equivoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário” (BENJAMIN, 2009c, p.93). Lógica adultocêntrica que infantiliza, torna **sem voz** e, por isso, impossível de construção da emancipação nesta sociedade da Diversão.

Pois, é a criança quem determina o brinquedo. Potência do brincar que pode transformar tudo em brinquedo. Magia, pois é o conteúdo imaginário e simbólico na brincadeira da criança que determina sua atividade lúdica e não os brinquedos em sua dimensão material. E neste trabalho evitamos ao menos duas limitações.

Inicialmente, não cabe circunscrever algum tipo de hierarquia em nosso objeto. Por isso não faz sentido uma questão para se saber qual dos elementos (comer, nadar, exercitar, brincar) foi o mais importante para o advento do piquenique na Ilha de Santa Catarina. No limite, é da ordem do processo, e não da hierarquia, pois é a complexidade das partes que fundamenta o todo de nosso objeto.

Outra limitação diz respeito aos objetos construídos no mundo da cultura, que respondem às relações que envolvem saber, poder e ética nos modos de condução de si mesmo e dos outros. Apesar de localizarmos a fabricação deste piquenique por outra elite, diferentemente da classe do lazer, à medida que este se torna parte das dinâmicas culturais, escapa às totalizações de algum mito da origem. É que jogos de saber-poder-ética são eles mesmos apropriados no curso do tempo pelos demais agentes sociais (antes excluídos pelos recortes de etnia, classe e gênero). Por isso, piqueniques são plurais, indo além das possibilidades fixadas pela ordem primeiramente construída. Espécie de abertura que alterna, entre a estruturada, obrigatória, e o desvio, ou atalho, por outros caminhos de início um tanto proibidos. Assim, para ampliar as relações que envolvem corpos e comidas, eis a história que contamos, sobre o nascimento do piquenique do Ginásio na Ilha de Santa Catarina.

Ah, teríamos que pensar formas pacíficas de resistência. No Amor, na Arte, na Guerra...enfim, todo um conjunto estratégico para EMBRIAGUEZ daqueles que se empoderam de si.

Contudo, embora nos esforçamos no *Bricoleur* para uma leitura bonita, o que temos é, a rigor, a feiura da impotência cada vez mais alargada na Cidade da diversão. Negação da Vida que aprofunda obediência na sociedade dos Mercadores. E precisamos de um respiro, caso contrário será idiota aquele que passa a vida reclamando...

◇

Hino à beleza,

Vens do céu profundo ou saís do precipício,

Ó beleza? Esse teu olhar divino e daninho

Derrama igualmente o crime e o benefício,

E por isso podes ser comparada ao vinho.

Conténs no teu olhar tanto o poente quanto a aurora;

Espalhas perfumes como algum crepúsculo tempestuoso;

Teus beijos são um filtro; a boca, a caixa de pandora,

Âncora que torna o herói covarde e o menino corajoso.

Desces dos astros ou provéns do abismo escuro?

O destino enfeitado segue tua saia como um cão;

Semeias ao acaso alegria e ausência de futuro,

Se tudo governas, te responsabilizar é sempre vão.

Caminhas sobre mortos, Belezas, toda contente;

Das teus enfeites o Horror não é menos indecoroso,

E o assassinato, o teu mais adorado
pingente,

Dança apaixonadamente sobre o teu ventre
orgulhoso.

**Uma mariposa efêmera voa ao teu
encontro, vela,**

Crepita, queima-se e diz: Abençoesmos
esta chama!

O apaixonado ofegante inclinado sobre sua
bela

Tem o ar de um moribundo afagando a
última cama.

Venhas do céu ou do inferno, que me
importa,

Ó beleza, monstro pavoroso, ingênuo e
enorme!

Se teu olhar, teu riso, teu pé abrem a porta

**De um infinito que amo e comigo nunca
dorme?**

(BAUDELAIRE, 1857/2008, p.52-3,
grifos nossos).

QUASE-ATO: OS EXCLUÍDOS DO INTERIOR⁵⁷

Numa cidade moderna,
 Que os estrangeiros incensam:
 Há mais bocas, que blasfemam,
 Do que cabeças que pensam!...
 (ERNANI ROSAS, A Cidade do Ócio,
 2008, p.57)

Em verdade há muito pouca DIFERENÇA para falar, através dos Jornais, no que se refere a pensar os deslocamentos entre os espaços urbano e rural. Talvez estivessem nos tantos periódicos interditados, ou mesmo meus olhos já não conseguiam ver o dado. Ou talvez, como destaca Othon d'Eça em seu “Homens e Algas”, que produz uma imagem de “homens e algas cuspidos todos numa praia, sob o sol dourado e vivo: as algas pelo mar e os homens pela miséria” (2003, p.22). Quer dizer: o mar era lugar de trabalho do pescador, espaço de “sustento” e “tragédia” (p.46-7).

O livro de Othon d'Eça é escrito a partir de 1938 e, publicado em 1958. O autor revela seu espanto quando começa a perceber melhor o balneário de Coqueiros, o qual costumava ter uma “vida passageira no verão” com repouso, sombras, árvores, mar, mas, “depois descobre, horrorizado, uma chaga oculta sob roupagens magníficas”, pois, constata “quadros de miséria e de dor que a vida ia manchando, a largas pinceladas, por essas praias, a dois passos da **civilização**, do **conforto** e da **fraternidade social** de Florianópolis (2003, p.13, grifos meus).

Depois de tanto escrever, e, procurar pelos jogos na sociedade da Diversão, de Desterro à Florianópolis, a única saída que resta, depois

⁵⁷ Destaco o interessante trabalho de Sardá (2005). Em sua Dissertação trabalha práticas e discursos acerca da reforma das condutas dos habitantes de Desterro/Florianópolis. Da parte dos normatizadores (cronistas, policiais, cidadãos afins). Mas, também destaca os “desviantes” como prostitutas, presos, alcoólatras ou bebedores eventuais, jogadores, mendigos, alienados, menores, estrangeiros e pessoas que praticavam jogos e brincadeiras pelas ruas. Uma pena que os desviantes de Sardá (2005) referem-se aos habitantes citadinos. Por isso não a utilizei.

de encontrar os termos que destaco de d'Eça, é entender que venceu na sociedade suas três misérias, tão antigas que nas fontes elas já se apresentavam como ECOS DE CORPOS (pensamentos, ideias, formas, hábitos). Malditas TRÊS heranças: **1.** Virtudes (através do governo dos méritos, da aristocracia); **2.** Trabalho (vitória da sociedade do empregado, encarnada em sua máxima força moral); e **3.** Escravidão (pela inflexão de práticas de liberdade para o absurdo de uma única forma de viver).

ATO FINAL

É chegada a hora de parar com os devires. Sabia que um dia seria assim. Tudo bem, foi divertida a prática. Assumi(mos) o risco de uma Tese não convencional para o campo da História, tanto ao expor, abrir as caixas de ferramentas para permitir o pensamento trabalhar, quanto na própria leitura histórica, que por vezes será considerada anacrônica. Talvez seja inevitável, por meio do Diálogo que se buscou entre este campo com o da Filosofia.

Tudo bem, creio que aprendi um pouco mais sobre a Vida, a História (quem não ousa por uma História Total? Embora impossível), a Verdade, numa palavra: compreender os ecos de corpos, tomados em suas memórias (jornal-Diários-crônicas-poesias/literatura) expressando fragmentos do velho fator lúdico das sociedades, que buscamos aqui, na Ilha de Santa Catarina, discutir.

Como salientei, não há uma essência do lúdico. E, talvez o que seja é justamente a porta de acesso Eu-Outro produzindo **Eutros** de toda sorte. Mas lendo, relendo e analisando, percebi que Huizinga (2012, p.212-3) tinha lá sua razão, com respeito à decepção de que desde o século XIX o “culto ao trabalho”, “ideal da época burguesa”, concorreu como efeito adverso ao “espírito lúdico” na vida social. Diminuiu espontaneidade, despreocupação acarretando numa “atrofia do lúdico” (p.218-220). Não seria tão fatalista como Huizinga. Que possamos perdoá-lo.

De todo modo, a partir das características do que chamamos a partir da Cena 1 de “fator lúdico”, traçamos um plano para dar inteligibilidade a nossos argumentos, a favor das fontes que tínhamos. E, com respeito ao problema acerca do tipo de racionalidade que permitiu deslocar sentimentos, em relação ao mar da Ilha de Santa Catarina.

Então, encontramos basicamente duas formas que, provavelmente se encontrarão em outra época que não a do nosso estudo: 1. Forma da classe de lazer (burguesa) que se produziu como uma herdeira das cortes, e, onde práticas de diversão, de passatempo tomavam a ideia de ócio como ausência numa dada atividade; 2. Forma de atividade envolvendo atividade física, comida e, brincadeira. Sim, nesta se tem os herdeiros do Ginásio Santa Catarina (que também perderá seu trono no decorrer da História seja lá para aonde ela vai).

Estas formas já eram chamadas de PIC NIC. Distintas em suas naturezas. A primeira produziu um complexo que chamamos distensão-

distração, pois, aliena corpos e espíritos, a partir de elementos do fator lúdico; já a segunda denominamos complexo espontaneidade-seriedade, visto que participa da conjunção que produz trabalho à moral, educação, brincadeira. Ambas em algum momento são encarnadas como produtos e produtos de demanda para um bem cultural ser consumido (o que, por sua vez, as reclassifica no conjunto da cultura).

De todo modo concluímos que antes do sentimento do banho de mar, foi o advento do PIC NIC o que emergiu na Cidade, permitindo aproximar cada vez mais através dos TRÊS JOGOS (distinção social, da verdade, fator lúdico), mar e ser humano numa atividade de **diversão**. Tempo de os Mercadores invadirem a Cidade no momento que entendemos como avanço do biopoder em Florianópolis.

A memória se forma na sucessão de acontecimentos. Localizados numa época e localidade com todo o arranjo do contexto. Os incorporais neste caso atuam mais da ordem do concreto, através dos jogos e disputas simbólicas (que há tempos os ótimos trabalhos de historiadores, antropólogos, sociólogos vêm oportunizando tal saber). Estes incorporais são duros, são da ordem da representação. Dos grupos que se reafirmam na linhagem, e naturalizam o par *eidós-genos*, de modo que no mais das vezes a reciprocidade é fechada. Só sabem ver àquilo que eles mesmos se ocupam em (re)produzir. Maldita etapa da herança!

E tudo isto está como incorporal em vários elementos disjuntivos da Cidade da Diversão. Basta querer ver. Um jornal que xinga um se dizendo de neutro. Outro jornal que se coloca como autoridade dos bons modos e costumes. E até um grupo de moleques da elite que com algum recurso material e financeiro procura transmitir suas mensagens, que, a rigor, são seu modo intrínseco de ser: apenas aprenderam a ser o seu dizer-verdadeiro. Em suma, os jornais lidos como acontecimentos concretos reproduzem o que há tempos encontramos em outras histórias, outras sociedades: o jogo na disputa, na contenda que atualiza o ser social.

Mas, e que bom que ousamos, há sempre um a mais. Há também a memória formada pelo incorporal que se relaciona ao que intentamos vislumbrar como indícios, quase relampejos da UNIVOCIDADE DO SER. A saber, na nossa discussão da DIVERSÃO se privilegiamos uma interpretação de formas abertas (porque não as definimos) de alegria, amizade e amor (a partir das equivocidades e analogia do ser), é porque nós no nosso tempo (presente-do-presente) que só dura uma brevidade, ao lermos fatos e coisas intuímos certa dinâmica que nos causou como

estranhamento uma simpatia próxima a estes elementos. Mas atenção: foi preciso desfamiliarizar para poder ver. “: - Você vê o mesmo que eu?”.

Essa loucura que não passará na porta da virtude intelectual da razão instrumental é insana justamente por não ter se utilizado das categorias fins-meios para obter nada além do que este que vos escreve, nos momentos de intimidade. Leu e, simplesmente achou que fazia sentido. E então pôs-se a escrever. Prática de si na escrita, no pensamento, em suma, trabalho de toma a si próprio como objeto de conhecimento, e, campo de ação para se transformar, corrigir-se.

Desde Platão não se tem receita para as Formas/Eideas das coisas em si. É da ordem da contemplação (estética e cognitiva), e, precisa de um tanto da magia do ócio. Cada vez mais rara de se dispor em nossa época. Nova trindade: Vitória das formas de vida que atuam da exterioridade, vitória da educação virtuosa do senso comum, e, vitória do Dinheiro. Talvez esta última seja a mais cruel, visto que como em si o DINHEIRO é ótimo meio de mensagem para alguma alegria, amor e amizade. O problema parece ter sido que este se isolou da forma/ideia do bom, do belo, do justo. Comprar uma passagem e se encontrar, comprar um aparelho sonoro e se encantar, comprar um carro e andar como caminhante de passagem.

Mas não. O que se sucedeu foi o MESMO com aquela ideia de Aristóteles sobre o bem-viver (separada da vinda instintiva). Então, se antes a função, a natureza do ser humana era fazer tudo não ou sem razão, temos que agora há REPETIÇÃO na atualização daquela ideia encarnada. E assim, o Dinheiro se tornou a natureza da sociedade. Está no alto da pirâmide. Há certa comoção em seu desejo, as virtudes se orientam na sua aquisição (acúmulo) o que invariavelmente oportuniza energias corruptivas que são contra a Vida (que Platão nos ensina no Fédon como as causas da morte, degeneração). Talvez por isso mesmo que nossa palavra moderna corrupção esteja tão envolvida com escândalos políticos. Uma pena. Não soubemos, como um todo orgânico chamado GAIA, saber PERDOAR os equívocos e todos os caminhos que nos fizeram chegar até aqui. Último retorno aos fatos da Cidade da Diversão.



Enquanto me esforçava, durante o breve minuto de meu singular exame, por elaborar alguma análise do significado que

estava sendo comunicado, surgiram, em minha mente de maneira confusa e paradoxal, as ideias de um enorme poder mental, de prudência, de penúria, de avareza, de frieza, de maldade, de sede de sangue, de triunfo, de júbilo, de um imenso pavor, de um intenso e extremo desespero. Senti-me singularmente **arrebataado, perplexo, fascinado.** *Que história espantosa,* disse para mim mesmo, *não estará escrita nessa coração!* **Veio-me, então, o incontrolável desejo de não perder o homem de vista** – de saber mais sobre ele. Vestindo apressadamente o casaco e apanhando o chapéu e a bengala, encaminhei-me **para a rua e abri caminho por entre a multidão,** na direção que o tinha visto tomar, pois já tinha desaparecido. Com certa dificuldade, avistei-o, afinal; aproximei-me dele e o segui de perto, mas cautelosamente, de maneira a não chamar a sua atenção (POE, 1840/2010, p.97, grifos negritos meus, grifos itálicos do Autor).

Então, àqueles moços de 1900 talvez retornaram DIFERENTES no penteado e nas vestimentas e, com o MESMO trajeito burguês de ser (corpos no sentido estoico). Ah, profundidade da memória! Escutar músicas, comer um bom churrasco, estar associado a um grupo que remete segurança na familiaridade. Enfim, velhos hábitos burgueses. Que mal há nisso? Absolutamente nenhum. Mas não podemos tomar por satisfeitos que a expressão: “gozo indefinido e santo!”, não é qualquer coisa menor. Embora não deva ser naturalizada para novamente alguém procurar definir o indefinível do ser na relação, têm-se aí, nesta crônica meio esquecida os mesmos elementos da DIVERSÃO dos piqueniques do Ginásio: aproximam pessoas, enchem o coração. Logicamente, à exceção da banda de música e da falta de atividade física. No mais, tomam como um saudável passeio ao ar livre, inclusive do ponto de vista biopolítico. Saúde para anunciar e vender ao associado. Então é sempre necessário um guia, seja pastor, seja Clubes em suas protoformas de divulgação de massa para levar a linguagem do lúdico? Quem vai guiar a Cidade então?

Então imaginemos que estamos num navio, e o capitão é um tanto limitado, embora forte e numa hierarquia superior, e é surdo, pois só tem a dizer aquilo que sabe ouvir. Surdo para ouvir os OUTROS. E, os marinheiros, o povo a discutir uns com os outros na maior confusão, desejam o **leme**, pois, entendem que cada um por mérito e virtude é digno de assumir o leme. Mas, “sem jamais ter aprendido a arte de navegar nem poder indicar o nome do mestre nem a data do seu aprendizado” (PLATÃO, 1996, 488a-b). Segue-se que **todos** e **ninguém** conseguem ficar no leme do navio. No desespero aclamam pelos especialistas de sua época, “marinheiros, pilotos e peritos”, qualquer um que tenha a habilidade de ajudar o dono do navio a navegar. A rigor declaram que este senhor é “inútil e nem sequer percebem que o verdadeiro piloto precisa de se preocupar com o ano, as estações, o céu, os astros, os ventos e tudo o que diz respeito à sua arte, se quer de fato ser comandante do navio” (idem, 488d-e).

O que se desdobra na metáfora do navio é que o povo, os marinheiros e todos que habitavam a tal embarcação reconhecem a inutilidade daquele que não vê a vida prática (a *poiésis*), mas os elementos teóricos (contemplativos). Por isso que desde Platão há uma bela justificativa para compreender o porquê de os filósofos não serem “admirados” nem “honrados” na cidade (idem, 489b). Por isso os filósofos são inúteis à maioria. Nosso complemento, ou conclusão do argumento é simples: quando se está doente, a quem se procura? Ao especialista (xamã, médico, educador físico, nutricionista, veterinário).

No entanto, e aqui damos o salto ao Diálogo “Mênon”, o saber e poder são apenas efeitos. Por isso prender as estátuas de Dédalos é sempre inútil. Ou porque afirmam uma verdade que ninguém contesta (o mito da saúde perfeita) ou porque como exercício do *logos*, do pensamento, é sempre incapaz de responder à questão: qual o melhor especialista a auxiliar o príncipe, o governante (e sua corte) nas coisas que se referem ao bem-viver da população na cidade. E essa é a real inutilidade: prender o saber e o poder. Que se esqueça disso! O *logos* grego/platônico/socrático parecia de certo modo mais autêntico, pois enfrentava nos Diálogos a arte da contestação. Mas esse não é o tempo de nossa História. Por isso avançamos às conclusões.

Pensamos que devemos enfrentar com força as impotências da Vida nas figuras que confundem dos sofistas. O termo em grego denota dentre outros *expert*, especialista, o que é muito sugestivo, pois,

retomando as análises do pastorado (foucaultiano), a relação de obediência entre diversos especialistas (pedagogos, médicos etc. e tal) parece apontar para a mesma ordem metódica que enquadra e prende o OUTRO no saber da REPETIÇÃO (eu sei o que é melhor para sua vida, seu navio, sua cidade). Mas, se não há virtude para ser ensinada, então qual a função dos especialistas (que estão vindo com força no tempo em que analisamos – cada vez mais cursos e técnicas)?

Deveríamos pensar no processo de educação como Paideia, tomado pelo elemento da magia, do entusiasmo do apreender. E não das formas catedráticas e míticas que pouco espaço permite para o simples Diálogo. Não acreditamos na estupidez que proclama: “eu aprendi assim e é assim que deve ser e, ponto”. “: - Meu caro, se funcionou contigo, foi no teu tempo, mas, saia de sua casa isolada, e, consegue perceber o que te envolve AGORA?”.

Na “República” Platão deixa claro que o governo que funciona é aquele no qual “há filósofos genuínos e capazes”, e unindo à alegoria da Caverna que já tratamos, tem-se que o governo se dá pela **sofocracia**, o governo da sabedoria. E, que não reste dúvida: é pela Vida Prática (e não teórica, quase lunática) que se dá o SABER VIVER na COMUNIDADE. Então os novos especialistas, ou filósofos, deveriam descer e, caminhar junto e com. E quem sabe a nova Política, da ordem e(st)ica possa vir. O que entendemos por tal e(st)ica repetida tantas vezes nesta Obra?

Um modo de vida que não toma a si isolado em diversas ilhas que não se comunicam: mundo da academia e mundo do asfalto/trilha na natureza; mundo do eu pessoal e mundo do eu profissional. Que se largue tais divisões, essas repetições que aparentemente protegem o eu (qual eu e para quê eu?) do mundo. Nesse sentido a e(st)ica é uma prática de si, diária e por toda uma vida. **São** exercícios de domínio sobre si, não com vistas a uma nova moralidade, mas, unidos à vontade de SABER e de VIVER. É o tempero da Vida, por isso é sempre uma questão de gosto “se se prefere ter o aumento de potência lento ou súbito, o seguro ou o perigoso e temerário” (NIETZSCHE, 1881-2/2014b, p.203, §13). Neste modo de vida a vida não é argumento, é renúncia, superação, em suma, é reconciliação “dos impulsos, diferentes e contrários entre si, do querer-riir, lamentar, execrar” (idem, p.213, §333). Pois, **“antes que seja possível um conhecer, é preciso que cada um desses impulsos tenha apresentado seu ponto de vista unilateral sobre a coisa ou acontecimentos”**, e, “posteriormente”, quando no

“combate dessas unilateralidades”, tem-se um “meio-termo, um apaziguamento, um dar-razão a todos os três lados, uma espécie de justiça e contrato: **pois graças à justiça do contrato podem todos esses impulsos afirmar-se na existência e ter razão todos juntos**” (idem, grifos nossos).

Portanto, este modo de vida comum e simples nada mais é que o reconhecimento de si nas práticas diárias, e, na relação com OUTROS plurais no mundo. Uma condição de Vida pautada no esquecimento destes “médicos de almas” e “dor” todos no fundo ou superfície “teólogos” com um “mau hábito em comum: todos procuram persuadir os homens de que estariam muito mal e de que uma última, radical cura seria necessária” (idem, p.212, §326). Como se a questão da arte de viver fosse todo esse exagero da negação, e, segundo a qual refuta a Potência ao se apoiar na ideia de que “toda felicidade só nasce com o aniquilamento da paixão e o calar da vontade!” (idem). “: - Por favor, calem a boca e vão viver!”.

Contudo, por enquanto, o que nos resta no ponto da Política da Cidade é o Diálogo. E esse foi o nosso caminho argumentativo. É preciso investir na Educação não como mera instrumentalidade que se faz entre meios e fins, que domina coisas (objetos, seres), mas, pela via e(st)e(t)ica pautada na experiência Prática. E assim, colocar as mãos, mentes e coração nas coisas do concreto. Permitir trocas e Diálogos de modo que o conhecimento seja concebido como efeito do processo, e não como um mito ou uma metodologia dura para ser copiada *ad eternum*.

Perceba que todo saber gera poder na relação, e, se evitamos pensar pela via-crúcis do dispositivo, passamos então pela tomada do SABER como VONTADE da POTÊNCIA de VIVER. E o nosso Poliedro ontológico pode começar a fazer sentido na Vida Prática. Pois, é praticando os elementos que já estão no Mundo (com suas palavras e coisas) e não negando a Vida (pelos saberes alheios à própria contingência do fato). Por uma educação emancipatória (tendo como princípios o respeito, a autonomia e liberdade). E talvez seja necessária alguma desobediência para se libertar.

Losango ontológico que é circular (Aristóteles nos autoriza no Livro IV da Metafísica a cometer este sacrilégio quando afirma que há coisas, no valor indutivo da Vida Prática, que possuem condição de serem colocadas em simultaneidade).

Ora, era justamente isso que nos baseamos o tempo todo na Tese: unir a natureza das coisas no mundo com a forma/hábito dos entes: na linguagem. Por isso o elemento lúdico que desperta sempre um **algo** é precioso. Pensamos que em qualquer situação, da mais babaca e idiota à mais pretensamente neutra, parece **conter** no próprio fato da DIVERSÃO características que nosso tempo mercantilizou e, que precisam ser recolocadas no mundo: **amor, alegria e amizade**. Simplesmente simples é aquilo que não se mistura na contingência. Por isso a univocidade é apenas as sensações, muito breves, que ajudam a lembrar que o essencial já está dado. E não precisa comprar.

Caso contrário, no modo aprofundado do pensamento burguês (que parece ter abarcado as virtudes intelectuais dos pastores) teremos os novos tiranos, ou uma vida fascista em curso, que no limite é aquela mesma crítica de Platão ao homem tirano que se transforma a partir do democrático. O homem democrático “produzido pela educação, desde novo, por um pai econômico, que só se importava com os desejos de fazer fortuna, e que desprezava os não-necessários, originados pelo gosto do divertimento e da ostentação” (PLATÃO, 1996, 572c). Perceba caro leitor, que estes são os nossos Mercadores: Jornais, Pastores, Polícia e Clubes vinculados à expansão biopolítica e, do pensamento burguês. E, tudo foi contingencial, e, fortuito.

E, prossegue Platão, “pelo convívio com homens finos e cheios daqueles desejos” de um indivíduo especial que tem por nascimento ou merecimento conquistar as boas coisas da vida na sociedade, “quanto **estes hábeis magos e fabricantes de tiranos** já não esperam dominar o jovem de outra maneira, arranjam modo de criar nele um amor que preside aos desejos ociosos” (idem, 572d; 573a, grifos nossos). E tornam **zangão** quando os desejos, “a zumbir e volta do amor, repletos de incensos, de perfumes, coroas e vinhos e dos prazeres dissolutos de tais companhias, o fazem crescer e o alimentam até atingir o máximo e colocam neste zangão o agulhão do desejo” (idem, 573a, grifo nosso). E então, na base deste desejo, colocado como “protetor da alma” que se criou ao tal modelo, “é tomado de **frenesi**, e, se encontrar em si algumas opiniões ou desejos considerados honestos, mata-os e lança-os fora, para longe de si, até varrer da alma, a temperança e a encher de uma loucura importada” (idem, 573b, grifos nossos).

Ah, maldita herança meritocrática, encarnada ao longo dos tempos e de forma disjuntiva com elementos fascistas de uma vida melhor amparada pelo critério do domínio das almas, da natureza

ambiental e, não menos importante, da natureza do ser social. Por isso a burguesia (que não é uma dada classe, mas um corpo entre memórias, pensamentos e sentimentos) está zangada, emocionada, pois, intui que a própria vida que se moldou está prestes a cair. Bens, posses, disputas dos negócios estão fechando um tempo. Que venha o retorno do ócio! Invenção de um tempo livre para além dos constrangimentos e moralismos de qualquer época.

Por isso de nada adianta um discurso sofisticado do então Bispo (1911) que atua da exterioridade para o agente. É pela interioridade que se coloca, na prática diária, condição real de lidar no mundo equivocados e analógicos. Caso contrário, nos parece correta as antigas análises de Platão (1996, 573c), de que “o homem se torna rigorosamente um tirano, quando, por natureza, ou por hábito, ou pelos dois motivos, se torna ébrio, apaixonado, e louco”. Fantástico SABER! Pois, tanto faz se é o modelo que encarnou de ideia revelada na possessão estável (do hábito), ou se é o critério utilitarista da função que responde a essa mesma ideia (na natureza do pensamento burguês).

Agora temos condição de encaminhar as ideias sobre hábito. Tomado como a possessão estável de algo, o hábito se dá pela repetição, mas, o principal é que necessariamente se vincula a uma dinâmica que envolve prazer. Seja prazer de comer em restaurantes mais elegantes, ou ao ar livre e com distinta banda, ou numa festa na qual o café pode dar algum inconveniente gástrico-intestinal, ou ainda como parte de uma longa caminhada. O hábito necessariamente passa pelo princípio da vida que é o prazer. Mesmo na sua negação, acaba-se gerando a forma positivada. Prazer de negar.

Assim, nas situações de diversão, é possível perceber que há espécie de comoção na contemplação de alguma ideia que se fez prazerosa de ser experienciada. O prazer sempre pode ser gerado nas mais variadas contingências. Na vida virtuosa (aristotélica): elogios ao estudo, expressão que mata o tempo livre transformado em trabalho para recebimento do quinhão. Na vida na Cidade da Diversão: elogios ao *bon vivant*, aquela forma atualizada do bem-viver digna do pensamento burguês que instrumentaliza os meios para seu benefício (individual e tirânico). Aqui, mesmo as indicações do cronista da “Gazeta...” (1909c, capa) enquanto pensava “nos grandes naturalistas e nas suas grandes obras geniais” são equivocidades do ser, visto que a vida simples na natureza é naturalizada a partir da dominação do pensamento burguês de que “nossos Clubs preferem substituir os ruidosos bailes pelos

magníficos e saltares *pic nics*, nos aprazíveis arredores de nossa cidade” (idem). Sínteses disjuntivas de Prazeres que até correspondem à Vontade de Viver, mas, a do tipo menor, pois, realiza-se atualizando formas de exclusão.

Ainda assim, são formas de vida vinculados ao princípio do prazer. E é através desse princípio que se abrem as portas da vida do espírito começar a encarnar uma forma, uma ideia, uma lembrança, em suma, um hábito. É que necessariamente para algo entrar há de se descontrair para permitir receber e, em seguida contrair para segurar. Portanto, contemplação que contrai a si mesma nos casos de **descontração e de contração na participação é a chave para compreender os hábitos**. Sim, “é um tanto narcísico pois o que se contempla é uma “auto-satisfação” (DELEUZE, 1968/2006, p.117). O problema dessa síntese afetiva (hábito) é que não se dá da interioridade, mas, através das formas de vida dispostivas. Por isso o próprio termo (contemplar) caiu em desuso na sociedade que precisou se acelerar para não se perceber refém dos próprios ciclos metabólicos decorrentes da exaustão do estudar, do trabalhar, do distrair.

Então, segue-se que toda uma pluralidade de prazeres: comprar uma roupa no brechó, ou na loja que o dinheiro paga (à vista ou à prestação), programar um passeio ao bosque das mansões ou ao bosque perto da praia são práticas que expressam tanto condições de OUTRA e nova manifestação (prazerosa) vir a formar mais um hábito (na série disjuntiva daqueles que já nos encarnaram), quanto na REPETIÇÃO dos mesmos no mundo, ser atravessado (pelo velho hábito ou pela linguagem disponível) ali mesmo aonde se afeta.

Não esqueça: só se produz acontecimentos na afetação incorporais-corpo(s). Dinâmica da participação dos entes, mais ou menos visíveis, e, que se comunicam através de variadas linguagens.

E daí? Rir ou chorar de rir, abraçar ou empurrar para fingir que não se importa são jogos do ritual mais elementar, talvez o mais simplesmente simples que possamos reconhecer aqui: o lúdico. Por isso há espanto, há simpatia, enfim, são energias que absolutamente podem ser colocadas numa invencionice que depois de quantificadas, pesadas possam vir a ser entregues como pílulas da alegria. Ah, os mercadores do negócio continuam por aí! Alimentos funcionais, exercícios funcionais, daqui a pouco brincadeiras funcionais. Tudo bem, perdoamos. Pois, se aprendemos que “é preciso contemplar primeiramente para preencher uma imagem de si mesmo” (DELEUZE,

1968/2006, p.117), que possamos nós mesmos lutar, brigar por uma Política e(ste)tica da Vida Prática aplicada na *zoé*, e, no instinto mesmo da comunidade perante a Vida que ela mesma se coloca. E, não a partir de qualquer postura das FIGURAS dos interventores de fora, divinatorios que proclamam o **mito da salvação**.

Quem salva quem? Ninguém salva a não ser a si próprio. Lembre-se das coisas que com sabedoria nos aproximam do bem viver e do bem morrer. Pois, algumas coisas são nossos encargos e outras não. Simples assim. E tudo o que é nosso encargo, o que está ao nosso controle (impulso, desejo, repulso, juízo) se relaciona com o que não é nosso encargo (as opiniões dos outros, a morte, a saúde, a doença, o sofrimento), principalmente os acontecimentos. Então a lógica é simples: se não está ao nosso controle, resta apenas aceitar. E, se compreende **ser** possível vislumbrar a mais bela rosa, o mais estranho cheiro na bosta em que pisamos, então poderemos rir com tudo. Não pelo desespero da vida na sua impotência (negação), mas, pela sabedoria do **(en)graçado**.

E, talvez só conseguimos chegar até aqui porque além de passear, namorar, correr, caminhar no Parque do Córrego Grande, contemplamos com algum tempo disponível os materiais disponíveis, heteróclitos em sua natureza. Essa História não tem fim (nem feliz e nem final). Apenas foram desdobramentos de Práticas e Trabalhos, dentro e fora. Afinal, no limite, “contemplar é questionar” (DELEUZE, 1968/2006, p.121). E precisávamos perguntar às fontes o que elas queriam de nós. Mas elas já eram palavras mortas. Por isso foi preciso ressuscitá-las. Não por elas, isso é impossível, mas, pela sincronicidade de buscar uma Verdade para se sentir.

E aqui chegamos. Então, neste tempo, por menor e mais rico que seja talvez aí, justamente no breve deslocar que desnaturaliza certezas possamos nos encontrar na afirmação: QUANDO BRINCO, SOU. E isso Huizinga (2012, p.234) já sabia antes, e, deixou para o final de sua Obra o que chamou de “curto-circuito filosófico que consistiria na afirmação de que toda ação humana é um jogo [envolve o fator lúdico]”. Ora, “a vida deve ser vivida como” lúdico, “jogando certos jogos, fazendo sacrifícios, cantando e dançando, e assim o homem poderá conquistar a favor dos deuses e defender-se de seus inimigos, triunfando no combate” (PLATÃO apud HUIZINGA, p. 234).

Para começar a sair deste Ato Final, entramos com mais uma ironia dos objetos (depois da passagem do nome de Desterro para Florianópolis).

O ano, 1918, apresentava-se o garoto Sílvio, perante aquelas “tardes tristes, olhando as casas da rua, cuja tranquilidade só era alterada pelo trânsito dos bondinhos de burro, a sensibilidade de Sílvio penetrava lares, tão soterrados pelo sofrimento [da gripe espanhola]” (BARBOSA, 1979, p.137). No ano anterior, o Relatório do Ginásio anunciava, logo após seus comentários sobre “*Sport*” que **“se neste ano [de] 1917 não tivemos doenças graves no Gymnasio, decerto, em parte pelo menos, devemos este benefício aos muitos jogos que, além de serem um bom descanso do espírito e um preservativo contra muitos perigos das almas, desenvolvem a força e a resistência do corpo”** (GINÁSIO...1917, p.18, grifos meus).

Indícios de uma biopolítica, nos termos das questões que envolvem nascimento, saúde, estatísticas, no âmbito dos jogos de diversão tomados juntos ao Negócios da Cidade. E, a partir deste outro Grande Acontecimento, a Cidade toma outros ares. Acelera a reforma urbano social e, com ela os saberes médico e sanitário vão cada vez mais servir às forças conservatórias do Estado. Mas, sempre há a ironia dos objetos.

Em 1918, um ano após esta promessa de fazer viver, surge o “fantasma negro da influenza hespanhola num voo assombroso avassala a nossa pátria e esta cidade” (GINÁSIO...1918, P.10). Entre idas e vindas de pais receosos, que chamam seus filhos a suas casas, o Diário do Padre, aquele instrumento de confissão, escreve a 6 de novembro que, **“a consulta da casa resolve fechar o internato e continuar só com os externos, por causa do aspecto mais maligno de tipo que a influenza toma”** (DIÁRIO DO PADRE..., 1918, grifos meus). Ponto.

Foucault está correto quando afirma que se mantém o modelo da família e daquelas novas formas de especialistas que de fato são estes que conduzem território com sua população. O problema é que a segurança lida como forma de paz que assegura as pessoas em algum lugar é sempre uma condição de prisão. A vida na cidade parece que se moldou aos seus tipos, cidadãos, quase-cidadãos e, alguns outros. Muitos fantasmas para largar. Por isso seria bom apertar as mãos “de fantasmagóricos confessores” (POE, 1840/2010, p.91), antes de morrer mais um pouco hoje.

Mas, retornamos do devaneio, e, (re)colocamos a epígrafe desta seção.

Numa cidade moderna,
Que os estrangeiros incensam:
Há mais bocas, que blasfemam,
Do que cabeças que pensam!...

Este poeta perdido, recuperado pelos trabalhos de Brancher (1997) e Nunes (2008), é de Ernani Rosas (2008, p.57), nascido a 1886 a morto a 1955 em nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro. Portanto viveu boa parte de nosso tempo tratado. Filho de Oscar Rosas (usamos um de seus poemas em “A Pagina”), também poeta e contemporâneo de Cruz e Sousa. No entanto Ernani Rosas não teve nenhum poema publicado em vida. O que nos interessou ao ler seus poemas é que há uma indignação com as cidades (Rosas escreveu tanto em Florianópolis quanto na capital do Rio de Janeiro). E escreve a “Cidade do Ócio” (2008, p.43-4, grifos nossos),

Do berço ao túmulo
A vida:
A vida desde que nasce
Um curto espaço ilumina:
É como o sol, que na face
Da terra poisa a neblina!

O Berço:
O berço pode ser flor,
Pode ser colo de mãe:
Deve ser o teu amor,
Quando embalou-me também!

O Lar
O lar é a nossa casa,
Nosso amor e nossa gente!
É também, o lume ardente
Da ilusão em cinza e brasa!...

É felicidade enxertando
As rosas da nossa vida:
É simples canto cantando
Em torno da alma florida

O Amor

O amor é desejo ingente

Ardor inútil que passa:

Como os beijos do nascente

No íris de uma vidraça!...

A posse é tudo, que almeja

O pensamento e seduz;

Concebe a vida...deseja

Ter asas, voar à luz!...



Último preparo para o voo. Segunda-feira nublada. Voltei ao Parque urbano do bairro Córrego Grande, em Florianópolis. Por lá passei meses enquanto escrevia, relia as fontes, e via. Sim, via a Vida de tantos modos e trejeitos. Das folhas que caem sem vento àquelas que simplesmente caem ao perderem a sustentação: contentava minha vista. Vi muitas pessoas, de todos os tipos possíveis. Corredores profissionais com muito barulho de patrocinadores. Barulho para correr mais e chegar lá. Mercadores profissionais (especialistas da saúde e especialistas da fábrica das garrafas de isotônicos) agitavam o tal Parque.

Lembro agora de um episódio. Um dado colégio (tradicional), aproveitando-se da data das crianças (12 de outubro de 2014), utilizou-se daquele espaço (público) para brincar com suas crianças. Então tinha jogos variados dos mais simples com bola ao mais sofisticados com traves coloridas feitas de balão (talvez para não machucar), e, engraçadas pelos desenhos e por não pararem de mexer devido ao vento. Quanta alegria naquele espaço público que se tornava privado de uma instituição com os seus pares, seus familiares. Sim, tinham pais, além dos educadores. Lembra que há uma raiz comum entre educação-jogos/lúdico-pais-crianças? Lá naquele dia no Parque, materializava-se toda a inflexão do ócio para negócio. Camisetas com as estampas do referido colégio. E, o mais surpreendente era que no espaço, a rigor público, vinculado à muita exuberância do meio ambiente natural (árvores, saguis, coelhos, gansos, jacaré, lagos) que denota ótimos momentos de lazer (seja meditando, seja no piquenique, seja caminhando, seja correndo não profissionalmente como eu), o que se viu foi a tirania do privado. Sim, microfone e sons que superavam e muito o som de si do Parque. E, espantei-me ao ouvir uma dada pastora

proclamar: “Pais, lembrem que temos uma mesa muito saudável com água, bolachas e frutas para vocês e suas crianças”. Ah, miséria do mundo dividido. Tinha acabado de correr, estava suado, uma mordida naquela banana exposta e um gole daquela água eram miragens àquele que se sentia constrangido por sentir na sua natureza (zoé) vontade de comer e de beber, mas, sentia constrangido por não participar daquela família.

Ambiguidades de toda sorte no mundo lesado. Fiquei bravo, chateado, vi crianças brincando e tornei a ficar contente. Pois, ao final, estava duplamente aliviado. Da corrida ou caminhada diária no qual elementos MESMO-OUTRO se encontram, dos **meus**: suor com água e minerais e a elevação da temperatura corporal em **participação** com os **outros**: cheiros e toques daquele belo, bom e justo meio ambiente natural. Meu ritual de participação que foi aos poucos, reta e objetivamente contribuindo para rever minhas ideias, memórias, enfim, meus velhos hábitos. E assim fui conseguindo me expressar. Então, parece que o hábito de ir ao Parque é a minha resposta final ao losango (ou diamante do ser): tudo comunica (algo a alguém).

Basta conseguir “encarar o homem como um habitante, ou parte e parcela da natureza, e não como um membro da sociedade”, e então, se “fores um homem livre, então você estará pronto para uma caminhada. [...] Mas **a caminhada de que falo** nada tem a ver com praticar exercícios [...] como o levantamento de halteres ou de cadeiras, **ela é, na verdade, a empreitada e a aventura do dia** (THOREAU, 2012 p.47;49;53, grifos nossos). E então será sempre possível ver e ser junto aos negócios da Cidade e ter uma Diversão para se contar.

Em 1966 Foucault (2013, p.36) apontava que o “super-homem será aquele que tiver ultrapassado a ausência de Deus e a ausência do homem no mesmo movimento de ultrapassagem”. Em 2017 nós sugerimos um complemento: ultrapassar a ausência de Deus, a ausência do homem e, a ausência do Dinheiro. Três não para um sim.

Afinal de contas, “é preciso despedir-se”, já proclama Nietzsche (1879-80/2014c, p.167, §307), “daquilo que sabes conhecer e medir, é preciso que te despeças, pelo menos por um tempo”, e, “somente depois de teres deixado a cidade verás a que altura suas torres se elevam acima das casas”. Mas só vemos casas e construções humanas.

Eis uma cidade que dominou todas as naturezas possíveis: a do ser social, a do espírito, e, o que talvez seja o mais deletério, a natureza Gaia. Totalitarismo através dos costumes, dos negócios e, do

esquecimento da Política. Rituais espalhados que colocam uma verdade a ser visada, iluminada, esclarecida. Então o ser se dá nesta relação.

É preciso, pois, despedir-se e se perder um tanto de si-mesmo. Para talvez (re)começar. E, com os fantasmas libertos, talvez um dia, quando a tempestade passar poderemos passear sem mais motivos para explicar. Então, aprender a desaprender para “alcançar ainda mais: **mudar de sentir**” (NIETZSCHE, 1880-81/2014d, p.183, §103, grifos meus).



A Verdade que encontramos em nossa busca (através do Poliedro Ontológico) é a de que a função de tudo é cumprir a NATUREZA, qual? Comunicar. Mas quem comunica o faz a alguém (ou a alguma coisa). É sempre indireto o objeto que se comunica. Por isso somos seres de passagem. Comunicamos, somos comunicados e, caminhamos. Por isso somos seres na função de comunicar uma dada linguagem. Não a de um significante reduzido aos elementos próprios dos signos na sua materialidade, e nem a de um significado que desde sempre esteve lá no papel dos jornais, na ordem do discurso do Bispo ou nos gritos eufóricos e alegres das crianças no Parque do Córrego momentaneamente sob nova direção (privada).

Há de profanar via Teatro da Vida os elementos que desde sempre estão lá. Do Amor que acelera as batidas do coração: causa da excitação neuro-química ou efeito do entusiasmo que nos atravessa não mais que de repente? Da alegria de estar com os outros no dia quente e abafado de domingo: causa das filias que reforçam os grupos em seus saberes e poderes amarrados como estátuas ou efeito do saber e poder da dinâmica simpática que envolve, troca, dialoga, numa palavra: comemora-a-Ação? Em suma: não morra de amores pelo que passou. Matar ou correr? Enfrentar ou distrair? Por isso, impõe-se a fórmula “**positiva**” de que “**tudo é jogo**”, fora do domínio moral, pois, o jogo em-si não é bom nem mau (HUIZINGA, 2012, p.235-6, grifos meus).



E a quem importa se me engano? Pois, QUANDO BRINCO, SOU. E quem não brinca não existe, e não pode enganar-se a si mesmo vivendo uma vida sem brincadeira. Por isso, se brinco, existo. Logo, se

brinco, se me engano na brincadeira (comigo ou com o outro), mas, como brinco, crendo que brinco, quando é certo que brinco, se apenas brinco? Embora brinque, sou EU quem BRINCA, e, portanto, no que conheço que brinco não me engano. Segue-se também que no que conheço que conheço, não me engano quando brinco. E como reconheço que brinco, assim me reconheço conhecendo-me no brincar. E, quando amo essas duas coisas, me reconhecer quando brinco, e conhecendo-se no brincar, acrescento-lhes o próprio amor, algo que não é de menor valia. Porque não me brinco quanto ao fato de amar, não me brincando no que amo, pois, embora o brinquedo fosse falso, seria verdadeiro que eu amava coisas falsas. Tanto é verdade que não há ninguém que não queira brincar, como não há ninguém que não existe fora do saber viver. E, como pode saber viver se não brinca? Logo, QUANDO BRINCO, SOU.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Tempo livre. _____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução Maria Ruschel. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p.70-82

ADORNO, Theodor W. Sobre o sujeito e objeto. _____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução: Maria Ruschel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.181-201.

AGAMBEN, Giorgio. La Potenza Del Pensiero. Tradução. Carolina Torquato. *Revista do Departamento de Psicologia*, UFF, v. 18 - n. 1, p. 11-28, Jan./Jun. 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? _____. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinícius Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGÊNCIA NACIONAL DE JORNAIS. *Imprensa Brasileira: dois séculos de história*. Disponível em: <http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia/all>. Acesso em 01nov2014.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

ALMEIDA, Nazareno Eduardo de. *Aulas*. Disciplina Ontologia I. Curso de Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: mimeo, 2014a, 2º semestre.

ALMEIDA, Nazareno Eduardo de. *Aulas*. Disciplina História da Filosofia I. Curso de Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: mimeo, 2014b, 1º semestre.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral – reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: PUC-SP, 1989. Dissertação (Mestrado em História).

ARENDT, Hanna. A Crise na Cultura: Sua Importância Social e Política. _____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p.248-281.

ARENDT, Hanna. Trabalho, obra, ação. Tradução Adriano Correia. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 7, 2/2005, p.175-201.

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 12ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARISTÓTELES. *Política*. 2ª edição. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1988.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção Os Pensadores. Tradução Leonel Valandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ARISTÓTELES. *Metafísica. Livro IV (Gamma)*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: IFCH/ Unicamp, 2007.

ATTILA MARCEL. Direção: Sylvain Chomet. Produção Sylvain Chomet. Intérpretes: Guillaume Gouix; Anne Le Ny; Bernadette Lafont; Hélène Vincent et al. Imovision: Eurowide Film Production, 2013, som, cores.

BARBOSA, Renato. *O garoto e a cidade* (Florianópolis dos anos 20). Florianópolis: Secretaria de Comunicação Social, 1979.

BARROS, M. América. Entrevista concedida a Thiago Perez Jorge. Florianópolis: 12, ago. 2011. Mimeografado.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Tradução Júlio Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. Flores do Mal o amor segundo Baudelaire. Tradução Juremor Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida Moderna*. Tradução Tomas Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010, p.13-90.

BECKER, Dom João. Origem da anarquia volicional. *Jornal O Dia*. A Colação de grau. Florianópolis, 14 dez. 1911a, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

BECKER, Dom João. Origem da anarquia volicional. *Jornal O Dia*. A Colação de grau. Florianópolis, 15 dez. 1911b, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

BENJAMIN, Walter. A capacidade mimética. CHACON, Vamireh. *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p.47-52.

BENJAMIN, Walter [1940]. Tese IX. Sobre o Conceito da história. *Obras Escolhidas magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter [1928]. Brinquedos e jogos. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2ª edição. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009a, p.95-102.

BENJAMIN, Walter. Velhos Brinquedos. _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2ª edição. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009b, p.81-87.

BENJAMIN, Walter. História cultural do brinquedo. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2ª edição. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009c, p.89-94.

BENJAMIN, Walter. O Flâneur. _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Barbosa, Hemerson Baptista. 3ª edição, 4ª reimpressão, 2011. p.185-233.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORGES, Maria de Lourdes; DALL'AGNOL, Darlei; DUTRA, Delamar Volpato. *Tudo o que você precisa saber sobre Ética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ: FGV, 1998.

BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Trad. Fernando de Figueiredo, José Eduardo Filho. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

BRUNSCHWIG, Jacques. Metafísica estóica. *Os Estóicos*. INWOOD, Brad (org). trad. Paulo Tadeu Ferreira; Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. V.1 memória. Florianópolis: Lunardelli, 1972, p.195-244.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro 1 – Notícia*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Porto Alegre: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORBIN, Alain. A História dos Tempos Livres. CORBIN, Alain (org). *História dos Tempos Livres*. Tradução Telma Costa. Portugal: Teorema, 2001a, p.5-18.

_____. Do lazer culto à classe de lazer. _____. *História dos Tempos Livres*. Tradução Telma Costa. Portugal: Teorema, 2001b, p.59-135.

CORTÊS-RODRIGUES, Armando. Tudo Mar! JUNKES, Lauro; PISANI, Osmar; BETTENCOURT, Urbano. Armando Cortês-Rodrigues (orgs). *Caminhos do Mar*. Antologia Poética Açoriano-Catarinense. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/ Fundação Aníbal Nunes Pires, 2005, p.30.

CORREIA, Adriano. Apresentação. ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2014, p.XIII-XLIX.

CHAUÍ, Marilena. O que é a política? NOVAES, Adauto (org). *O Esquecimento da Política*. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p.27-53.

CSENGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citadino, Paris século XIX – início do século XX. CORBIN, Alain (org). *História dos Tempos Livres*. Tradução Telma Costa. Portugal: Teorema, 2001, p.137-202.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites*. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DEFERT, Daniel. Situação do curso. *Aulas sobre a Vontade de Saber*: curso no Collège de France (1970-1971); seguido de O saber de Édipo. Tradução Rosemary Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014, p.239-262.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. 2ª edição. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. 2ª edição. tradução Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. 2ª edição. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1906].

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1907].

DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA. Florianópolis: [s.n.], 1918.

DICIONÁRIO. *Palavra-chave*: dicionário semibilíngue para brasileiros: francês. Trad. Andréa da Silva. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

DINUCCI, Aldo. *Introdução ao Manual de Epicteto*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012, p.3-14.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. 3ª Ed. tradução de Maria Luísa Ferreira. Lisboa, Portugal: 2008.

ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992

EPICTETO. *O Manual de Epicteto*. Tradução Aldo Dinucci. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012, p. 15-52.

FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina (1900/1970)*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994. 140f.

FIGUEIREDO, Araújo. Na Praia. *Jornal Polynthea*. Florianópolis. 25 mar. 1889, p.2, Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

FISCHLER, Claude (org). La nourriture, pour une anthropologie culturelle de l'alimentation. *Communications*, n.31, 1979.

FOUCAULT, Michel. O que é a crítica? Tradução Gabriela Borges. *Bulletin de la Société française de philosophie*, Paris, vol. 28, n.2, abr/jun, 1990, p.35-63.

FOUCAULT, Michel [1983]. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert (org). *Michel Foucault*. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, p.253-278.

FOUCAULT, Michel [1983]. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert (org). *Michel Foucault*. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b, p.231-249.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*. Trad. Jorge Barreto. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. _____. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999a, p.285-315.

FOUCAULT, Michel. O Que É um Autor? *Estética – literatura, música, pintura e cinema*. Ditos e Escritos III. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.264-298.

FOUCAULT, Michel [1973]. *A verdade e as formas jurídicas*. 3ª Ed. Tradução: Roberto Machado e Eduardo Moraes. Rio de Janeiro: NAU editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel [1980]. *O governo dos vivos*. Curso no Collège de France, 1979-1980. Aulas de 09 e 30 de janeiro. Tradução, transcrição e notas: Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009, e-book.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 38.ed. trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. A Poeira e a Nuvem. _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, p.316-327.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 3ª edição. Tradução Márcio Fonseca, Salma annus Muchail. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20ª Ed. Tradução Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: editora Loyola, 2010d.

FOUCAULT, Michel [1975]. A Prisão Vista por um Filósofo. _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010e, p.148-156.

FOUCAULT, Michel [1981]. *Omnes et singulatim*. Para uma crítica da razão política. Tradução Selvino Assman, s/d. 18p.

FOUCAULT, Michel [1984]. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel [1978]. Sexualidade e Poder. *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade*. Trad. Elisa Monteiro, Inês Barbosa. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a, p.55-75.

FOUCAULT, Michel [1973]. Arrancados por Intervenções Energéticas de nossa Permanência Eufórica na História, Pomos as “Categorias Lógicas” a Trabalhar. _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b, p.79-83.

FOUCAULT, Michel [1969]. *Arqueologia do Saber*. 8ª edição. trad. Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012c.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o Poder. _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012d, p.36-45.

FOUCAULT, Michel [1984]. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. _____. Trad. Elisa Monteiro, Inês Barbosa. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012e, p.258-280.

FOUCAULT, Michel [1978]. Mesa Redonda em 20 de maio de 1978. _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012f, p.328-344.

FOUCAULT, Michel [1983]. A escrita de si. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. _____. Trad. Elisa Monteiro, Inês Barbosa. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012g, p.141-151.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad Roberto Machado. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012h.

FOUCAULT, Michel [1984]. Uma estética da existência. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. _____. Trad. Elisa Monteiro, Inês Barbosa. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012i, p.281-286.

FOUCAULT, Michel [1966]. O que É um Filósofo? _____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Ditos

e Escritos III. Trad. Elisa Monteiro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a, p.35-36.

FOUCAULT, Michel. *Theatrum Philosophicum*. _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e Escritos II. Trad. Elisa Monteiro. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b, p. 240-266.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3*. O cuidado de si. 13ª edição, 1ª edição.

Trad. Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel [1984]. Sobre a Genealogia da Ética: um Resumo do Trabalho em Curso. *Genealogia da Ética, Subjetividade e sexualidade*. Ditos e Escritos IX. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b, p.214-237.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2*. O uso dos prazeres. 14ª edição. Trad. Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, Paz e Terra, 2014c.

FOUCAULT, Michel [1984]. Michel Foucault, uma Entrevista: Sexo, Poder e Política da Identidade. *Genealogia da Ética, Subjetividade e sexualidade*. Ditos e Escritos IX. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d, p.251-263.

FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*: curso no Collège de France (1970-1971); seguido de O saber de Édipo. Tradução Rosemary Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014e.

FOUCAULT, Michel [1988]. As técnicas de si. *Genealogia da Ética, Subjetividade e sexualidade*. Ditos e Escritos IX. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014f, p.264-296.

GASTALDO, Édison; HELAL, Ronaldo. *Homo Ludens* e o futebol-espetáculo. *Revista Colombiana de Sociologia*. V.36, n.1, 2013. p.111-122.

GINASIO SANTA CATARINA. *Relatórios*. Florianópolis: [s.n.], 1906 – 1919.

GROS, Frédéric. O Cuidado de si em Michel Foucault. VEIGANETO, Alfredo; RAGO, Margareth (org). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Contexto, 2006, p.136.

GROS, Frédéric. Situação do curso. FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 3ª edição. Tradução Márcio Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 455-493.

HERMANN, Nadja. *Ética e Estética a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2005.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. Trad. João Monteiro. 7ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

HUTCHINSON, D. Ética. BARNES, Jonathan (org). *Aristóteles*. Trad. Ricardo Machado. Aparecida, SP: Ideias & Ideias, 2009, p.255-297.

JORGE, Thiago Perez. *Em Busca do Corpo Civilizado: O Futebol como Arte de Governar do Colégio Catarinense em Florianópolis (1906 – 1918)*. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós Graduação em Educação). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. 211f.

JORNAL A BARRA. *O Estado de Santa Catarina e a Revolta de 93*. Florianópolis. jun-jul. 1934, s/p. FONTE: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

JORNAL A ESPERANÇA. *As Férias*. Desterro, 17 jul. 1867, ano1, n4, p.2-3. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL A PÁGINA. *Diversões*. Florianópolis, 5 ago. 1900a, ano1, n19, p.3. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL A PÁGINA. *Nós*. Florianópolis, 1 abr. 1900b, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A PÁGINA. *O Nosso Marinheiro*. Florianópolis, 1 abr. 1900c, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A PÁGINA. *Sport*. Florianópolis. 15 abr. 1900d, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A PÁGINA. *Diversões*. Florianópolis. 12 ago. 1900e, p.4. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A PÁGINA. *Notas*. Florianópolis. 17 jun. 1900f, p.4. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A POLYNTHEA. *A inconstante*. Florianópolis. 14 abr. 1889, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A SEMANA. *Editorial*. Florianópolis. 31 mai, 1891, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A SEMANA. *Diversões*. Florianópolis. 4 jul. 1915a, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL A SEMANA. *Os Dias*. Florianópolis. 6 jun. 1915b, p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL CORREIO DA TARDE. *Croniqueta*. Florianópolis. 10 fev. 1903a, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL CORREIO DA TARDE. *Club Cyclista Barriga Verde*. Florianópolis. 24 mar. 1903b, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL CORREIO DA TARDE. *PIC-NIC*. Florianópolis. 21 abr. 1903c, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL CORREIO DA TARDE. *O órgão oficial*. Florianópolis. 15 abr. 1903d, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL GAZETA CATHARINENSE. *A Liga Marítima*. Florianópolis, 15 abr 1908a, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL GAZETA CATHARINENSE. *Na Lagoa Pic Nic a Virgílio Várzea*. Florianópolis: 12 mai, 1908b, p.4.

JORNAL A GAZETA CATHARINENSE. *Club Beethoven*. 28 set. Florianópolis, 1908c, ano.2, n.508, p.4. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL GAZETA CATARINENSE. *7 de Setembro*. Florianópolis. 7 set. 1909, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL GAZETA CATARINENSE. *A Semana*. Florianópolis. 6 dez. 1909b, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL GAZETA CATARINENSE. *A Semana*. Florianópolis. 7 dez. 1909c, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL GAZETA CATARINENSE. CLUB 12 de AGOSTO. Florianópolis. 5 nov., 1909d, p.4 Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina

JORNAL O DIA. Florianópolis. 22 nov.1905, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. Florianópolis. 6 jan. 1906a, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. Florianópolis. 15 mai. 1906b, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. Florianópolis. 17 mai. 1906c, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. Florianópolis, 11 ago. 1911. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. Florianópolis, 15 nov. 1915, capa. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. *Educação Física Sportiva*. Florianópolis. 26 abr. 1916a, p.4. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O DIA. *O Dia Sportivo*. Florianópolis. 26 abr. 1916b, p.4. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O ELEGANTE. *Vida Futil*. 1 abr. Florianópolis, 1923, ano1, n.2 p2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL O PACATÁ. *Crônica*. Florianópolis, 27 jul. 1862a, ano1, n12, p.49. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O PACATÁ. *Crônica*. Florianópolis, 24 ago. 1862b, ano1, n16, p.67. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL O MOLEQUE. *Editorial*. 15 jan. Florianópolis, 1885a, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL O MOLEQUE. *Praia do Menino Deus*. Florianópolis, 19 jul. 1885b, capa. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL PALAVRA. *O acampamento*. Florianópolis. 9 ago. 1888a, p.3 Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL PALAVRA. *O mar*. Florianópolis. 9 ago. 1888b, p.4 Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Editorial*. Florianópolis. 31 mai. 1891, p.2 Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Festa de São Sebastião*. 15 jan. 1891, ano1, n.33, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *O que é o Povo*. Florianópolis. 13 set. 1892a, capa. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Dia a Dia*. Florianópolis. 8 set. 1892b, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Nova profissão surgida em Paris*. Florianópolis, 3 mar. 1892c, p.2.

JORNAL REPÚBLICA. *Saúde Pública*. Florianópolis. 29 jun. 1892d, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *O exercício nos adultos*. 26 jul. 1892e, capa-p.2. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *O exercício nos adultos*. 27 jul. 1892f, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *O exercício nos adultos*. 29 jul. 1892g, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. ?. Florianópolis. 5 set. 1893, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Diversões*. Florianópolis. 24 nov, 1896a, capa, n257. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Diversões*. Florianópolis. 24 nov, 1896b, capa. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. Florianópolis, 5 set, 1899, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL REPÚBLICA. *Corridas em S. José*. Florianópolis. 15 abr. 1900, capa. Fonte: Biblioteca Pública.

JUNKES, Lauro; PISANI, Osmar; BETTENCOURT, Urbano. Armando Cortês-Rodrigues. _____(orgs). *Caminhos do Mar*. Antologia Poética Açoriano-Catarinense. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/ Fundação Aníbal Nunes Pires, 2005, p.28.

LAÊRTIOS, Diôgenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. 2ª edição. tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.

LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso sobre a servidão voluntária*. [S.I.]Virtual Books, 2006. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/boetie.pdf>>. Acesso em 04 de janeiro de 2013.

LEACH, Edmund : Aspectos Antropológicos da Linguagem: categorias animais e insulto verbal. MATTA, Roberto da (org). *Edmund Leach. Coleção grandes cientistas sociais*. Tradução Letícia Antonioli e Roberto da Matta. São Paulo: Ática, 1983, pp.170-198.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.11-45.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. 8ª Ed. tradução Tânia Pelegrini. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A educação pela natureza para a vida boa. SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. Campinas, SP: Autores Associados, 2016, p.1-7.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. *Fontes Históricas*. Carla Pinsky (org). 3ªed. São Paulo: Contexto, 2014, p.111-153.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. Introdução: pelos caminhos da imprensa do Braisl. _____. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo; Contexto, 2008, p.8-19.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. _____. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.183-314.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosaic Naify, 2012.

MILL, John Stuart. *Utilitarismo*. Tradução Pedro Galvão. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2005.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo; Contexto, 2008, p.23-43.

MOREY, Miguel. Introdução: La cuestión del método. In: FOUCAULT, Michel. *Tecnologías de yo* y otros textos afines. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica, 1990, p.9-44.

NECKEL, Roselane. *A república em Santa Catarina*. modernidade e exclusão (1889 – 1920). Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2003, p.10.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Vontade de Potência*. Parte 2. Tradução Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Escala, [199-]. 349p. (Mestres pensadores)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. Tradução Antonio Braga. São Paulo: Escala, [2006]. 303p (Grandes obras do pensamento universal; 42)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Para a Genealogia da Moral. _____. *Friedrich Nietzsche. Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Editora 34, 2014a, p.301- 333.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Gaia Ciência. _____. *Friedrich Nietzsche. Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Editora 34, 2014b, p.199- 231.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Humano Demasiado Humano. Um livro para Espíritos Livres [Segundo Volume]. _____. *Friedrich Nietzsche. Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Editora 34, 2014c, p.137-168.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Aurora. Pensamentos sobre os preceitos morais. _____. *Friedrich Nietzsche. Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Editora 34, 2014d, p.169-197.

ORLANDI, Eni Puccineli. Discurso, imaginário e conhecimento. *Revista em Aberto*. Brasília, ano 14, n.61, jan/mar, p.53-59, 1994.

_____. Análise de Discurso: Conversa com Eni Orlandi. *TEIAS*. Rio de Janeiro, ano7, n.13-14, jan/dez, p.1-7, 2006.

OURIQUES, Mariana. *O teatro da liberdade: As diferentes vozes da imprensa de Desterro na campanha abolicionista (1885)*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994. 75f.

PAVIANI, Jayme. O processo dialético e a alma. _____. *Filosofia e método em Platão*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001, p.149-178.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e estrutura da cidade. In: _____. *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981.

PELUSO JÚNIOR, V ictor Antônio. A Ilha de Santa Catarina no último quartel do Século XIX. VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A Ilha*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, IOESC, 1984, p.229-241.

PEREIRA, Moacir. *Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Apresentação. PLATÃO. *A República*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p.V-LVI.

PIAZZA, Walter (org). Renato Barbosa. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p.66.

PICK, Reinaldo João. *O Colégio Catarinense, um marco na história da educação em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1979. (Dissertação de Mestrado em História)

PINA. Direção: Win Wenders. Produção: Win Wenders. Intérpretes: Regina Advento; Malou Airaud; Ruth Amarante et al. Estúdio: A Sundance Selects release, 2011, 2h05min, som, cores.

POE, Edgar Allan. O homem da multidão. DUFILHO, Jérôme; TADEU, Tomaz (org). Charles Baudelaire. *O Pintor da Vida Moderna*. Tradução Tomas Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010, p.91-104.

PLATÃO. Mênon. _____. *Diálogos*. 3ª edição. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1954, p.63-104.

PLATÃO. Fédon. _____. *Diálogos*. Col. Os pensadores. Trad. Jorge Paleikat. São Paulo: Abril, 1972a, p.61-132.

PLATÃO. Sofista. _____. *Diálogos*. Col. Os Pensadores. Trad. Jorge Paleikat. São Paulo: Abril, 1972b, p.137-203.

PLATÃO. *A República*. 8ª edição. tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PETERS, F. E. (Francis E.). *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. Tradução Beatriz Barbosa. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

QUINTILIANO. *Instituto Oratoria – A Retórica*. Tradução Antônio Fidalgo. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/quintiliano-institutio.pdf>> Acesso em 03 abr 2013.

RAPP, Christof. Para que serve a doutrina aristotélica do meio termo? ZINGANO, Marco (org). *Sobre a Ética Nicomaqueia*. Odisseus: São Paulo, 2010, p.405-438.

RATIO STUDIORUM DA COMPANHIA DE JESUS. MIRANDA, Margarida. Código pedagógico dos jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Braga, Coimbra, Évora, Florianópolis, Lisboa: Esfera do caos, 2009, p.52-266.

REIS, Almir Francisco. *Ilha de Santa Catarina: permanências e transformações*. Florianópolis, editora UFSC, 2012.

ROSS, David. *Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*. Seis ensaios da história das idéias. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

RUST, Leandro Duarte. A “Terceira Geração dos *Annales*” e o exorcismo do tempo.

BIBLOS, Rio Grande, v.22, n.1, p. 47-60, 2008.

SACHET, Celestino; SACHET, Sérgio. Santa Catarina. 100 anos de história. V.1 Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1978.

SARTORI, Carina. *Na alvorada de um Sport: O remo na Ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós Graduação

em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. 140f.

SANTOS LOSTADA. *Etapas da Herança*. Jornal A Página. Florianópolis. 29 jul. 1900, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

SARDÁ, Juliana. *Na contra-mão da lei*. A repressão policial e os desviantes da Ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX. (Programa de Pós Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 166f.

SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. _____(Org). *História da vida privada no Brasil*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.7-48.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SCOTUS, Duns. *Ordinatio* livro I, distinção 3, parte 1, questão 3. Tradução Valdemar Munaro e Iuri Oliveira. Edição Vaticana volume III, pp. 82-83, n. 133. In:

SCOTUS, Duns. Questões sobre a Metafísica, p.311-320. DE BONI, Luis Alberto. *Filosofia Medieval*. Textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 311-320.

SOARES, Carmen Lúcia. Três notas sobre natureza, educação o corpo e ordem urbana (1900-1940). *Uma educação pela natureza*. A

vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, SP: Autores Associados, 2016, p.9-45.

SOUZA, Rogério Luiz de. *Uma história inacabada – cem anos do Colégio Catarinense*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2005.

SOUZA, Rogério Luiz de. Desejos de civilidade e ser moderno: uma história sobre o nascimento da diocese de Florianópolis. *Faces do Catolicismo*. SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (orgs). Florianópolis: editora Insular, 2008, p. 61-81.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. *Oswaldo R. Cabral páginas de um livro de memórias*. Florianópolis: Editora da UFSC/UDESC, 1993.

REVISTA ILLUSTRADA. Florianópolis. 18 abr. 1908, ano1, n2, s/p. Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina.

ROSAS, Ernani. Cidade do ócio. Entre sonetos e retalhos. Zilma Gesser Nunes (org). Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

ROSAS, Ernani. História do gosto e outros poemas. Ana Brancher (org). Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.

ROSAS, Oscar. Sereia. *A Página*. Florianópolis. 27 mai. 1900, p.3. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.

TANNERY, Paul. Platão: Vida, Obra, Doutrina. PLATÃO. Diálogos. Trad. Jorge Paleikat. 3ª edição. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo:; Editora Globo, 1954, p. 13-52.

THOREAU, Henry David. *Caminhando*. Trad. Roberto Muggiati. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

TURNER, Victor. Social Dramas and Stories about Them. MITCHELL, W J Thomas (org). *On Narrative*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1981.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A Ilha*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, IOESC, 1984.

VÁRZEA, Virgílio. Liga Marítima Virgílio Várzea. *JORNAL GAZETA CATHARINENSE*. Florianópolis: 20 mai, 1908c, capa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina.